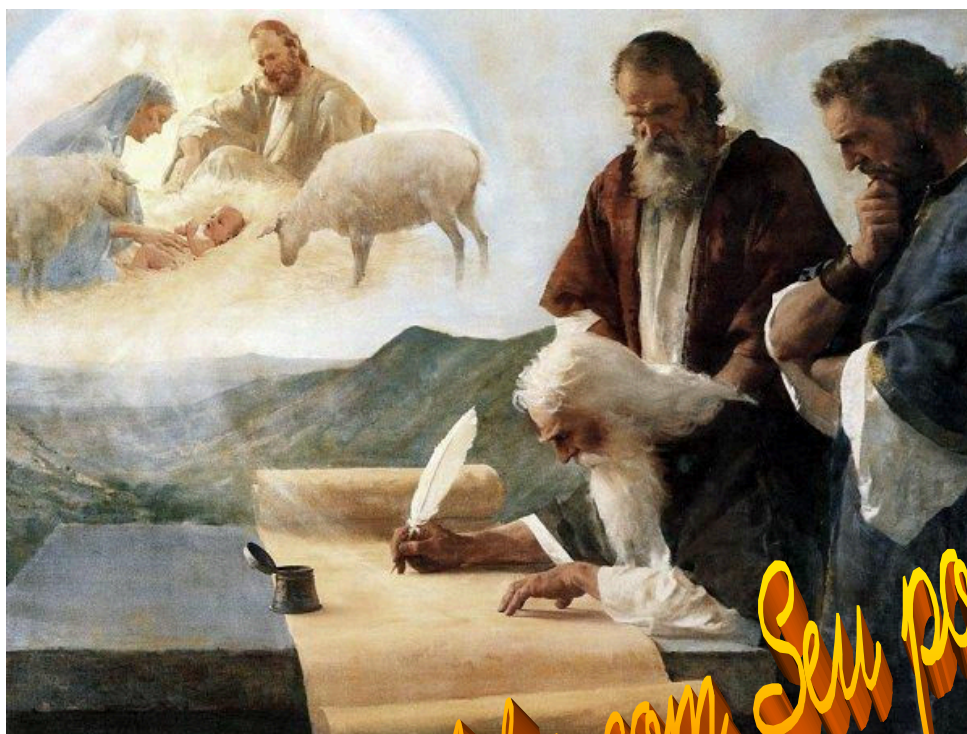




O Senhor quer falar com Seu povo

Pastora Tânia Cristina Giachetti

Ministério Seara Ágape

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

O Senhor quer falar com Seu povo
(Estudo sobre temas judaicos)



Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo - SP - Brasil - 2013

Dedico a todos os que desejam conhecer o Senhor dos Exércitos, Jesus Cristo.

Agradeço ao Deus Altíssimo, ao Deus que por mim tudo executa.

“E ali haverá bom caminho, caminho que se chamará o Caminho Santo; o imundo não passará por ele, pois será somente para o seu povo; quem quer que por ele caminhe não errará, nem mesmo o louco” (Is 35: 8).

Índice

Introdução	7
1) Línguas faladas pelos judeus: Hebraico & Aramaico	8
1.1 Literatura judaica da Antiguidade	11
1.2 Cabala	14
1.3 Diferença entre as palavras ‘Hebreu’, ‘Israelita’ e ‘Judeu’	15
2) Os nomes de Deus	16
3) O Messias	29
4) A glória de Deus	41
5) Estudo bíblico sobre as palavras:	45
Graça / misericórdia	45
Hosana	47
Amém	48
Aleluia	49
Unção	50
Bênção e maldição	53
6) Estudo bíblico sobre algumas palavras e expressões hebraicas:	60
Mazzaroth	60
Tohu VaVohu	62
Tehom	63
Abadom ou Apoliom	63
O tanque de Silóe	66
A expressão: ‘até que venha Siló’	69
Urim e Tumim	71
Nazireu / Nazireado	71
Tefilin (Filactérios)	72
Talit	76
Mezuzá	82
Megilot	84
Mikvê ou Mikvá	86
7) Mazel tov e sorte	91
A Estrela de Davi	94
Chai	102
Hamsa	103
8) Lia e Raquel, a Igreja do AT e do NT	105
Gentios	108
9) Os sacrifícios do Antigo Testamento	110
10) Eglah Arufah	124
11) Para Aduma	130
12) Os portões da cidade velha de Jerusalém	133
Islamismo	158
13) As festas judaicas do Antigo Testamento	165

Notas:

- As palavras ou frases colocadas entre colchetes [/] ou parêntesis (), em *itálico*, foram colocadas por mim, na maior parte das vezes, para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham [não estão em *itálico*].
- A versão evangélica aqui utilizada é a ‘Revista e Atualizada’ de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil.
- NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).
- Aqui será usado o texto hebraico concordante interlinear (**CHES** – Concordant Hebrew English Sublinear), baseado no vocabulário da Versão Concordante do Antigo Testamento (**CVOT** – Concordant Version of the Old Testament), o hebraico transliterado.
- Em algumas partes do texto será usado o texto grego concordante interlinear (**CGTS** – Concordant Greek Text Sublinear), a versão Grega do NT – 1984, baseada na tradução KJV/AV, conhecido como Grego Textus Receptus.
- Em muitos textos, nós vamos usar a ‘Concordância Lexicon Strong’. A **Concordância de Strong** é uma concordância da Bíblia King James (KJV), criada pelo teólogo inglês Dr. James Strong (1822-1894), junto com uma equipe de teólogos, e publicada pela primeira vez em 1890. Trata-se uma referência cruzada entre cada palavra na KJV e no texto original em Hebraico ou Grego. A cada palavra no idioma original foi dado um número de entrada para a concordância bíblica da KJV. Léxico significa um dicionário de línguas clássicas antigas. Para interpretar corretamente a Concordância Lexicon Strong é preciso levar em conta o contexto cultural da época, pois os números de Strong não consideram figuras de linguagem, metáforas, expressões idiomáticas, frases comuns, referências culturais, referências a eventos históricos ou significados alternativos utilizados pelos escritores daquele período de tempo para expressar seus pensamentos em sua própria língua.

E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

Introdução

Este livro surgiu paralelamente com a minha vontade de escrever alguns temas judaicos para o site, tanto para os cristãos (em especial os evangélicos) quanto para os próprios judeus.

Navegando na Internet eu vi muitas coisas que me surpreenderam em relação a muitos temas, tanto por parte de judeus quanto de cristãos; na verdade, até uma reação de desespero em muitas pessoas ao descobrir certas verdades, mas não sabendo lidar muito bem com elas, como se de repente elas fossem crianças frustradas e confusas por saber que Papai Noel não existe. Eu também me deparei com temas verdadeiramente ‘perigosos’ do ponto de vista espiritual, pois o diabo os vem usando para confundir os crentes e tirar dos seus corações a fé em Jesus Cristo. Uma das coisas que vi é que, pela ânsia de agradar a Deus e levar Seu evangelho aos judeus, os cristãos, principalmente os evangélicos, assimilaram muitos conceitos hebraicos errados e que, para nós que vivemos nos dias de hoje e conhecemos a salvação trazida por Jesus, não são cabíveis de serem pregados ou aceitos como um conhecimento verdadeiro. Entre eles, podemos citar: os nomes de Deus, a palavra shekiná (para designar a glória de Deus), mazel tov e muitos outros assuntos que, inclusive, foram removidos do estudo original, pois estavam acarretando certos conflitos de doutrina. Muitos ensinamentos são provenientes de origens esotéricas e místicas, como por exemplo, a Cabala, e de livros hebraicos como a Mishná, o Talmude, Tosefta, Gemara e outros que surgiram em especial na Idade Média e no Período Intertestamentário, nos quatrocentos anos do “período de silêncio de Deus”, sem inspiração profética verdadeira e que acabaram se firmando apenas na sabedoria humana e, muitas vezes, em conceitos místicos da época.

Que o Espírito Santo o ensine a colocar em prática cada palavra que for boa para o seu crescimento espiritual. Sobretudo, que você possa ser um instrumento de bênçãos em Suas mãos, estimulando muitas vidas a entender a pureza e a simplicidade da palavra de Deus.

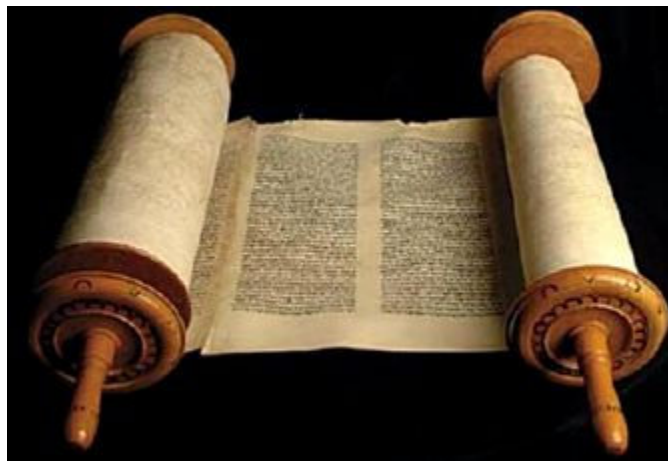
A bíblia diz: “Não apagueis o Espírito. Não desprezeis as profecias; julgai todas as coisas, retende o que é bom; abstenho-vos de toda forma de mal” (1 Ts 5: 19-22).

Também está escrito: “Quanto a vós outros, a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permaneço nela, como também ela vos ensinou” (1 Jo 2: 27).

Shalom! A paz de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos nós.

Tânia Cristina

1

Línguas faladas pelos Judeus

Vamos começar falando um pouco sobre uma das línguas faladas pelos judeus, conhecida como **Aramaico**.

Aramaico é a designação que recebem os diferentes dialetos de um idioma com alfabeto próprio e com uma história de mais de três mil anos, utilizado por povos que habitavam o Oriente Médio (na verdade, povos descendentes dos filhos de Noé). Foi a língua administrativa e religiosa de diversos impérios da Antiguidade, além de ser o idioma original de muitas partes dos livros bíblicos de Daniel e Esdras, assim como do Talmude. O Aramaico já era entendido e falado por muitos povos, inclusive os judeus, principalmente pelas pessoas ligadas à corte, que necessitavam dessa língua comercial e administrativa para fazer seus acordos políticos e comercializar seus produtos com outras nações. Pertencendo à família de línguas afro-asiáticas, é classificada no subgrupo das línguas semíticas, à qual também pertencem **o árabe e o hebraico**. A língua formal do império babilônico era o aramaico (cujo nome deriva de Aram Naharayim, ‘Mesopotâmia’, ou de Aram, ‘terras altas’ em Cananeu, e o antigo nome da Síria). O Império Persa, que conquistou o Império Babilônico poucas décadas depois do início do exílio judeu, adotou o aramaico como língua oficial. O aramaico é também uma língua semítica Norte-Occidental bastante semelhante ao hebraico. O aramaico emprestou muitas palavras e expressões ao hebraico, principalmente devido a ser a língua utilizada no Talmude e noutros escritos religiosos. O aramaico foi, possivelmente, a língua falada por Jesus. A partir do séc. VII DC o aramaico que era utilizado como língua oficial no Oriente Médio foi substituído pelo árabe. Entretanto, o aramaico continua sendo usado, literária e liturgicamente, entre os judeus e alguns cristãos. A história do aramaico pode ser dividida em três períodos:

Arcaico 1100 AC-200 DC incluindo:

O aramaico bíblico, do hebraico.

O aramaico de Jesus.

O aramaico do Targum.

Aramaico Médio (200-1200 DC), incluindo:

Língua siríaca literária.

O aramaico do Talmude e dos Midrashim.

Aramaico Moderno (1200 DC até o presente século).

O **siriaco** é um dialeto do aramaico médio (200 – 1200 DC) falado historicamente em boa parte do Crescente Fértil. Surgido por volta do século I DC o siriaco clássico se tornou um dos principais idiomas literários em todo o Oriente Médio do século IV ao VIII. Tornou-se o principal veículo da cultura e do cristianismo ortodoxo oriental, espalhando-se por toda a Ásia, chegando até Malabar (ao sul da Índia) e a China oriental, e foi um importante meio de comunicação e disseminação cultural entre os árabes e, em menor escala, os persas. Primordialmente um meio de expressão cristão, o siriaco teve uma influência cultural e literária fundamental no desenvolvimento do árabe, que o substituiu na região no fim do século VIII. O siriaco continua a ser a língua litúrgica do cristianismo siriaco. Escrito no alfabeto siriaco, derivado do alfabeto aramaico, o siriaco pertence ao ramo ocidental da família lingüística semita (fonte: wikipedia.org).

A **língua hebraica** está mais diretamente relacionada ao idioma da antiga Ugarite, a capital de um reino ao norte da costa da Síria (atualmente chamado Ras Shamra), bem como ao fenício e o moabita. No AT é chamado de ‘**a língua de Canaã**’ (Is 19: 18) ou ‘**judaico**’ (ARA – 2 Rs 18: 26-30; Is 36: 11-13; Ne 13: 24). A designação ‘**hebraico**’ ocorre pela primeira vez no livro de Ben-Siraque (livro apócrifo). Assim, a escrita hebraica é proveniente da escrita do norte – semítica ou fenícia.

O Livro de Siraque é também conhecido como Livro de Eclesiástico (Ecclus.), ‘Livro da Igreja’ ou ‘da Assembléia’, que foi o nome dado por São Cipriano de Cartago, ou o Livro da Toda-Virtuosa Sabedoria, escrito pelo escriba, sábio e alegorista judeu helenista de Jerusalém, Joshua ben Sira ou Yeshua ben Sira (Josué filho de Siraque ou Jesus filho de Siraque) por volta de 200-175 AC em língua hebraica, possivelmente em Alexandria, no Egito, onde se pensa que ele tenha estabelecido uma escola. O livro contém ensinamentos éticos. O autor também é conhecido como Shimon ben Yeshua ben Eliezer ben Sira de Jerusalém. Em grego, o livro é conhecido como Sirácida. Possui 51 capítulos e foi traduzido para o grego por um neto de Jesus filho de Siraque (Yeshua ben Sira) em 123 AC. Ele é reconhecido no Judaísmo pelo seu valor histórico, porém não é parte do AT (Tanakh).

A Torah (Torá) que os judeus ortodoxos consideram ter sido escrita na época de Moisés, cerca de 3.300 anos atrás, foi redigida no hebraico dito ‘clássico’. Embora hoje em dia seja uma escrita foneticamente impronunciável, portanto indecifrável, devido à não-existência de vogais no alfabeto hebraico clássico, os judeus a chamam de Lashon haKodesh (לשון הקודש – ‘A Língua Sagrada’) já que muitos acreditam ter sido escolhida para transmitir a mensagem de Deus à humanidade. Na verdade, a Torá original não existe mais. O que eles têm é a cópia de cópias que vêm sendo feitas ao longo dos séculos. Por volta da destruição de Jerusalém pelos babilônios o hebraico clássico foi substituído no uso diário pelo **aramaico** (língua babilônica), tornando-se primariamente uma língua regional, tanto usada na liturgia, no estudo da Mishná e do Talmude, como também no comércio.

O hebraico assemelha-se fortemente ao aramaico e, embora menos ao árabe e seus diversos dialetos, partilha muitas características lingüísticas com eles. O hebraico também mudou. A **diferença** entre o hebraico de hoje e o de três mil anos atrás é que o antigo não possuía vogal para formar sílabas. As vogais foram os sinais inventados pelos rabinos massoretas para facilitar na pronúncia de textos muito antigos e posteriormente desativados nos meios de comunicação atuais. A língua formal do império babilônico era o aramaico (cujo nome, como nós vimos anteriormente, deriva

de Aram Naharayim, ‘Mesopotâmia’, ou de Aram, ‘terras altas’ em Cananeu e o antigo nome da Síria). O Império Persa, que conquistou o Império Babilônico poucas décadas depois do início do exílio judeu, adotou o aramaico como língua oficial.

Além de numerosas palavras e expressões, o hebraico também recebeu do aramaico o seu alfabeto. Apesar de as letras aramaicas originais terem origem no alfabeto fenício que era usado no antigo Israel, divergiram significativamente, tanto às mãos dos judeus como dos mesopotâmios, assumindo a forma que hoje nos é familiar a partir do século I AC. Os judeus que viviam mais ao norte ou no Império Persa aos poucos foram adotando o segmento aramaico, e o hebraico rapidamente caiu em desuso.

Contudo, como essa literatura é parte integrante das Escrituras, os caracteres ainda hoje permanecem preservados em outros idiomas. Pelos seguintes 700 anos, o aramaico tornou-se a língua da Judéia restaurada. Por exemplo, o Targum.

Com a destruição de Jerusalém e do Templo, no ano 70 DC, os judeus começaram gradualmente a dispersar-se da Judéia para o resto do mundo conhecido na época. Por muitos séculos o aramaico permaneceu como a língua falada pelos judeus da Mesopotâmia, e o ‘judaico-aramaico’ é um moderno descendente que ainda é falado por uns poucos milhares de judeus (e muitos não-judeus) na região conhecida como Curdistão (região que compreende Turquia, Iraque, Irã, Armênia e Azerbaijão – na fronteira entre Europa e Ásia, junto ao Mar Cáspio. Seu nome vem dos persas e significa ‘terra dos Curdos’). Contudo, essa língua gradualmente cedeu lugar ao árabe e a outras línguas locais em países para os quais os judeus emigraram.

O dialeto falado na época de Jesus

Sete dialetos do aramaico Ocidental eram falados na época de Jesus. O velho judaico era o dialeto proeminente de Jerusalém e da Judéia. O aramaico Galileu, a língua da região natal de Jesus só é conhecida de alguns poucos lugares. Além dos **vários dialetos de aramaico**, o **grego** era usado extensivamente nos centros urbanos. Há pouca evidência do uso do hebraico durante esse período. **A língua hebraica escrita** do AT era lida e entendida pelas classes cultas. O hebraico deixou de ser a língua do dia a dia. Além disso, as várias palavras no contexto grego do NT que não são traduzidas são claramente aramaicas ao invés de hebraicas. Esse aramaico não é o aramaico da Galiléia, mas o antigo aramaico da Judéia. Isso sugere que **as palavras de Jesus** foram transmitidas **no dialeto da Judéia e Jerusalém** ao invés do de Sua cidade natal.

O hebraico não foi usado como uma língua falada por aproximadamente 2.300 anos, ou seja, foi considerada uma língua morta, assim como o latim. Contudo, as línguas que os judeus adotaram em seus países de residência, a saber, o latino (Sefaradi) e o iídiche (Alemão), não estavam diretamente relacionadas com o hebraico; a primeira baseada no espanhol peninsular com empréstimos árabes, e a última, um antigo dialeto do alemão medieval; contudo, ambas foram escritas da direita para a esquerda, utilizando o alfabeto hebraico.

O hebraico renasceu como língua falada durante o final do séc. XIX e começo do séc. XX como o hebraico moderno, adotando alguns elementos dos idiomas árabe, latino e iídiche, e outras línguas que acompanharam a Diáspora Judaica como língua falada pela maioria dos habitantes do Estado de Israel, do qual é a língua oficial primária (o árabe também tem status de língua oficial).

1.1. Literatura judaica da Antiguidade

Existem alguns livros judaicos interessantes de se comentar aqui, pois foram escritos em hebraico mishnaico, com um pouco de aramaico. São eles:

- Gemara (Guemará, Gemarah; ou Gemore, na pronúncia dos judeus Asquenazes – judeus provenientes da Europa Central e Europa Oriental) vem do verbo hebraico gamar, que significa ‘terminar’ ou ‘completar’. É o componente do Talmude que contém os comentários sobre a Mishná e as análises rabínicas dos Tannaim (‘repetidores’ ou ‘professores’), os sábios rabínicos que viveram aproximadamente de 10 a 220 DC.

- Tosefta significa ‘suplemento’, ‘adição’ e é uma compilação da Lei Oral a partir do final do 2º século, o período da Mishná. De acordo com a tradição, foi compilado em 189 CE, correspondendo intimamente à Mishná, e escrito principalmente em hebraico mishnaico, com um pouco de aramaico.

- A Lei Oral ou Mishná ou Mishnah (em hebraico, משנה) significa ‘estudo por repetição’ ou ‘estudar e revisar’, derivada do verbo shanah (Strong #8138), uma repetição, uma duplicata (cópia de um documento) ou um duplo (em quantidade); por implicação, um segundo (em ordem, classificação, idade, qualidade, localização ou faculdade), cópia, duplo, próximo, segundo (ordem), o dobro, duas vezes mais; do qual também é derivada a palavra mishneh (משנה, Strong #4932), ‘secundário’ ou ‘segundo’. É a primeira grande obra escrita das tradições orais judaicas rabínicas, conhecida como a Lei Oral ou Torá Oral. Ela se originou de um debate entre um grupo de sábios rabínicos (os Tanaim) entre os anos 70 e 200 EC e redigida em 189 EC pelo rabino Judah ha-Nasi (Yehudah HaNasi ou Judá o Príncipe ou Judá I, um rabino do segundo século que viveu aproximadamente entre 135 e 217 EC, durante a ocupação romana da Judéia) para que as tradições orais dos fariseus do período do Segundo Templo (536 AEC – 70 CE) não se perdessem. A maior parte da Mishná é escrita em hebraico mishnaico, mas algumas partes estão em aramaico. A obra afirma ser a organização de preceitos de ensinamentos orais oriundos da entrega da Torá por Moisés ao povo judeu.

Mishná é a chamada ‘Lei oral’, dada em secreto para Moisés, e registrada de forma escrita pelos rabinos no século II DC. Não há evidência convincente sobre a veracidade da existência da lei oral, dada em segredo por Deus a Moisés. Deus sempre deu Suas leis para o Seu povo por escrito tanto as duas primeiras tábuas da lei com os Dez Mandamentos – Êx 31: 18; Êx 32: 15-16; Dt 9: 10-11 (que Moisés quebrou aos pés do Sinai – Êx 32: 19; Dt 9: 17), quanto as segundas (Êx 34: 1; 2 ; Dt 10: 1-5) e as leis escritas no livro da Aliança (Êx 21: 1; Dt 4: 14; 40; Dt 5: 31-32; Dt 29: 1; 9; 21; 29) e dadas por Moisés aos anciãos e aos sacerdotes, filhos de Levi (Dt 31: 9-13), para serem lidas a cada sete anos perante o povo, no ano da remissão, na festa dos Tabernáculos (ou ‘festa das Cabanas’). Se eram para ser lidas é porque foram escritas. E quem lê a infinidade de estatutos e regras dados no Pentateuco para o povo judeu por Deus, com tantas minúcias, jamais pensaria em acrescentar mais alguma coisa. Moisés escreveu integralmente todas as palavras da Lei (Dt 31: 24) e deu o livro nas mãos dos levitas para colocá-lo ao lado da arca da Aliança (Dt 31: 26). Na verdade, a ‘lei oral’ nada mais é do que interpretações rabínicas tardias, iniciadas provavelmente após o exílio babilônico e durante o Período Intertestamentário (período que vai do profeta Malaquias a Cristo, quando Deus não falou mais com Seu povo através dos profetas por causa do pecado de apostasia e idolatria de Israel, as tradições orais dos fariseus do período do Segundo Templo), criando tradições a serem obedecidas, mas sem nenhuma conexão

real com o ensinamento simples inicial que foi dado a Moisés, por isso Jesus repreendia tanto fariseus, rabinos e mestres da Lei (Mc 7: 1-23; Mt 23: 1-36).

- O Talmude traz comentários sobre a Mishná (a Torá oral) e o Gemara, usando o Midrash (A metodologia para interpretar a Mishná). O Talmude contém muitas tradições judaicas seculares e apresenta uma enumeração dos escritores dos livros do AT. Midrash tem raiz no verbo ‘darash’, que quer dizer ‘inquirir’, ‘investigar’.

O Talmude é a fonte primária da lei religiosa judaica (Halachá; Halacá ou Halakha) e da teologia judaica até a modernidade, servindo também como ‘o guia para a vida diária’ dos judeus. Trata-se de uma coleção de escritos chamados: o ‘Talmude Babilônico’ (Talmud Bavli) e uma coleção anterior conhecida como ‘Talmude de Jerusalém’ (Talmud Yerushalmi). O Talmude é a base para todos os códigos da lei judaica.

O Talmude de Jerusalém, também conhecido como Talmude Palestino, contém ensinamentos religiosos e comentários judaicos transmitidos oralmente por séculos antes de sua compilação por estudiosos judeus na Terra de Israel (mais exatamente na Galiléia). Sua redação final provavelmente pertence ao final do século IV e a primeira metade do século V. Foi escrito em grande parte em aramaico palestino judaico, uma língua aramaica ocidental.

O ‘Talmude Babilônico’ é um conjunto de documentos compilados no final da Antiguidade (séculos III a VI), um pouco depois do ‘Talmude de Jerusalém’. Foi escrito em aramaico babilônico judaico e compreende a Mishná e a Guemará Babilônica. Israel e Babilônia eram dois importantes centros de cultura judaica.

- Os Targuns (hebraico: ‘Targumim’ – plural de Targum) consistem em obras famosas escritas em aramaico, que abrangem as traduções e comentários da bíblia hebraica (AT – Tanakh). Foram escritas e compiladas em Israel e Babilônia, da época do Segundo Templo até o início da Idade Média. Também contém os comentários sobre a Mishná (lei Oral – escrita no séc. II EC) e o Talmude, escrito por volta de 500 EC, e contém muitas tradições judaicas seculares e apresenta uma enumeração dos escritores dos livros do AT. O Targum foi utilizado para facilitar o entendimento aos judeus que não falavam o hebraico como língua mãe, e sim o aramaico.

- Halachá (transliterada também como Halacá ou Halakha) é o nome do conjunto de leis da religião judaica, incluindo os 613 mandamentos que constam na Torá e os posteriores mandamentos rabínicos e talmúdicos relacionados aos costumes e tradições, servindo como guia do modo de viver judaico. Embora tenha havido muitas tentativas de codificar e enumerar os mandamentos contidos na Torá, a visão tradicional é baseada na enumeração do rabino Moshe ben Maimon, também conhecido como Maimônides ou Rambam, o erudito judeu mais influente da Idade Média. Assim, a Mishné Torá (Repetição da Torah) de Maimônides foi compilada entre 1170 e 1180 enquanto ele vivia no Egito. Os 613 mandamentos (**mitzvot**) são tanto positivos para desempenhar uma ação (“isso pode”: 248 mitzvot aseh) como negativos quanto a se abster de certos atos (“isso não pode”: 365 mitzvot lo taaseh).

Os 613 mandamentos ou 613 mitzvot (‘taryag mitzvot’) são os mandamentos contidos no Pentateuco (Torah) ou ‘a Lei de Moisés’. Em hebraico, atribui-se um valor numérico definido a cada letra, o que se chama guematria ou gematriya (a numerologia judaica), onde uma palavra é o somatório dos valores das letras que a compõem. Esse é um método esotérico muito usado pela Cabala para explicar as Escrituras, ou seja, pelo valor numérico das palavras.

Mitzvot é o plural da palavra mitzvah, que significa ‘mandamento’. De acordo com o Talmude Babilônico, existem 365 mandamentos negativos, correspondendo ao número de dias no ano solar, e 248 mandamentos positivos, correspondendo ao número

de ossos ou órgãos importantes no corpo humano. O Talmude refere-se a este número como taryag mitzvot.

Rabi Simlai, que desenvolveu a tradição de taryag mitzvot, fez seu cômputo baseado na palavra ‘Torá’. As Escrituras nos dizem que Moisés ordenou a Torá (Pentateuco) aos Filhos de Israel. O valor numérico hebraico (guematria ou gematriya) das quatro letras hebraicas da palavra ‘Torá’ é 611. Somando os 611 mandamentos de Moisés com os dois recebidos por todo o Israel diretamente de Deus no Monte Sinai, teremos 613. O acrônimo TaRYaG (ת tav = 400, ר raish = 200, י yud = 10 and ג gimel = 3) soma 613.

É estranho falar dos dois mandamentos recebidos por todo o Israel diretamente de Deus no Monte Sinai, porque se o rabino se refere a Dt 6: 4-5 (“Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força”), foi Moisés que disse ao povo, não Deus diretamente. Pelo contrário, a bíblia diz que o povo ficou aos pés do Monte Horebe quando o Senhor desceu numa nuvem de fogo, com relâmpagos e trovões e grande clangor de trombeta e o povo ouviu os Dez Mandamentos diretamente da boca de Deus e, depois, Ele os escreveu nas tábuas que deu a Moisés, quando ele ficou 40 dias e 40 noites no cimo do monte e recebeu todas as leis e estatutos para dar ao povo de Israel.

Os versículos bíblicos dizem:

- Êx 19: 9; 11; 16-19: “Disse o Senhor a Moisés: Eis que virei a ti numa nuvem escura, para que o povo ouça quando eu falar contigo e para que também creiam sempre em ti. Porque Moisés tinha anunciado as palavras do seu povo ao Senhor... e estejam prontos para o terceiro dia; porque no terceiro dia o Senhor, à vista de todo o povo, descenderá sobre o monte Sinai... Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, e relâmpagos, e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. Todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente. E o clangor da trombeta ia aumentando cada vez mais; Moisés falava, e Deus lhe respondia no trovão”.

- Êx 20: 1-17: Deus fala ao povo ‘Os Dez Mandamentos’.

- Êx 20: 18-21: “Todo o povo presenciou os trovões, e os relâmpagos, e o clamor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo, observando, se estremeceu e ficou de longe. Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos. Respondeu Moisés ao povo: Não temais; Deus veio para vos provar e para que o seu temor esteja diante de vós, a fim de que não pequeis. O povo estava de longe, em pé; Moisés, porém, se chegou à nuvem escura onde Deus estava”.

- Dt 4: 10-13; 36: “Não te esqueças do dia em que estiveste perante o SENHOR, teu Deus, em Horebe, quando o SENHOR me disse: Reúne este povo, e os farei ouvir as minhas palavras, a fim de que aprenda a temer-me todos os dias que na terra viver e as ensinará a seus filhos. Então, chegastes e vos pusestes ao pé do monte; e o monte ardia em fogo até ao meio dos céus, e havia trevas, e nuvens, e escuridão. Então, o SENHOR vos falou do meio do fogo; a voz das palavras ouvistes; porém, além da voz, não vistes aparência nenhuma. Então, vos anunciou ele a sua aliança, que vos prescreveu, os dez mandamentos, e os escreveu em duas tábuas de pedra... Dos céus te fez ouvir a sua voz, para te ensinar, e sobre a terra te mostrou o seu grande fogo, e do meio do fogo ouviste as suas palavras”.

- Dt 5: 4-5: “Face a face falou o Senhor conosco, no monte, do meio do fogo (Nesse tempo, eu estava em pé entre o Senhor e vós, para vos notificar a palavra do Senhor, porque temestes o fogo e não subistes ao monte), dizendo:...”.

- Dt 5: 6-21: Deus fala ao povo ‘Os Dez Mandamentos’.

• Dt 5: 22-27; 31: “Estas palavras falou o SENHOR a toda a vossa congregação no monte, do meio do fogo, da nuvem e da escuridade, com grande voz, e nada acrescentou. Tendo-as escrito em duas tábuas de pedra, deu-mas a mim. Sucedeu que, ouvindo a voz do meio das trevas, enquanto ardia o monte em fogo, vos achegastes a mim, todos os cabeças das vossas tribos e vossos anciãos, e dissestes: Eis aqui o SENHOR, nosso Deus, nos fez ver a sua glória e a sua grandeza, e ouvimos a sua voz do meio do fogo; hoje, vimos que Deus fala com o homem, e este permanece vivo. Agora, pois, por que morreríamos? Pois este grande fogo nos consumiria; se ainda mais ouvíssemos a voz do SENHOR, nosso Deus, morreríamos. Porque quem há, de toda carne, que tenha ouvido a voz do Deus vivo falar do meio do fogo, como nós ouvimos, e permanecido vivo? Chega-te, e ouve tudo o que disser o SENHOR, nosso Deus; e tu nos dirás tudo o que te disser o SENHOR, nosso Deus, e o ouviremos, e o cumpriremos... Tu, porém, fica-te aqui comigo, e eu te direi todos os mandamentos, e estatutos, e juízos que tu lhes hás de ensinar que cumpram na terra que eu lhes darei para possuí-la”.

1.2. Cabala

Embora não seja uma obra religiosa judaica, vamos falar com pouco sobre a **Cabala**.

Uma filosofia muito usada pelos judeus, desde o século I da ‘Era Comum’ (EC) ou ‘Depois de Cristo’ (DC) para nós, cristãos, é a Cabala, onde encontramos explicações místicas e esotéricas sobre vários assuntos bíblicos. Em outras palavras, **é uma doutrina esotérica** que visa conhecer o Universo e a natureza de Deus, buscando na bíblia um sentido secreto. O nome Cabala (pronuncia-se Cabalá) pode ser escrito de diversas maneiras: Kabbalah, Qabbala, Cabbala, Cabbalah, Kabala, Kabbalah ou Kabbala. Kabbalah (QBLH) é uma palavra de origem hebraica que significa ‘recepção’. É a vertente mística do judaísmo. Grande parte das vertentes da Cabala ensina que cada letra, palavra, número e acento da Escritura Sagrada contêm um sentido escondido, secreto, e oferece os métodos de interpretação para verificar esses significados ocultos. Segundo estes ensinamentos, cada letra do alfabeto hebraico tem um valor numérico (Guematria ou numerologia judaica), um método esotérico que a Cabala usa para explicar as Escrituras, ou seja, pelo valor numérico das palavras. Dessa forma, alguns personagens na História tiveram seu nome calculado, como por exemplo: Nero, Domiciano, Hitler e até a frase que está escrita na mitra do Papa em letras latinas, ‘Vicarivs Filii Dei’ (‘Substituto do Filho de Deus’), e cujas letras somam 666, o número do Anticristo (a Besta – Ap 13: 18). Nada disso, entretanto, pode ser considerado como uma informação confiável.

Formas antigas de misticismo judaico consistiam inicialmente de doutrina empírica (baseada na intuição e na experiência). Mais tarde, sob a filosofia de Platão (filósofo grego do século V AC – 429-347 AC) e Pitágoras (filósofo e matemático grego que viveu no século VI AC), assumiu um caráter especulativo (investigador, inquiridor, teórico) e ela se cresceu em força e se expandiu.

Na era medieval, a Cabala se desenvolveu bastante com o surgimento do texto místico *Sêfer Bahir*, que significa Livro da Luz, do qual há menção antes do século XIII. Porém, o mais antigo livro sobre a Cabala é o Livro da Formação (*Sêfer Yetsirah*), considerado anterior ao século VI, onde se defende a idéia de que o mundo é a emanção de Deus. Do século XIII em diante, a Cabala se ramificou em uma literatura

extensa, paralelamente e em oposição ao Talmude. A maioria dos estudiosos acha apropriado o uso do termo Cabala para referir-se ao misticismo judeu desde o século I DC, não apenas o que se desenvolveu a partir da época medieval.

1.3. Qual a diferença entre as palavras 'Hebreu', 'Israelita' e 'Judeu'?

Hebreu é epônimo da palavra 'Héber' (Gn 10: 21 e segs.; Gn 11: 14; 1 Cr 1: 18), que pelos os gentios era escrita como 'ibhrî. Foi usada inicialmente para descrever a origem étnica de Abraão e seus descendentes (Gn 14: 13), pois a própria bíblia declara que Sem (filho de Noé) era o pai de todos os descendentes de Héber (Gn 10: 24-25; 1 Cr 1: 1-27). Aplicado em sentido mais amplo, o termo 'Semita' ou 'Hebreu' inclui outros povos não israelitas como os árabes, os acadianos e os arameus (sírios e assírios que ocuparam grande parte da Mesopotâmia), e em especial a família de Abraão, já que os amonitas e moabitas eram descendentes de seu sobrinho Ló. A palavra 'Hebreu' passou a ser quase que um sinônimo de '**Israelita**' após a mudança de nome de Jacó para Israel, sendo usada por Moisés em Êx 5: 1-3. A palavra '**judeu**' foi originalmente usada para designar aos filhos de Judá, filho de Jacó. Posteriormente foi designada aos nascidos na Judéia. Depois da libertação do cativeiro da Babilônia, os hebreus começaram a ser chamados de judeus. A palavra portuguesa 'judeu' se origina do latim, 'judaeu', e do grego, 'ioudaios'. Ambas as palavras vêm do aramaico, 'יהודי' (pronuncia-se 'iahude'). O primeiro registro do vocábulo em português foi no ano de 1018. O vocábulo 'judeu' originalmente descrevia qualquer habitante de Judá (2 Rs 16: 6), e era empregado nos textos assírios contemporâneos desde o século VIII AC, mais ou menos. É comumente usado pelos não-judeus para referir-se aos hebreus ou aos descendentes de Abraão. No NT, 'judeus' se tornou um termo familiar para incluir todos os israelitas (Judá e outras tribos de Israel).

2

Os nomes de Deus



Aqui será usado o texto hebraico concordante interlinear (CHES – Concordant Hebrew English Sublinear), baseado no vocabulário da Versão Concordante do Antigo Testamento (CVOT – Concordant Version of the Old Testament), o hebraico transliterado. Em algumas partes do texto será usado o texto grego concordante interlinear (CGTS – Concordant Greek Text Sublinear), a versão Grega do NT – 1984, baseada na tradução KJV/AV (conhecida como versão Autorizada), conhecido como Grego Textus Receptus.

Links:

https://www.scripture4all.org/OnlineInterlinear/Hebrew_Index.htm

https://www.scripture4all.org/OnlineInterlinear/Greek_Index.htm

Vamos começar falando sobre os mais conhecidos nomes de Deus desde o início da humanidade:

I) El (’el, ou al – אֵל), em nossa versão portuguesa ‘Deus’ ou ‘deus’ procede da mesma raiz de outras línguas semíticas, e significa um deus, no sentido mais amplo da palavra, verdadeiro ou falso, por isso, escrito com letra maiúscula ou minúscula nas línguas ocidentais para identificar o Deus verdadeiro, Criador do céu e da terra, dos falsos deuses. Para o hebraico, na verdade, isso não importa, uma vez que nesta língua não há diferenciação entre letras maiúsculas e minúsculas. Por causa desse caráter geral, a palavra ’el na bíblia está associada com um adjetivo ou predicado que define Deus (o Deus verdadeiro). Em Dt 5: 9 está escrito: “... porque eu, o Senhor (YHWH), teu Deus (’elōhīm), sou Deus (’el) zeloso...” (CHES-CVOT, Deus zeloso: ‘al qna’) ou em Gn 31: 13: “Eu sou o Deus (’el) de Betel, onde ungiste uma coluna, onde me fizeste um voto; levanta-te agora; sai desta terra e volta para a terra de tua parentela” (CHES-CVOT, Deus de Betel: al bith-al).

Em Ras Shamra (a antiga Ugarite, a capital de um reino ao norte da costa da Síria), entretanto, ’El aparece como um substantivo próprio, o nome do ‘alto deus’ cananeu,

mais tarde substituído por Baal. O plural da palavra 'el é 'elōhīm, e quando é usada como plural é traduzida por 'Deus' (o Deus verdadeiro) ou 'deuses', deuses falsos e imagens de esculturas (Dt 4: 28; Dt 12: 2). Mais tarde falaremos mais sobre a palavra 'elōhīm. 'El 'elyōn (o '**Deus Altíssimo**' – Gn 14: 22 – CHES-CVOT: 'al olium') era o título de Deus, como era adorado por Melquisedeque e conhecido de Abraão (Gn 14: 18-24), assim como era conhecido também por Balaão (Nm 24: 16). Também podemos ver a mesma palavra no Sl 7: 17; Sl 18: 13; Sl 83: 18 e Dn 7: 22; 27 (no aramaico plural: 'elyōnīn; CHES-CVOT: 'oliunin') ou o equivalente aramaico de 'elyōn: 'illāyā – Dn 7: 25 (CHES-CVOT: 'oli-a').

II) Elohim – 'elōhīm – אלהים [CHES-CVOT, 'aleim']. Embora seja forma plural, é interpretada como estando no singular, quando se trata do Deus verdadeiro, Criador do Universo; uma expressão de respeito à Sua majestade. No Gênesis, quando se fala da Criação, em todos os textos está escrita a palavra Elohim ('elōhīm) para 'Deus': Gn 1: 1-31; Gn 2: 1-3. Muitos outros capítulos trazem a palavra 'Deus' escrita como 'Elohim', até a época de Noé e dos patriarcas. Em Gn 2: 4 em diante, e Gn 3 em diante, é comum ver a forma combinada: 'Senhor Deus', da qual falaremos no item VII.

Em Gn 3: 5, no diálogo entre Eva e a serpente está escrito: "Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus [KJV: deuses, 'gods'; NIV-NVI: God, Deus], sereis conhecedores do bem e do mal" – Elohim (CHES-CVOT: אלהים, 'aleim') para as duas palavras: 'Deus' ou 'deuses'.

Em Gn 17: 7-8 Deus diz a Abraão: "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus – Elohim (CHES-CVOT: אלהים, 'aleim') e da tua descendência. Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus – Elohim (CHES-CVOT: אלהים, 'aleim')".

III) Eloá – 'elōah – אלוה [CHES-CVOT, 'alue']. É uma forma singular de Elohim, e tem o mesmo sentido de 'el. A forma aramaica é 'elāh. No AT essa forma é mais encontrada nos livros poéticos (Jó) e em Dt 32: 15; 17 (o cântico de Moisés).

IV) YHWH é traduzido em nossa versão portuguesa como 'Senhor' ou 'Jeová'. Para os estudiosos do judaísmo, é preferível a tradução 'Javé' (YAHWEH), ao invés de Jeová (YAHOWAH), pelas razões que nós veremos adiante. No texto original hebraico, o nome que foi dado a Moisés foi YHWH (יהוה – ieue). A pronúncia de YAHWEH na transliteração para o grego é iaoue ou iabe (o b grego tem a pronúncia de v), bem diferente de iaoua (YAHOWAH – Jeová). A forma abreviada do nome é **Yah** (ou Jah, na forma latinizada), como no Salmo 89: 8 [ieue alei tzbauth mi – kmu-k chsin **ie** u-amunth-k abibuthi-k – 'O Lord God of Hosts who [is] a strong **Lord** like unto thee? or to thy faithfulness round about thee'; 'Ó Senhor, Deus dos Exércitos, quem é poderoso como tu és, **Senhor**, com a tua fidelidade ao redor de ti?!'] e na expressão **HaleluYah** (que significa 'Louvai a Jah!'; em português, é vertida por Aleluia).

Pelo nome YHWH, 'o Senhor' ou 'O Eu Sou o Que Sou' (ehyeh-asher-ehyeh, אהיה אשר אהיה), Deus seria conhecido pelo Seu povo (Êx 3: 14-15; Êx 6: 2-3). EU SOU, em hebraico, Ehyeh, provém do verbo Hayah, 'ser', muitas vezes traduzido como 'Eu serei', 'tornar-se' ou 'mostrar ser'. Asher é um pronome ambíguo que pode significar, dependendo do contexto, 'que', 'quem', 'qual', ou 'onde'. Portanto, embora Ehyeh-Asher-Ehyeh geralmente seja traduzido como 'Eu Sou o Que Sou', a expressão pode significar: 'Eu serei o que serei' ou 'Eu vou ser quem eu vou ser' ou 'Eu vou provar ser o que eu vos revelar ser' ou 'eu vou ser porque eu vou ser'. YHWH era o mesmo Deus

dos patriarcas, o Deus de Abraão: Elohim ('elōhīm), como foi escrito acima, ou El-Shaddai ('O Deus Todo-Poderoso', 'o Deus que é mais do que suficiente', 'o Deus que detém todo o poder' – Gn 17: 1), ou 'El 'elyôn (o 'Deus Altíssimo' – Gn 14: 22).



Quando Deus se mostrou a Moisés na sarça (Êx 3: 6; 14-15), Ele disse: “Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus... Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros. Disse Deus ainda mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O SENHOR, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração”.

Em Êx 6: 3 está escrito: “Apareci a Abraão, a Isaque e Jacó como Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, O SENHOR, não lhes fui conhecido”.

Confira também o que está escrito em Gn 35: 10-12: “Disse-lhe Deus (CHES-CVOT: אֱלֹהִים – Aleim – Elohim): O teu nome é Jacó. Já não te chamarás Jacó (Gn 32: 28), porém Israel será o teu nome. E lhe chamou Israel. Disse-lhe mais: Eu sou o Deus Todo-Poderoso (CHES-CVOT: ‘Aleim ani al ('el) shdi – Elohim I El Who-Suffices – El-Shaddai’); sê fecundo e multiplica-te; uma nação e multidão de nações sairão de ti, e reis procederão de ti. A terra que dei a Abraão e a Isaque dar-te-ei a ti e, depois de ti, à tua descendência”. El-Shaddai, na verdade, não era um nome de Deus, mas uma qualificação (um título) dada a Ele para diferenciá-LO dos demais deuses (também chamados pelo nome El).

Estritamente falando, **YHWH é o único nome de Deus**. No livro de Gênesis, entretanto, a palavra ‘shem’ (‘nome’) é associada com o ser divino cujo nome é YHWH (O Senhor). Quando Abraão e Isaque edificavam um altar, invocaram **o nome do Senhor**:

- Gn 12: 8: “Passando dali para o monte ao oriente de Betel, armou [Abraão] a sua tenda, ficando Betel ao ocidente e ai ao oriente; ali edificou um altar ao Senhor e invocou o nome do Senhor”.

- Gn 13: 3-4: “Fez as suas jornadas do Neguebe até Betel, até ao lugar onde primeiro estivera a sua tenda, entre Betel e Ai, até ao lugar do altar, que outrora tinha feito; e aí Abrão invocou o nome do Senhor”.

• Gn 26: 25: “Então, levantou (*Isaque*) ali um altar e, tendo invocado o nome do Senhor, armou a sua tenda; e os servos de Isaque abriram ali um poço”.

Temos que pensar que essa foi uma narrativa retrospectiva. O Pentateuco foi escrito por Moisés, teoricamente (vamos deixar de lado as explicações ‘revolucionárias’ que lemos sobre isso), baseado em uma narrativa dos fatos passados. Provavelmente foi uma história contada de geração em geração. Não há evidência de que ele escreveu o livro do Gênesis inspirado em um relato por escrito; nem sabemos se o relato do Jardim do Éden foi escrito em Sumério e chegou às mãos de Abraão. Moisés deve ter escrito os relatos acima sobre Abraão, Isaque e Jacó usando o nome de Deus que ele estava conhecendo agora (YHWH). Abraão e Isaque poderiam ter edificado altares e invocado o nome de El-Shaddai (Gn 17: 1 – Deus Todo-Poderoso) ou 'El 'elyôn (Gn 14: 22 – Deus Altíssimo) – cf. Êx 6: 3: “Apareci a Abraão, a Isaque e Jacó como Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, O SENHOR, não lhes fui conhecido”.

O nome YHWH foi dado pela primeira vez a **Moisés**, como um nome próprio, como se conhece um amigo. Quando Ele disse a Moisés que era o Deus de seus ancestrais, Ele estava reafirmando a Sua identidade como o Deus verdadeiro que havia feito um pacto com os patriarcas, mas agora seria conhecido de uma forma mais íntima pelo Seu povo e seria um Deus do presente e do futuro, pois estava prestes a manifestar grandes obras. Assim, YHWH era um nome próprio, um nome de uma pessoa, da pessoa divina, para diferenciá-lo dos demais nomes com os quais os outros deuses eram invocados. Era para tirar definitivamente da boca do Seu povo o nome 'El. Em outras palavras, limpar o passado de idolatria das suas vidas, mesmo porque Abraão nasceu numa terra idólatra, Ur dos Caldeus, mudou-se para outra terra idólatra, Harã e, portanto, até mesmo os patriarcas usaram nomes idólatras por causa de sua convivência com diversos povos em Ur, Harã, Canaã e Egito (Abraão morou no Egito por um tempo). A diferença é que, como vimos acima, com o conhecimento do Deus verdadeiro que eles tiveram através das suas experiências de vida, mesmo usando a palavra 'El, o adjetivo colocado depois da palavra dava a entender a que Deus eles serviam. Mas após a revelação do nome YHWH, tudo isso mudaria. Em 250 AC, quando foi escrita a Septuaginta, o tetragrama YHWH (em hebraico) foi substituído pelas palavras gregas Ký-rios (kurios, Senhor) e The-ós (Deus).

Mais um argumento para dizer que os patriarcas não conheciam o nome YHWH, é o que aconteceu com Jacó, não apenas em Peniel, mas quando se separou de Labão, e quando enterrou os objetos de idolatria debaixo do Carvalho de Siquém, ao entrar em Canaã:

• Gn 31: 53: “O Deus de Abraão e o Deus de Naor, o Deus do pai deles, julgue entre nós. E jurou Jacó pelo Temor de Isaque, seu pai” – CHES-CVOT: אֱלֹהִים, 'Aleim', Elohim.

• Gn 35: 1: 4-5; 7: “Disse Deus a Jacó: Levanta-te, sobe a Betel e habita ali; faze ali um altar ao Deus que te apareceu quando fugias da presença de Esaú, teu irmão... Então, deram [*a família de Jacó e os seus servos que vieram de Padã-Arã com ele, inclusive Raquel, que furtara os ídolos da casa de Labão, seu pai*] a Jacó todos os deuses estrangeiros que tinham em mãos e as argolas que lhes pendiam das orelhas; e Jacó os escondeu debaixo do carvalho que está junto a Siquém. Tendo eles partido, o terror de Deus invadiu as cidades que lhes eram circunvizinhas, e não perseguiram aos filhos de Jacó... E ali edificou um altar e ao lugar chamou El-Betel; porque ali Deus se lhe revelou quando fugia da presença de seu irmão” – CHES-CVOT: אֱלֹהִים, 'Aleim', Elohim; 'el, אֵל, quando se refere ao Deus de Betel; אֱלֹהִים, 'Aleim', Elohim, para deuses estrangeiros; terror de Deus – אֱלֹהִים, 'Aleim', Elohim, Deus.

• Gn 35: 10-12: “Disse-lhe Deus (CHES-CVOT: אֱלֹהִים – Aleim – Elohim): O teu nome é Jacó. Já não te chamarás Jacó (Gn 32: 28), porém Israel será o teu nome. E lhe chamou Israel. Disse-lhe mais: Eu sou o Deus Todo-Poderoso (CHES-CVOT: ‘Aleim ani al (’el) shdi – Elohim I El Who-Suffices – Eu sou o Deus Todo-Poderoso – El-Shaddai’); sê fecundo e multiplica-te; uma nação e multidão de nações sairão de ti, e reis procederão de ti. A terra que dei a Abraão e a Isaque dar-te-ei a ti e, depois de ti, à tua descendência”.

Nós vimos que 'El, Elohim ou 'Elōah eram nomes comuns, dados a Deus ou a deuses, pelas várias civilizações antigas. A palavra ‘nome’ para os hebreus significava muito, e ainda significa. Ele não é um mero título, mas significa e expressa a personalidade real daquele a quem pertence. Pode ser derivado das circunstâncias do nascimento da pessoa (os nomes dos filhos de Jacó, por exemplo), ou pode refletir o seu caráter (Gn 27: 36 – aqui Esaú fala de Jacó), e quando uma pessoa punha o seu nome sobre alguma coisa ou pessoa esta última ficava sob sua influência ou proteção. Por isso, Deus deu a Moisés o Seu nome, YHWH, que significa ‘Senhor’, pois era isso que Ele seria a partir daquele momento em relação ao Seu povo, o que Ele sempre quis ser, o SENHOR.



O tetragrama YHWH escrito em Fenício 1050–150 AC; em Hebraico antigo (hebraico arcaico ou páleo-hebraico; 1000–135 AC) e Hebraico moderno (século III AC até o presente)

V) 'El-'Elōhe-Israel

Quando chegou a Siquém, Jacó comprou um terreno, erigiu um altar, e o chamou de 'El-'Elōhe-Yisra'el (Gn 33: 20) – CHES-CVOT: ‘al alei ishral’ – ‘Deus’ (’el) é o Deus (’elōhīm ou ‘alei’) de Israel’, depois que teve o encontro com a anjo. Jacó aceitou o nome de Israel como seu, e assim prestou adoração a Deus.

VI) 'El 'Ôlām

Em Berseba, Abraão plantou uma tamareira, e invocou ali o nome do Senhor, Deus Eterno (YHWH, 'el 'ôlām) – Gn 21: 33: “Plantou Abraão tamargueiras em Berseba e invocou ali o nome do Senhor, o Deus Eterno” (CHES-CVOT: 'ieue al oulm'). Nesta passagem, YHWH é seguido por uma descrição: 'o Deus eterno'. A forma original desse nome é 'El dhü-'Ôlāmi, 'Deus da eternidade'. Por isso, os judeus falam: '**O Eterno**', quando querem se referir a Deus.

VII) Senhor Deus – YHWH Elohim (CHES-CVOT: 'ieue aleim')

- Gn 2: 4-5: “Esta é a gênese dos céus e da terra quando foram criados, quando o Senhor Deus os criou. Não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque o Senhor Deus não fizera chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo” – Senhor Deus – YHWH Elohim (CHES-CVOT: 'ieue aleim').

- Gn 2: 7-9: “Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente. E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado. Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal” – Senhor Deus – YHWH Elohim (CHES-CVOT: 'ieue aleim').

- Gn 2: 15-17: “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E o Senhor lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” – Senhor Deus – YHWH Elohim (CHES-CVOT: 'ieue aleim').

- Gn 2: 18-19: “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea. Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles” – Senhor Deus – YHWH Elohim (CHES-CVOT: 'ieue aleim').

- Gn 2: 21-22: “Então, o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe” – Senhor Deus – YHWH Elohim (CHES-CVOT: 'ieue aleim').

- Gn 3: 1: “Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?” – YHWH Elohim (CHES-CVOT: 'ieue aleim').

- Gn 3: 8-9: “Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás?” – YHWH Elohim (CHES-CVOT: 'ieue aleim').

- Gn 3: 13-14: “Disse o Senhor Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então, o Senhor Deus disse à serpente: Visto que isto fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida” – YHWH Elohim (CHES-CVOT: 'ieue aleim').

- Gn 3: 21-23: “Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu. Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e toque também na árvore da vida e coma, e viva eternamente. O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim

do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado” – YHWH Elohim (CHES-CVOT: ‘ieue aleim’).

Em Gn 15: 2, quando Abraão sai da tenda e olha para as estrelas ele se dirige a Deus com as palavras ‘Senhor Deus’. Só que aqui não são as mesmas palavras escritas acima e usadas na Criação – YHWH Elohim (CHES-CVOT: ‘ieue aleim’), mas ‘**adni ieue**’: “Respondeu Abrão: **Senhor Deus** (CHES-CVOT: ‘adni ieue’), que me haverás de dar, se continuo sem filhos e o herdeiro da minha casa é o damasceno Eliezer?”

Nós vimos que a transliteração de YHWH, ‘ieue’, significa ‘SENHOR’, ‘O SENHOR’, e não ‘Deus’, que era escrita como ‘el ou ‘elôhîm. YHWH foi o nome dado a Moisés: “Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros. Disse Deus ainda mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: **O SENHOR**, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração” (Êx 3: 14-15)... “Apareci a Abraão, a Isaque e Jacó como Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, **O SENHOR**, não lhes fui conhecido” (Êx 6: 3).

Isso quer dizer que Abraão (Gn 18: 3) disse outra palavra comumente usada na vida diária: ‘senhor’ (‘adon, ou nesta versão bíblica: ‘adni’, ‘meu senhor’), no sentido de servos e patrões ou senhores (‘adon ou adon significa ‘senhor, amo’, ‘mestre’). Havia outra palavra comum para ‘senhor’ ou ‘marido’, que era baal (‘senhor, possuidor, amo, marido’), usada pelas mulheres para chamar seus maridos: meu ‘baal’, i.e., meu senhor, meu marido. Mas a palavra ‘senhor’ era também usada para os falsos deuses de Canaã, Fenícia, Síria, Mesopotâmia e todas as regiões ao redor, especialmente Baal. Baal significa: ‘senhor, possuidor, amo, marido’. Quando os israelitas entraram em Canaã notaram que cada trecho da terra tinha sua própria deidade, seu ‘dono’. Assim sendo, havia muitos baals; e o plural hebraico be’âlim aparece em português como ‘baalins’ (1 Rs 18: 18). Os deuses das localidades individuais tinham sobrenomes apropriados, por exemplo, Baal-Peor (Nm 25: 3). O Deus hebreu era o ‘SENHOR’ ou ‘marido’ dos israelitas, e, portanto, chamavam-no de ‘baal’, e isso levou a uma grande confusão entre a adoração ao único Deus vivo e verdadeiro e os rituais de Baal, pelo que se tornou essencial chamar o SENHOR por um nome diferente, como ‘ish (Os 2: 16-17), que significa ‘marido’.

Assim, a palavra ‘baal’ gradualmente se tornou um nome próprio (Baal) para indicar o deus supremo, o grande deus da fertilidade dos cananeus, o senhor das tempestades e outras manifestações naturais ligadas à atmosfera (raio e o trovão; semelhantemente a Marduque, a principal deidade babilônica, que era chamada ‘Bel’ e se tornou um substantivo próprio). Baal era chamado ‘Senhor do céu e da terra’ e ‘o que está montado nas nuvens’. Como foi dito acima, nas escavações arqueológicas de Ras Shamra (Ugarite) na Síria foram encontrados templos a Baal, o deus das tempestades, controlador da chuva e da fertilidade, e que já havia substituído ‘El, um deus remoto e nebuloso do panteão cananeu, o pai dos deuses e dos homens e possuidor de várias esposas (fonte: O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995). Baal se tornou um nome próprio, sim; não mais um simples substantivo para ‘senhor, possuidor, amo, marido’. O maior exemplo disso está em 1 Rs 18: 21; 22; 24; 26; 36; 39-40 quando Elias venceu os 450 profetas de Baal (o deus cananeu). Coisa semelhante aconteceu com mamom, palavra de origem caldéia (em grego: ‘mammonas’, Strong #g3126) para ‘dinheiro’ ou ‘riqueza’. Por ser tão valorizado e cultuado, acabou recebendo uma identidade, passou a ser o deus do dinheiro, Mamom.

A bíblia diz:

• Os 2: 8; 16; 17: “Ela [*Deus se referia à nação de Israel*], pois, não soube que eu é que lhe dei o trigo, e o vinho, e o óleo, e lhe multipliquei a prata e o ouro, que eles usaram para Baal... Naquele dia, diz o Senhor, ela me chamará: Meu marido (’ishi – Strong #376) e já não me chamará: Meu Baal (Baali – Strong #1180). Da sua boca tirarei os nomes dos baalins, e não mais se lembrará desses nomes”.

• “Os quais [*os falsos profetas*] cuidam fazer com que o meu povo se esqueça do meu nome pelos seus sonhos que cada um conta ao seu próximo, assim como seus pais se esqueceram do meu nome por causa de Baal” (Jr 23: 27).

A expressão usada por Abraão (‘adni ieue’) poderia ser mais exatamente traduzida como ‘meu Senhor, O Senhor’, já que as 2 palavras significam ‘senhor’.

Essa expressão ‘Senhor Deus’ em todas as passagens do Gênesis descritas acima foi escrita como YHWH Elohim (CHES-CVOT: ‘ieue aleim’).

Em Gn 18: 3, quando os três anjos vão ao acampamento, e Abraão os vê ele diz: “Senhor meu, se acho mercê em tua presença, rogo-te que não passes do teu servo”. Neste versículo ele usa a outra vez a palavra **adoni** (CHES-CVOT: ‘adni’), e cuja tradução em Inglês é ‘my lord’, ‘meu senhor’. Aqui dá para entender o sentido e o significado das palavras, pois o sufixo ‘i’ representa o pronome possessivo ‘meu, minha’, e acrescentado à palavra no singular, além ser usado no sentido humano, porque os anjos de Deus e o próprio Senhor estavam ali em forma humana. Assim, adoni é encontrado em vários textos referindo-se a **humanos**. Por exemplo, em Gn 24: 42; 48 o servo de Abraão diz (CHES-CVOT): ‘ieue alei **adn-i** abrem’ (YHWH Elohim-of lord-of-me Abraham – “ó Senhor, Deus de meu senhor Abraão”,... – Gn 24: 42) ... ‘l-ieue u-abrk ath-ieue alei **adni** abrem’ (... to Yahweh and I am blessing Yahweh Elohim-of lord-of me Abraham – “... adorei ao Senhor e bendisse ao Senhor, Deus do meu senhor Abraão,... – Gn 24: 48). Vale a pena lembrar que apenas nos idiomas ocidentais a diferença entre letras maiúsculas e minúsculas é importante, o que não ocorre em hebraico.

VIII) O Santo de Israel – q^êdoshôsh Yisra’el – era empregado como favorito por Isaías (29 vezes), por Jeremias e no livro dos Salmos. Outros títulos parecidos com este são usados: ‘O Poderoso de Israel’ – ’abhîr Yisrâ’el – Is 1: 24; ‘Glória de Israel’ – nêtsach Yisrâ’el – 1 Sm 15: 29 – CHES-CVOT – ntzch (‘A força de Israel’; the Strength of Israel; hebr.: the permanent-One = O Permanente).

IX) Ancião de Dias (em aramaico: ‘attîq yômin) dada por Daniel, que mostra Deus em Seu trono pronto para julgar os impérios (Dn 7: 9; 13; 22). Este título de alterna com ‘o Altíssimo’ (em aramaico: ‘illâyâ’elyônin, versículos 18; 22; 25; 27; CHES-CVOT – oliunin).

X) Adonai:

Com o passar do tempo, sendo o tetragrama YHWH considerado por demais sagrado para ser pronunciado, a palavra ’Adhonaí (em hebraico: ādhōnāy ou ’adhōnāy) passou a substituí-lo na leitura. ’Adhonaí significa, literalmente, ‘Meus Senhores’; o sufixo ‘i’ representa o pronome possessivo ‘meu, minha’; e a vogal ‘a’ faz o plural. Foi usada exclusivamente com referência ao Deus Todo-Poderoso, significando ‘Meu Senhor’ ou ‘Soberano Senhor’. As formas singulares adon (‘senhor’) e adoni (‘meu senhor’) são usadas na bíblia hebraica como títulos de reis e para pessoas ilustres, por exemplo, no livro de Samuel (1 Sm 25: 26; 2 Sm 14: 17; 20). Os fenícios usaram adon (‘senhor’) e adoni (‘meu senhor’) como um título de Tamuz (Adônis para os gregos). A palavra ‘adon’ é também usada ocasionalmente em textos hebraicos para se referir a

Deus (por exemplo, Sl 136: 3: “Rendei graças ao Senhor dos senhores, porque a sua misericórdia dura para sempre”, onde Senhor e senhores recebem o mesmo nome: ‘adon’ – Strong #113).

Não há nenhum acordo em relação à data em que começou a superstição judaica de não pronunciar o nome de Deus para obedecer ao 3º dos Dez Mandamentos escritos nas tábuas da Lei. Há pesquisas no AT que confirmam não haver evidência sólida em relação a isso, pois nada no Pentateuco proibia pronunciar o nome de Deus, mesmo com as explicações que alguns estudiosos judeus dão para a aparência majestosa de Deus no Sinai, e que deixou Seu povo assustado [Êx 19: 9; 11; 16-19; Êx 20: 18-21; Dt 5: 4-5; Dt 4: 10-13; 36; Dt 5: 22-27; 31], gerando neles Seu temor e um profundo sentimento de reverência. Quando Deus se mostrou a Moisés na sarça (Êx 3: 15), Ele disse: “... Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor (YHWH), o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração”.

Alguns pesquisadores dizem que pronúncia original correta e satisfatória do tetragrama (YHWH) desapareceu porque o hebraico original foi tido como uma linguagem quase que completamente extinta, além do que a língua das pessoas precisaria se movimentar dentro da boca de uma forma em que especialistas no assunto descreveriam hoje em dia como impossível.

O fato é que os verdadeiros servos de Deus jamais deixaram de pronunciar Seu nome. Pelo menos de forma escrita, a pronúncia do nome YHWH jamais foi abandonada no período antes de Cristo. De qualquer maneira, os judeus em algum período pós-exílio, adotaram a palavra hebraica 'Adhonaí ao pronunciarem o Tetragrama Sagrado; provavelmente no período helenístico ou no judaísmo do segundo templo (após a morte do profeta Malaquias), pois até o 5º século AC o tetragrama era pronunciado. Quando foi escrita a Septuaginta (250 AC), o tetragrama YHWH (em grego) foi substituído pelas palavras gregas Ký-rios (kurios, Senhor) e The-ós (Deus).

No século I EC, surge pela primeira vez alguma evidência de uma atitude supersticiosa para com esse nome. Flávio Josefo, historiador judeu que descendia duma família sacerdotal, após narrar a revelação que Deus forneceu a Moisés diante da sarça ardente, ao falar sobre pronúncia do nome de Deus (YHWH) menciona apenas: “O Nome sobre o qual estou proibido de falar”.

A questão, na verdade, tem a ver com a forma ORAL de pronunciar o Tetragrama. Ele permaneceu escrito da forma que estava (יהוה – YHWH, Strong #3068); somente que a sua vocalização passou a ser diferente.

Outros dizem que foi no século II EC com a Mishná, contendo as tradições orais de forma escrita para que estas não se perdessem que eles adotaram a palavra hebraica 'Adhonaí para pronunciarem o Tetragrama Sagrado. No século VI, os massoretas (= ‘transmissores’; eles substituíram os antigos escribas e atuaram de 500-1000 DC) adicionaram os pontos vocálicos ao texto bíblico para que se fosse lembrado que deveria ser pronunciado o nome ‘Adonai’ no lugar de YHWH. Ele era escrito na margem do rolo onde estava escrito YHWH nos versículos bíblicos. Esta vocalização criou mais tarde a palavra YAHOWAH (no grego: iaoa, para nós: Jeová, no século XII DC). A pronúncia de YAHWEH na transliteração para o grego é iaoue ou iabe – o ‘b’ grego tem a pronúncia de ‘v’.

Um comentário que eu acho importante é sobre a Mishná Berurá (‘Ensino esclarecido’) escrita agora, no século XX da nossa era. É uma obra sobre a halachá, nome dado ao conjunto de leis da religião judaica, incluindo os 613 mandamentos que constam na Torá e os posteriores mandamentos rabínicos e talmúdicos relacionados aos costumes e tradições, servindo como guia do modo de viver judaico.

Na Mishná Berurá 5: 2 está escrito: “É proibido ler o glorioso e terrível nome como está escrito, como os filósofos disseram: ‘Aquele que pronunciar o nome como está escrito não tem porção no mundo porvir. Portanto ele deve ser lido como se estivesse escrito Adonai’”.

Em Deuteronômio nós podemos ler:

- Dt 7: 21: “Não te espantes diante deles, porque o SENHOR, teu Deus, está no meio de ti, Deus grande e temível”. Na KJV com Concordância Lexicon Strong, a palavra usada é ‘terrível’, no lugar de ‘temível’. Em hebraico: yare – Strong #3372.

- Dt 10: 17: “Pois o SENHOR, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita suborno;...” Na KJV com Concordância Lexicon Strong, a palavra usada é ‘terrível’, no lugar de ‘temível’. Em hebraico: yare – Strong #3372.

Com isso, o povo judeu confirma que continua com o uso do nome Adonai e põe em desuso o ‘nome terrível’; e o ‘nome terrível’ é o que foi dado a Moisés no Sinai: יהוה – YHWH, ‘O Senhor’.

Mas em Joel 2: 32 não está escrito?

“E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do SENHOR (יהוה) será salvo; porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o Senhor prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o Senhor chamar [NVI: no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento para os sobreviventes, para aqueles a quem o Senhor chamar]”.

Assim, apesar da explicação reverente dada pelos judeus, usando o nome 'Adhonaí (em hebraico: ādhōnāy ou 'adhōnāy – אֲדֹנָי – traduzida às vezes como ‘Soberano Senhor’) em relação a Deus, inclusive sendo uma palavra plural, ‘Meus Senhores’, assim como Elohim ('elōhīm ou Elohím, ‘Deus’ – אֱלֹהִים), o plural da palavra 'el para diferenciar o Deus verdadeiro dos deuses falsos e imagens de esculturas (Dt 4: 28; Dt 12: 2) de Canaã, é impossível negar sua relação com os antigos deuses de Canaã, pois, como explicamos acima, foi uma palavra criada pelos judeus em algum período pós-exílio, quando a intimidade com o Deus verdadeiro do Sinai havia sido perdida pelo pecado de idolatria e deturpada pelo misticismo.

Você entendeu o que os sinais vocálicos fizeram com muitas palavras em hebraico, inclusive com o nome de Deus? Vamos dar um exemplo bem simples: suponhamos que o seu nome seja escrito só com as consoantes: ‘b-r-d’, e de repente, para facilitar a vida de todo mundo, alguém sugere colocar vogais nele para facilitar a pronúncia. E ao invés de colocar as vogais corretas que mais se aproximam da pronúncia do seu nome, ele coloca outras, que trazem um sentido completamente diferente. Por exemplo: ao invés de colocar a vogal ‘i’, que seria o mais correto, ele colocaria duas: ‘e’ e ‘a’. Assim, seu nome, ao invés de ser pronunciado ‘bird’ (‘pássaro’, em inglês), passa a ser pronunciado ‘beard’ (‘barba’, em inglês). ‘Pássaro’ é diferente de ‘barba’, não é? Da mesma forma, YHWH é diferente de Adonai, escrito na língua que for.

Infelizmente, ao longo das eras da humanidade esse erro acabou prevalecendo e influenciando muitas pessoas. No AT, quando os profetas de Deus O serviam com o coração puro e íntegro, seu nome era pronunciado por eles através do tetragrama dado a Moisés, YHWH (יהוה); com certeza, uma pronúncia diferente e mais santa do que conhecemos hoje como Yahweh (no grego: iaoue ou iabe; em latim: Javé) ou Yahowah (no grego: iaoa; em latim: Jeová).

HaShem:

Ainda hoje, os judeus utilizam a palavra Adonai em relação a YHWH (יהוה) no lugar de pronunciar o tetragrama em orações e ocasiões solenes. No dia a dia eles

utilizam a palavra HaShem ('O Nome'), um nome cuja origem não é bíblica, mas mística, cabalística (Cabala é a vertente mística do Judaísmo). Ele é muito parecido com o que a Nova Era usa: 'Eu Superior', 'Espírito Infinito' ou 'Princípio Universal'. Tudo começa com um conceito místico cabalista sobre a 'árvore da vida'; não a mesma que conhecemos no Gênesis e foi criada por Deus, simbolizando Jesus, mas a que é formada pelas dez emanções de 'Ain Soph' ('Ein Soph' – em hebraico: 'Sem Limites'), o Todo Supremo da Cabala, aquilo que podemos chamar de 'Deus' (chamado 'haShem', ou 'o Nome'). Ain Soph é o 'Não-Ser', ou seja, sob o ponto de vista deles, Deus não tem identidade; Ele é apenas uma energia.

Aliás, desde o período exílico e pós-exílico, com a redação dos Targuns em aramaico, os escritores judeus já começaram a remover o conceito de Deus com forma e sentimentos, o que o judaísmo tradicional pregava e não deixava ser removido. Esse novo ponto de vista, na verdade, trouxe um conceito abstrato de Deus, mais frio e distante (uma simples 'energia cósmica', ao invés de um ser com identidade própria). Inclusive, eles criaram a palavra 'Shekiná' para indicar o próprio Deus. Shekiná (Shekhinah, Shekîná), na verdade, é um conceito cabalístico, místico, que a considera como a face feminina da Presença Divina. Segundo a Cabala, Shekiná é uma energia cósmica poderosíssima que habita no interior do Universo, vivificando-o e sendo a sua alma ou espírito.

Quanto às Dez Emanações de Ein Soph (ou Sephiroth) mencionadas acima (e que formam a 'árvore da vida'), elas estão alinhadas em três camadas, cada uma delas associada aos 'quatro mundos' da Criação:

- 1) Asiyah (o mundo físico e tudo o que diz respeito à matéria).
- 2) Yetzirah (o mundo dos relacionamentos onde se encontra o nosso 'tesouro' – Seghullâ).
- 3) Beriah (corresponde ao mundo espiritual, ou seja, o relacionamento com Deus, onde as almas e os anjos têm autoconsciência, mas sem forma; predomina a compreensão intelectual).
- 4) Atziluth (O mundo da Emanação; o próprio céu; a sabedoria além do entendimento).

Este termo 'HaShem' apareceu a primeira vez com os Rishonim (autoridades rabínicas medievais). Rishonim ('pioneiros'), do hebraico, ראשונים; Rishon, singular, ראשון, é o nome dado aos rabinos e estudiosos do judaísmo, que viveram durante os séculos XI a XV DC.

XI) Jeová:

YHWH (יהוה) é traduzido em nossa versão portuguesa como 'Senhor' ou 'Jeová'. Para os estudiosos do judaísmo, é preferível a tradução 'Javé' (YAHWEH), ao invés de Jeová (YAHOWAH). A pronúncia de YAHWEH na transliteração para o grego é iaoue ou iabe (o b grego tem a pronúncia de v). Quando os massoretas (literalmente: 'transmissores'; substituíram os antigos escribas como guardiões do texto sagrado e atuaram de 500-1000 DC) adicionaram a pontuação vocálica ao texto das Escrituras, as vogais de Adonai foram adicionadas ao tetragrama YHWH. Esta vocalização criou a palavra YAHOWAH (no grego: iaoa; em latim: Jeová, no século XII DC). A Massorá foi uma versão moderna escrita em hebraico para os próprios judeus, usando vogais, pois o hebraico falado na época de Moisés não mais existia. O hebraico não possuía vogais, só consoantes. Outros estudiosos dizem que o nome com as vogais alteradas (Adonai) era escrito na margem do rolo onde estava escrito o nome de YHWH nos versículos bíblicos.

Baseado nisso, surgiram as combinações com o nome Jeová. Mas, primeiro, vamos ler o que está escrito em Gênesis. Em Gn 22, Abraão deu ao lugar onde Isaque iria ser sacrificado o nome de YHWH yir'eh, 'O Senhor provê' (Jeová-Jireh).

- Gn 22: 8; 14: "Respondeu Abraão (*a Isaque*): Deus proverá (CHES-CVOT: 'aleim irae', ou seja, 'Elohim yir'eh) para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto; e seguiram ambos juntos... E pôs Abrão por nome àquele lugar – O Senhor Proverá (CHES-CVOT: 'ieue irae). Daí dizer-se até o dia de hoje: No monte do Senhor se proverá".

Nota minha: muito provavelmente ele usou o nome 'Elohim', 'Deus proverá', 'aleim irae', ou seja, 'Elohim yir'eh ou Elohim yêrâ'eh, pois, como vimos anteriormente, ele ainda não conhecia o nome YHWH. Deve ter sido Moisés que escreveu em retrospectiva.

Outras combinações de o nome Jeová:

- Jeová-nissi – O Senhor é a minha bandeira, nome dado por Moisés (Êx 17: 15 – CHES-CVOT: ieue ns-i; Yahweh nissi), após a vitória sobre os amalequitas, que não é mais um nome de Deus, mas um 'adjetivo', podemos dizer, um nome que o qualifica, comemorando certos acontecimentos.

- Jeová-shalom – O Senhor é paz, dado por Gideão ao altar que erigiu em Ofra (Jz 6: 24 – CHES-CVOT: ieue shlum; Yahweh shalom).

- Jeová-Tsidquenu (CHES-CVOT: ieue tzdq-nu; Yahweh tsidhqênu): O Senhor justiça nossa, o Senhor é a nossa justiça – Jr 23: 6; 33: 16 – em contraste com o último rei de Judá, um portador indigno do nome Zedequias (çidhqiyâhü, o Senhor é justiça).

- Jeová-Shamá (CHES-CVOT: ieue shm-e; Yahweh Shammah): O Senhor está presente – Ez 48: 35 ('O Senhor está ali'), dado por Ezequiel à cidade vista por ele.

- Jeová-Sabaot (CHES-CVOT: ieue tzbauth; Yahweh tsebhâ'oth ou Yahweh s'bhâ'ôth – pronuncia-se sabaô): O Senhor dos Exércitos – 1 Sm 1: 3. É um título divino que aparece pela primeira vez no livro de Samuel pelo qual Deus era adorado em Siló. Foi usado por Davi ao desafiar Golias (1 Sm 17: 45), e depois num cântico de vitória (Sl 24: 10). É muito encontrado no livro de profetas (88 vezes só em Jeremias) para mostrar Deus como o salvador e o protetor do Seu povo (Sl 46: 7; 11, por exemplo). Os exércitos ou 'as hostes celestiais' são todos os poderes celestiais, no caso, o exército de anjos prontos a obedecer ao Senhor.

- Jeová-Maquede: O Senhor fere – Ez 7: 9 (CHES-CVOT: ieue mke; Yahweh makkeh)

- Jeová-Mequedesh ou Jeová-Mikadeskim: O Senhor que santifica – Êx 31: 13; Lv 22: 32; Ez 20: 12 (CHES-CVOT: ieue mqdsh-km; Yahweh meqaddishkhem).

- Jeová-Rafá: O Senhor é o que sara – Êx 15: 26 (CHES-CVOT: ieue rpha-k; Yahweh rophe'ekha).

- Jeová-Rohi: O Senhor é o meu Pastor – Sl 23: 1 (CHES-CVOT: ieue ro-i; Yahweh ro'iy).

- Jeová-Roi: O Deus que vê – Gn 16: 13 (CHES-CVOT: al rai; Yahweh ro'iy).

- Jeová-Osenu: O Senhor que nos criou – Sl 95: 6 (CHES-CVOT: ieue osh-nu; Yahweh 'osênu).

- Jeová-Hossenu: O Senhor, nosso Deus – Ne 10: 29 (CHES-CVOT: 'ieue adni-nu', 'the LORD our Lord'; na tradução massorética: hâ'elohiym neshêyhem).

Conclusão

O Novo Testamento (HaBrit HaHadashah) diz que o nome de Jesus está acima de todo nome (Fp 2: 9-11) e que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (Rm 10: 13 cf. Jl 2: 32). Além disso, eu gostaria de lembrar que em Jesus nós temos a liberdade e a permissão dada por Ele mesmo de chamá-LO de Senhor:

- Jo 13: 13-14; 19: “Vós me chamais o Mestre e o Senhor [Strong #2962 – kurios, κύριος] e dizeis bem, pois eu o sou [Em grego: ‘egô eimi’]. Ora, se eu, sendo o Senhor [Strong #2962 – kurios, κύριος] e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros... Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que EU SOU [Em grego: ‘egô eimi’]”.

‘EU SOU’ está escrito em grego ‘egô eimi’ (como uma resposta à palavra usada no v. 13 – kurios, ‘Senhor’, a mesma usada na Septuaginta para o Tetragrama YHWH: Kýrios, kurios, ‘O Senhor’). Jesus apenas confirmou o Seu nome dado no Sinai a Moisés: EU SOU, YHWH, O SENHOR.

- Ap 19: 15-16: “Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES” [Strong #935 – basileus, βασιλεύς = Rei; Strong #2962 – kurios, κύριος = Senhor].

3

O Messias



A palavra ‘ungido’ e o ato de ungir com óleo (Mashach) referem-se ao costume de ungir com óleo para consagrar e santificar as coisas ou as pessoas: Gn 28: 18; Êx 30: 22-33; 2 Sm 1: 21; Is 21: 5; Jz 9: 8; 2 Sm 2: 4; 1 Rs 1: 34; Êx 28: 41; 1 Rs 19: 16; 2 Rs 9: 1-3; 11-13.

A pessoa ou coisa ungida se tornava santa (Êx 30: 22-33; 1 Sm 24: 6; 10).

A unção era um ato de Deus (1 Sm 10: 1; Sl 89: 20; At 10: 38).

A unção era usada metaforicamente para significar a doação do favor divino (Sl 23: 5; Sl 92: 10; Sl 45: 7) ou a nomeação para uma função especial do propósito de Deus (Sl 105: 15; Is 45: 1; Sl 89: 20; Êx 28: 41).

Além disso, a unção simbolizava capacitação para o serviço, e é associada ao derramamento do Espírito de Deus (1 Sm 10: 1; 6; 9; 1 Sm 16: 13; Is 61: 1; Zc 4: 1-14 – a unção de Deus sobre Josué e Zorobabel, o sacerdote e o governador de Judá na época da reconstrução do 2º templo – Ag 2: 21).

Esse emprego é levado até o NT. O uso do azeite para ungir os enfermos (Tg 5: 14) é entendido da mesma maneira, como algo que aponta para o Espírito Santo, o doador da vida. No NT nós podemos ver o uso do óleo ou o ato de ungir em relação a cinco situações:

1) simbolizando o Espírito Santo trazendo a capacitação divina sobre a alguém (Lc 4: 18; At 10: 38; 2 Co 1: 21; Hb 1: 9; 1 Jo 2: 20; 27).

2) Como um ungüento, usado de forma medicinal para curar feridas (Lc 10: 34 – a parábola do bom Samaritano; Ap 3: 18 – a igreja de Laodicéia).

3) Como um costume de ungir os mortos com perfumes e especiarias (Mc 14: 8 cf. Jo 19: 39-40; Lc 23: 56; Lc 24: 1; Mc 16: 1).

4) Como um sinal de hospitalidade, associado à lavagem dos pés e ao beijo (Lc 7: 46; Jo 11: 2; Jo 12: 3).

5) Para com os enfermos (Mc 6: 13; Tg 5: 14).

Mashach (‘ungir’) dá origem a Mashiach (mâshiyach ou meshiycho, em hebraico; ou meshîhã, em aramaico), que quer dizer ‘ungido’, como eram os reis, juízes, profetas e sacerdotes no AT. Também passou a ser usada para Messias, משיח, o Ungido (grego:

Cristo, Christòs, Χριστός), o esperado salvador ou libertador de Israel, um homem descendente do rei Davi que irá reconstruir a nação, trazendo a paz. ‘Ungido’ é encontrado no mínimo dezesseis vezes no Antigo Testamento, sendo usadas as palavras mâshiyach ou meshiycho [Lv 4: 3; Lv 4: 5; Lv 4: 16; Lv 6: 15; 1 Sm 2: 10; 1 Sm 24: 6; 10; 2 Sm 1: 21; 2 Sm 22: 51; Sl 2: 2; Sl 18: 50; Is 45: 1; Ez 28: 14; Zc 4: 14; Dn 9: 25-26 – quando um anjo anuncia ao profeta Daniel que o Messias surgiria e seria morto 62 semanas proféticas após a reedificação de Jerusalém, antes da cidade e do templo serem novamente destruídos (o que aconteceu em 70 DC pelos romanos). No Sl 105: 14-15 e em 1 Cr 16: 22 – “A ninguém permitiu que os oprimisse; antes, por amor deles, repreendeu a reis, dizendo: Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas” – a expressão ‘meus ungidos’, em hebraico, é usada como equivalente a ‘meus profetas’]. No NT a palavra grega Μεσσίας (Messias) está registrada também apenas duas vezes: em Jo 1: 41 e Jo 4: 25. Christòs é o adjetivo, enquanto o verbo é chriō – ungir.

Como foi escrito acima, Messias, משיח, ‘o Ungido’, ‘o Consagrado’ (grego: Cristo, Christòs, Χριστός), é o esperado salvador ou libertador de Israel, um homem descendente do rei Davi que irá reconstruir a nação, trazendo a paz. Essa é a visão que os Judeus (pelo menos os tradicionais) têm do Messias. Os cristãos consideram Jesus Cristo como o Messias, bem como o Filho de Deus e uma das três Pessoas da Trindade, doutrina esta que foi estabelecida no Concílio de Nicéia em 325 DC.

Como nós vimos, no Antigo Testamento a palavra específica, ‘Messias’ (משיח), aparece apenas em Dn 9: 25-26 – quando um anjo anuncia ao profeta Daniel que o Messias surgiria e seria morto 62 semanas proféticas após a reedificação de Jerusalém, antes da cidade e do templo serem novamente destruídos (o que aconteceu em 70 DC pelos romanos). Nestes versículos de Daniel, ‘Ungido’, na nossa tradução em Português está escrito com letra maiúscula:

²⁵ “Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos”.

²⁶ “Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas”.

Em hebraico, é bem clara a palavra Mashiaich (mâshiyach):

²⁵ vethêdha` vethaskêl min-motsâ` dhâbhâr.lehâshiybh velibhnoth yerushâlaim `adh-**mâshiyach** nâghiydh shâbhu`iym shibh`âhveshâbhu`iym shishiyim ushenayim tâshubh venibhneithâh rechobh vechâruts ubhetsoqhâ`ittiyim

²⁶ ve'acharêy hashâbhu`iym shishiyim ushenayim yikkârêth**mâshiyach** ve'êyn lo vehâ`iyr vехаqqodhesh yashchiyth `am nâghiydh habbâ'veqitso bhashetheph ve`adh qêts milchâmâh necheretseth shomêmoth

No NT a palavra grega Μεσσίας (Messias) está registrada também apenas duas vezes: em João 1: 41 (quando André conta a Pedro que ele e João haviam encontrado o Messias de Israel, que era Jesus) e João 4: 25 (quando a mulher samaritana encontra Jesus assentado perto do poço de Jacó e diz a Ele que ela sabia que o Messias (que se chamava Cristo) viria e anunciaria todas as coisas ao Seu povo, sendo que Jesus confirma à mulher que Ele é o Messias esperado por Israel):

• Jo 1: 41: “Ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo)”.

Em grego: euriskei outos prôtos ton adelphon ton idion simôna kai legei autô eurêkamen ton **messian** o estin methermêneuomenon o christos

- Jo 4: 25: “Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas”.

Em grego: legei autô ê gunê oida oti **messias** erchetai o legomenos christos otan elthê ekeinos anaggelei êmin panta

Nos demais textos do NT, está escrita a palavra Cristo (Christòs, Χριστός):

- Mt 16: 16: “Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.

- Mt 1: 18: “Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo”.

- Mt 16: 20: “Então, advertiu os discípulos de que a ninguém dissessem ser ele o Cristo”.

- Mc 8: 29: “Então, lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo Pedro, lhe disse: Tu és o Cristo”.

- Mc 14: 61: “Ele, porém, guardou silêncio e nada respondeu. Tornou a interrogá-lo o sumo sacerdote e lhe disse: És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?”

- Lc 2: 11; 26: “... é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor... Revelara-lhe o Espírito Santo que não passaria pela morte antes de ver o Cristo do Senhor”.

- Lc 9: 20: “Mas vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou? Então, falou Pedro e disse: És o Cristo de Deus”.

- Lc 22: 67: “Se tu és o Cristo, dize-nos. Então, Jesus lhes respondeu: Se vo-lo disser, não o acreditareis”.

- Jo 4: 29: “Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Cristo?!”

- Jo 7: 26-27; 31: “Eis que ele fala abertamente, e nada lhe dizem. Porventura, reconhecem verdadeiramente as autoridades que este é, de fato, o Cristo? Nós, todavia, sabemos donde este é; quando, porém, vier o Cristo, ninguém saberá donde ele é... E, contudo, muitos de entre a multidão creram nele e diziam: Quando vier o Cristo, fará, porventura, maiores sinais do que este homem tem feito?”

- Jo 9: 22: “Isto disseram seus pais porque estavam com medo dos judeus; pois estes já haviam assentado que, se alguém confessasse ser Jesus o Cristo, fosse expulso da sinagoga”.

- Jo 10: 24: “Rodearam-no, pois, os judeus e o interpelaram: Até quando nos deixarás a mente em suspenso? Se tu és o Cristo, dize-o francamente”.

- At 2: 36: “Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo”.

- At 3: 20: “... a fim de que, da presença do Senhor, venham tempos de refrigério, e que envie ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus”.

- At 4: 26: “Levantaram-se os reis da terra, e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido”.

- At 5: 42: “E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo”.

- At 9: 22: “Saulo, porém, mais e mais se fortalecia e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo”.

- At 17: 3: “... expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio”.

- At 18: 28: “... porque, com grande poder, convencia publicamente os judeus, provando, por meio das Escrituras, que o Cristo é Jesus”.
 - At 26: 23: “... isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios”.
- O mesmo ocorre com as cartas de Paulo e os demais escritos do NT.

No AT, os reis, juízes, profetas e sacerdotes eram chamados ‘ungidos’, ou seja, alguém que era escolhido por Deus de quem o Espírito Santo se apoderava, fazendo com que a pessoa realizasse maravilhas, e demonstrasse ao povo que sua autoridade procedia de Deus. Mas até o século I AC, a palavra Messias – משיח – (ou ‘O Messias’) era aplicada apenas às profecias que se referiam à vinda do Libertador de Israel.

A vinda do Messias (Jesus) foi profetizada por vários profetas, em especial por Isaías, por isso mesmo chamado ‘o profeta messiânico’. Entretanto, a palavra ‘Messias’, ‘O Ungido’, como eu falei anteriormente, só foi usada duas vezes, em Dn 9: 25-26. Os profetas se referiam ao Libertador de Israel com outras palavras, tais como: Servo, Renovo de Justiça, Renovo de Davi ou Raiz de Davi, Príncipe, e Emanuel (que quer dizer ‘Deus conosco’). Outras palavras como: ‘Redentor’, ‘O Poderoso de Jacó’ e ‘O Santo de Israel’ (q’edoshôsh Yisra’el) são, na verdade, usadas para se referir ao próprio Deus como o defensor incansável da nação. As referências bíblicas em relação a ‘Redentor’ são: Is 41: 14; Is 44: 6; Is 47: 4; Is 48: 17; Is 49: 26; Is 54: 5; Is 54: 8; Is 59: 20; Is 60: 16.

A glória dos dias do Messias é representada pelos tempos felizes de Davi e Salomão (Zc 3: 10 – cf. 1 Rs 4: 25), e o poder da paz, pela união de Judá e Israel (Os 1: 11; Is 11: 13).

Vamos ler algumas profecias:

- Is 7: 14: “Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel (*‘immānu’ēl* = ‘Conosco está Deus’, ou ‘Deus conosco’)

- Is 9: 1-7: “Mas para a terra que estava aflita [*o profeta se referia ao reino de Judá sob ameaça do jugo assírio*] não continuará a obscuridade. Deus, nos primeiros tempos, tornou desprezível a terra de Zebulom e a terra de Naftali; mas, nos últimos, tornará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios. O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandecer-lhes a luz. Tens multiplicado este povo, a alegria lhe aumentaste; alegram-se eles diante de ti, como se alegram na ceifa e como exultam quando repartem os despojos. Porque tu quebraste o jugo que pesava sobre eles, a vara que lhes feria os ombros e o cetro do seu opressor, como nos dias dos midianitas; porque toda bota com que anda o guerreiro no tumulto da batalha e toda veste revolvida em sangue serão queimadas, servirão de pasto ao fogo. Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos exércitos fará isto”.

- Is 11: 1-2: “Do tronco de Jessé [*pai de Davi*] sairá um rebento [*um filho, Davi*], e das suas raízes um renovo [*da sua descendência, da sua árvore genealógica, Jesus*]. Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e entendimento, o Espírito de conselho e fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor” [*confirmando Sua unção como Messias, que nasceria da casa de Davi*].

- Is 42: 1: “Eis aqui o meu servo [*referência a Jesus*], a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios”.

- Jr 23: 5-6: “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro; será este o seu nome, com que será chamado: Senhor, Justiça Nossa”.

- Jr 30: 21: “O seu príncipe [*referência a Jesus*] procederá deles, do meio deles [*Israel e Judá*] sairá o que há de reinar; fá-lo-ei aproximar, e ele se chegará a mim; pois quem de si mesmo ousaria aproximar-se de mim? — diz o Senhor”.

- Jr 33: 14-16: “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que cumprirei a boa palavra que proferi à casa de Israel e à casa de Judá. Naqueles dias e naquele tempo, farei brotar a Davi um Renovo de justiça; ele executará juízo e justiça na terra. Naqueles dias, Judá será salvo e Jerusalém habitará seguramente; ela será chamada Senhor, Justiça Nossa”.

- Ez 37: 24: “O meu servo Davi [*referência a Jesus*] reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor, andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão”.

- Mq 5: 2: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” cf. Jo 7: 42: “Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi e da aldeia de Belém, donde era Davi?”

Em algumas profecias a palavra ‘**servo**’ está diretamente ligada à figura de Jesus; em outras, a referência ao Messias está simbolizada em Davi ou Ciro como servos usados por Deus para serem reis e conquistadores ungidos, com a missão de reinar sobre Israel e sobre os gentios, libertando Seu povo dos seus tiranos.

O **Conquistador Ungido** será um rei a governar sobre judeus e gentios, executando a vingança de Deus contra Seus inimigos, se vestindo com a armadura da salvação (Is 59: 16-21) e derrotando completamente Seus inimigos, assim, redimindo Seu povo. No capítulo 63: 1-6, o Conquistador Ungido, usando veste apropriada, realiza vingança e redenção. Em sua pessoa, esse conquistador messiânico dificilmente difere do rei e do Servo. Possui os mesmos dotes espirituais e é um homem entre os homens. Mas mostra outras duas facetas sobre sua pessoa. Primeira, ele é descrito como o conquistador de Edom (Is 63: 1), uma tarefa que não foi realizada por qualquer outro rei israelita além de Davi: Nm 24: 17-19; 1 Cr 18: 11-12 (18.000 edomitas mortos por Abisai, primo de Davi); 2 Sm 8: 13-14 (18.000 homens); Sl 60 – título: “*Ao mestre de canto, segundo a melodia ‘Os lírios do testemunho’. Hino de Davi para ensinar. Quando lutou contra os siros da Mesopotâmia (Rio Eufrates – 1 Cr 18: 3) e os siros de Zobá, e quando Joabe, regressando, derrotou de Edom doze mil homens, no vale do Sal*” cf. Sl 108: 6-13. Aqui, nós podemos ver a identidade do Conquistador Ungido com o Messias Davídico. Segunda, ele veste as vestes de salvação e de vingança, com as quais o próprio YHWH se vestirá (Is 59: 16-21). Em Is 61: 1-3 podemos ver outra característica do Messias, que é alguém dotado do Espírito e da Palavra:

- Is 61: 1-3: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados, a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória”. Jesus

assumiu esta profecia, como está escrito em Lc 4: 18-19: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que o Senhor me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor (NVI, ‘o ano da graça do Senhor’)”.

Renovo de Davi (Raiz de Davi), Renovo de Justiça

- Is 4: 2: “Naquele dia, o Renovo do Senhor será de beleza e de glória; e o fruto da terra, orgulho e adorno para os de Israel que forem salvos”.

- Is 11: 1-2: “Do tronco de Jessé [*pai de Davi*] sairá um rebento [*um filho, Davi*], e das suas raízes um renovo [*da sua descendência, da sua árvore genealógica, Jesus*]” cf. Ap 5: 5 b: “... eis que o Leão da Tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos”.

- Is 53: 2: “Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse” (O Renovo para continuar a realizar a obra sacerdotal).

- Jr 23: 5: “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra”.

- Jr 33: 14-18: “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que cumprirei a boa palavra que proferi à casa de Israel e à casa de Judá. Naqueles dias e naquele tempo, farei brotar a Davi um Renovo de justiça; ele executará juízo e justiça na terra. Naqueles dias, Judá será salvo e Jerusalém habitará seguramente; ela será chamada Senhor, Justiça Nossa. Porque assim diz o Senhor: Nunca faltará a Davi homem que se assente no trono da casa de Israel; nem aos sacerdotes levitas faltará homem diante de mim, para que ofereça holocausto, queime oferta de manjares e faça sacrifício todos os dias” (Renovo de justiça; Renovo de Davi – confirmando Jesus como rei e sacerdote, pois eles também eram chamados de ‘ungidos’).

No livro de Zacarias também aparece a palavra ‘Renovo’ (não só como uma referência ao sacerdote Josué, que estava presente na edificação do segundo templo, como também ao Messias):

- Zc 3: 8: “Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens de presságio; eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo”. (O Renovo – em Hebraico: ‘tsemach’ – realizaria a obra sacerdotal de remover a iniquidade da terra num só dia).

- Zc 6: 12-13: “E dize-lhe: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Eis aqui o homem cujo nome é Renovo [*figura de Josué, o sumo sacerdote*]; ele brotará do seu lugar e edificará o templo do Senhor; ele brotará do seu lugar e edificará o templo do Senhor. Ele mesmo edificará o templo do Senhor e será revestido de glória; assentar-se-á no seu trono, e dominará, e será sacerdote no seu trono; e reinará perfeita união entre ambos os ofícios”.

O Renovo cresceria em seu próprio lugar, edificaria o templo de YHWH, seria um sacerdote sobre Seu trono e desfrutaria de perfeita paz e aliança com o Senhor. Assim, é claro que o renovo é o Messias, visto em Seus ofícios: real e sacerdotal. Ele é o cumprimento das palavras do Salmo 110, onde aparece o rei como um eterno sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque.

Servo

Há um comentário a fazer sobre a palavra ‘servo’, que é usada na bíblia para outras pessoas que não o Messias. Além de ser empregada em relação a servos e senhores (amos), Deus usa essa palavra até para os ímpios que são Seus instrumentos na terra para correção do Seu povo. Por exemplo, Ele chama de ‘servo’ o povo de Israel, bem

como Seus profetas, Davi, Zorobabel (também é a figura de Jesus) e até o rei da Babilônia. Também chama **Ciro**, o persa, de servo, como veremos mais para frente, não apenas como um rei para ajudar Seu povo, mas também como uma figura profética do **Messias**. Vamos ver as referências bíblicas:

- Israel (Jacó) Jr 30: 10; Jr 46: 27-28; Is 41: 8-9; Is 44: 1-2; Is 44: 21; Is 45: 4; Is 48: 20; Is 49: 3.
- Profetas (Servos): Jr 7: 25; Jr 25: 4; Jr 29: 19; Jr 35: 15; Jr 44: 4.
- Davi: Jr 33: 21; Jr 33: 22; Jr 33: 26; Is 37: 35; Ez 37: 24.
- Zorobabel: Ag 2: 23.
- Rei da Babilônia: Jr 25:9; Jr 27: 6; Jr 43: 10.

Ciro, uma figura do Messias, como rei e conquistador ungido.

Em Isaías 41: 1-29, em especial os versículos 2 e 25, o profeta está falando de **Ciro**, que é escolhido por Deus para livrar o Seu povo do jugo babilônico, e também chamado de **servo**. E em outros versículos, seu nome é mencionado claramente:

- Is 44: 28: “... que digo de **Ciro**: Ele é meu pastor e cumprirá tudo o que me apraz; que digo também de Jerusalém: Será edificada; e do templo: Será fundado”.
- Is 45: 1: “Assim diz o Senhor ao seu ungido, a **Ciro**, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações ante a sua face, e para descingir os lombos dos reis, e para abrir diante dele as portas, que não se fecharão”.
- Is 45: 13: “Eu, na minha justiça, suscitei a **Ciro** e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a minha cidade e libertará os meus exilados, não por preço nem por presentes, diz o Senhor dos Exércitos”.
- Is 48: 14-15: “Ajuntai-vos, todos vós, e ouvi! Quem, dentre eles, tem anunciado estas coisas? O Senhor amou a **Ciro** e executará a sua vontade contra a Babilônia, e o seu braço será contra os caldeus. Eu, eu tenho falado; também já o chamei. Eu o trouxe e farei próspero o seu caminho”.
- Is 44: 26; 28 (a vitória de **Ciro** leva à reconstrução de Sião): “... que confirmo [*Ele, Deus*] a palavra do meu servo* [*o profeta Isaías, provavelmente, profetizando o livramento do seu povo*] e cumpro o conselho dos meus mensageiros [*os profetas*]; que digo de Jerusalém: Ela será habitada; e das cidades de Judá: Elas serão edificadas; e quanto às suas ruínas: Eu as levantarei;... que digo de **Ciro**: Ele é meu pastor e cumprirá tudo o que me apraz; que digo também de Jerusalém: Será edificada; e do templo: será fundado”.

* Na NVI está escrito: “... que executa [*Ele, Deus*] as palavras de seus servos [*a palavra está no plural, o que pode significar ‘os profetas’*] e cumpre as predições de seus mensageiros, que diz acerca de Jerusalém: Ela será habitada, e das cidades de Judá: Elas serão construídas, e de suas ruínas: Eu as restaurarei”.

O Messias – o Servo

Nas próximas referências bíblicas fica clara a relação entre a palavra ‘Servo’ e o Messias, para nós, Jesus:

- Is 42: 1-9 (Jesus) cf. Mt 12: 18-21: “Eis aqui o meu **servo**, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios. Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja; em verdade, promulgará o direito. Não desanimará, nem se quebrará até que ponha na terra o direito; e as terras do mar aguardarão a sua doutrina. Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus e os estendeu, formou a terra e a tudo quanto produz; que dá fôlego de vida ao povo que nela está e o espírito aos que andam nela Eu, o Senhor, te chamei em

justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios; para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere, os que jazem em trevas. Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura. Eis que as primeiras predições já se cumpriram, e novas coisas eu vos anuncio; e, antes que sucedam, eu vo-las farei ouvir”. – cf. Mt 12: 18-21: “Eis aqui o meu **servo**, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja, até que faça vencedor o juízo. E, no seu nome, esperarão os gentios”.

- Is 49: 1-7 com especial enfoque no v. 7: “Assim diz o Senhor, o Redentor e Santo de Israel, ao que é desprezado, ao aborrecido das nações, ao **servo** dos tiranos: Os reis o verão, e os príncipes se levantarão; e eles te adorarão [*adorarão o Messias, Jesus, é o quer dizer*] por amor do Senhor, que é fiel, e do Santo de Israel, que te escolheu”.

- Is 50: 1-11 (com especial enfoque no v. 10): “Quem há entre vós que tema ao Senhor e que ouça a voz do seu **Servo**? Aquele que andou em trevas, sem nenhuma luz, confie em o nome do Senhor e se firme sobre o seu Deus”.

- Is 52: 13: “Eis que o meu **Servo** procederá com prudência; será exaltado e elevado e será mui sublime”.

- Is 53: 1-12 (com especial enfoque no v. 11): “Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu **Servo**, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si”.

Davi, uma figura do Messias.

- Jr 30: 8-9: “Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, eu quebrarei o seu jugo de sobre o teu pescoço e quebrarei os teus canzís; e nunca mais estrangeiros farão escravo este povo, que servirá ao Senhor, seu Deus, como também a **Davi** [*se referindo a Jesus, que nasceria da Casa de Davi*], seu rei, que lhe levantarei”.

- Ez 34: 22-24: “... eu livrarei as minhas ovelhas, para que já não sirvam de rapina, e julgarei entre ovelhas e ovelhas. Suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará; **o meu servo Davi** [*se referindo a Jesus*] é que as apascentará (Ap 7: 17); ele lhes servirá de pastor. Eu, o Senhor, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas; eu, o Senhor, o disse”.

- Ez 37: 24: “O meu **servo Davi** [*se referindo a Jesus*] reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor, andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão”.

Como vimos, o Messias é uma figura de Salvação para Israel.

A palavra ‘salvação’ (em hebraico, ישועה) aparece 146 vezes na bíblia – 103 vezes no AT e 43 vezes no NT. No AT ela é transliterada como yeshu`âh (Strong #3444), assim como Jesus (Yeshua – ישוע) é comumente chamado. No NT a palavra ‘salvação’ (Σωτηρία) é escrita em grego como: sôtêrias (σωτηρίας – Lc 1: 69; 77), sôtêria (σωτηρία – At 4: 12) ou sôtêrion ou sôtêrian (σωτηριον – Lc 3: 6; At 28: 28), por exemplo. A palavra ‘Salvador’ é escrita como Sôtêr (Σωτήρ = um libertador, i.e., Deus ou Cristo), e que pode corresponder às palavras hebraicas: mattan e mattnay, significando ‘dar’ ou ‘recompensa’. As palavras gregas sôtêrias, sôtêria ou sôtêrion significam: ‘resgate, segurança, libertar, saúde, salvação, salvo, salvar, defesa, e defensor’.

A palavra hebraica yeshu`âh (salvação) é claramente vista em 3 versículos de Isaías:

• Is 26:1: “Naquele dia, se entoará este cântico na terra de Judá: Temos uma cidade forte; Deus lhe põe a salvação (yeshu`âh) por muros e baluartes”.

• Is 49: 8: “Diz ainda o Senhor: no tempo aceitável, eu te ouvi e te socorri no dia da salvação (yeshu`âh); guardar-te-ei e te farei mediador da aliança do povo, para restaurares a terra e lhe repartires as herdades assoladas”.

• Is 60: 18: “Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra, de desolação ou ruínas, nos teus limites; mas aos teus muros chamarás Salvação (yeshu`âh), e às tuas portas, Louvor”.

Mesmo sendo transliterada de maneiras diferentes (yeshu, yshu, yish etc.) em outros versículos bíblicos, a palavra mantém as mesmas letras básicas, e o mais importante, o mesmo significado: **salvação**.

Segundo a ‘Concordância Lexicon Strong’, a palavra yshuw`ah (or yeshu`âh) significa ‘algo salvo’, isto é, ‘libertação’, portanto, ajuda, vitória, prosperidade, salvamento, saúde, socorro, salvar, proteger, guardar, preservar (saúde), bem-estar. A palavra yshuw`ah está ligada à palavra yasha` (Strong #3467), que é uma raiz primitiva cujo significado é: estar aberto, amplo ou livre e, conseqüentemente, estar seguro, livre; ou socorrer (ou vir em socorro de), vingar, defender, libertar (ou libertador), socorrer, preservar, resgatar, trazer ou ter salvação, salvar (ou salvador), obter vitória.

Como nós vimos, a palavra ‘salvação’ (yshuw`ah) aparece 103 vezes no AT e 43 no NT.

Antigo Testamento:

Gn 49: 18	Sl 51: 14	Is 17: 10
Êx 15: 2	Sl 62: 1	Is 25: 9
Dt 32: 15	Sl 62: 2	Is 26: 1
Jz 15: 18	Sl 62: 6	Is 30: 15
1 Sm 2: 1	Sl 62: 7	Is 33: 2
1 Sm 14: 45	Sl 67: 2	Is 33: 6
2 Sm 22: 3	Sl 68: 19	Is 43: 12
2 Sm 22: 47	Sl 70: 4	Is 45: 8
2 Sm 23: 5	Sl 71: 15	Is 45: 17
1 Cr 16: 23	Sl 78: 22	Is 46: 13
1 Cr 16: 35	Sl 85: 4	Is 49: 6
2 Cr 6: 42	Sl 85: 7	Is 49: 8
Jó 13: 16	Sl 85: 9	Is 51: 5
Sl 3: 2	Sl 88: 1	Is 51: 6
Sl 3: 8	Sl 89: 26	Is 51: 8
Sl 9: 14	Sl 91: 16	Is 52: 7
Sl 13: 5	Sl 95: 1	Is 52: 10
Sl 14: 7	Sl 96: 2	Is 56: 1
Sl 18: 2	Sl 98: 2	Is 59: 11
Sl 18: 35	Sl 98: 3	Is 59: 16
Sl 18: 46	Sl 106: 4	Is 59: 17
Sl 21: 1	Sl 116: 13	Is 60: 18
Sl 21: 5	Sl 118: 15	Is 61: 10
Sl 22: 1	Sl 118: 21	Is 62: 1
Sl 24: 5	Sl 119: 41	Is 63: 5

Sl 25:5	Sl 119: 81	Jr 3: 23
Sl 27:1	Sl 119: 123	Lm 3: 26
Sl 27:9	Sl 119: 155	Jn 2: 9
Sl 35:3	Sl 119: 166	Mq 7: 7
Sl 35: 9	Sl 119: 174	Hc 3: 18
Sl 37: 39	Sl 132:16	Ml 4: 2
Sl 38: 22	Sl 140:7	
Sl 40: 10	Sl 146:3	
Sl 40: 16	Sl 149:4	
Sl 50: 23	Is 12:2	
Sl 51: 12	Is 12: 3	

Novo Testamento:

Lc 1: 69	2 Co 1: 6	Hb 5: 9
Lc 1: 77	2 Co 6: 2	Hb 6: 9
Lc 2: 30	2 Co 7: 10	Hb 9: 28
Lc 3: 6	Ef 1: 13	Hb 11: 7
Lc 19: 9	Ef 3: 17	1 Pe 1: 5
Jo 4: 22	Fp 1: 28	1 Pe 1: 9
At 4: 12	Fp 2: 12	1 Pe 1: 10
At 13: 26	1 Ts 1: 8	1 Pe 2: 2
At 13: 47	1 Ts 5: 9	2 Pe 3: 15
At 16: 17	2 Ts 2: 13	Jd 1: 3
At 28: 28	2 Tm 2: 10	Ap 7: 10
Rm 1: 16	2 Tm 3: 15	Ap 12: 10
Rm 10: 10	Hb 1: 14	Ap 19: 1
Rm 11: 11	Hb 2: 3	
Rm 13: 11	Hb 2: 10	

Yshuw'ah (ou yeshu'âh = salvação), portanto, **Yeshua** (Jesus – יֵשׁוּעַ) é palavra derivada de Yhowshuwa' (Yehôshua', יהושע, Strong #3091, Jehoshua; Joshua; Josué = YHWH salvou), e é transliterada para o grego como Iēsoûs (Ἰησοῦς – Strong #g2424), Jesus, em Latim – Mt 1: 21: “Ela dará à luz um filho e lhe porás [*o anjo estava falando com José*] o nome de Jesus, porque **ele salvará** o seu povo dos pecados deles” cf. Lc 1: 31: “Eis que conceberás [*Maria*] e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus.”

yeshu'âh ou yshuw'ah (**‘Salvação’**) ou Yeshua (**‘Jesus’**) têm as mesmas letras de **YHWH**, o nome de Deus revelado a Moisés no Sinai: **YsHuW'AH** (salvação); **YesHu(W)a(H)** – Jesus.

“Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU (Strong #1961 – hayah) me enviou a vós outros” (Êx 3: 14).

“Apareci a Abraão, a Isaque e Jacó como Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, O SENHOR, não lhes fui conhecido” (Êx 6: 3).

O SENHOR (Strong #3068 – יהוה – Transliterado: YHWH, SENHOR), de hayah; (o) autoexistente ou eterno; o nome nacional judaico de Deus.

Assim, nós podemos dizer que em Jesus Cristo as profecias sobre o Messias foram cumpridas, ou seja, Ele veio como homem, da descendência real de Davi (o Renovo de

Davi) e como um servo de Deus para cumprir a Sua função de Redentor de Israel (Deus sempre disse ser o Redentor de Israel, o Poderoso de Jacó, O Santo de Israel: Is 41: 14; Is 44: 6; Is 47: 4; Is 48: 17; Is 49: 26; Is 54: 5; Is 54: 8; Is 59: 20; Is 60: 16). Ao contrário do que os judeus estavam esperando, Ele também veio como um rei e conquistador ungido (Lc 17: 20-21; At 10: 38; Jo 18: 33-37; Jo 19: 19; Mt 11: 12-13; Jo 1: 29; Cl 2: 13-15), nos libertando definitivamente do poder da morte (gerada pelos nossos próprios pecados; Jo 1: 29; Cl 2: 13-15), e nos dando um reino espiritual (Jo 18: 33-37), não material, onde recebemos não apenas a adoção de filhos, mas a mesma autoridade que estava nEle através do Espírito Santo (Jo 1: 10-14; Jo 14: 12-15; Rm 8: 14-17).

Quanto à **genealogia de Jesus**, Ele era da descendência de Davi como foi profetizado (Is 11: 1; Mq 5: 2; Mt 2: 5-6; Mt 22: 41-46; Mc 12: 35-37; Lc 20: 41-44; Jo 7: 42). **Mateus e Lucas** descrevem a genealogia de Jesus (Mt 1: 1-17; Lc 3: 23-38), mas de maneira um pouco diferente. Mateus, escrevendo mais diretamente para os judeus, mostrou que o Salvador surgiu de Abraão e Davi, a quem Deus prometeu um descendente que carregaria o nome dos seus ancestrais judeus, e que se assentaria no trono como governante (Jesus, o Messias, o Rei dos reis, filho de Abraão); assim, Mateus escreveu a genealogia de José, o descendente de Davi por Salomão (filho de Davi e Bate-Seba – 1 Cr 3: 5; Mt 1: 6), dando ênfase, portanto, na linhagem real do Messias.

As quatorze gerações (Mt 1: 17) desde Abraão a Davi confirmam a aliança abraâmica e o estabelecimento do trono de Davi. As quatorze gerações seguintes (de Davi ao exílio na Babilônia) mostram a aliança davídica e seu trono destruído; e as últimas quatorze gerações, do exílio a Cristo, se referem ao Messias e à nova aliança com Seu povo e também com a humanidade. Em outras palavras, a 1ª parte representa o projeto inicial de Deus para o homem, começando com Adão, ou seja, fazê-lo Seu amigo e um rei sobre Sua Criação, lhe dando a posse da terra. A 2ª parte representa o declínio dessa posição de honra e poder, com a queda do homem, e a corrupção dele mesmo e de toda a Criação por causa do seu pecado. A 3ª parte se refere à restauração do projeto inicial de Deus para o homem, o seu resgate através do Messias, trazendo uma nova aliança.

Mateus também menciona cinco mulheres nessa genealogia, o que não era muito comum de acontecer na descrição de uma genealogia judaica, pois a prioridade era dada aos homens. Com exceção de Maria (v. 16), que era judia e descendente de Davi também, mas através de outro filho dele, Natã, e portanto, não de linhagem real, as demais eram gentias; e podemos dizer que aos olhos humanos elas eram totalmente desqualificadas para serem ancestrais de Jesus, o Messias. Todas eram gentias e suas atitudes não foram tão ‘boas’ assim. Por exemplo: Tamar (v. 3) era nora de Judá e seus filhos foram resultado da relação sexual entre ela e seu sogro. Raabe (v. 5) era prostituta em Jericó, mas sua mudança de comportamento a transformou numa integrante da tribo de Judá. Ainda no v. 5 Mateus se refere a outra gentia, Rute, uma moabita, idólatra; e na lei de Moisés os moabitas e amonitas eram proibidos de entrar no tabernáculo (Dt 23: 3-4), não propriamente pelo pecado de incesto dos seus ancestrais, e sim porque alugaram Balaão para amaldiçoar os israelitas (Nm 22: 1-6). Ao se converter ao Deus de Israel e se casar com Boaz, começou a fazer parte da tribo de Judá também. E no v.6, Mateus menciona Bate-Seba, mulher de Urias o heteu (2 Sm 11: 3; 2 Sm 23: 34). Ela, provavelmente era hetéia também e adulterou com Davi, que matou seu marido. E dela nasceu Salomão (1 Cr 3: 5).

Lucas, entretanto, escrevendo para os gentios, traça a descendência de volta a Adão, mostrando, assim, a porção humana do Messias, como foi prometido pelo próprio Deus

quando repreendeu a serpente e disse que o descendente da mulher pisaria na sua cabeça (Gn 3: 15: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”). Por isso, Lucas descreve Jesus como o neto de Eli, pai de Maria. José foi contado como um filho de Heli porque ele era seu genro. Assim, podemos ver que Maria também era da Casa de Judá, sendo descendente de Davi por seu outro filho, Natã (outro filho de Davi e Bate-Seba – 1 Cr 3: 5). Os judeus estão acostumados a se casar com membros de suas próprias tribos de origem.

4

A glória de Deus



No dicionário de língua Portuguesa, ‘glória’ tem os seguintes significados: celebridade, renome, reputação, honra, orgulho, magnificência, brilho, esplendor, prestígio, alegria, satisfação, grande mérito, superioridade, dignidade. No dicionário de Inglês, outras definições podem ser acrescentadas: exaltação, louvor ou honra, que é concedido por consentimento geral; algo que traz ou é digno de louvor (especialmente na frase ‘coroa de glória’); uma expressão de ação de graças, adoração ou culto: ‘Glória a Deus!’; pompa; esplendor: a glória do reinado do rei, por exemplo; beleza radiante; resplandecência do pôr-do-sol; a beleza e a felicidade do céu (no sentido espiritual); um estado de extrema felicidade e prosperidade.

A palavra bíblica para ‘glória de Deus’ é **kābhôdh** (hebr.) ou **doxa** (Septuaginta, a versão grega do AT) = peso ou dignidade, e que pode ser entendida como a manifestação do poder de Deus onde é preciso, honra, vitória, proteção, abundância, riqueza, reputação (Êx 40: 35; 1 Sm 4: 22; 1 Sm 6: 5; 1 Rs 3: 13; 1 Rs 8: 11; 1 Cr 16: 28; 1 Cr 29: 12; Is 11: 10; Is 24: 23; Is 42: 12 etc.). É o equivalente judaico do Espírito Santo. O Senhor é digno de ser receber toda honra e toda glória: “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4: 11). **Kābhôdh** serve para descrever a revelação do caráter e da presença de Deus na pessoa e na obra de Jesus Cristo. Ele é o resplendor da glória divina (Hb 1: 3-4: “Ele [*Jesus*], que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser [*Deus*], sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas, tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles”).

A palavra ‘honra’, ou o verbo ‘honrar’, estão escritos num importante mandamento bíblico (o 5º dos Dez Mandamentos):

- “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá” – Êx 20: 12.

Em hebraico é: kabbêdh'eth-'ābhiykha ve'eth-'immekha lema'an ya'arikhun yāmeykha `alhâ'adhâmâh 'asher-yhvh 'eloheykha nothên lâkh

• “Honra a teu pai e a tua mãe, como o Senhor, teu Deus, te ordenou, para que se prolonguem os teus dias e para que te vá bem na terra que o Senhor, teu Deus, te dá” – Dt 5: 16.

Em hebraico é: kabbêdh 'eth-'âbhiykha ve'eth-'immekha ka'ashertsivvekha yhvh 'eloheykha lema'an ya'ariykhun yâmeykhaulema'an yiythabh lâkh `al hâ'adhâmâh 'asher-yhvh 'eloheykhanothên lâkh s

• Mãe – em hebraico: 'ima (אִמָּא) ou 'ēm (אִמָּא), Strong #517

• Pai – em hebraico: abh ou av (אָב), Strong #1

Segundo o texto hebraico concordante interlinear (CHES – Concordant Hebrew English Sublinear), baseado no vocabulário da Versão Concordante do Antigo Testamento (CVOT – Concordant Version of the Old Testament), o hebraico transliterado, a frase: ‘honra teu pai e tua mãe’ está escrita como: ‘glorifica teu pai e tua mãe’. Isso nos mostra a estreita relação entre as duas palavras: honra e glória.

De uma maneira prática para nós, ‘dar honra’ é reconhecer, respeitar, não difamar, não fazer quem é honrado passar vergonha por nossa causa, ser motivo de orgulho, alegria e satisfação; dar prazer a quem honramos; prestigiar, mostrar a dignidade de quem é honrado, zelar pela sua reputação. Um filho que segue os caminhos de Deus e faz Sua vontade está honrando seus pais. Quando nós honramos a Deus desta maneira, Ele nos honra diante do mundo. Como fazemos com Ele, devemos fazer com nossos pais terrenos, e não apenas pais e mães carnis, como também pais e mães espirituais e autoridades superiores que o Senhor coloca sobre nós.

A palavra kâbhôdh ou doxa não precisa transmitir a ninguém o peso espiritual que ela transmite, só para dizer que a glória e a dignidade de Deus têm peso, ou que é pesado prestar honra a Ele ou aos nossos pais e autoridades. Mostrar que alguém é digno do nosso respeito não é algo que precisa ser feito com peso, quando servimos a essa pessoa com amor a ela e a Deus. A palavra ‘peso’ deve ser entendida aqui como: ‘uma importância maior’, ‘relevância’, ‘prioridade’, principalmente em se tratando de Deus.

Na Bíblia, a glória de Deus está muitas vezes associada a brilho ou esplendor (Lc 2: 9 – os pastores viram a glória de Deus no nascimento de Jesus; Mt 17: 5 – no momento da transfiguração, quando a bíblia descreve a presença de uma nuvem luminosa envolvendo os discípulos), tanto no AT como no NT, assim como está relacionada com nuvem ou fumaça, vento tempestuoso e fogo. Na maioria das vezes, é quase impossível separar a expressão ‘Glória de Deus’ ou ‘Glória do Senhor’ da presença desses fenômenos físicos, em especial da nuvem. Assim, ‘Glória de Deus’ ou ‘Glória do Senhor’ simboliza a revelação do poder, da pessoa, da natureza e da presença de Deus para a humanidade, às vezes acompanhada de fenômenos físicos; portanto, o Espírito Santo está implícito nesta manifestação. Apenas em Êx 19: 9; 16; 18; Êx 20: 18 é que a bíblia descreve a presença de Deus como uma nuvem escura, acompanhada de trovões, relâmpagos e fogo: “Disse o Senhor a Moisés: Eis que virei a ti numa nuvem escura, para que o povo ouça quando eu falar contigo e para que também creiam sempre em ti. Porque Moisés tinha anunciado as palavras do seu povo ao Senhor... Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, e relâmpagos, e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu... Todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente... Todo o povo presenciou os trovões, e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo, observando, se estremeceu e ficou de longe”.

No AT, a manifestação física de que a presença de Deus estava chegando (a glória de Deus) poderia ser a aparência de um fogo consumidor – Dt 4: 24; Êx 24: 17 cf. Hb

12: 29, no caso de Sua autoridade e Seu poder serem usados. Em outros casos, quando Seu propósito era outro e Ele desejava mostrar outro aspecto do Seu caráter, ao invés de fogo (Êx 13: 21; Nm 9: 15-16) aparecia nuvem, fumaça, vento ou, então, o cicio suave, como aconteceu com Elias. A nuvem no NT é algo intimamente relacionado à presença de Jesus, e que não apenas representa a glória de Deus, onde o Espírito Santo está implícito, mas é também um símbolo físico da essência divina que está parcialmente encoberta ao homem.

A conhecida palavra **Shekiná (Shekīnâ)** pode ser traduzida como ‘resplendor, presença de Deus habitando entre o Seu povo’, mas não aparece nem no AT nem no NT. Ela deriva do verbo Shākhan – Strong #7931 (שָׁכַן = habitar, ter habitação, fazer morada, permanecer, continuar, tornar morador), o qual aparece em versículos como: Gn 9: 27; Gn 14: 13 e Jr 33: 16. Também aparece em Êx 40: 35: “Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia [Shākhan] sobre ela, e a glória do Senhor [kābhôdh] enchia o tabernáculo”. Shekiná (Shekhinah, Shekīnâ), na verdade, é um conceito cabalístico, místico, que a considera como a face feminina da Presença Divina. Segundo a Cabala, Shekiná é uma energia cósmica poderosíssima que habita no interior do Universo, vivificando-o e sendo a sua alma ou espírito.

Os escritores dos Targuns* criaram a palavra Shekiná (Shekhinah, Shekīnâ) para indicar o próprio Deus, removendo o conceito de Deus com forma e sentimentos, o que o judaísmo tradicional pregava e não deixava ser removido. Esse novo ponto de vista, na verdade, trouxe um conceito abstrato de Deus, mais frio e distante (uma simples ‘energia cósmica’, ao invés de um ser com identidade própria).

* Os Targuns consistem em obras famosas escritas em Aramaico, que abrangem nas traduções e comentários da Bíblia hebraica (AT – Tanakh). Foram escritas e compiladas em Israel e Babilônia, da época do Segundo Templo até o início da Idade Média. Também contêm os comentários sobre a Mishná (lei Oral – escrita no séc. II EC) e o Talmude (que traz comentários sobre a Mishná e a Torá), usando o Midrash (A metodologia para interpretar a Mishná). O Targum foi utilizado para facilitar o entendimento aos judeus que não falavam o hebraico como língua mãe, e sim o Aramaico.

Como foi escrito acima, a glória de Deus está muitas vezes associada a brilho ou esplendor.

Em Ez 1: 26-28 está escrito: “Por cima do firmamento que estava sobre a sua cabeça, havia algo semelhante a um trono, como uma safira; sobre esta espécie de trono, estava sentada uma figura semelhante a um homem. Vi-a como um metal brilhante, como fogo, ao redor dela, desde os lombos e daí para cima; e desde os seus lombos e daí para baixo, vi-a como fogo e um resplendor ao redor dela.”²⁸ Como o aspecto do arco que aparece na nuvem em dia de chuva, assim era o **resplendor** em redor. **Esta era a aparência da glória do Senhor**; vendo isto, caí com o rosto em terra e ouvi a voz de quem falava”.

Em hebraico, está escrito:

²⁸ kemar'êh haqqesheth 'asher yihyeh bhe'ânân beyom haggeshem kênmar'êh **hannoghah** sâbhiybh hu' mar'êh demuth kebhodh-yhvhvâ'er'eh vâ'epol 'al-pânay vâ'eshma` qol medhabbêr s

“Assim era o **resplendor** em redor” é traduzido na bíblia hebraica da seguinte maneira: “assim era o **reflexo** ao seu redor”.

Portanto, **noghah** (נוֹגַהּ) é a palavra usada para ‘reflexo’, ‘resplandecência’, ‘resplendor’ ‘brilho’ ou ‘esplendor’, representando ‘a glória do Senhor’ diante do Seu povo. Note que a palavra é noghah (nôga – Strong #5051) e não Shekiná. Muitas versões em Inglês deste texto dizem a mesma coisa, ou seja, usam palavras semelhantes

para o mesmo versículo (até mesmo a bíblia de Jerusalém): ‘brilliance’, ‘brightness’, ‘radiance’ (resplandecência, resplendor, brilho, esplendor).

Ezequiel, assim como todos os outros que tiveram a visão do trono, descreveu a glória de Deus com a aparência de brilho e resplendor. Isso nos mostra que o Senhor é o mesmo de ontem, de hoje e de sempre, ou seja, luz; uma luz de verdade que resplandece nas trevas, expulsando todo tipo de falso ensino e mentira do inimigo. Por isso, João escreveu: “Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade” (1 Jo 1: 5-6).

Jesus disse: “São os olhos [*em grego: ação de ver, pontaria, visão que se tem*] a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas [*falta de entendimento, de revelação, do conhecimento verdadeiro de Deus*]. Portanto, caso a luz que há em ti [*luz que recebemos na mente, portanto, devemos ter cuidado com as idéias que acolhemos*] sejam trevas, que grandes trevas serão!” (Mt 6: 22-23)... “São os teus olhos a lâmpada do teu corpo; se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; mas, se forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas. Se, portanto, o teu corpo for luminoso, sem ter qualquer parte em trevas, será todo resplandecente como a candeia que te ilumina em plena luz” (Lc 11: 34-36).

- 2 Co 11: 12-15: “Mas o que faço e farei é para cortar ocasião àqueles que a buscam com o intuito de serem considerados iguais a nós, naquilo que se gloriam. Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo. E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça; e o fim deles será conforme as suas obras”.

Paulo também confirma o valor de ter comunhão perfeita com o Espírito Santo para ter o verdadeiro ensino que flui do trono, a espada poderosa de Deus que corta os sofismas e a hipocrisia dos que se acham os donos do conhecimento. Já estava profetizado que no final dos tempos, os falsos ensinos, as falsas profecias e os falsos mestres estariam ‘soltos’ pelo mundo tentando enganar até os próprios filhos de Deus com suas mentiras. Analise o que você aprendeu até hoje e coloque tudo isso frente a frente com a bíblia. Esses conhecimentos estão realmente em conformidade com ela?

5

*Estudo bíblico sobre as palavras -
Graça / Misericórdia; Amém; Hosana; Aleluia; Unção*



Graça / Misericórdia:

No NT, ‘Graça’ significa ‘favor imerecido de Deus derramado sobre alguém, a força amorosa derramada sobre uma pessoa, mesmo pequena e não merecedora de tanto privilégio como o de poder louvar e tocar o Rei dos reis’.

Temos no **Antigo Testamento** o substantivo ‘chen’, que significa ‘favor’, ‘achar graça’ (Gn 6: 8, por exemplo, em relação a Noé: “Porém Noé achou graça diante do Senhor” – venoach mâtsâ’ **chên** be’êynêy yvh ph), cujo adjetivo é ‘chanun’, da raiz ‘chanan’, uma raiz primitiva que significa: se dobrar ou se inclinar em bondade a um inferior, favorecer, conceder, conseqüentemente, implorar (se mover para favorecer por uma petição), implorar, suplicar, mostrar favor ou se mostrar favorável, lidar, dar, conceder graciosamente, ser misericordioso, compassivo, ter ou mostrar misericórdia de ou sobre alguém, ter piedade, orar, fazer súplica. O substantivo ‘chen’ pode significar ‘graciosidade’ ou ‘beleza’, mas geralmente significa ‘favor’ ou ‘boa vontade’.

A palavra grega usada no NT é ‘charis’, (proveniente de ‘chairein’), e significa ‘um presente, vantagem, regozijar-se, encanto, agrado, liberalidade, generosidade, aceitabilidade, favor ou boa vontade, simpatia, bondade ou benevolência de nosso Senhor, favor demonstrado ou concedido por Deus (que se refere a bênçãos materiais); gratidão; a imerecida operação de Deus no coração do homem’, sendo esta uma operação efetuada mediante o Espírito Santo.

A graça também exprime a misericórdia divina, pela qual o homem é chamado, é salvo, é justificado, e habilitado para viver bem e achar isso suficiente para ele (Gl 1: 15; Ef 2: 8; Rm 3: 24; 1 Co 15: 10; 2 Co 12: 9). Em outras palavras, a misericórdia de Deus suscita a liberação do Seu favor (graça).

Em Mt 5: 1-12, Jesus fala sobre as bem-aventuranças:

“Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo: Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão

consolados. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois, quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós” (Mt 5: 1-12).

No versículo 7 está escrito: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”.

‘Misericórdia’ significa: indulgência, graça, compaixão suscitada pela miséria alheia. A palavra hebraica é Hesedh ou Chesedh (חסד), que significa misericórdia, benignidade, bondade, graça, benevolência, amabilidade, beleza, favor, boa ação, pena (Gn 21: 23; Gn 24: 12; 14; Gn 24: 49; Êx 20: 6; Êx 34: 6-7; Nm 14: 18; Dt 5: 10; Dt 7: 9; 12; Js 2: 12; 14; Jz 8: 25; Rt 1: 8; 1 Sm 15: 6 etc.), mais raramente (por oposição): reprovação, coisa má, torpeza (Lv 20: 17).

Em grego, o versículo acima (“Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”) é: makarioi oi **eleêmones** oti autoi eleêthêson tai

A palavra grega correspondente a Hesedh ou Chesed é ‘eleeo’, que significa: compassivo (por palavras ou por obras, especialmente, pela graça divina), ter compaixão (pena), ter (obter, receber, mostrar) misericórdia.

Como foi dito, a misericórdia de Deus suscita a liberação do Seu favor (graça). Assim, ‘graça’ e ‘misericórdia’ são palavras muito próximas, tanto no AT como no NT. Por ser misericordioso, Ele nos favorece, mesmo que nós não mereçamos este favor. Mais uma vez Ele nos surpreende com Sua revelação, pois não é só no NT que está escrito que é pela Sua graça que nós somos salvos (Ef 2: 8-9), mediante a fê, não por obras. No AT isso também está implícito; por exemplo, em Êx 20: 6 e Dt 5: 10 nos Dez Mandamentos, quando Deus diz que Ele faz misericórdia até mil gerações daqueles que O amam e guardam os Seus mandamentos. Isso também está implícito em Gn 6: 8, em relação a Noé: “Porém Noé achou graça diante do Senhor”. Por achar graça diante do Senhor e crer nEle é que Noé e sua família foram salvos da destruição que veio com o Dilúvio. Foi pela graça de Deus e não por obras que ele foi salvo. Assim, quem crê no Senhor, não precisa ‘fazer para merecer’ suas bênçãos, pois Ele mesmo, pela Sua graça, capacita a pessoa a realizar Seu projeto e alcançar o livramento (a salvação) em qualquer prova pela qual ela tiver que passar.

Vamos hoje pedir esta misericórdia de Deus sobre as nossas vidas, para que possamos comer sempre à Sua mesa, e agradecer-Lhe por tê-la disponibilizado para nós através do sacrifício do Seu Filho na cruz do Calvário.

Hosana



Nós podemos encontrar essa palavra, por exemplo, no seguinte texto do NT:

“E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!” (Mt 21: 9).

Neste texto vemos a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém no domingo antes da Páscoa e Ele era reconhecido como o filho de Davi, o Messias, o que vinha em nome do Senhor para livrar Seu povo de todo jugo. Tanto em grego como em hebraico, encontramos a palavra ‘Hosana’, a mesma que está escrita no Salmo 118: 25: “Oh! Salva-nos, Senhor, nós te pedimos; oh! Senhor!, concede-nos prosperidade!”

Em hebraico, no Salmo 118 está escrito: ‘ânnâ' yhvhhoshiy'âh nâ' 'ânnâ' yhv hatsliychâh nâ' ('Oh! O Senhor salve a vós! Por favor! Oh! O Senhor prospere a vós! Por favor!').

Em Mt 21: 9 o versículo em grego diz: “oi de ochloi oi proagontes kai oi akolouthountes ekrazon legontes **ôsanna** tô uiô dabid eulogêmenos o erchomenos en onomati kuriou **ôsanna** en tois upsistois” (Literalmente: ‘A multidão que ainda estava à frente e os que seguiam clamavam dizendo Hosana ao filho de Davi, sendo bendito o que vem em nome do Mestre, hosana nas alturas’ = “E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam: Hosana ao filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!”).

Assim, ‘Hosana’ significa ‘Senhor, salva-nos, nós te pedimos’. Em inglês, a palavra ‘pedimos’ é substituída por outra mais forte (‘beseech’), que significa ‘implorar, suplicar, rogar’, não apenas pedir, mas pedir com mais intensidade, como uma súplica mais desesperada. Por isso, quando o Senhor entra em nossa vida e nos nossos caminhos, devemos suplicar para que Ele venha trazer a Sua salvação, o Seu resgate mais profundo para nós, pois Ele é o Messias, o Filho de Deus, o único que pode nos libertar de todo jugo do inimigo. Assim, podemos dizer: “Bendito o que vem em nome do Senhor!”, pois Ele é bendito e bem-vindo em nossa vida. Se Deus Pai não o tivesse enviado, nós não teríamos a salvação da nossa alma. Hoje, Deus também envia alguns de Seus servos nos falando dessa salvação para que os ouçamos e possamos crer nEle, pessoas que entram em nossa vida e nos vêm trazer Sua palavra de conforto e uma promessa de vida eterna; por isso, também podemos louvar a Deus por tê-las enviado e

elas também são merecedoras de ouvir: “Bendito (a) o (a) que vem em nome do Senhor”, pois são Seus (Suas) servos (as), usados (as) por Ele para iluminar nosso caminho e nos trazer a paz, a salvação e Sua prosperidade. Deixe Jesus entrar em sua vida hoje lhe trazer o resgate que você precisa.

Amém (אמן)



Amém (אמן, amen), Strong #543, é um advérbio hebraico formado de uma raiz (aman) que significa: assegurar, firmar; certo, fidelidade ou verdadeiramente, e por isso é empregado no sentido de confirmar o que outra pessoa disse. Assim, ‘Amém’ significa: ‘assim seja’, ‘verdade’.

No Antigo Testamento, a palavra ‘amém’ **aceita e ratifica uma maldição** (Nm 5: 22: a água amarga que era dada à mulher suspeita de adultério; Dt 27: 15-26: as maldições no monte Ebal), assim como **uma ordem real** (1 Rs 1: 36: Davi dá ordens aos seus oficiais, ao profeta Natã e ao sacerdote Zadoque sobre a coroação de Salomão como rei em seu lugar). A palavra ‘amém’ **confirma uma profecia** (Jr 28: 6: Jeremias profetiza que os utensílios do templo, que haviam sido levados por Nabucodonosor, seriam devolvidos à Casa do Senhor) e **qualquer oração**, especialmente no fim dela (Ne 8: 6: Esdras, o sacerdote, lê o livro da Lei perante o povo), e também é **uma resposta do povo** às palavras de um salmo, por exemplo: Sl 41: 13 cf. 1 Cr 16: 36; Sl 72: 19; Sl 89: 52; Sl 106: 48 cf. 1 Cr 16: 36, onde o povo geralmente responde: ‘Amém e amém!’ (אמן ואמן – ‘âmên ve’âmên).

No Novo Testamento, podemos ver esta palavra [em Grego: amên – ἀμήν – ‘confiável’, ‘certamente’, ‘verdadeiramente’, ‘em verdade’ (advérbio), ‘que assim seja’ (interjeição)] no **final de um culto público** (1 Co 14: 16), no **final da oração dominical** (Mt 6: 13), e também para **confirmar orações individuais e de ação de graças** (Rm 1: 25; Rm 9: 5; Rm 11: 36; 1 Co 14: 16; Gl 6: 18; Ap 1: 6-7, etc.). Jesus, quando queria chamar a atenção dos ouvintes para um assunto importante dizia: ‘em verdade, em verdade vos digo’ (Jo 1: 51). Em hebraico, essa expressão é literalmente: ‘**amém**’, e aparece 30 vezes em Mateus, 13 vezes em Marcos, 6 vezes em Lucas, e 25 vezes no evangelho de João. Em Ap 22: 20, o apóstolo João escreve a palavra ‘amém’ para confirmar as suas visões e profecias. Em 2 Co 1: 20 está escrito que as promessas de Deus se encontram em Cristo (nEle está o ‘sim’), e por meio dEle elas acham a sua

confirmação e cumprimento ('também por Ele é o amém'). Em Ap 3: 14 o próprio Jesus se chama 'o Amém, a testemunha fiel e verdadeira'.

Nós costumamos dizer 'amém' no final das nossas orações. Ela deve ser entendida como uma forma de dizer que aceitamos a Sua palavra como verdadeira e operante em nossas vidas e que nos submetemos a ela. É uma palavra de exaltação ao poder e à majestade de Deus, confirmando a veracidade da nossa oração de acordo com a Sua palavra, e engrandecendo o Senhor e o Soberano de todas as coisas, que vai decidir e julgar com justiça o que oramos.

Segundo a Concordância Lexicon Strong, a palavra 'amém' ('ā·mên – אָמֵן, Strong #543) significa: 'que assim seja', 'verdade'. Ela procede da raiz 'aman (que é uma raiz primitiva), e significa, mais corretamente: construir ou apoiar; nutrir (criar, cuidar, amamentar) como um pai, uma mãe ou uma ama; figurativamente: tornar-se (ou ser) firme ou fiel, confiar ou acreditar, ser permanente; moralmente: ser verdade ou certo, tomar o caminho da direita (Is 30: 21); portanto: garantia, crença, criar, educar, estabelecer, ser fiel, duradouro, firme, constante, inabalável, certo, convicto, seguro, com toda certeza, de confiança, comprovado, virar para a direita.

Que nós possamos dizer o 'amém' no final das nossas orações com a consciência de que se nós estivermos orando de acordo com a vontade de Deus, todos os nossos pedidos serão atendidos porque Ele é e sempre será fiel à Suas promessas. A Sua vontade é sempre boa, agradável e perfeita, portanto, podemos dizer 'que assim seja' para toda palavra que procede da boca de Deus. Por isso, Paulo escreveu em Rm 4: 20-22 ao se referir à fé de Abraão: "... não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que era poderoso para cumprir o que prometera. Pelo que isso lhe foi imputado para justiça". Abraão creu, disse amém para o Senhor e Ele disse o Seu amém para Abraão, cumprindo o que lhe havia prometido.

Aleluia



Como dissemos no tópico sobre os nomes de Deus, YHWH é traduzido em nossa versão portuguesa como ‘Senhor’ ou ‘Jeová’. Para os estudiosos do judaísmo, é preferível a tradução ‘Javé’ (YAHWEH), ao invés de Jeová (YAHOWAH).

A forma abreviada do nome YAHWEH (יהוה – YHWH) é **Yah** (ou Jah, na forma latinizada; em hebraico: יה), como no Salmo 89: 8 [ieue alei tzbauth mi – kmu-k chsin **ie** u-amunth-k abibuthi-k – KJV: ‘O Lord God of Hosts who [is] a strong **Lord** like unto thee? or to thy faithfulness round about thee’; ‘Ó Senhor, Deus dos Exércitos, quem é poderoso como tu és, **Senhor**, com a tua fidelidade ao redor de ti?!’].

A expressão ‘HaleluYah’ (em hebraico: halelu yâh – הללו יה) significa ‘Louvai a Jah!’, que é traduzida como: ‘Aleluia’ (halelu-yâh – הללויה), e escrita em Grego como ‘Allêlouia’ – αλληλουια.

Portanto, a palavra hebraica ‘halelu’ significa ‘louvor’, ‘louvar (alguém)’. A palavra ‘halelu’ é derivada da raiz primitiva ‘halal’, que significa, entre muitas outras coisas: celebrar, elogiar, gloriar (-se), dar glória, cantar, ser digno de louvor, famoso, afamado, brilhar, gabar, gabar-se.

Assim, ‘Aleluia’ passou a ser uma forma de louvor a Deus, principalmente nos salmos. A palavra hebraica ‘haleluhu’ (louvai-o), ou ‘halelu’ (louvar, elogiar, gloriar), ou ainda ‘halelu-yâh’ (louvai ao Senhor, louvai a Yah) aparece 56 vezes no AT:

Gn 12: 15; Jz 16: 24; 1 Cr 16: 10; 2 Cr 29: 30; Ne 5: 13; Sl 22: 23; Sl 22: 26; Sl 64: 10; Sl 69: 34; Sl 74: 21; Sl 84: 4; Sl 104: 35; Sl 105: 3; Sl 105: 45; Sl 106: 1; Sl 106: 48; Sl 107: 32; Sl 111: 1; Sl 112: 1; Sl 113: 1; Sl 113: 9; Sl 115: 17; Sl 115: 18; Sl 116: 19; Sl 117: 1; Sl 117: 2; Sl 135: 1; Sl 135: 3; Sl 135: 21; Sl 146: 1; Sl 146: 10; Sl 147: 1; Sl 147: 20; Sl 148: 1; Sl 148: 2; Sl 148: 3; Sl 148: 4; Sl 148: 5; Sl 148: 7; Sl 148: 13; Sl 148: 14; Sl 149: 1; Sl 149: 3; Sl 149: 9; Sl 150: 1; Sl 150: 2; Sl 150: 3; Sl 150: 4; Sl 150: 5; Sl 150: 6; Pv 28: 4; Pv 31: 31; Ct 6: 9; Is 45: 25; Jr 20: 13; Jr 31: 7.

No NT, a palavra aparece em grego (‘Allêlouia’ – αλληλουια) no livro de Apocalipse 4 vezes: Ap 19: 1; Ap 19: 3; Ap 19: 4; Ap 19: 6.

Unção



Quando estudamos sobre o Messias, nós deixamos claro o significado da palavra unção. Vamos repetir aqui o seu significado e acrescentar alguns comentários práticos:

A unção é como um escudo que nos cobre por inteiro para que o maligno não tenha poder de nos tocar. A palavra ‘ungido’ e o ato de ungir com óleo (Mashach) referem-se ao costume de ungir com óleo para consagrar e santificar as coisas ou as pessoas: Gn 28: 18; Êx 30: 22-33; 2 Sm 1: 21; Is 21: 5; Jz 9: 8; 2 Sm 2: 4; 1 Rs 1: 34; Êx 28: 41; 1 Rs 19: 16; 2 Rs 9: 1-3; 11-13.

A pessoa ou coisa ungida se tornava santa (Êx 30: 22-33; 1 Sm 24: 6; 10).

A unção era um ato de Deus (1 Sm 10: 1; Sl 89: 20; At 10: 38).

A unção era usada metaforicamente para significar a doação do favor divino (Sl 23: 5; Sl 92: 10; Sl 45: 7) ou a nomeação para uma função especial do propósito de Deus (Sl 105: 15; Is 45: 1; Sl 89: 20; Êx 28: 41).

Além disso, a unção simbolizava capacitação para o serviço, e é associada ao derramamento do Espírito de Deus (1 Sm 10: 1; 6; 9; 1 Sm 16: 13; Is 61: 1; Zc 4: 1-14 – a unção de Deus sobre Josué e Zorobabel, o sacerdote e o governador de Judá na época da reconstrução do 2º templo – Ag 2: 21).

Esse emprego é levado até o NT. O uso do azeite para ungir os enfermos (Tg 5: 14) é entendido da mesma maneira, como algo que aponta para o Espírito Santo, o doador da vida. No NT nós podemos ver o uso do óleo ou o ato de ungir em relação a cinco situações:

1) simbolizando o Espírito Santo trazendo a capacitação divina sobre a alguém (Lc 4: 18; At 10: 38; 2 Co 1: 21; Hb 1: 9; 1 Jo 2: 20; 27).

2) Como um ungüento, usado de forma medicinal para curar feridas (Lc 10: 34 – a parábola do bom Samaritano; Ap 3: 18 – a igreja de Laodicéia).

3) Como um costume de ungir os mortos com perfumes e especiarias (Mc 14: 8 cf. Jo 19: 39-40; Lc 23: 56; Lc 24: 1; Mc 16: 1).

4) Como um sinal de hospitalidade, associado à lavagem dos pés e ao beijo (Lc 7: 46; Jo 11: 2; Jo 12: 3).

5) Para com os enfermos (Mc 6: 13; Tg 5: 14).

Mashach (‘ungir’) dá origem a Mashiach (mâshiyach ou meshiycho, em hebraico; ou meshihã, em aramaico), que quer dizer ‘ungido’, como eram os reis, juízes, profetas e sacerdotes no AT. Também passou a ser usada para Messias, משיח, o Ungido (grego: Cristo, Christòs, Χριστός), o esperado Salvador ou Libertador de Israel, um homem descendente do rei Davi que irá reconstruir a nação, trazendo a paz. ‘Ungido’ é encontrado no mínimo dezesseis vezes no Antigo Testamento, sendo usadas as palavras mâshiyach ou meshiycho [Lv 4: 3; Lv 4: 5; Lv 4: 16; Lv 6: 15; 1 Sm 2: 10; 1 Sm 24: 6; 10; 2 Sm 1: 21; 2 Sm 22: 51; Sl 2: 2; Sl 18: 50; Is 45: 1; Ez 28: 14; Zc 4: 14; Dn 9: 25-26 – quando um anjo anuncia ao profeta Daniel que o Messias surgiria e seria morto 62 semanas proféticas após a reedificação de Jerusalém, antes da cidade e do templo serem novamente destruídos (o que aconteceu em 70 DC pelos romanos)]. No Sl 105: 14-15 e em 1 Cr 16: 22 – “A ninguém permitiu que os oprimisse; antes, por amor deles, repreendeu a reis, dizendo: Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas” – a expressão ‘meus ungidos’, em hebraico, é usada como equivalente a ‘meus profetas’. No NT a palavra grega Μεσσίας (Messias) está registrada também apenas duas vezes: em Jo 1: 41 e Jo 4: 25. Christòs é o adjetivo, enquanto o verbo é chriō – ungir.

O que significa consagrar ou consagração?

Consagrar significa tornar sagrado, dedicar ou oferecer a Deus, se separar para Deus, oferecer por culto ou voto. Mas em hebraico, consagrar ou consagração tem um significado mais específico, por exemplo, no caso de consagração dos sacerdotes do AT (ver capítulo 9 – Os sacrifícios do AT).

Vamos dar agora um sentido mais prático para todas as definições acima. Resumindo numa palavra mais simples, ‘unção’ é o poder de Deus que vem sobre nós, **principalmente** após o nosso ‘Pentecostes pessoal’, ou seja, após o batismo com o Espírito Santo, onde passamos a falar em outras línguas, recebemos os dons espirituais e a capacitação para exercer o nosso chamado e realizar a vontade de Deus com uma força diferente daquela a que estávamos acostumados a usar através da nossa carne (1 Jo 2: 20). Dessa maneira, o Senhor nos separou para Ele, e através da ação contínua do Seu Espírito em nós, Ele mesmo vai operar em nossa alma a santificação. Quanto mais exercitamos os dons espirituais, mais unção nós recebemos de Deus. Um exemplo é a história do profeta Samuel. A bíblia diz que, de ano em ano, Ana levava a Samuel uma nova túnica. Ele crescia em estatura e sua mãe lhe dava uma túnica apropriada ao seu tamanho. Isso simbolizava a unção que o Senhor derramava sobre sua vida a cada momento, pois ele O servia com fidelidade (1 Sm 2: 18-19; 21; 26).

Como vimos acima, tudo isso é um ato de Deus, não de homens. O que fazemos, usando o óleo ungido sobre uma pessoa, é apenas um símbolo do que o Senhor já está fazendo interiormente nela. Em outras palavras, não é pelas mãos de homens que alguém se torna um pastor ou recebe a capacitação para expulsar demônios. A pessoa vai demonstrando que o Senhor já lhe deu a capacitação para cuidar de Seus filhos na terra, vai manifestando os dons e frutos do Espírito Santo através da sua vida e, então, reconhecida pela igreja por ter essa capacitação divina, ela recebe a unção pública com óleo como um sinal da sua separação para Deus para o chamado de pastor.

O mesmo ocorre com pessoas que, por um projeto divino aliado à sua experiência espiritual, recebem do Senhor uma capacitação especial e uma autoridade espiritual mais forte para expulsar demônios de outras. O mesmo acontece com o ministério de mestre e profeta. O Espírito Santo dá à pessoa dons especiais como o amor, a palavra de conhecimento, a palavra de entendimento e a sabedoria para que ela possa ministrar Sua palavra de ensino (1 Jo 2: 27), na maioria das vezes sem aprender com ninguém, apenas com a sua própria vivência com Deus. Com o profeta não é diferente. Ele recebe uma força especial e uma habilidade diferente de outras pessoas para fazer com que a palavra de Deus venha se manifestando com libertação, com correção, com incentivo, trazendo à existência as bênçãos de Deus já liberadas no mundo espiritual.

Nós vimos no início do texto que o emprego do óleo no AT foi levado até o NT para ungir os enfermos (Tg 5: 14), restaurando a saúde e a vida. Aqui é interessante ressaltar que a unção com óleo não é algo fictício; muito pelo contrário, ela é real, quando o azeite é consagrado em oração e entregue ao controle do Espírito de Deus para agir de acordo com a Sua vontade (O Senhor usa um filho ungido Seu para ser o veículo de poder para o Seu Espírito). Uma das características interessantes é que o óleo ungido carrega a luz divina para manifestar o que estava oculto. Por isso, quando queremos consagrar uma pessoa ou curá-la de alguma enfermidade, precisamos ter o dom de discernimento de espíritos para perceber se há algum espírito maligno oculto nela ou naquela enfermidade. Primeiro se expulsa o demônio, depois se consagra a pessoa, se for este o caso.

Devido a esta força de ação espiritual é que não se deve usar o óleo ungido de maneira indiscriminada, levianamente, para qualquer coisa, mesmo com o intuito de consagrar algo a Deus. O óleo não substitui a verdade da Sua palavra usada com fé para quebrar as barreiras invisíveis, não substitui a santidade de o nosso caminhar com o Espírito Santo, não é um amuleto que se usa para nos proteger do mal. A mudança de pensamento e atitude é mais importante para um verdadeiro filho de Deus.

A palavra Mashiach (mâshiyach ou meshiycho, em hebraico; ou meshihã, em aramaico), quer dizer ‘ungido’, como eram os reis, juízes, profetas e sacerdotes no AT.

Hoje, nós somos ungidos diretamente pelo Espírito de Deus quando nos convertemos a Jesus; e a bíblia diz que Ele nos fez reis e sacerdotes. Isso significa que recebemos o domínio e a autoridade para mover o mundo espiritual e somos colocados numa posição de mediadores entre Deus e os homens, como eram os sacerdotes do AT. Através das nossas orações e das nossas palavras de força, consolo, paz e até de exortação e repreensão, nós podemos restaurar a comunhão entre o Senhor e as pessoas que estavam afastadas dEle pelo seu pecado (Jr 5: 25; Tg 5: 20).

As essências mencionadas na bíblia são apenas símbolos físicos da verdadeira unção derramada sobre nós pelo Espírito Santo, à medida que o nosso crescimento espiritual se processa. Em outras palavras, os perfumes não devem ser vistos como um veículo para se conquistar isso ou aquilo, mas são um símbolo do que devemos pedir ao Senhor como dons espirituais e do que Ele pode fazer fluir das nossas mãos quando desejar nos usar para um determinado propósito. A palavra de Deus é a força soberana. A priori, a unção com óleo, como foi descrita no NT parece se restringir ao seu uso na cura dos enfermos e como um símbolo externo da unção que Deus mesmo derramou sobre um filho Seu, separando-o para um ministério. Quando não se tem certeza se o Senhor quer o óleo, é melhor não usar.



“Quanto a vós outros, a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permaneci nele, como também ela vos ensinou” (1 Jo 2: 27).



Bênção e maldição

Bênção

‘Bênção’, em hebraico, *brakah* ou *berakah* (ברכה – Strong #1293) significa bênção; por implicação prosperidade, presente. Ela dá origem à palavra *Berachah* ou *Berakah* (Strong #1294, ‘bênção’), o nome de um vale na Palestina (2 Cr 20: 26: o vale de Bênção ou vale de *Berachah*). *Berakah* se origina da palavra *barak* (בָּרַךְ – Strong #1288), uma raiz primitiva que significa ‘ajoelhar-se; por implicação abençoar a Deus (como um ato de adoração) e ao homem (como um benefício); abençoar, parabenizar, ajoelhar, louvar, saudar, agradecer’.

Em Gn 12: 3 está escrito: “Abençoarei (*barak* – Strong #1288) os que te abençoarem (*barak*) e amaldiçoarei (’*ārar* – אָרַר – Strong #779); os que te amaldiçoarem (*qalal* – קָלַל – Strong #7043); em ti serão benditas (*barak*) todas as famílias da terra”. ’*ārar* significa ‘amaldiçoado’, e vem de uma raiz primitiva que significa ‘execrar’, ‘amaldiçoar amargamente’. E *qālal* significa ‘amaldiçoado’; fazer pequeno, insignificante, vil; diminuir, trazer ao desprezo, maldito, maldição, desprezar, afligir levemente, pouca estima ou pouco estimado, entre outros significados.

A promessa feita a Abraão (a bênção de Abraão) se compõe de três elementos principais: descendência (nele seriam benditas todas as nações da terra, inclusive os gentios – Gl 3: 14), terra (a bênção da prosperidade, a posse da terra de Canaã) e relacionamento com Deus (intimidade e amizade com o Senhor, pois Deus chamou Abraão de “meu amigo” – Tg 2: 23; Is 41: 8; 2 Cr 20: 7).

Há uma coisa discreta, mas interessante, no fato da palavra hebraica ser diferente no versículo de Gn 12: 3, mesmo que não fosse essa a intenção do escritor bíblico. Deus amaldiçoaria ‘amargamente’ (’*ārar*), todos os que amaldiçoassem (*qālal*) Abraão de alguma forma. Essa bênção permanece sobre os judeus, ‘os filhos de Abraão’, mas também sobre nós, os gentios, enxertados na família dos escolhidos de Deus através de Jesus. Portanto, quem amaldiçoa um escolhido de Deus corre o risco de sofrer debaixo do Seu julgamento. Isaque abençoou Jacó com a mesma frase dita por Deus a Abraão (Gn 27: 29b): “Maldito (’*ārar*) seja o que te amaldiçoar (’*ārar*), e abençoado (*barak*) o que te abençoar (*barak*)”.

A palavra ‘bênção’ (*barak*) também pode ser vista em Nm 23: 20, no caso de Balaão: “Eis que para abençoar (*barak* – Strong #1288) recebi ordem; ele abençoou, não o posso revogar [*Balaão se referia a Deus*]”. Mais adiante, em Nm 24: 9b, Balaão abençoa a Israel pela terceira vez: “Benditos (*barak*) os que te abençoarem (*barak*), e malditos (’*ārar*) os que te amaldiçoarem (’*ārar*)”.

Em Dt 11: 26 e Dt 30: 19 a palavra ‘bênção’ é escrita como ‘*berakah*’ (Strong #1293), e a palavra ‘maldição’ é ‘*qelalah*’ (קִלְלָה, Strong #7045), que significa: difamação, calúnia, vilipêndio (discurso ou escrita abusivamente depreciativa), maldição, maldito, amaldiçoar.

- “Eis que, hoje, eu ponho diante de vós a bênção (*berakah*: bênção; por implicação prosperidade, presente) e a maldição (*qelalah*)” (Dt 11: 26).

- “Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção (*berakah*: bênção; por implicação prosperidade, presente) e a maldição (*qelalah*); escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência” (Dt 30: 19).

A bênção ‘alcançaria’ os obedientes, e a maldição ‘alcançaria’ os desobedientes (Dt 28: 2,15). Assim, a bíblia faz uma ligação direta entre bênção e obediência; maldição e desobediência.

No salmo Sl 109: 28 está escrito: “Amaldiçoem (qalal) eles, mas tu, abençoa (barak); sejam confundidos os que contra mim se levantam; alegre-se, porém, o teu servo”.

• Is 65: 16: “de sorte que aquele que se abençoar (barak) na terra, pelo Deus da verdade é que se abençoará (barak); e aquele que jurar na terra, pelo Deus da verdade é que jurará; porque já estão esquecidas as angústias passadas e estão escondidas dos meus olhos”.

No NT a palavra grega para ‘bênção’ é eulogia (εὐλογία – Strong #2129, um substantivo feminino), que significa: adulação, louvor, bênção, presente. Eulogia vem da mesma raiz de eulogéō (εὐλογέω – Strong #2127, um verbo). Eulogéō vem de ‘eu’ (Strong #2095): ‘bem, bom, bem feito, corretamente’ e ‘lógos’ (Strong #2095): ‘palavra, razão; uma palavra, discurso, expressão ou elocução divina, analogia’; portanto, uma boa fala, ou seja, elegância de linguagem, elogio (‘eulogia’), i.e., falar bem de alguém ou alguma coisa; falar propriamente; linguagem justa, o que confere benefício; portanto, abençoar (agradecer ou invocar uma bênção, prosperar); passar bênção, ser abençoado; adoração (com reverência); por implicação, consagração; por extensão, benefício ou generosidade (liberalidade). Eulogéō é usado para Deus abençoando as pessoas (Lc 1: 28; Ef 1: 3; Hb 6: 14) e Seu povo abençoando a Ele (Lc 1: 64; Lc 2: 28; Lc 24: 53; 1 Co 14: 16; Tg 3: 9).

Em Lc 6: 28 Jesus nos ensina: “bendizeis (eulogéō) aos que vos maldizem (kataraoimai = amaldiçoar, execrar, condenar), orai pelos que vos caluniam” [NIV: “abençoem os que os amaldiçoam, orem por aqueles que os maltratam”].

As mesmas palavras gregas são usadas em Rm 12: 14: “Abençoi (eulogéō) os que vos perseguem, abençoi (eulogéō) e não amaldiçoeis (kataraoimai)”.

E em Gl 3: 14 está escrito: “Para que a bênção (eulogia) de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido”.

• Tg 3: 10: “De uma só boca procede bênção (Strong #7122 – eulogia, εὐλογία) e maldição (katará, κατάρα – Strong #2671). Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim”.

Maldição

Para os hebreus, as maldições proferidas por uma pessoa não eram inócuas; elas eram agentes ativos que causavam danos, pois eram enviadas com um propósito e com força espiritual, portanto, com força de destruição, ou seja, elas tinham vida.

A bíblia hebraica usa três palavras sinônimas para maldição: ’ārar (אָרַר), qālāl (קָלַל) e ’ālā (אָלָה), que corresponde aos termos gregos: kataraoimai (καταράομαι), katará (κατάραν) e epikataratos (ἐπικατάρατος).

• O verbo ’ārar (arar, אָרַר – Strong #779) significa ‘amaldiçoado’, e vem de uma raiz primitiva que significa ‘execrar’, ‘amaldiçoar amargamente’. Aparece em Nm 5: 18; Nm 5: 24. ‘Arar’ dá origem a ‘meerah’ (מֵאֲרָה – Strong #3994) um substantivo feminino que significa ‘uma execração’, ‘maldição’. Execração significa: aversão, horror ou ódio ilimitado, maldição, imprecação (praga, maldição, rogo, súplica a um poder superior para bem ou para mal). Meerah aparece em Dt 28: 20; Pv 3: 33; Ml 2: 2; Ml 3: 9.

• O verbo qālāl (קָלַל – Strong #7043) significa ‘amaldiçoado’. Ele procede de uma raiz primitiva que significa: ser (causativamente, fazer) leve, literalmente (rápido, pequeno, agudo, etc.) ou figurativamente (fácil, insignificante, vil, etc.); e é usado no sentido de: diminuir, trazer ao desprezo, maldito, maldição, desprezar, afligir levemente,

ter pouca estima, entre outros significados. Aparece em 1 Rs 2: 8, por exemplo: “Eis que também contigo está Simei, filho de Gera, filho de Benjamim, de Baurim, que me maldisse (qālal) com dura maldição (qelalah), no dia em que ia a Maanaim; porém ele saiu a encontrar-se comigo junto ao Jordão, e eu, pelo SENHOR, lhe jurei, dizendo que o não mataria à espada”.

O verbo qālal dá origem ao substantivo feminino ‘qelalah’ (קללה – Strong #7045), que significa: difamação, calúnia, vilipêndio (discurso ou escrita abusivamente depreciativa), maldição, maldito, amaldiçoar. A palavra aparece em: Gn 27: 12,13; Dt 11: 26; Dt 11: 28; Dt 11: 29; Dt 23: 5; Dt 29: 27; Dt 30: 1; Dt 30: 19; Js 8: 34; Jz 9: 57; 2 Sm 16: 12; 2 Rs 22: 19; Ne 13: 2; Sl 109: 17; Sl 109: 18; Pv 26: 2; Pv 27: 14; Jr 24: 9; Jr 25: 18; Jr 26: 6; Jr 29: 22; Jr 42: 18; Jr 44: 12; Zc 8: 13.

Sl 109: 17: maldição – “Amou a maldição (qelalah קללה); ela o apanhe; não quis a bênção; aparte-se dele”.

Sl 109: 18: maldição – “Vestiu-se de maldição (qelalah קללה) como de uma túnica: penetre, como água, no seu interior e nos seus ossos, como azeite”.

Pv 26: 2: maldição – “Como o pássaro que foge, como a andorinha no seu vôo, assim, a maldição (qelalah קללה) sem causa não se cumpre”.

- Por fim, a palavra ‘ālā (אלה, Strong #423) é um substantivo feminino que significa ‘imprecação’ e é usada para indicar excomunhão, maldição, execração, juramento. A palavra aparece em: Nm 5: 21; Nm 5: 27; Dt 29: 19; Dt 29: 20; Sl 10: 7; Is 24: 6; Jr 23: 10; Jr 29: 18 (KJV: maldição; ARA: ‘objeto de espanto’); Dn 9: 11; Zc 5: 3.

Ainda há outro termo hebraico usado em Lm 3: 65 para ‘maldição’, que é taalah (תאלתך), Strong #8381, derivado de ‘ālā (alah, אלה), que significa ‘uma imprecação, uma maldição’.

- Os termos gregos correspondentes a essas palavras hebraicas são: kataraoimai (καταράομαι – Strong #2672), katara (καταραν – Strong #2671) e epikataratos (ἐπικατάρατος – Strong #1944). Kataraoimai (καταράομαι – Strong #2672) é um verbo que significa: ‘eu amaldiçoar’, ‘amaldiçoado’ e pode ser visto em aparece em Lc 6: 28; Rm 12: 14. Provém de ‘katara’ (Strong #2671): execrar; por analogia, condenar.

Katara (καταραν – Strong #2671) é um substantivo feminino que significa: amaldiçoar; uma maldição, amaldiçoado, um condenado. Pode ser visto em Gl 3: 10; Gl 3: 13: “Cristo nos resgatou da maldição (katara) da lei, fazendo-se ele próprio maldição (katara) em nosso lugar (porque está escrito: Maldito (epikataratos) todo aquele que for pendurado em madeiro)”; Hb 6: 8; Tg 3: 10. Katara vem de kata e ara (αρας – Strong #685): imprecação, execração, uma oração (como elevada ao céu); mais comumente: uma oração pelo mal, uma maldição, imprecação, e que aparece em Rm 3: 14.

E epikataratos (ἐπικατάρατος – Strong #1944) significa: Sobre quem uma maldição foi invocada, maldito, condenado à destruição; imprecado, ou seja, execrável (executável, condenável, odioso, abominável, detestável). A palavra é usada apenas no campo bíblico e eclesiástico, como: maldito, execrável, exposto à vingança divina, permanecendo sob a maldição de Deus. Epikataratos aparece em Gl 3: 13: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro)” (cf. Dt 21: 23).

Em Ap 22: 3 a palavra ‘maldição’ é escrita como katanathema (καταναθεμα – Strong #2652: uma maldição, uma coisa amaldiçoada), de kata e anathema, uma imprecação.

- As seguintes palavras hebraicas heherim e herem (חרם) correspondem aos termos gregos anathematizō (verbo, ανευθεματισαν – Strong #332) e anathema (substantivo neutro). Anathema (αναθεμα) ou anathemati (αναθεματι – Strong #331), ‘maldição’, são palavras derivadas de ανατίθημι, anathithimi, ‘dedicar’. Anathithimi deu origem à palavra

anáthima (ἀνάθημα), ‘oferta votiva’, que depois a ser escrita como anathema (ἀναθεμα), ‘maldição’.

A raiz hebraica hãram ou charam (חָרַם ou חֵרֶם – Strong #2763) significa: amaldiçoado, isolar, apartar; especificamente (por proibição ou banimento) para se dedicar a usos religiosos (especialmente destruição); fazer amaldiçoado, consagrar, destruir totalmente, devotar, confiscar, matar, fazer desaparecer totalmente, afastar, pôr à parte, desfazer; ‘separar da sociedade’. Isso se aplica às coisas abertas ao uso humano, mas deliberadamente tornadas fora do alcance do homem:

a) Lv 27: 28-29 (dedicado, consagrado – herem – Strong #2764) – homem ou animal consagrado ao Senhor não se poderia resgatar, caso contrário, seria morto.

b) Em Ez 44: 29; Nm 18: 14, as ofertas a Deus são chamadas de herem e qōdhash (‘santidade’), expressando o ato de que o homem separa alguma coisa inteiramente para Deus (herem), e Deus aceita e a marca como Sua (qōdhash), após o que não pode mais ser redimida pelo homem.

c) Essa palavra pode ser empregada para indicar ‘maldito, amaldiçoado, total destruição’ (Zc 14: 11 – KJV usa a palavra ‘destruição’. A ARA usa a palavra ‘maldição’ (חֵרֶם cherem). A NVI escreve: ‘Nunca mais será destruída’). Às vezes, o motivo subentendido é a ira de Deus (Is 24: 5), porém, mais freqüentemente isso ocorre a fim de remover um contágio potencial por amor a Israel (Dt 7: 26; Dt 20: 17). Qualquer contato com tal ‘coisa devotada’ envolvia implicação em seu contágio e partilha em sua sorte (Js 6: 18 – ‘coisas condenadas’; Js 7: 1 – ‘coisas condenadas’; Js 7: 12 ‘coisa roubada’; Js 7: 15 – ‘coisa condenada’: “Aquele que for achado com a coisa condenada será queimado, ele e tudo quanto tiver, porquanto violou a aliança do Senhor e fez loucura em Israel”; 1 Sm 15: 21 – ‘designado à destruição’; 1 Rs 20: 42 – ‘condenado’).

d) Espiritualmente, herem é o julgamento de Deus contra os pecadores impenitentes (Ml 4: 6: ‘maldição’ – cherem חֵרֶם), e é esse o caso que a impossibilidade de redimir o herem é claramente visto; o anathema do NT.

• Os termos gregos correspondentes a herem são anathematizō (verbo) e anathema (substantivo neutro), anátema, visto 8 vezes no NT. Anathematizō (ἀναθεματίζω – Strong #332) se origina em anathema (ἀναθεμα), e significa: amaldiçoar, invocar maldições, devotar à destruição; declarar ou jurar sob pena de execração; (vincular sob uma) maldição, vincular com um juramento, colocar sob uma maldição. Esse verbo pode ser visto na bíblia em At 23: 12 (ἀναθεματίζω anathematizō, verbo = se colocar sob maldição); At 23: 21 (ἀναθεματίζω anathematizō, verbo = se colocar sob maldição).

Anathemati (ἀναθεματι), também escrito como anathema (ἀναθεμα), Strong #331, significa uma oferta votiva (de acordo com a palavra anteriormente usada: anáthima, ἀνάθημα, ‘oferta votiva’), algo dedicado a Deus; uma maldição, a coisa amaldiçoada; acusado, anátema, maldição. Anathemati procede de outra palavra, anatithemai; e significa: uma proibição (religiosa) ou (concretamente) excomungada (coisa ou pessoa). Ela pode ser vista em At 23: 14 [‘Juramos, sob pena de anátema’ – ἀναθεματι, ou anathemati anathema (substantivo neutro)]; Rm 9: 3 [“porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas, segundo a carne” (ἀναθεματι anathemati ou anátema ἀναθεμα)]; 1 Co 12: 3 (“Por isso, vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: anátema, Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo”); 1 Co 16: 22 (“Se alguém não ama o Senhor, seja anátema. Maranata!”); Gl 1: 8, 9 (“Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. Assim, como já dissemos, e agora repito, se alguém vos

prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema”; a palavra anátema, escrita na ARA, é traduzida como ‘amaldiçoado’ na NVI).

Em palavras mais fáceis, ‘herem’ ou ‘anátema’ era uma coisa que era devotada a Deus, mas se tornava maldita para aquele que o tocasse ou usasse para outro propósito. Foi o que aconteceu com Acã, que tocou nas coisas condenadas, após a queda de Jericó (Js 6: 18 – ‘coisas condenadas’; Js 7: 1 – ‘coisas condenadas’; Js 7: 11 – ‘coisas condenadas’; Js 7: 12 – ‘coisa roubada’; Js 7: 15 – ‘coisa condenada’).

Fonte de pesquisa: O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995.

Recado pessoal de Deus para quem busca Suas bênçãos

Eu só gostaria de deixar um aprendizado bem prático aqui sobre as palavras de bênção que saem da boca de um crente, muitas vezes de maneira automática, uma vez que o temor de Deus dentro dele e o próprio Espírito Santo o impede de amaldiçoar pessoas, em especial os ungidos de Deus. Saiba que o diabo usa corpos. Deus também usa corpos humanos para a Sua obra na terra, inclusive para abençoar Seus filhos e quem precisa do Seu socorro. Então, por que viver dizendo: — “Deus te abençoe muito! Te dê saúde, prosperidade, paz etc., etc., etc.”, se você não se deixa ser um instrumento de bênção palpável nas mãos dEle?

Vamos ler a Palavra:

- “Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tg 2: 14-17).

- “Todo aquele que odeia seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si. Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar a nossa vida pelos irmãos. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade” (1 Jo 3: 15-18).

- “Quando entre ti houver algum pobre de teus irmãos, em alguma das tuas cidades, na tua terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás as mãos ao teu irmão pobre; antes, lhe abrirás de todo a mão e lhe emprestarás o que lhe falta, quanto baste para a sua necessidade... Livremente, lhe darás, e não seja maligno o teu coração, quando lho deres; pois, por isso, te abençoará o Senhor, teu Deus, em toda a tua obra e em tudo o que empreenderes. Pois nunca deixará de haver pobres na terra; por isso, eu te ordeno: livremente, abrirás a mão para o teu irmão, para o necessitado, para o pobre na tua terra” (Dt 15: 7-8; 10-11).

- “Não vos enganeis: De Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará... E não nos cansemos de fazer o bem, porque ao seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos. Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gl 6: 7; 9-10). Você está semeando? Não há colheita sem semeadura.

- “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1: 22).

- “Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras [O apóstolo Tiago estava falando para crentes, não ímpios]. Nada tendes, porque não pedis; pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes nos vossos prazeres. Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo [com seus chamarizes e ofertas de vantagem] constitui-se inimigo de Deus” (Tg 4: 2-4).

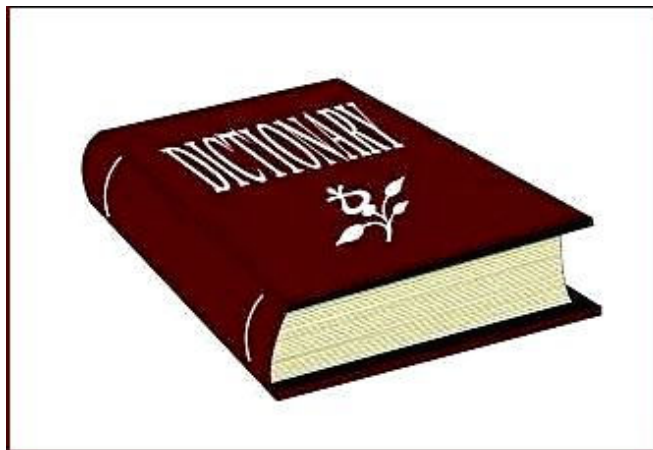
- “Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando” (Tg 4: 17).

Sabe porque eu estou dizendo isso?

Porque muitas vezes, Deus coloca uma pessoa na sua frente porque Ele precisa usar sua boca para iluminar aquela mente desesperada, necessitando de luz; ou uma pessoa que precisa de uma palavra de força, incentivo e carinho para continuar a acreditar em Deus e não se entregar nas mãos do diabo e cometer um suicídio por causa do desespero; ou, então, uma pessoa doente, quase sem respirar, com um frasco de broncodilatador nas mãos (que só se vende com receita médica), sem ter onde morar e que está há 4 dias sem comer, como já me aconteceu uma vez (e infinitas experiências semelhantes na rua). Entretanto, se o crente apenas disser: — “Deus te abençoe muito! Te dê saúde, prosperidade, paz etc., etc., etc.” e não puser a mão no bolso para lhe dar R\$ 20,00 para comprar uma marmita para matar sua fome naquele momento e poder procurar um socorro médico para poder respirar de novo, de que vale chegar na igreja, levantar as mãos sujas de rebeldia, autopiedade e desobediência para louvar a Deus e apenas abraçar os irmãozinhos perfumados e agradáveis com quem ele só conversa no domingo? Hipocrisia farisaica!

Resumindo tudo o que foi dito sobre bênção: rebeldia e desobediência não trazem bênção, mas a correção e a maldição de Deus, ou seja, necessidade financeira, isolamento social e carência afetiva, doença, privação e legalidade para o diabo tocar com destruição. Se quisermos bênçãos de Deus e ser abençoados pelos irmãos, precisamos exercitar isso, ou seja, precisamos ser abençoadores também, instrumentos de bênção nas mãos de Deus de maneira palpável e prática.

6

Estudo bíblico sobre algumas palavras hebraicas

Neste capítulo, nós vamos estudar o significado de algumas palavras e expressões hebraicas normalmente encontradas na bíblia: Mazzaroth, Tehom (abismo); Tohu VaVohu; Abadom ou Apoliom; Urim e Tumim; o tanque de Silóe; a expressão ‘até que venha Siló’; Nazireu / Nazireado; Tefilin (Filactérios); Talit; Mezuzá; Megilot.

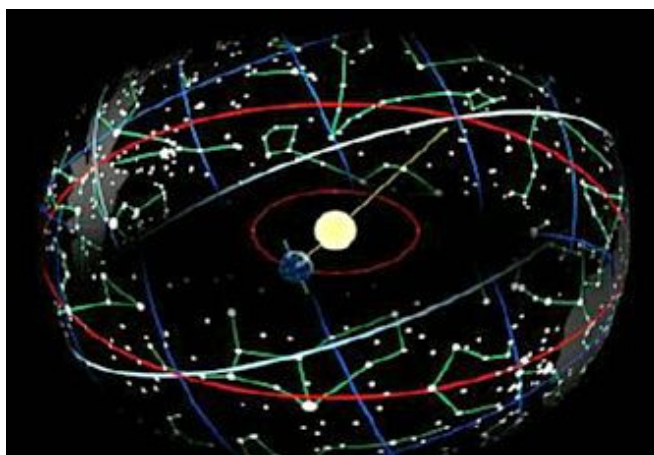
1) Mazzaroth

Em Jó 38: 31-32 está escrito: “Ou poderás tu atar as cadeias do Sete-estrela [se refere à constelação de Plêiades] ou soltar os laços do Órion? Ou fazer aparecer os signos do Zodíaco * ou guiar a Ursa ** com seus filhos?” [NVI: Pode fazer surgir no tempo certo as constelações (ou a estrela da manhã)? Ou fazer sair a Ursa com seus filhotes?].

*Zodíaco, aqui, não tem nenhuma referência à astrologia ou aos signos. Em astronomia, o zodíaco é o anel de constelações em linha elíptica, que é o caminho aparente do sol em toda a esfera celeste ao longo do ano. Em sua maioria as constelações têm nomes de animais, daí o nome ‘Zodiacais’, do grego zōdiakos; ‘zoo’, que quer dizer ‘animal’ e ‘diakós’, que quer dizer ‘círculo’, ou ‘círculo dos animais’. A palavra hebraica usada neste texto é Mazzaroth (Mazzâroth), cujo significado é incerto e, nas inúmeras traduções bíblicas, é entendido como: constelações, zodíaco, estrelas, estrelas em sinais do sul, estrela da manhã, estrela do dia, Lúcifer, luciferum (vulgata latina). Esta palavra, Mazzaroth (Mazzâroth), só aparece esta vez na bíblia (Jó 38: 32). Os doze nomes das doze constelações do zodíaco são de origem pré-diluviana.

**Quanto à palavra Ursa neste verso, se refere a Arcturus (escrita na KJV: “Canst thou bind the sweet influences of Pleiades or loose the bands of Orion? Canst thou bring forth Mazzaroth in his season? or canst thou guide Arcturus with his sons?” – “Podes tu atar as cadeias das Plêiades ou soltar os laços do Órion? Ou fazer surgir Mazzaroth (as constelações) no tempo certo? ou podes tu guiar Arcturus com seus filhos?”), que é a

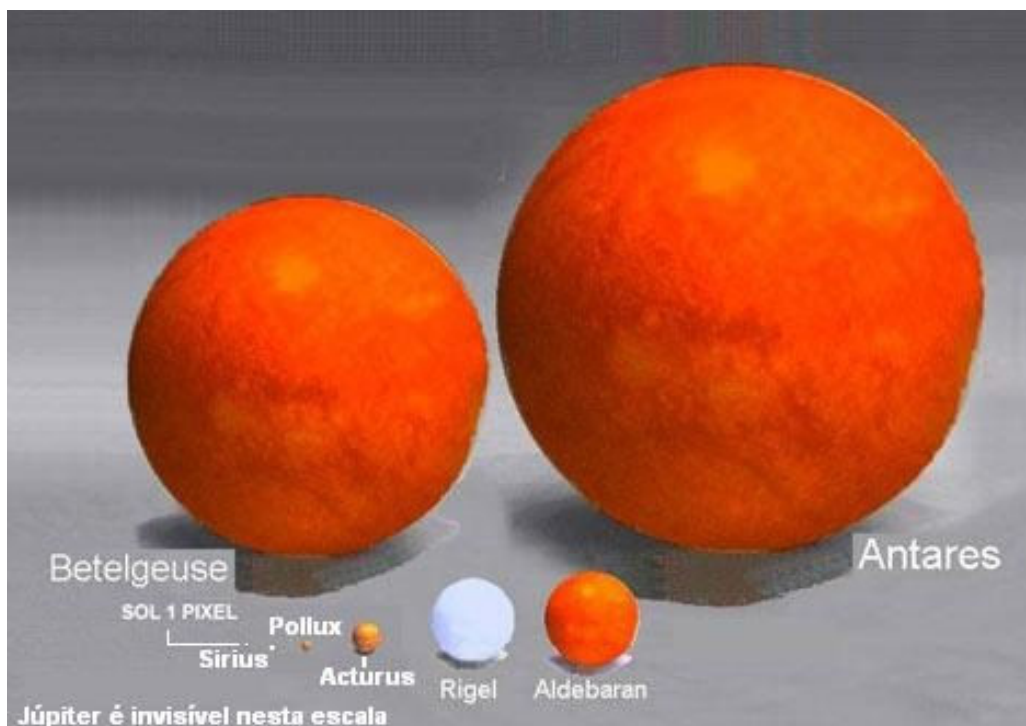
estrela mais brilhante no hemisfério Norte e a quarta estrela mais brilhante no céu noturno (1º, o nosso sol; 2º Sirius, 3º Pollux). Acima de Arcturus, há quatro estrelas mais brilhantes – Rigel, Aldebaran, Betelgeuse, Antares. Arcturus possui o mesmo nome do antigo grego Arktouros, que significa ‘guardião do urso’, porque é a estrela mais brilhante próxima às Ursas Maior e Menor. O tamanho de Arcturus é aproximadamente 30 vezes maior que o do nosso sol. Está cerca de 33 anos-luz de distância do sistema solar e brilha 110 vezes mais do que este. Grande parte da luz que emana é infravermelha e invisível ao olho humano. Maior que Arcturus é Antares, que está distante 600 anos-luz da Terra, é 700 vezes maior que nosso sol e brilha 10 mil vezes mais do que este. Antares está na Constelação de Escorpião. Nesta proporção, o nosso sol é invisível.



Mazzaroth (Mazzâroth) ou Zodíaco



Plêiades (Sete-Estrelo) – grupo de 7 estrelas chamadas ‘Estrelas Azuis’



As grandes estrelas – nosso sol, Sirius, Pollux, Arcturus, Rigel, Aldebaran, Betelgeuse e Antares



A constelação de Órion. A estrela branca brilhante no alto à direita é Aldebaran

2) Tohu VaVohu

Em Gn 1: 2 está escrito: “A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas” – cf. Jr 4: 23: “Olhei para a terra, e ei-la sem forma e vazia; para os céus, e não tinham luz”.

Vamos comparar com a bíblia hebraica (Gn 1: 1-2):

¹ Bereshit **bara** Elohim et hashamayim veet haarets (No princípio **criou** Deus os céus e a terra).

² Vehaarets haytah **tohu vavohu** vechosher al pney **tehom** veruach Elohim merachefet al pney hamayim (E a terra era **sem forma e vazia**, além de trevas sobre a face da **profundezza (abismo)**; e o Espírito de Deus repousava sobre a face das águas).

A palavra usada para ‘criou’ é ‘bara’ (pronuncia-se ‘bará’), que indica uma criação de algo a partir do nada.

A expressão **Tohu VaVohu** seria explicado como: um substrato amorfo e maleável a partir do qual todos os outros elementos se formaram. O Rabino Rashi, no século XI, se referiu àquela expressão como um ‘vazio incrível’. Já o Rabino Samson Raphael Hirsch descreve Tohu VaVohu como: ‘surpreendentemente caótica’. Mas o significado da expressão Tohu VaVohu é ‘um substrato amorfo e maleável’ a partir do qual todos os outros elementos se formaram. Mesmo porque a tradução diz: “E a terra **era** sem forma e vazia”. Ela não diz: “E **se tornou** sem forma e vazia”. Portanto, não poderia haver caos. Satanás, ao cair, não deixou caos na Terra porque ela ainda não havia sido formada. Ele deixou o caos no mundo espiritual. Em Isaías está escrito:

• Is 45: 18: “Porque assim diz o Senhor, que criou os céus, o Deus que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não a criou para ser um caos, mas para ser habitada: Eu sou o Senhor, e não há outro”.

Isso quer dizer que o Senhor fez a Terra, provavelmente, a partir de gases e nuvens de poeira cósmica, que não têm forma de nada, como podemos ver nas chamadas ‘nebulosas’, ou seja, regiões de formação estelar, o ‘berçário’ de um grande número de planetas e de sistemas planetários do Universo.

3) Tehom

Quanto à palavra ‘abismo’, em hebraico **‘tehom’**, nós podemos dizer:

Os escritores bíblicos concebiam o céu físico como uma taça invertida, o firmamento, onde o sol fazia a sua peregrinação diária através dele e onde havia janelas através das quais a chuva podia cair: “No ano seiscentos da vida de Noé, aos dezessete dias do segundo mês, nesse dia romperam-se todas as fontes do grande abismo, e as comportas dos céus se abriram” (Gn 7: 11). A palavra hebraica **tehom (lugar profundo)**, foi traduzida como **abismo**: “A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas” (Gn 1: 2), com referência à idéia primitiva de uma vasta massa de água sobre a qual o mundo flutuaria (o corresponderia às águas subterrâneas, como os lençóis freáticos e artesianos e aquíferos, por exemplo) ou com referência ao mundo inferior (habitação de demônios, o lugar dos mortos, o lugar de tormento). Por isso, está escrito que Lúcifer foi lançado para o lugar dos mortos, “para o mais profundo abismo” – Is 14: 15 (abismo – em hebraico neste texto: bowr, Strong #953, que significa: um poço, especialmente usado como cisterna ou prisão; masmorra, fonte, poço, buraco) – cf. Mt 11: 23; Lc 10: 15, onde a ARA usa a palavra ‘inferno’ (em grego, Hades, o equivalente da palavra hebraica Seol). Mas nós podemos notar que as palavras usadas para ‘abismo’ (em português) são diferentes das usadas em hebraico.

4) Abadom ou Apoliom

Na bíblia apenas três anjos têm seus nomes revelados: Miguel, Gabriel e Apoliom (Abadom) o anjo descrito no Apocalipse (Ap 9: 11: “e tinham sobre eles /os

gafanhotos, personificação de demônios], como seu rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego, Apoliom”).

Abadom ou Apoliom é o anjo satânico do abismo, cujo nome, em grego, significa ‘Destruidor’ (figura de Satanás). Em hebraico, ’abhaddôn significa ‘Destruidor, i.e., Anjo Destruidor’ ou ‘lugar de destruição’ e é regularmente traduzido como tal em certas versões no AT para denominar a região dos mortos. Esta região era considerada pelos antigos judeus como inferno, Seol em hebraico, Hades e Geenna em grego, este último nome proveniente de ge (vale de) hinnôm (Vale de Hinom), onde eram feitos sacrifícios idólatras ao sul de Jerusalém (principalmente a Milcom, também chamado de Malcom ou Moloque, deus amonita). O significado de ‘Hinom’ é desconhecido; alguns sugerem: ‘Ben Hinom’, filho de Hinom (2 Cr 28: 3; 2 Rs 23: 10 – ‘vale dos filhos de Hinom’), dando a entender que é um nome próprio. Em Jr 7: 32 e Jr 19: 6 o nome é alterado pelo profeta para ‘vale da matança’. É também chamado de ‘Vale de Tofete’ (‘local de fogo’, ‘local de queima’ ou ‘local de torrefação’) pelos Cananeus. Também tem o significado de ‘fornalha’, ‘fogoeira’ (Is 30: 33 – ARA), ‘lugar de chama ou aborrecimento’.



Vale de Hinom

A região dos mortos era considerada pelos antigos judeus como ‘inferno’: Seol (em hebraico: sheol – Strong #7585: sepultura, inferno, poço, mundo inferior, submundo), Hades e Geenna em grego. Os judeus achavam que o Seol era semelhante a uma concha onde os mortos permaneciam e eram submetidos a julgamento. Ali poderia haver um lugar separado para os justos e para os perversos. A palavra Hades (em grego: hadés, ᾍδης – Strong #g86) provém de ‘a’ (como uma partícula negativa) e ‘eido’, mais propriamente: invisível, ou seja, ‘Hades’, ou o local (estado) das almas que partiram; inferno, sepultura. Na Vulgata Latina, a palavra grega Hades foi traduzida como ‘inferna’ (= inferno). A outra palavra grega, Geenna (em grego: Gehenna, γέεννης – Strong #g1067), como foi explicado antes, provém de ‘ge’ (vale de) ‘hinnôm’ (Hinom), onde eram feitos sacrifícios idólatras ao sul de Jerusalém ou um lugar de punição para criminosos; também usado como sinônimo de castigo eterno ou inferno. A palavra Geena pode ser encontrada no NT em: Mt 5: 22; 29; 30; Mt 10: 28; Mt 11: 23; Mc 9: 43; 45; 47; Lc 12: 5; Tg 3: 6. A palavra Hades está escrita em: Lc 10: 15; Lc 16: 23; Ap 1: 18; Ap 6: 8; Ap 20: 14. Em 2 Pe 2: 4, na nossa tradução, ‘inferno’, está escrita a palavra grega ‘tártaro’ (em grego: tartaróo, ταρταρώσας – Strong #g5020, ser lançado

no inferno; o mais profundo abismo do Hades; ser encarcerado em eterno tormento). Parece haver uma diferença entre as palavras Hades e Geenna, pois Hades transmite a idéia de ‘local (estado) das almas que partiram; inferno, sepultura’, ao passo que Geenna parece se referir a algo mais forte que a simples sepultura ou morte física. Ela sugere a morte espiritual, o verdadeiro inferno ou castigo eterno, como vemos na definição.

O ‘Devorador’ (de Ml 3: 11) ou Abadom (o ‘Destruidor’, de Ap 9: 11) pode ser o demônio que foi liberado para matar todos os primogênitos do Egito, embora a ARA seja a única versão mais conhecida que usa letra maiúscula em Êx 12: 23 (o ‘Destruidor’), sugerindo um nome próprio, um ‘Anjo Destruidor’. Nas demais versões está com letra minúscula, em Português e em inglês, sugerindo um ação destruidora resultante da ação do próprio Deus (shachath; Strong #7843: arruinar; destruir, corromper, perecer, perder, estragar). Ali, o Destruidor (o ‘anjo do abismo’ ou ‘o anjo de morte’) passou por cima das casas marcadas com o sangue do cordeiro e não as tocou:

- Êx 12: 12-13: “Porque, naquela noite, passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais; executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor. O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós **praga destruidora**, quando eu ferir a terra do Egito”.

- Êx 12: 23: “Porque o Senhor passará para ferir os egípcios; quando vir, porém, o sangue na verga da porta e em ambas as ombreiras, passará o Senhor aquela porta e em ambas as ombreiras, passará o Senhor aquela porta e não permitirá ao **Destruidor** que entre em vossas casas, para vos ferir”.

- Êx 12: 27: “Respondereis: É o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que **passou por cima** das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas. Então, o povo se inclinou e adorou”.

- Êx 12: 1-28: “Disse o Senhor a Moisés e a Arão na terra do Egito: Este mês vos será o principal dos meses; será o primeiro mês do ano. Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro, segundo a casa dos pais, um cordeiro para cada família. Mas, se a família for pequena para um cordeiro, então, convidará ele o seu vizinho mais próximo, conforme o número de almas; conforme o que cada um puder comer, por aí calculareis quantos bastem para o cordeiro. O cordeiro será sem defeito, macho de um ano; podereis tomar um cordeiro ou um cabrito; e o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde. Tomarão do sangue e o porão em ambas as ombreiras e na verga da porta, nas casas em que o comerem; naquela noite, comerão carne assada no fogo; com pães asmos e ervas amargas a comerão. Não comereis do animal nada cru, nem cozido em água, porém assado no fogo: a cabeça, as pernas e a fressura [vísceras]. Nada deixareis dele até pela manhã; o que, porém, ficar até pela manhã, queimá-lo-eis. Desta maneira o comereis: lombos cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão; comê-lo-eis à pressa; é a Páscoa do Senhor. Porque, naquela noite, passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais; executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor. O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós **praga destruidora**, quando eu ferir a terra do Egito. Este dia vos será para memorial, e o celebrareis como solenidade ao Senhor; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo. Sete dias comereis pães asmos. Logo ao primeiro dia, tirareis o fermento das vossas casas, pois qualquer que comer coisa levedada, desde o primeiro dia até ao sétimo dia, essa pessoa será eliminada

de Israel. Ao primeiro dia, haverá para vós outros santa assembléia; também, ao sétimo dia, tereis santa assembléia; nenhuma obra se fará nele, exceto o que diz respeito ao comer; somente isso podereis fazer. Guardai, pois, a Festa dos Pães Asmos, porque, nesse mesmo dia, tirei vossas hostes da terra do Egito; portanto, guardareis este dia nas vossas gerações por estatuto perpétuo. Desde o dia quatorze do primeiro mês, à tarde, comereis pães asmos até a tarde do dia vinte e um do mesmo mês. Por sete dias, não se ache nenhum fermento nas vossas casas; porque qualquer que comer pão levedado será eliminado da congregação de Israel, tanto o peregrino como o natural da terra. Nenhuma coisa levedada comereis; em todas as habitações, comereis pães asmos. Chamou, pois, Moisés todos os anciãos de Israel e lhes disse: Escolhei, e tomai cordeiros segundo as vossas famílias, e imolai a Páscoa. Tomai um molho de hissopo, molhai-o no sangue que estiver na bacia e marcai a verga da porta e suas ombreiras com o sangue que estiver na bacia; nenhum de vós saia da porta da sua casa até pela manhã. Porque o Senhor passará para ferir os egípcios; quando vir, porém, o sangue na verga da porta e em ambas as ombreiras, passará o Senhor aquela porta e em ambas as ombreiras, passará o Senhor aquela porta e não permitirá ao **Destruidor** que entre em vossas casas, para vos ferir. Guardai, pois, isto, por estatuto para vós outros e para vossos filhos, para sempre. E, uma vez dentro na terra que o Senhor vos dará, como tem dito, observai este rito. Quando vossos filhos vos perguntarem: Que rito é este? Respondereis: É o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas. Então, o povo se inclinou e adorou. E foram os filhos de Israel e fizeram isso; como o Senhor ordenara a Moisés e a Arão, assim fizeram”.

5) O Tanque de Silóé

A palavra Silóé (Shilôah, em hebraico שלח) – traduzido como ‘Enviado’ – é escrita em grego no NT (Grego Textus Receptus) como Siloam (silôam, σιλωαμ), e pode ser encontrada três vezes na bíblia: **1)** Ne 3: 15 (‘Açude de Selá’ – ARA; ‘Tanque de Silóé’ – NVI; em hebraico, neste texto de Neemias: Selá – שלח – shelach); **2)** Is 8: 6 (‘as águas de Silóé’); **3)** Jo 9: 7 (‘tanque de Silóé’).

O tanque de Silóé foi construído pelo rei Ezequias para trazer água a Jerusalém.

Ezequias foi rei de Judá (2 Rs 18–20; 2 Cr 29–32; Is 22 e Is 36–39), e seu período de reinado foi de 729 a 687 AC:

1) 729 AC (como co-regente de Acaz, seu pai), sendo que no 6º ano (722 AC) ocorreu a queda de Samaria (reino do Norte de Israel).

2) 716 (como único ocupante do trono) a 687 AC (no 14º ano do seu reinado – 701 AC – houve a invasão de Judá por Senaqueribe. O reinado de Senaqueribe, rei da Assíria vai de 705 a 681 AC).

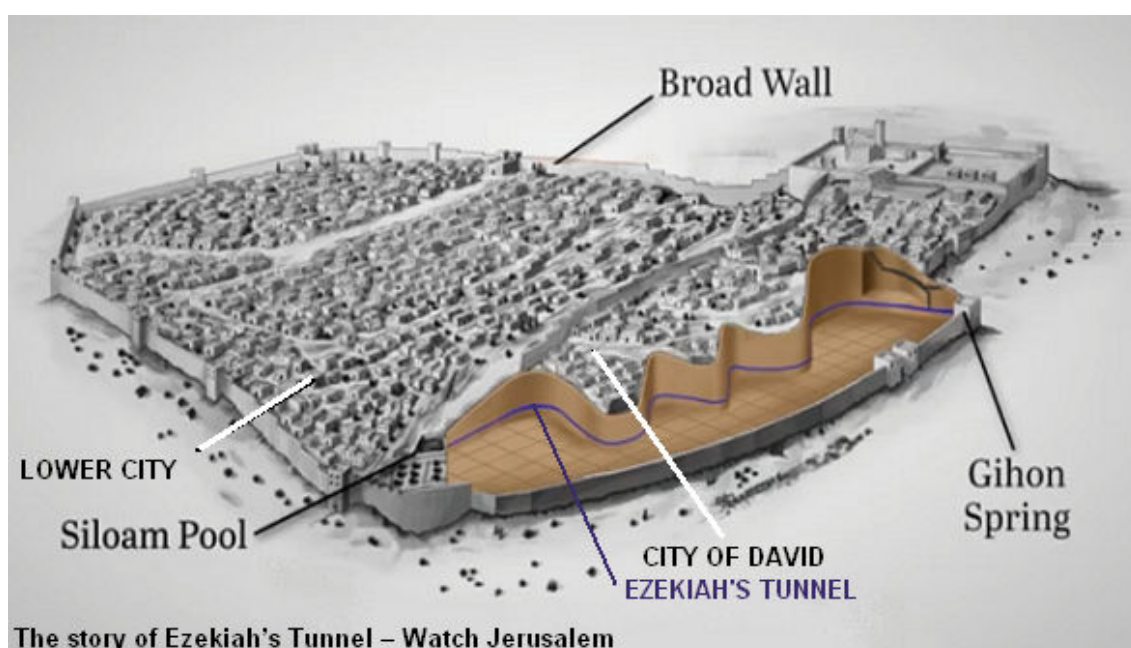
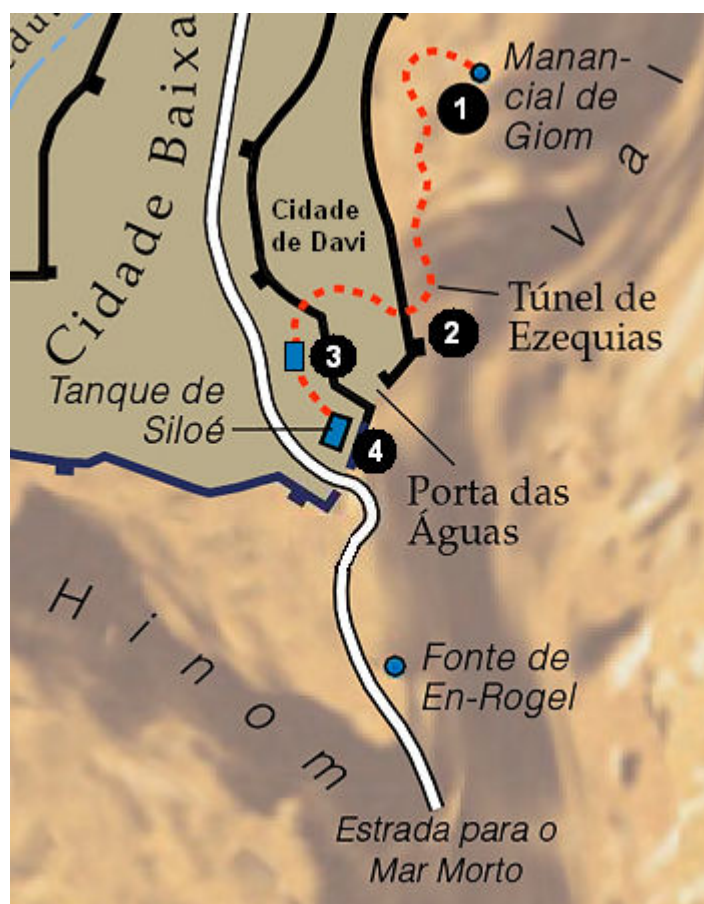
No 14º ano do seu reinado subiu Senaqueribe, rei da Assíria, contra todas as cidades de Judá e as tomou. Para tentar escapar do invasor, Ezequias preferiu fazer um acordo de paz e pagar-lhe tributo. Assim, deu-lhe trezentos talentos de prata (10.200 kg) e trinta talentos de ouro (1.020 kg), além de toda a prata que se achou na Casa do Senhor e nos tesouros da sua casa. Arrancou o ouro que cobria as ombreiras e as portas do templo e o deu ao inimigo (2 Rs 18: 16). Este, entretanto, enviou mensageiros, que foram também recebidos pelos enviados de Ezequias. Através de palavras mentirosas, os mensageiros de Senaqueribe procuraram tirar a confiança de Ezequias no Senhor e ameaçaram destruir a cidade, colocando medo no povo e diminuindo sua confiança no rei. Os mensageiros reais vieram até Ezequias e lhes contaram as palavras do inimigo. O

rei os enviou ao profeta Isaías que lhes deu palavras de consolo e força, exortando-os a confiar no livramento do Senhor e profetizando-lhes uma palavra que falou aos seus corações (2 Rs 19: 6-7).

Ezequias se perturbava pelo jugo assírio. Ao preparar-se para a invasão, ele edificou as defesas de Jerusalém (2 Cr 32: 3-5) e salvaguardou o suprimento de água da cidade construindo o túnel de Siloé (2 Rs 20: 20 e Is 22: 9). Siloé (Shilôah, em hebraico: enviado) era uma das principais fontes de suprimento de água de Jerusalém, ligada à fonte de Giom (גִּיחֹן ‘Gichon’ – Strong #1521, derivada de ‘giyach’, que significa ‘corrente’ [de água], ‘córrego’), a sudeste de Jerusalém e que, por sua vez, despejava água na cidade por meio de um canal aberto. Da fonte de Siloé, o canal desaguava no poço antigo ou de baixo (Birket el-Hamra). Quando Ezequias se viu diante da ameaça de Senaqueribe, tapou todas as fontes, todos os riachos e canais subsidiários que conduziam ao ribeiro que corria pelo meio da terra (2 Cr 32: 3-4). O rei em seguida enviou as águas do Giom superior por meio de um conduto ou túnel de dois metros de altura até uma cisterna ou poço superior (Birket Silwān) no lado oeste da cidade de Davi (2 Cr 32: 30). Defendeu a nova fonte de suprimento com uma rampa (2 Cr 32: 30).



Mapa de Siloé: 1. Giom; 2. Túnel de Ezequias; 3. Poço Superior (Birket Silwan) 4. Poço Inferior ou Antigo (Birk el-Hamra); 5. Túmulo de Sebna, no local onde os reis da Casa de Davi eram enterrados.



A construção do túnel de Ezequias foi surpreendente em matéria de engenharia, pois era algo bastante avançado para aquela época, e podemos dizer que a mão de Deus em todo o projeto é inegável. Embora o profeta não tenha deixado os detalhes dados pelo Senhor a Ezequias, nós podemos ver pelas evidências arqueológicas encontradas hoje que os trabalhadores cavaram um túnel estreito (só dá para um homem passar) de

dois metros de altura em rocha sólida por uma distância de 540 metros (1.200 côvados), que é seu comprimento, e ainda deixando uma parede de rocha de aproximadamente 45 metros (100 côvados) acima deles. Duas equipes cavaram em direção uma à outra, tendo por base o som das picaretas até se encontrarem no centro. ‘Quando faltavam apenas 3 côvados (1,35 metro) a voz de um homem foi ouvida chamando sua contraparte’, como consta dos registros do tunelamento encontrados em uma pedra com uma inscrição onde se pode ler o nome de Ezequias, e que hoje está de posse de muçulmanos.



6) O que significa a expressão ‘até que venha Siló?’

Ela foi proferida por Jacó em Gn 49: 1-28, quando abençoou seus filhos.

Vamos ler a passagem toda.

- Gn 49: 1-28 (as bênçãos de Jacó sobre seus filhos): “Depois, chamou Jacó a seus filhos e disse: Ajuntai-vos, e eu vos farei saber o que vos há de acontecer nos dias

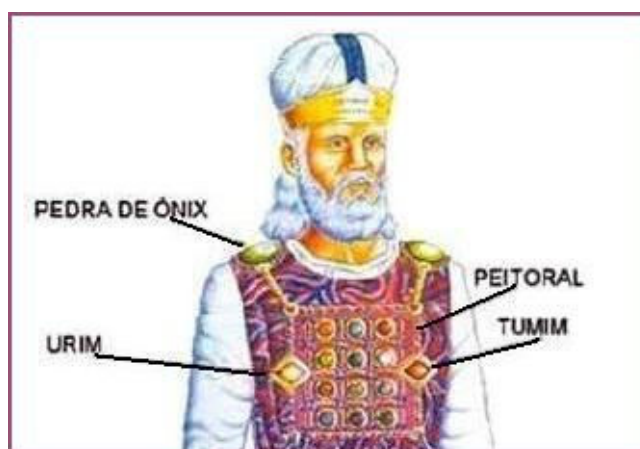
vindouros: Ajuntai-vos e ouvi, filhos de Jacó; ouvi a Israel, vosso pai. Rúben, tu és meu primogênito, minha força e as primícias do meu vigor, o mais excelente em altivez e o mais excelente em poder. Impetuoso como a água, não serás o mais excelente, porque subiste ao leito do teu pai e o profanaste; subiste à minha cama *[ele se referia ao fato de Rúben coabitar com sua concubina]*. Simeão e Levi são irmãos; as suas espadas são instrumentos de violência. No seu conselho, não entre a minha alma; com o seu agrupamento, minha glória não se ajunte; porque no seu furor mataram homens, e na sua vontade perversa jarretaram touros *[ele se referia à traição de Simeão e Levi, matando os homens de Hamor, pai de Siquém, com quem a filha de Jacó, Diná, tinha casado. O povo de Hamor tinha feito um pacto de se unir com Jacó e por isso, circuncidaram todos os do sexo masculino; entretanto, enquanto estavam sarando das feridas no acampamento, Simeão e Levi foram até lá e mataram todos eles – Gn 34: 1-31]*. Maldito seja o seu furor, pois era forte, e a sua ira, pois era dura; dividi-los-ei em Jacó e os espalharei em Israel. Judá, teus irmãos te louvarão; a tua mão estará sobre a cerviz dos teus inimigos; os filhos de teu pai se inclinarão a ti. Judá é leãozinho; da presa subsiste, filho meu. Encurva-se e deita-se como leão e como leoa; quem o despertará? O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de em entre seus pés, **até que venha Siló***; e a ele obedecerão os povos. Ele amarrará o seu jumentinho à vide e o filho da sua jumenta, à videira mais excelente; lavará as suas vestes no vinho e a sua capa, em sangue de uvas. Os seus olhos serão cintilantes de vinho, e os dentes, brancos de leite. Zebulom habitará na praia dos mares e servirá de porto aos navios, e o seu limite se estenderá até Sidom. Issacar é jumento de fortes ossos, de repouso entre os rebanhos de ovelhas. Viu que o repouso era bom e que a terra era deliciosa; baixou os ombros à carga e sujeitou-se ao trabalho servil. Dã julgará o seu povo, como uma das tribos de Israel. Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo e faz cair o seu cavaleiro por detrás. A tua salvação espero, ó Senhor! Gade, uma guerrilha o acometerá; mas ele a acometerá por sua retaguarda. Aser, o seu pão será abundante e ele motivará delícias reais. Naftali é uma gazela solta; ele profere palavras formosas. José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus galhos se estendem sobre o muro. Os flecheiros lhe dão amargura, atiram contra ele e o aborrecem. O seu arco, porém, permanece firme, e seus braços são feitos ativos pelas mãos do Poderoso de Jacó, sim, pelo Pastor e pela Pedra de Israel, pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará com as bênçãos dos altos céus *[espirituais]*, com bênçãos das profundezas *[emocionais]*, com bênçãos dos seios e da madre *[materiais]*. As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais até ao cimo dos montes eternos; estejam elas sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça do que foi distinguido entre seus irmãos. Benjamim é lobo que despedaça; pela manhã devora a presa e à tarde reparte o despojo. São estas as doze tribos de Israel; e isto lhes falou seu pai quando os abençoou; a cada um deles abençoou segundo a bênção que lhe cabia”.

(*) “Até que venha Siló”. Foi em Siló que a tenda da congregação foi armada nos primeiros dias depois da conquista da Terra Prometida (Js 18: 1), e foi esse o principal santuário dos israelitas durante o tempo dos juizes (Jz 18: 31). Pelo tempo de Eli (o sacerdote) e seus filhos, o santuário já se tornara uma estrutura bem estabelecida de adoração centralizada. Depois de Siló, a arca da Aliança mudou várias vezes de lugar, pois foi roubada pelos inimigos (filisteus), até ser transferida para Baalim de Judá, também chamada de Quiriate-Jearim ou Quiriate-Baal (Js 18: 14; 1 Sm 7: 1-2; 1 Cr 13: 5) para a casa de Abinadabe e seus filhos, Uzá e Aiô (2 Sm 6: 2-3); dali foi para casa de Obede-Edom (provavelmente um filisteu de Gate e que morava perto de Jerusalém – 2 Sm 6: 10; 1 Cr 13: 13-14; 1 Cr 15: 25 – segundo: “O Novo Dicionário da Bíblia – J. D.

Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995”), de onde Davi (como rei) a tomou e a levou até o monte Sião, a cidade de Davi, até conquistar seu lugar definitivo no templo de Jerusalém construído por Salomão (o povo sacrificava no altar do holocausto colocado no alto em Gibeão – 1 Cr 16: 39; 1 Cr 21: 29; 2 Cr 1: 3-5 – mas a arca ficou em Jerusalém, numa tenda que Davi construiu para ela: 1 Cr 15:1; 1 Cr 16:1; 37-39; 2 Cr 1: 3-5; 1 Rs 3: 4; 15). A expressão usada por Jacó: “até que venha Siló”, em referência a Judá, em hebraico: ‘adh kī-yābhô’ shîlôh, pode ser traduzida de várias maneiras. As duas mais cabíveis a meu ver são: 1) “Até que ele [em referência a Judá] venha a Siló”, cumprindo o que está escrito em Js 18: 1, quando, numa reunião, a tribo nobremente rejeitou a proeminência que havia desfrutado anteriormente (na peregrinação pelo deserto). 2) Emendando-se shîlôh para shellôh e traduzindo a frase como faz a Septuaginta (a versão grega do AT), “até que aquilo que é dele venha”, isto é, “as coisas reservadas para ele”, talvez aqui seja uma referência a Davi ou uma referência messiânica [ele = Jesus].

7) O Tumim e o Urim

O sacerdote do AT tinha duas pedrinhas no peitoral das suas vestes: o Tumim e o Urim – Êx 28: 30 (Arão); 1 Sm 23: 6; 9-14 (Davi e Abiatar). Eram dois objetos achatados por meio dos quais a vontade de Deus era consultada. Os dois tinham de um lado escrita a palavra Urim, derivada de ‘ārar (amaldiçoar); de outro estava escrita a palavra Tumim de tāmam (ser perfeito). Se ao lançar as sortes, as duas faces do Urim ficassem para cima, significava um ‘não’ de Deus. Se fossem os dois Tumim, significava ‘sim’, e se fosse um Urim e outro Tumim, significava ‘sem resposta’. Como no AT não havia a distribuição do Espírito Santo sobre todas as pessoas, somente sobre o líder com o qual Deus falava pessoalmente, as consultas a Ele eram feitas pelo sacerdote através desses dois objetos. Mas somente aos sacerdotes isso era delegado. Depois da vinda de Jesus, o Espírito Santo começou a falar com todos os Seus filhos (At 1: 23-26 é a única vez no NT que se menciona a sorte (o sorteio) como meio de escolha divina; At 13: 1-3 – aqui já havia profetas, por meio dos quais o Espírito Santo falava). O mais importante para nós, hoje, é que devemos consultar o Senhor sempre, em todas as circunstâncias das nossas vidas, e ouvir com clareza a voz do Seu Espírito em nosso coração para podermos tomar a direção correta.



8) Nazireu, Nazireado

Nazireu vem do hebraico *nāzîr* (vinha), derivado de *nāzar*: separar, consagrar, abster-se, comparada com a palavra *nezer*: diadema ou coroa de Deus, algumas vezes identificada com os cabelos compridos dos Nazireus. Embora na lei de Moisés se fale sobre o Nazireado (Nm 6: 1- 21), a origem da prática é pré-mosaica e obscura (semitas e outros povos primitivos). Existiam três regras a serem respeitadas pelo Nazireu:

1) Renunciar ao vinho e bebidas tóxicas, vinagre, uvas, passas e tudo o que provém da vinha, desde as sementes até as cascas (Nm 6: 3-4), para manter sua integridade e santidade e não ser possuído por qualquer espírito que não o de Deus (Pv 20: 1; Lv 10: 9-11). Assim, o Nazireu se aproximava dEle de modo mais digno. O significado espiritual para nós dessa abstinência é renunciar às paixões carnis e aos descontroles emocionais; aprender a controlar os desejos da carne e ter controle emocional através do Espírito Santo.

2) Não cortar os cabelos (Nm 6: 5). Os cabelos, para os judeus daquela época, simbolizavam a sede da vida, assim como a vinha (*nāzîr* = vinha não podada – Lv 25: 5; 11; no final do período do voto os cabelos eram queimados sobre o altar – Nm 6: 18-19). Para nós o significado espiritual desta prática é não sair da cobertura espiritual de Deus, mas ter consciência da Sua proteção e da presença do Seu Espírito.

3) Não se aproximar de qualquer cadáver (Nm 6: 6), até mesmo no caso de parentes e isso se aplicava também ao sumo sacerdote (Arão não pôde chorar a morte dos seus filhos Nadabe e Abiú que foram mortos pelo Senhor por queimar incenso no altar sem Sua ordem, nem ir ao enterro, pois era o sumo sacerdote: Lv 10: 6-7). Outras referências: Lv 21: 1-4 e 10-12. Para nós, o significado disso é não voltar a tocar no que é velho, nas coisas passadas, nas coisas mortas, no pecado.

O Nazireado era normalmente praticado para se conseguir certos favores da parte de Deus. Alguns faziam o voto temporário (no mínimo por trinta dias, como no caso de Paulo – At 18: 18; At 21: 23-24); outros o fizeram como voto vitalício: Samuel, Sansão, João Batista.

Quanto à expressão ‘*Mazal tov*’ ou ‘*Mazel tov*’ e sua ligação com a sorte, vamos ler sobre isso no próximo capítulo.

9) Tefilin (Filatérios)

Em Mt 23: 5 está escrito: “Praticam [*Jesus se referia aos escribas e fariseus*], porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas” (ARA). Na NVI está escrito: “Tudo o que eles fazem é para serem vistos pelos homens. Eles fazem seus filactérios bem largos e as franjas das suas vestes bem longas”.

A palavra grega neste versículo de Mateus 23 é ‘filactérios’ (filatério, em grego: *phylaktérion*, φυλακτήριον – Strong #G5440); no plural: filactérios (*Phulakteria*, φυλακτηρια), também é mencionado em Dt 6: 8 como: *thothâphoth* (תֹּחַפֹּת – Strong #2903), traduzido como testeira ou frontal.

‘Filactérios’ (em grego) equivale à palavra hebraica ‘tefilin’ (a forma plural de ‘tefilá’). As referências bíblicas em relação aos ‘tefilin’ podem ser encontradas em Êx 13: 9; Êx 13: 16; Dt 6: 8 e Dt 11: 18. Apesar de tefilin ser a forma plural de tefilá, a palavra ‘tefilin’ é raramente usada no singular.

Tefilin ou filactérios são duas pequenas caixas de couro contendo pergaminhos inscritos com versículos da Torá e atadas às mãos e às fronte: Êx 13: 9; Êx 13: 16; Dt 6: 8; Dt 11: 18. Os filactérios são usados por judeus praticantes nas orações da manhã durante a semana, em especial ao recitar o ‘Shemá Israel’ (Sh’ma Yisrael – ‘Ouve, Israel’ – Dt 6: 4-9).

Estes trechos da Torá (Êx 13: 1-10; Êx 13: 11-16; Dt 6: 4-9; Dt 11: 13-21; Nm 15: 37-41) são conhecidos pelos judeus como Shemá Israel, em especial o 3º texto, o de Dt 6: 4-9. ‘O Shemá Israel’ inicia com: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (Dt 6: 4-5). Mas é lido juntamente com os demais trechos de Êx 13: 1-16 (Vehayá Ki Yeviachá – ‘quando eu te trouxer’: “Quando o Senhor te houver introduzido na terra dos cananeus, e dos heteus, e dos amorreus, e dos heveus, e dos jebuseus, a qual jurou a teus pais te dar, terra que mana leite e mel, guardarás este rito neste mês” – Êx 13: 5); Êx 13: 2 (Cadêsh Li – ‘consagra-me’ ou ‘santifica para mim’: “Consagra-me todo primogênito; todo que abre a madre de sua mãe entre os filhos de Israel, tanto de homens como de animais, é meu”) e Dt 11: 13-21 (Vehaiá Im Shamoá – ‘E acontecerá que, se deres ouvidos’: “Se diligentemente obedecerdes [*shāma‘ b’*: ‘deres ouvidos a’] a meus mandamentos que hoje vos ordeno, de amar o Senhor, vosso Deus, e de o servir de todo o vosso coração e de toda a vossa alma,...” – Dt 11: 13).

Tefilin (תפילין) não é uma palavra encontrada na bíblia. Nos textos hebraicos nós podemos encontrar a palavra thothâphoth (טוֹטָפוֹת – Strong #2903 – Êx 13: 9; Êx 13: 16; Dt 6: 8; Dt 11: 18), que significa ‘testeira’, na nossa tradução em Português, ‘frontais’. Na Versão Concordante do Antigo Testamento (CVOT), a palavra thothâphoth é escrita como ‘zikkâron’ (Strong #2146) = ‘memorial’ (זִכְרוֹן – Êx 13: 9), ou ‘tutphth’ (ttphth) = frontais, testeiras (Êx 13: 16; Dt 6: 8; Dt 11: 18). A Septuaginta (a versão grega da Torah) traduz thothâphoth – ὁσαλευτόν – por ‘algo imutável’. Muito provavelmente, a palavra ‘tefilin’ foi criada por rabinos desde o final do período do segundo templo até a era medieval.

Segundo outros pesquisadores, ‘tefilin’ pode ser derivado do verbo aramaico ‘pleitear’, ‘orar’, intimamente relacionado com a palavra hebraica ‘tefilá’, ‘oração’, ‘prece’. Jacob ben Asher (século XIV EC) sugere que ‘tefilin’ é derivado do hebraico ‘pelilah’, ‘a justiça, a prova’, como um ato, sinal e prova da presença de Deus entre o povo judeu.

A única menção ao nome ‘tefilin’ no NT ocorre em Mt 23: 5, onde está escrita a palavra grega ‘filactérios’, quando Jesus repreende os fariseus e diz que só o que eles fazem é tornar os seus filactérios cada vez mais largos. ‘Filactério’ significa literalmente: ‘um amuleto’; deriva do grego ‘phylacterion’ ou ‘phulaktérion’ (phulaktērion) – φυλακτήριον (Strong #G5440), cujo plural é ‘Phulakteria’ (φυλακτηρια, filactérios) e uma forma grega antiga de phylássein, φυλάσσειν, ou phylássō (φυλάσσω – Strong #G5442) que significa ‘guardar, preservar, proteger, eu mantenho, eu guardo, eu observo’, explicando a utilização destes objetos como proteção e que se refere, na verdade, a ‘amuletos’.

Na época de Jesus, um filactério era uma cápsula de pergaminho contendo pequenos rolos de pergaminho com os textos hebraicos, afixados no braço esquerdo ou na testa dos homens na oração matinal e considerada como uma proteção (daí o nome filactério, ‘amuleto’) contra os espíritos malignos. Eles também eram amarrados no punho e na testa significando como a Palavra de Deus deve regular todo comportamento e pensamentos.

A Torá ordenava que eles fossem ser usados para servir como um sinal e memorial que Deus tirou os filhos de Israel do Egito. Por exemplo, em Dt 11: 18 está escrito;

“Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma; atai-as por sinal na vossa mão, para que estejam por frontal entre os olhos”.

Nós podemos pensar que Deus estivesse falando apenas sobre escrever os Dez Mandamentos nos rolos, ou então, sobre guardar os mandamentos do Senhor, amá-lo e servi-lo com todo o coração e de toda a alma, se nos basearmos na sequência do texto, que se inicia em Dt 10: 2 (quando o Senhor escreve as palavras da aliança nas segundas tábuas de pedra que Moisés lavrou), seguindo com os versículos 12-13, onde Moisés mostra ao povo o que o Senhor espera deles (“Agora, pois, ó Israel, que é que o Senhor requer de ti? Não é que temas o Senhor, teu Deus, e andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma, para guardares os mandamentos do Senhor e os seus estatutos que hoje te ordeno, para o teu bem?”), passando a Dt 11: 1 (“Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, e todos os dias guardarás os seus preceitos, os seus estatutos, os seus juízos e os seus mandamentos”), Dt 11: 8 (“Guardai, pois, todos os mandamentos que hoje vos ordeno, para que sejais fortes, e entreis, e possuais a terra para onde vos dirigis”) e, finalmente, a Dt 11: 13 (“Se diligentemente obedeceres a meus mandamentos que hoje vos ordeno, de amar o Senhor, vosso Deus, e de o servir de todo o vosso coração e de toda a vossa alma”). A palavra ‘alma’ aqui, em hebraico é *nephesh* (Strong #5315), que vem da palavra ‘*naphash*’, e significa: ‘uma alma, ser vivo, vida, eu, pessoa, desejo, paixão, apetite, emoção’. Isso nos faz pensar que o que Deus queria deles é que lhe obedecessem e aos Seus mandamentos com todo o seu ser: corpo (força física e os recursos materiais que tinham), inteligência (mente, espírito), emoções e sentimentos (alma) e vontade (coração). E que escrevessem isso no braço e na testa para não se esquecerem do Senhor e de Sua aliança com eles.

Isso pode ficar mais claro em Dt 6: 4-8, onde Ele fala sobre como Israel deveria pensar no Seu Deus, pois Ele é o único Senhor: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (Dt 6: 4-5). **Isso, então deveria estar gravado nos seus corações e escrito num rolo para ser atado ao braço e à testa dos israelitas (Dt 6: 6; 8):** “Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração;... Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos”. Ele diz claramente para manter estas palavras no coração (“Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força”), na mão e entre os olhos, ou seja, sentir, pensar e agir como Ele o faz.

Os textos bíblicos para tefilin são obscuros no sentido literal, segundo os estudiosos judeus, pois para eles o texto de Dt 11: 18 não especifica o que ‘atar por sinal na mão’; também não deixou clara a forma como isso deveria ser feito. Rabinos determinaram os textos a serem colocados nos tefilin e lidos (como é o caso do Shemá, descrito acima). E foi o Talmude (escrito por volta de 500 EC) que explicou e deu forma ao que é para ser ligado ao corpo.

O tefilin-mão ou tefilin-braço (*shel yad*) é colocado na parte superior do braço, a correia é enrolada com sete voltas no braço, mão e dedos e fica próxima do coração, enquanto o tefilin-cabeça (*shel rosh*) é colocado acima da testa.

Imagem abaixo (fonte: wikipedia.org): Um conjunto de tefilin na tradição **Ashkanazi** (Asquenazita), feito como uma peça única de couro de vaca em vez de couro de ovelha, incluindo o tefilá-braço (à esquerda) e a tefilá-cabeça (à direita). O termo ‘Asquenazes’ ou ‘Asquenazim’ diz respeito aos judeus provenientes da Europa Central e Oriental e provém da palavra hebraica medieval para a Alemanha (Ashkenaz – אשכנז). Em hebraico, o singular é ‘ashkenazi’ e o plural, ashkenazim. Atualmente, o

termo asquenazita se refere aos descendentes daqueles primeiros judeus da Europa Oriental, espalhados por todo mundo após o Holocausto. Asquenaz foi um dos descendentes de Noé, por meio de Gomer, filho de Jafé (Gn 10: 3; 1 Cr 1: 6), e que habitou o distrito de Ascania, uma área entre os mares Cáspio e Negro. Esse povo foi aliado dos Mannai, em Acadiano (ou Mini, em hebraico), contra os Assírios no século VII AC. Essa revolta é refletida em Jr 51: 27. Os asquenazes podem ser identificados com os Citas, mencionados por Heródoto. A Cítia corresponde hoje aos seguintes países: Romênia, Bulgária, Ucrânia, Rússia, Kazaquistão e Usbequistão, anteriormente integrante da URSS.



Imagem acima: O tenente Asael Lubotzky das Forças de Defesa de Israel durante a Segunda Guerra do Líbano ora com tefilin (wikipedia.org).

Imagem abaixo (fonte: wikipedia.org): Tefilin-braço (shel yad) na mão esquerda com padrão da letra ש (shin), de acordo com uma das opiniões Ashkenazi. A grande letra ש (Shin) representa שדי (Shaddai), um dos nomes pelos quais Deus era conhecido na Antiguidade: El-Shaddai, o Deus Todo-Poderoso.



Neste texto, Jesus não apenas menciona os filactérios ou tefilin, mas também o ‘tsitsit’, escrito na ARA como ‘franjas’. E a palavra ‘franja’ é escrita em grego como kraspedon (κράσπεδον – Strong #G2899), correspondendo à palavra hebraica tsitsith (ציצית – Nm 15: 38 – Strong #6734), que significa: borla; franja, mecha (de cabelo), trança. Kraspedon significa: franja, borla, canto, borda, bainha; uma margem, isto é, uma franja ou borla.

Tsitsit (no hebraico ציצית) é o conjunto de franjas do talit, que servem como um meio de fazer os judeus se lembrarem dos mandamentos de Deus. O mandamento sobre o tsitsit encontra-se em duas passagens da Torá: Nm 15: 37-41; Dt 22: 12 (onde está escrito ‘borlas’ – ARA). Isso nos leva ao tema seguinte, que é o talit.

10) Talit

O mandamento a respeito das franjas é mencionado duas vezes na Torá em:

- Nm 15: 37-41: “Disse o Senhor a Moisés: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes que nos cantos (kanaph, כַּנָּף – Strong #3671) das suas vestes façam borlas (tsitsith – Strong #6734) pelas suas gerações; e as borlas (tsitsith – Strong #6734) em cada canto (kanaph, כַּנָּף – Strong #3671), presas por um cordão azul. E as borlas (tsitsith – Strong #6734) estarão ali para que, vendo-as, vos lembreis de todos os mandamentos do Senhor e os cumprais; não seguireis os desejos do vosso coração, nem os dos vossos olhos, após os quais andais adulterando, para que vos lembreis de todos os meus mandamentos, e os cumprais, e santos sereis a vosso Deus. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito, para vos ser por Deus. Eu sou o Senhor, vosso Deus”.

- Dt 22: 12: “Farás borlas (franjas) nos quatro cantos (kanaph, כַּנָּף – Strong #3671) do manto com que te cobrires”.

O talit (no hebraico moderno, também conhecido como talit gadol, se referindo ao xale grande), talet (em Sefaradi, judaico-espanhol) ou talis (em Lídice, judaico-alemão) é um xale feito de seda, lã ou linho, que tem franjas (tsitsiot, plural, ou tsitsi, singular)

em suas extremidades. O plural de talit em hebraico é talitot. O plural iídiche é taleisim. É usado pelos homens como uma cobertura na hora das preces judaicas, principalmente no momento da oração feita pela manhã (Shacharit) e no momento da oração na sinagoga.

Ele foi planejado por Deus para lembrar Seu povo da importância da obediência aos Seus mandamentos e da Sua cobertura e autoridade sobre eles. Em outras palavras, as franjas funcionam como lembrete de todos os mandamentos da Lei, advertindo o homem contra as inclinações do coração (símbolo dos sentimentos e das emoções e a sede da vontade e das decisões) e dos olhos (símbolo da sabedoria e do intelecto, gerando o desejo), os dois ‘provocadores do pecado’. Sobre o talit ter quatro cantos, isso significa que em qualquer uma das direções (norte, sul, leste e oeste) que os israelitas se voltassem, as franjas os tornariam conscientes da presença de Deus. As franjas eram, portanto, colocadas nos quatro cantos do manto.

Quanto à sua medida, ao número de nós, ao número das franjas e ao tecido a ser usado não há referência bíblica, diferentemente do que vemos em relação ao tabernáculo e aos utensílios sagrados, cujas medidas precisas foram dadas a Moisés.

Há dois tipos de talit: o talit catan (pequeno), também chamado de tsitsit, usado durante o dia debaixo da camisa; e o talit gadol (grande), usado somente na Prece Matinal.



Talit Gadol – listras pretas de acordo com a tradição Ashkenazi

Imagens abaixo: talit catan (pequeno), também chamado de tsitsit, usado durante o dia debaixo da camisa.



Segundo os conhecimentos rabínicos, interpreta-se que os objetivos principais deste acessório são:

- Isolar quem está orando do mundo à sua volta, ajudando-o a se concentrar durante a oração.
- Criar um ambiente de igualdade entre os que estão orando na sinagoga, tendo então, concordância com uma cobertura homogênea que estaria sobre as roupas das pessoas ali. Dessa forma se deixaria de lado a posição social ou financeira das mesmas.

O termo tsitsit lembra o tsits, a placa de ouro usada pelo cohen gadol, o sumo sacerdote, na qual estavam gravadas as palavras “Santidade ao Senhor” (Êx 28: 36: “Farás também uma lâmina de ouro puro e nela gravarás à maneira de gravuras de sinetes: Santidade ao Senhor”). Essa placa de ouro era atada com um cordão azul na mitra (Êx 28: 37) que ficava na cabeça do sumo sacerdote. Tsits significa: ‘fitar’ porque era usado na testa um lugar visível a todos. Assim, essa palavra denota que as franjas

devem ser vistas, portanto, sua melhor tradução é: ‘franjas à mostra’ (i.e., as franjas ligadas à veste, a fim de serem vistas).



A mitra do sumo sacerdote onde está gravada a frase
“Santidade ao Senhor na placa de ouro”

As franjas à mostra despertam no homem uma consciência direta da Presença Divina. Esta era a função especial que tinha o fio azul (פתיל תכלת; *pəthiyl* ou *pathil* = fio, פְּתִיל – Strong #6616, e azul = *tək-ā'-leth*, *tekeleth* ou *techelet*, תְּכֵלֶת – Strong #8504), cuja coloração (um azul-celeste profundo ou turquesa ou azul-violeta segundo os pesquisadores, escrito como ‘ametista’ na Versão Concordante do Antigo Testamento – CVOT) era obtida através da extração do pigmento do Chilazon, um molusco atualmente extinto. Hoje a cor azul é obtida a partir de outro molusco, o *Hexaplex trunculus*, pertencente à família *Muricidae*, moluscos conhecidos pelo nome comum de ‘murex’. O azul se assemelha à cor do mar ou do céu, a cor do trono de Deus, segundo a interpretação da Antiguidade. Para nós, o fio azul representa o Espírito Santo.

Por muitos séculos desde o exílio do povo judeu da Terra de Israel, os tsitsit têm sido usados sem o fio ‘azul’ (‘techelet’), embora tenha havido uma tentativa de retorno nos últimos cem anos.

O talit usado pelos judeus de hoje é feito de seda, lã ou linho, mas sempre de um mesmo tecido (Dt 22: 11: “Não te vestirás de estofos de lã e linho juntamente”; Lv 19: 19: “Guardarás os meus estatutos; não permitirás que os teus animais se ajuntem com os de espécie diversa; no teu campo, não semearás semente de duas espécies; nem usarás roupa de dois estofos misturados”). Em Dt 22: 11, nós podemos entender que essa observação se refira figuradamente a não misturar as coisas do mundo com as coisas de Deus, a santidade com a impureza, pois a lã fazia suar, e na Antiguidade, o suor era considerado como sinal de impureza. O tecido de lã e linho entrelaçado é chamado *shatnez*.

Até aqui nós podemos ver que essas foram as únicas diretrizes dadas por Deus quanto ao talit: fazer franjas nas bordas dos quatro cantos do manto (Dt 22: 12) presas por um cordão azul (ou seja, fios retorcidos com um cordão azul entre eles, como o cinto do sacerdote – Nm 15: 38 cf. Êx 39: 5; Êx 28: 8) para que eles se lembrassem de todos os mandamentos do Senhor e os cumprissem. Em outras palavras, uma ordem simples e com um objetivo claro e simples.

Entretanto, desde o final do período do segundo templo até a era medieval, os rabinos acrescentaram outros detalhes. Eles descrevem cinco nós nos tsitsit do talit, significando os cinco Livros de Moisés (Torá) e oito fios em cada uma das franjas dos

cantos do manto sugerindo os oito órgãos do corpo que estimulam o homem a pecar (ouvidos, olhos, boca, nariz, mãos, pés, genitais e coração), ao invés do coração e dos olhos, como foi escrito em Nm 15: 39. Tanto o talit como as franjas precisam ser do mesmo material (lã, seda ou linho) ou pelo menos que os fios sejam de lã. O comprimento dos fios e do talit varia de acordo com as diversas linhas de pensamento do judaísmo e das suas comunidades ao redor do mundo e é geralmente baseado na medida antiga do côvado ou ‘amá’ (que gira em torno de 48 cm, para a medida do talit judaico). Na Antiguidade, o xale de oração usado pelos homens era como um manto retangular que parecia um cobertor.



Tsitsit sem o fio azul – Foto: DRosenbach – wikipedia.org

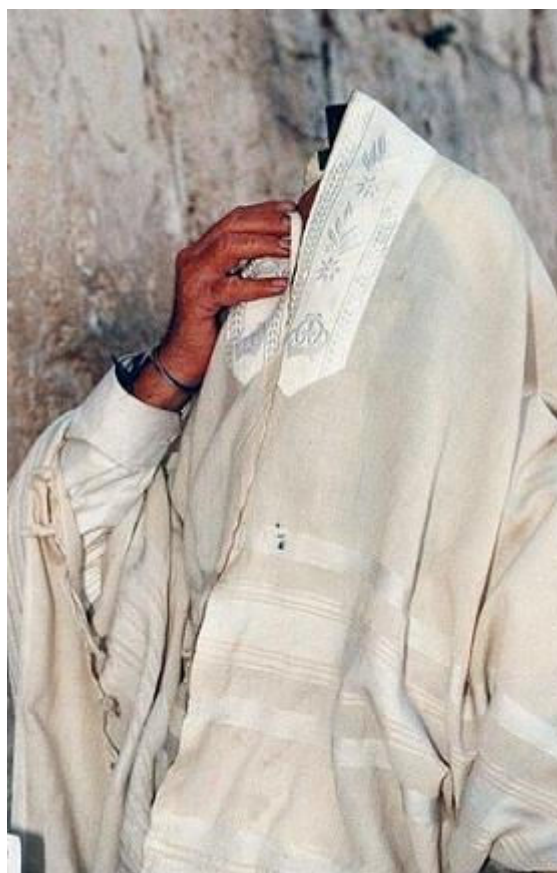
Imagem abaixo: um talit usado pelo cohen (sacerdote). Um conjunto de tsitsit, quatro borlas ou ‘franjas’ com fios azuis produzidos a partir de um corante à base de tróculo Hexaplex – amarrado de acordo com a opinião do Sefer ha-Chinuch. Sefer ha-Chinuch (hebraico: ספר החינוך, ‘Livro da Educação’) é um texto rabínico judeu que discute sistematicamente os 613 mandamentos da Torá (baseado no sistema de contagem de Maimônides). Foi publicado anonimamente na Espanha do século 13. Hexaplex trunculus é uma espécie de molusco pertencente à família Muricidae, moluscos geralmente conhecidos pelo nome de ‘murex’, alguns deles de grandes dimensões e com conchas com formas e cores pouco usuais – wikipedia.org



Um talit dobrado; fios de lã. Foto: Mushki Brichta – wikipedia.org

Imagem abaixo (Foto: Eliel Joseph Schafner – wikipedia.org): Um talit branco, de acordo com algumas tradições Sefarditas. Sacerdote no Muro das Lamentações durante a Festa de Succot (Festa dos Tabernáculos). Sefarditas são os judeus da Península Ibérica. Os judeus da Grécia são chamados Romaniotas. E os Judeus do Oriente Médio, os do mundo islâmico, são chamados de Mizrahim. O termo 'Judeus italianos' ou 'judeus romanos' podem ser usados em um sentido amplo para significar todos os judeus que vivem ou têm raízes na Itália. Os judeus que viviam na Itália desde os tempos romanos, distintos dos Sefarditas e dos Asquenazim, às vezes são referidos na

literatura hebraica como Italkim, o plural de Italki, uma palavra emprestada do adjetivo ‘italicu’ ou ‘italicum’, que significa ‘Itálico’; em latim, ‘Romano’ ou ‘Romanita’. Italkit também é usado no hebraico moderno como o nome do idioma italiano. Eles falam tradicionalmente uma variedade de línguas judaico-italianas. Os costumes e ritos religiosos dos judeus de rito italiano podem ser vistos como uma ponte entre as tradições Ashkenazi e Sefardita, mostrando semelhanças entre as duas; eles estão ainda mais próximos dos costumes dos judeus Romaniotas da Grécia. O termo ‘Asquenazes’ ou ‘Asquenazim’ diz respeito aos judeus provenientes da Europa Central e Oriental e provém da palavra hebraica medieval para a Alemanha (Ashkenaz – אשכנז). Em hebraico, o singular é ‘ashkenazi’ e o plural, ashkenazim. Atualmente, o termo asquenazita se refere aos descendentes daqueles primeiros judeus da Europa Oriental, espalhados por todo mundo após o Holocausto.



11) Mezuzá

A Mezuzá está intimamente ligada ao Tefilin. É um pequeno pedaço de pergaminho (chamado klaf) inscrito em preto com as passagens bíblicas de Dt 6: 4-9; Dt 11: 13-21 (vs. 18; 20) e Nm 15: 37-41, integrantes do ‘Shemá Israel’ (Sh’ma Yisrael), que é enrolado e colocado em uma caixa decorativa afixada nos batentes das portas das casas e marcada com a palavra Shaddai, ‘Todo-Poderoso’.

O ‘Shemá Israel’ começa com a frase: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força”. A Mezuzah deve ser colocada no umbral direito de cada porta da casa, sinagoga ou estabelecimento judaico como uma lembrança do Criador,

exceto nos banheiros, lavanderias e armários pequenos demais para se qualificar como quartos.

O pergaminho (klaf) é preparado por um escriba ('sofer stam') qualificado e treinado no estudo das leis religiosas relevantes e na arte de esculpir a pena e praticar a escrita. O pergaminho contém versos escritos em tinta preta indelével com uma pena especial feita de uma pena ou, em casos raros, de um junco, e é então enrolado e colocado dentro da caixa, do lado direito da porta. As caixas são feitas de vários materiais: prata, metais preciosos, madeira, pedra, cerâmica, peltre (uma liga cinza de estanho com cobre e antimônio; anteriormente, estanho e chumbo) e até mesmo polímero de argila. Sobre ela se recita uma bênção.

A palavra Mezuzah (מְזֻזָּה – Strong #4201) é o substantivo feminino singular de Mezuzoth, que significa 'batentes', 'umbrais'. Ela está escrita na bíblia:

- Dt 6: 9: "E as escreverás nos umbrais (mezuzoth) de tua casa e nas tuas portas".
- Dt 11: 20: "Escrevei-as nos umbrais (mezuzoth) de vossa casa e nas vossas portas".

Há instruções na lei judaica também quanto à sua conservação a cada sete anos.

A Mezuzá é geralmente colocada a sete palmos de altura do chão, em ângulo, apontando para dentro do estabelecimento com a extremidade de cima (no caso dos judeus asquenazitas, também chamados de asquenazes ou asquenazim, provenientes da Europa Central e Oriental), enquanto os judeus sefarditas (os judeus da Península Ibérica) posicionam as suas mezuzoth verticalmente. Eles a beijam quando passam pela porta para lembrá-los das orações que estão contidas ali dentro e os princípios do judaísmo que elas carregam.

Vamos reler Dt 6: 4-6; 8-9: "Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração;... Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas".

Embora tenha sido dada inicialmente por Deus como um lembrete de Suas leis, da mesma forma que os tefilin, a sua forma e interpretação posterior dadas por rabinos nas eras que se seguiram acabaram por trazer à Mezuzá uma conotação de amuleto, inclusive por outras palavras escritas no verso dela, a fim de repelir o mal; ou, então, como um dispositivo de proteção contra a ira divina.

A crença no poder protetor da mezuzá também prevalece nos tempos modernos. Aproximadamente, três quartos dos adultos em Israel acreditam que a mezuzá literalmente guarda suas casas.

No verso do pergaminho estão escritas as letras hebraicas ש (Shin), ד (Dalet) e י (Yod), que forma o acróstico das palavras hebraicas 'Shomer Daltot Israel', 'Guardião das casas de Israel'. Muitos estojos de mezuzá também são marcados na parte da frente com a letra hebraica ש (Shin), para Shaddai.

O procedimento é segurar a mezuzá contra o local em que será fixada e, em seguida, recitar uma bênção: "Bendito és tu, ó nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificou pelos Seus mandamentos e ordenou-nos que afixássemos uma mezuzá". Depois da bênção, ela é afixada no batente da porta.

Para nós, cristãos, a Mezuzá tem um significado:

A nossa casa (tanto o nosso corpo, como o santuário do Espírito, quanto a nossa moradia física) já está debaixo da vontade e do domínio do Senhor, bem como da proteção do Seu sangue e da Sua palavra. É como a marca do sangue do cordeiro nas portas das casas, protegendo os hebreus do Destruidor que veio para matar os

primogênitos do Egito. Quando o inimigo vê a marca do sangue de Jesus sobre as nossas vidas, ele não pode tocar em nós.

Imagem abaixo à esquerda: A grande letra ש (Shin) representa שְׁדַּי (Shaddai), um dos nomes pelos quais Deus era conhecido na Antiguidade: El-Shaddai, o Deus Todo-Poderoso. Na parte inferior está escrita a palavra Jerusalém (ירושלים) – foto – Derekcohen – wikipedia.org.

Imagem abaixo à direita: Uma mezuzá Sefardita Macedônica, como é aceita pelo Judaísmo rabínico; o estojo da mezuzá é vertical e mostra a letra hebraica ש (Shin). Na parte inferior está escrita a palavra Israel (ישראל) – foto – Pretoria Travel – wikipedia.org.



12) Megilot

Os cinco rolos ou cinco Megilot (Em hebraico, חמש מגילות – Hamesh Megillot; plural de Megilá) são parte dos ‘Escritos’ (Ketuvim) judaicos do AT. Os cinco rolos são: Cântico dos cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester. O substantivo feminino ‘megillah’ (מְגִלָּה – Strong #4039) significa: ‘rolo, volume, rolo de pergaminho’, e procede da palavra hebraica ‘galal’, que significa ‘um rolo’ (i.e., um livro de pergaminho). A palavra Megillah está escrita em alguns versículos do AT como, por exemplo: Sl 40: 7; Jr 36: 2; 4; 6; 14; 20; 21; 23; 25; 27; 28; 29; 32; Ez 2: 9 (rolo = megillah; livro = sêfer – סֵפֶר – Strong #5612); Ez 3: 1; 2; 3; Zc 5: 1; 2.

• **Cântico dos cânticos** (hebraico: Shir ha-Shirim; שִׁיר הַשִּׁירִים) – lido no Sábado da Páscoa [no mês de Nisã ou Abibe – Março-Abril] pelos judeus provenientes da Europa Central e Europa Oriental (Asquenazes ou Asquenazim). Os judeus italianos o lêem no

Ma'ariv (Oração da noite) no primeiro e segundo dia da Páscoa. Os judeus da Grécia (Romaniotas) e os judeus da Península Ibérica (Sefarditas) provavelmente seguem os costumes italianos. Já os judeus do Oriente Médio (Mizrahim, os do mundo islâmico) lêem o rolo publicamente semanalmente, no início do Shabbat (sábado) e na Páscoa. É lido por ocasião da Páscoa, pois ela celebra a libertação do povo judeu do Egito e simboliza o amor entre Deus e Israel, levando-o ao Sinai para conhecê-lo, ouvir Sua voz e 'casar' com Ele (da mesma forma que o livro de cânticos descreve o amor entre um casal).

- **Rute** (hebraico: Rut; רות) – o rolo é lido antes da leitura da Torá na manhã da Festa de Pentecostes (Shavuot) [Mês de Sivã ou Siwã – Maio-Junho], em especial pelos judeus Asquenazes. Para os judeus, Shavuot celebra a entrega da Torá e sua aceitação voluntária por Israel no deserto. Esse livro mostra: 1) como um não-judeu passa a ser parte da comunidade judaica, aceitando voluntariamente a Aliança de Deus com Seu povo através da Torá; 2) a ancestralidade parcialmente não-judaica da dinastia de Davi por causa de Rute, sua bisavó, que passou de moabita a judia. 3) Deixa o exemplo concreto da legislação social da Torá sendo aplicada em Israel, através da lei do levirato, do sistema previdenciário para os mais pobres (podemos dizer assim, em relação a 'respigar espigas' deixadas pelos ceifeiros) e do tratamento para com os estrangeiros.

- **Lamentações** (hebraico: Eikhah אֵיכָה ou Kinnot (2 Cr 35: 25) קִינוּת – plural de Qinah, קִינָה, Ez 2: 10; 17; 32; Am 8: 10) – o rolo é lido no 9º dia do mês de 'Abh (Julho-Agosto), o dia do jejum do 5º mês, em todas as comunidades judaicas. Esse jejum instituído pós-exílio babilônico se referia ao mês em que o templo foi queimado (2 Rs 25: 8). Esse livro, que era um cântico de lamento pela destruição do Primeiro Templo, também se tornou um livro para lamento da destruição do Segundo Templo, e a data rabínica estabelecida para lamentar essa destruição foi chamada de Tisha B'Av (9º dia do mês de 'Abh). Para eles, a destruição do Templo envolve o abandono da própria presença divina com eles. 'Lamentações' reflete esse sentimento de abandono pela perda da segurança da sua pátria e da aprovação de Deus.

- **Eclesiastes** (hebraico: Kohelet; קהלת) é lido publicamente em algumas comunidades em especial os Asquenazes ou Asquenazim no sábado da festa dos Tabernáculos, Sucot (Setembro-Outubro; mês de Tisri). Em outras comunidades, ele não é lido. Eclesiastes é quase que uma inversão dos livros de sabedoria, com uma visão um tanto cética e pessimista da existência humana no mundo, quando Salomão, já velho, vê a futilidade e a vaidade da vida de prazeres que ele teve. A escolha aparentemente irônica desse livro para ser lido na festa das Cabanas, na qual Deus pede uma alegria especial e intensa, ajuda a valorizar e aproveitar a vida nesse mundo com muita alegria.

- **Ester** (Hebraico: Ester; אֶסְתֵּר) – o rolo é lido em todas as comunidades judaicas na Festa de Purim (Fevereiro-Março, mês de 'adhar). A leitura pública é feita duas vezes: na noite de Purim e de novo na manhã seguinte. Purim celebra a salvação do povo judeu do massacre pelos persas. O livro conta a história de Ester e seu tio Mordecai na Diáspora, conseguindo superar uma ameaça existencial voltada a todo o povo judeu morando longe de sua terra. Apesar de o nome de Deus não ser mencionado diretamente no livro, mesmo em condições adversas Seu povo deve ter esperança na libertação de toda opressão.

1ª imagem abaixo: Pergaminho do livro de Ester. Foto: Göttiguen – wikipedia.org.

2ª imagem abaixo: Outro pergaminho do livro de Ester do século XIII-XIV, na cidade de Fez, Marrocos, guardado no Museu de Quai Branly em Paris.

Tradicionalmente, um rolo de Ester recebe apenas um rolete, fixado em seu lado esquerdo, ao invés dos dois usados para um rolo da Torá. Foto: Deror avi – wikipedia.org.



13) Mikvê ou Mikvá

Uma palavra que não é encontrada na bíblia (pelo menos com a conotação atual), em relação a lavar o corpo para ser limpo de impureza ritual é Mikveh (מִקְוֶה, micvê, mikvé) ou Mikvá (מִקְוָה), pl. mikva'ot, mikvoth, mikvot; ou mikves (em iídiche). Mikveh ou Mikvah é a imersão ritual em água utilizada no judaísmo.

Várias normas bíblicas especificam que imersão total em água era necessária para recuperar a pureza ritual após a pessoa entrar em contato com algo considerado impuro e, assim, poder entrar no templo novamente. No caso de tocar em cadáver era necessário que a pessoa fosse limpa pela água purificadora (com as cinzas da novilha vermelha – Nm 19: 9).

Assim, a bíblia usa algumas expressões com: ‘banhar todo seu corpo em água’ (Lv 15: 13; 16 – as imundícias do homem e da mulher: sêmen e menstruação), ‘banhar-se-á em água’ (Lv 15: 5; 8 – as imundícias do homem e da mulher), ‘cumpridos os dias da sua purificação’ (Lv 12: 6 – a purificação da mulher pós-parto) ou ainda ‘banhará o corpo com água’ (Lv 14: 9 – a purificação do leproso).

Também era e ainda hoje é usada a lavagem com água:

- Por mulheres judias para alcançar a pureza ritual após a menstruação ou no parto;
- Por homens judeus para alcançar a pureza ritual.
- Como parte de um procedimento tradicional para a conversão ao judaísmo.
- Para imergir utensílios adquiridos recentemente e utilizados para servir e comer.

Em Lv 12: 6 a palavra usada para ‘purificação’ não é Mikveh, e sim thohor ou tãhōr (טהור), que significa ‘puro’, e de onde derivam as palavras ‘purificação, pureza, limpeza’: “E, cumpridos os dias da sua purificação por filho ou filha, trará ao sacerdote um cordeiro de um ano, por holocausto, e um pombinho ou uma rola, por oferta pelo pecado, à porta da tenda da congregação”.

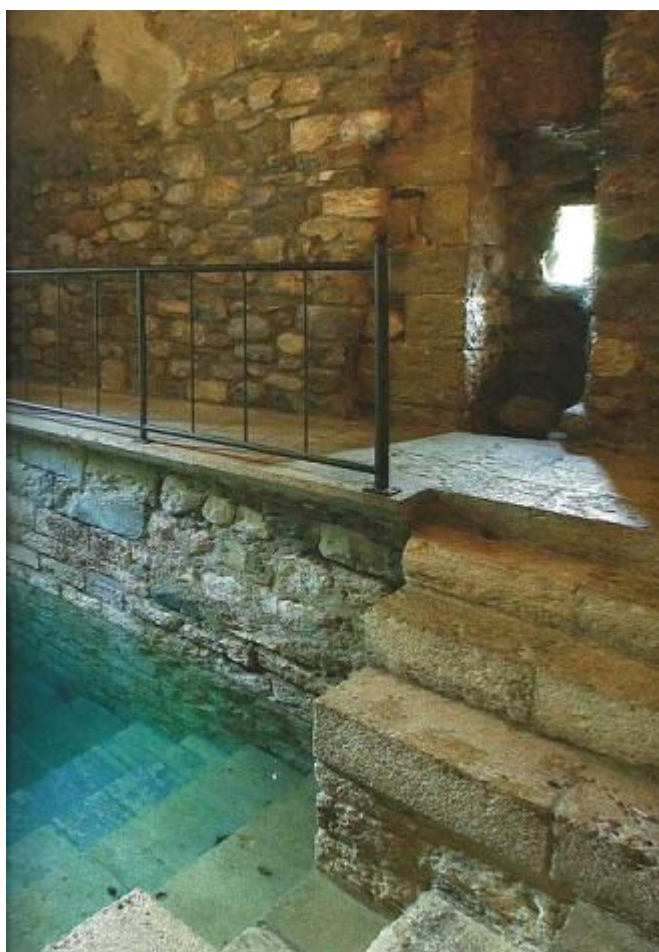


Um tanque de mikveh em Speyer (Oeste da Alemanha), que remonta a 1128 DC – Foto: Chris 73 (wikipedia.org).

A palavra Mikveh ou Mikvah (miqvah, feminino de miqveh, Strong #4724, מִקְוֶה) aparece uma única vez na bíblia em Is 22: 11: “Fareis também um reservatório [miqvah]

entre os dois muros para as águas do açude velho, mas não cogitais de olhar para cima, para aquele que suscitou essas calamidades, nem considerais naquele que há muito as formou” e significa, literalmente, ‘uma coleção de água’ em sentido geral, ou seja, um reservatório, vala. Ela é formada a partir da raiz semítica ק-ו-ה (q-w-h, ‘coletar’).

Na Bíblia hebraica, a palavra Mikveh ou Mikvah é empregada no sentido de ‘coleção’, inclusive na expressão ‘miqêh hammayim’, na nossa bíblia (ARA) traduzida como ‘ajuntamento das águas’ (Gn 1: 10); ‘reservatórios’ (Êx 7: 19; miqvêh); e ‘fonte’ (Lev. 11: 36; a palavra usada é maya, מַיָּה; Strong #4599; derivada de ayin, que significa: fonte, nascente, poço). A Mishná (‘A Lei Oral’) é o mais antigo texto a usá-lo no sentido de ‘banho ritual’.



Um mikvá medieval em Besalu, Catalunha, Espanha (wikipedia.org – foto: Arie Darzi)

Apenas no início do século I antes de Cristo foram encontradas evidências arqueológicas ou escritas sobre a existência de instalações específicas usadas para purificação ritual; antes, não. Esses miqvot foram encontrados tanto em Israel (Jerusalém, Hebrom, Massada) como na Diáspora. Uma razão para essa ausência antes do século I AC é que os judeus poderiam usar fontes naturais de água para imersão de purificação ritual, em vez de construir mikvot para esse propósito; ou poderiam usar bacias colocadas sobre o solo ou nos telhados, como parte de edifícios, e que eram enchidas manualmente com água. Nos tempos modernos Mikveh podem ser encontrados na maioria das comunidades no judaísmo ortodoxo.

Mikveh, provavelmente, está relacionado com a palavra Miklachat – מקלחת, que significa ‘banho’ (de chuveiro, de chuva, de neve), mas foi dada mais tarde, com a Mishná, a compilação da chamada ‘Lei Oral’, no século II da Era Comum em Jerusalém.



Na imagem acima, um mikvá escavado nas ruínas de Qumran (wikipedia.org – foto: Saintjennifer).

Na imagem abaixo: o Mikvah Mei Chaya Mushka in Crown Heights, Brooklyn, NY, de uma comunidade do Judaísmo Hassídico ou Lubavitch ou Chabad-Lubavitch, pertencente ao ramo Haredi (ultraortodoxo) do judaísmo ortodoxo. O Hassidismo ou Judaísmo Hassídico surgiu no século XVIII na Ucrânia Ocidental e se espalhou pela Europa Oriental, Kfar Chabad (Israel) e Crown Heights (um distrito vizinho do bairro de Brooklyn, na parte central em Nova York). O hassidismo (חסידים), ou judaísmo chassídico ou hassídico (Chasidut: ‘pietismo’; chassid: ‘piedoso’), é um movimento que dá ênfase a alegria religiosa; é organizada em grupos chamados dinastias chassídicas, governados por rabinos (‘rebe’ ou ‘admor’) cuja liderança é herdada nas famílias. AdMoR é uma abreviação de Adoneinu, Moreinu, veRabbenu (‘Nosso Mestre, nosso Professor e nosso Rabino’). O significado de Mei em Hebraico está ligado a água. Água em hebraico é מַיִם mayim (Strong #4325), em forma plural, com a ênfase na primeira sílaba. Ela é construída a partir de מֵי mei, que não é usada com frequência. Chaya significa ‘vivo’, ‘viva’. A palavra Mikvah significa ‘uma coleção de água’, água natural,

que em hebraico é chamada de 'Água viva'. Com suas águas límpidas, o Mikvah é um poderoso símbolo de vida e renascimento. De acordo com a tradição judaica, construir um micvê tem precedência sobre a construção de uma sinagoga ou a compra de um rolo da Torá. Um Mikvah serve como o espaço sagrado onde a fundação da família judaica é criada e nutrida. Esse Mikvah para mulheres recebeu esse nome por causa da Rabina Chaya Mushka Schneerson (1901-1988), cujo pai era um Rebbe ou Admor.

Foto: Chris 73 (wikipedia.org).



7

Mazel tou e sorte

O que significa sorte? Ela existe, sob o ponto de vista bíblico?

Um comentário interessante é sobre sorte. Todo mundo quer ter sorte. Mas, o que é sorte? Ela existe?

No dicionário de língua portuguesa a palavra ‘sorte’ tem os seguintes significados:

- Força que determina ou regula tudo quanto ocorre, e cuja causa se atribui **ao acaso** das circunstâncias ou a uma **suposta predestinação**
- Destino, fado, sina
- **Destino, termo, fim**
- Modo de viver; condição social ou material
- **Acidente da fortuna; casualidade, acaso**
- Felicidade, fortuna, dita, ventura, boa estrela, **boa sorte**
- Adversidade, fatalidade, **má sorte**
- Acontecimento fortuito; casualidade, acaso
- **Modo de resolver alguma coisa ao acaso; sorteio**
- Bilhete ou outra coisa premiada em loteria ou sorteio
- **Quinhão ou porção que cabe a alguém numa partilha**
- Arte ou manobra por meio da qual se pretende influir de modo nefasto ou benfazejo no destino de alguém; **sortilégio** (bruxaria, maquinação, trama)
- **Gênero, classe, espécie, tipo**
- Modo maneira, forma, jeito
- **Dar sorte** = ter bom êxito num empreendimento, numa atividade, em qualquer coisa, ter sorte, ter sucesso

Assim, nós podemos definir a palavra **sorte** em grupos:

- A sorte pode ser um sinônimo de: tipos diferentes de coisas, espécies diferentes etc.
- O destino ou o fim de uma coisa ou indivíduo (dependendo de seus atos).
- Um sorteio para definir uma situação, inclusive, uma porção de terra que pode ser dada a várias pessoas, dividida, partilhada.
- Algo que depende do acaso e pode trazer o bem ou o mal, ou como uma coisa supersticiosa que já está predestinada a acontecer, seja por ação de uma força desconhecida, seja por ação de uma manobra de bruxaria.
- ‘Sorte’ pode ser também usada no sentido de ter sucesso em algo, não necessariamente pelo empenho da pessoa, mas como uma ‘energia positiva’ que assume a responsabilidade pela prosperidade de um empreendimento.

No AT é comum se ver a expressão ‘lançaram sortes’, ou a palavra ‘sorte’ (geralmente no plural). Também são comuns as expressões: ‘repartir em sortes’ ou ‘separar por sorte’. Geralmente, o instrumento para se lançar a sorte eram pequenas pedras lisas, determinando uma porção ou um destino. As palavras hebraicas mais usadas para o verbo ‘lançar’ são: **1)** naphal, geralmente com o sentido de dividir, lançar em sorte, ter em herança, colocar para baixo; ou **2)** nathan, que significa: dar, acrescentar, aplicar, nomear, atribuir, conceder, conferir, outorgar, vingar, lançar, distribuir, entre outras coisas. Há também o verbo ‘partir’ (as vestes, no Sl 22: 18, por exemplo) e cuja palavra em hebraico é ‘chalaq’, com o sentido de: repartir ou separar, distribuir, dividir, dar, tirar uma porção.

No caso de ‘sorte’ ou ‘sortes’, a palavra hebraica usada é **gowral**, proveniente de uma raiz que significa: ser áspero como uma pedra, pedra, ou seja, pequenas pedras sendo usadas para este fim; uma parcela ou destino (como se determinados por sorteio), lote, porção.

Em Et 3: 7 e Et 9: 24 é mencionado o **Pur, sortes**, que Hamã usou para esmagar e destruir os judeus. A palavra ‘Pur’ (em hebraico: Puwr; plural: Puriym) significa: ‘a sorte por meio de um pedaço quebrado’. Em outras palavras, Puwr vem de uma raiz primitiva que significa: esmagar, quebrar, reduzir a nada, retirar totalmente. Mas mesmo nestes 2 versículos é utilizada a palavra acima (gowral = sortes), ao lado da palavra Pur.

Assim, no AT (comparando com a bíblia em inglês – ASV = American Standard Version) há 75 versículos com a palavra ‘sorte’ [no sentido de posseção de terra], ‘sortes’, ou com a expressão: ‘lançaram sortes’ (geralmente as 2 palavras vêm juntas), ‘sorte em herança’, ‘repartiu em sorte’, ‘repartiu em herança’ ou ‘parte’ ou ‘porção’: Lv 16: 8; Nm 26: 55-56; Nm 33: 54; Nm 34: 13; Nm 36: 2-3; Dt 4: 19; Dt 32: 9; Js 13: 6; Js 14: 2; Js 15: 1; Js 16: 1; Js 17: 1-2; Js 17: 14; Js 17: 17; Js 18: 6; Js 18: 8; Js 18: 10; Js 18: 11; Js 19: 1; Js 19: 10; Js 19: 17; Js 19: 24; Js 19: 32; Js 19: 40; Js 19: 51; Js 21: 4; Js 21: 5; Js 21: 6; Js 21: 8; Js 21: 10; Js 21: 20; Js 21: 40; Js 23: 4; Jz 1: 3; Jz. 20: 9; 1 Sm 14: 41-42; 1 Cr 6: 54; 1 Cr 6: 61; 1 Cr 6: 63; 1 Cr 6: 65; 1 Cr 16: 18; 1 Cr 24: 5; 1 Cr 24: 31; 1 Cr 25: 8-9; 1 Cr 26: 13-14; Ne 10: 34; Ne 11: 1; Et 3: 7; Et 9: 24; Jó 6: 27; Sl 16: 5; Sl 22: 18; Sl 78: 55; Sl 105: 11; Sl 125: 3; Pv 1: 14; Pv 16: 33; Pv 18: 18; Is 34: 17; Is 57: 6; Jr 13: 25 [será a tua sorte (o fim deles)]; Ez 45: 1; Ez 48: 29; Dn 12: 13; Jl 3: 3; Ob 1: 11; Jn 1: 7; Mq 2: 5; Na 3: 10.

Outros versículos bíblicos usam a palavra sorte, mas no sentido de ‘duas espécies’ ou ‘dois tipos diferentes’ (por exemplo: Dt 25: 14; 1 Cr 24: 5; Pv 1: 13; Jr 15: 3 etc.). Na versão ARA a palavra ‘sorte’ (da ASV) está traduzida como ‘espécie’, ou ‘espécies’ nos seguintes versículos: Ed 1: 10; Ne 5: 18; Ez 39: 4; Ez 39: 17.

Em todas as referências bíblicas mencionadas acima, lançar pequenas pedras em sorte, ou gravetos de madeira, tinha o objetivo de separar pessoas para determinadas funções, separar animais para o sacrifício, dividir terras por herança, enfim, dividir ou repartir possessões, propriedades ou cargos, e até exterminar com vidas (no caso do Pur). Em nenhuma das passagens acima, a bíblia fala de lançar a sorte como um meio de se obter fortuna (riqueza), felicidade, ‘bons fluidos’ ou ‘energia positiva’, ou algo ao acaso, como depois foi distorcido pela idolatria. Tampouco era usada como um meio de adivinhação e previsão do futuro. Quando isso acontecia, era por ação de falsos deuses:

• Is 65: 11-12: “Mas a vós outros, os que apartais do Senhor, os que vos esqueceis do meu santo monte, os que preparais mesa para a deusa **Fortuna** [NVI, Sorte; Fortuna era uma divindade babilônica] e misturais vinho para o deus **Destino** [em hebraico, a palavra usada é Mniy, transliterado como Meni, um deus pagão, responsável pelo destino, e que agia através de números, como um jogo de números ou jogo de azar], também vos destinarei à espada, e todos vos encurvareis à matança; porquanto chamei,

e não respondestes, falei, e não atendestes; mas fizestes o que é mau perante mim e escolheste aquilo em que eu não tinha prazer”.

‘A deusa Fortuna’ (na ARA; ou ‘Sorte’, na NVI) ou ‘o deus da Fortuna’ foi adorado(a) por um número de hebreus durante o cativeiro babilônico, pois Fortuna ou Sorte era uma divindade babilônica. Mas os semitas, desde a época de Abraão ou bem antes, já o adoravam, conforme os registros antigos de Arã, Babilônia e Arábia, com o nome de Gad. O significado do nome do antigo deus pagão Gad é algo parecido com ‘sorte’. Ele era o nome do deus semita da fortuna, geralmente descrito como um deus masculino, mas às vezes como uma deusa. Talvez, por isso, esteja escrito na bíblia em Is 65, ‘A deusa Fortuna’.

Trata-se da mesma entidade, ‘A deusa Fortuna’ responsável pela sorte, e o deus Destino [em hebraico, Mniy, transliterado como Meni], responsável pelo destino, e que agia através de números, como um jogo de azar. Colocava-se um copo para ele contendo uma mistura de vinho e mel, especialmente no Egito, no último dia do ano.

- Is 57: 6: “Por entre as pedras lisas dos ribeiros está a tua parte; estas, estas te cairão em sorte; sobre elas também derramas a tua libação e lhes apresentas ofertas de manjares. Contentar-me-ia eu com estas coisas?” Deus estava irado contra a idolatria.

Por isso, o Senhor, advertia o Seu povo quanto a não seguir nenhuma prática de ocultismo.

No NT, **o lançamento de sorte** é mencionado algumas vezes (Mt 27: 35; Mc 15: 24; Lc 23: 34; Jo 19: 24; Lc 1: 8; At 1: 26; At 8: 21 – nas quatro primeiras vezes em referência aos soldados romanos que repartiram as vestes de Jesus; e nas outras, quando coube por sorte a Zacarias entrar no templo, quando Matias foi escolhido para apóstolo por meio de sortes, e quando Pedro disse a Simão, o mágico, que ele não tinha parte nem sorte no ministério dos apóstolos).

Em todos os textos, **a palavra grega** usada para ‘sorte’ é **kleros** (klêrous), que traz a idéia usar pedaços de madeira ou dados etc. para este propósito, lançados ao acaso, mas na maioria das vezes dando a entender que se tratava de separar uma porção e, por conseguinte, uma aquisição, especialmente um patrimônio: uma herança, um legado, um lote, uma parte. Kleros é proveniente do verbo klao, que significa: dividir, repartir (como, por exemplo, o pão).

Portanto, nós podemos ver que, na bíblia, o significado de ‘sorte’ se restringe a algum tipo de sorteio para se dividir algo, como o turno de sacerdotes; na maior parte das vezes, uma porção de terra como herança, ou qualquer bem material, ou, então, para decidir uma situação importante (escolha de Matias ou o destino de Jonas, por exemplo).

Mas nós podemos ver também que a palavra ‘sorte’ pode se referir a:

- **Algo que depende do acaso** e pode trazer o bem ou o mal, ou **como uma coisa supersticiosa** que **já está predestinada** a acontecer (destino), seja por ação de uma força desconhecida, seja por ação de uma manobra de bruxaria.

- ‘Sorte’ pode ser também usada no sentido de **ter sucesso em algo**, não necessariamente pelo empenho da pessoa, mas como uma ‘energia positiva’ que assume a responsabilidade pela prosperidade de um empreendimento.

Não há nenhum versículo na Bíblia com a palavra “sorte” (nas definições acima); apenas dois mencionam as palavras “infortúnio” (ARA) ou “desgraça” (NVI) em Jó 12: 5; ou “fortuna” (Is 65: 11).

É aqui que entra o nosso comentário a respeito de **sorte**, do modo que a entendemos e que escrevemos acima e que, infelizmente, muitas pessoas buscam, para ganhar

dinheiro, sucesso etc. e, geralmente, ligado à superstição ou ao ocultismo, pois esse tipo de coisa nada tem de respaldo bíblico.

A palavra hebraica para ‘sorte’ é ‘mazal’, geralmente fazendo parte de uma expressão bastante conhecida: ‘mazal tov’. A expressão ‘**mazal tov**’ ou ‘**mazel tov**’ (no iídiche – antigo dialeto do alemão medieval) é usada no hebraico moderno para expressar congratulações para qualquer ocasião ou evento significativo ou festivo (desde a obtenção de uma carteira de motorista, um aniversário, ou o término de engajamento no serviço militar). Também pode ser dita após uma prova muito difícil ser superada.

A origem da expressão ‘mazel tov’ está na Mishná e no Talmude, sendo que ‘mazzâl’ significa ‘constelação’ ou ‘destino’ ou ainda ‘uma gota do alto’, ou seja, a tradução literal é: ‘uma boa e favorável constelação zodiacal’. Mazal vem da raiz primitiva ‘nazal’ (Strong #5140), que significa: constelação, escorrer, derramado por gotejamento, destilar, gota, inundação, fluxo, jorrar, derreter, despejar, água corrente, riacho. Em hebraico, a palavra para ‘**planetas**’ é ‘mmazzâlôth’, ou ‘Mazzaroth’, para ‘constelações’.

Na bíblia a palavra mmazzâlôth está escrita apenas uma vez em 2 Reis 23: 5 [cf. 2 Rs 21: 3; 2 Reis 23: 4; 2 Cr 33: 3 (exército do céu)]: “Também destituiu [*o rei Josias destruiu*] os sacerdotes que os reis de Judá estabeleceram para incensarem sobre os altos nas cidades de Judá e ao redor de Jerusalém, como também os que incensavam a Baal, ao sol, e à lua, e aos mais **planetas** [*mazzâlôth, plural de Mazzalah – Strong #4208, planeta, as constelações, as estrelas do zodíaco*], e a todo o exército [*Hebraico: tsebhâ*] dos céus* [*NVI: exércitos celestes*]”. Exército dos céus [*tsebhâ' hashâmâyim*] = as constelações, as estrelas do zodíaco.

Em hebraico está escrito:

vehishbiyth 'eth-hakkemâriym 'ashernâthnu malkhêy yehudhâh vayqathêr babbâmôth be'ârêy yehudhâhumesibbêy yerushâlâim ve'eth-hamqatheriym labba'al lashemeshvelayyârêach velammazzâlôth ulekhôl **tsebhâ' hashâmâyim**

Embora ‘mazal’ signifique ‘sorte’ ou ‘destino’ ou ainda ‘uma gota do alto’ (‘uma boa e favorável constelação zodiacal’), para os judeus, a expressão ‘mazel tov’ indica que um bom evento ocorreu. Então, a melhor forma de traduzi-la seria esta: ‘Congratulações’, ‘Parabéns’, ‘fico feliz por esta coisa boa que aconteceu a você’, pois para eles ela é diferente de ‘boa sorte’ (‘tenha sucesso’), como nós usamos em Português. A expressão ‘boa sorte’, no sentido de ‘tenha sucesso’, no hebraico é B’hatzlacha.

Para os judeus, segundo a Mishná e o Talmude, as constelações no céu dirigem o destino dos indivíduos e das nações, por isso, o significado literal de ‘mazal tov’ é ‘uma gota do alto’, pois, segundo esse raciocínio, os astros ‘pingam’ sua influência sobre os homens, por isso seu o significado original como ‘destino’, ‘sorte’ (boa ou má). Mais tarde, o destino e a sorte de alguém, determinados pelos astros, foram ligados à fortuna (ou dinheiro). Este sempre foi um deus e as pessoas fizeram de tudo para tê-lo, associando-o à felicidade. Por isso, Deus condenou certas práticas pagãs no meio do Seu povo (Is 65: 11-12, como foi escrito anteriormente).

Está escrito na bíblia: “Guarda-te não levantes os olhos para os céus e, vendo o sol, a lua e as estrelas, a saber, todo o **exército dos céus**, sejas seduzido a inclinar-te perante eles e dêes culto àqueles, coisas que o Senhor, teu Deus, repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus” (Dt 4: 19). Embora no texto Hebraico a palavra para ‘exército’ seja tsebhâ, e não mazzal ou mmazzâlôth (‘planetas’) ou mazzaroth (‘constelações’), o sentido é o mesmo: os corpos celestes como um grande exército agrupado, e os quais eram adorados e reverenciados pelos israelitas em todas as épocas. Deus já havia proibido de adorá-los, pois essa atitude era pagã.

Devido ao peso de idolatria envolvido com o significado da palavra ‘mazzal’ seria melhor se outras palavras fossem usadas para dar parabéns ou congratulações.

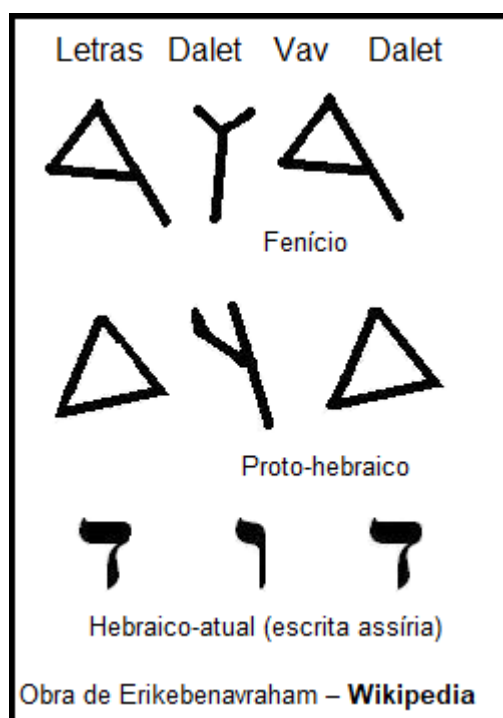
Assim, não existe destino nem sorte, nem sucesso ou prosperidade da maneira mística e sem esforço, como a humanidade está acostumada; bênção não é uma coincidência ou algo dependente do acaso, muito menos dos astros. O que existe é a vontade de Deus aliada ao livre-arbítrio do homem. Por isso, são desnecessários os amuletos para trazer sorte .

Amuletos Judaicos: Estrela de Davi, Chai e Hamsa

Estrela de Davi – A Estrela de Davi (em hebraico: מגן דוד, transl. Magen David, ‘Escudo de David’) é um símbolo em forma de estrela, um hexagrama composto de dois triângulos equiláteros sobrepostos, tendo um a ponta para cima e outro para baixo (☆).



A Estrela de Davi – autor: Zscout370 – wikipedia.org



Na imagem acima: O nome do rei Davi (David) escrito em letras hebraicas: Dalet, Vav e Dalet. Você pode ver a evolução das letras que compõem o nome hebraico do rei Davi a partir do alfabeto fenício, passando pela escrita hebraica antiga pré-exílica (Proto-Hebraico), chegando as letras hebraicas atuais (denominadas de ‘letras quadráticas’ ou ‘escrita assíria’).

Apesar das lendas e tradições rabínicas sobre o hexagrama, não há provas arqueológicas para confirmá-las. Uma delas diz que o símbolo era desenhado nos escudos dos guerreiros do exército do rei Davi, pois o nome ‘David’ era escrito na época com três letras (Dalet, Vav e Dalet) do alfabeto fenício e do alfabeto proto-hebraico (a escrita hebraica antiga pré-exílio), que tinham uma forma triangular; logo passou a ser um símbolo davídico. Outras histórias rabínicas contam que a estrela passou a ser usada após uma circunstância curiosa numa das lutas de Davi. O sol bateu no seu escudo e refletiu sua luz em forma de estrela de seis pontas, assustando o inimigo, que acabou fugindo e, assim, os soldados começaram a desenhar a estrela nos seus escudos para irem à batalha.

Na verdade, o hexagrama não era inicialmente um símbolo exclusivamente judaico. É interessante que algumas fontes de pesquisa dizem que a estrela de Davi já existia desde os tempos da Suméria e esteve sempre presente em várias religiões como o Hinduísmo, Budismo, Islamismo, Nova Era, maçonaria e todas as artes de feitiçaria e ocultismo; também na Fé Bahá’í, uma religião monoteísta fundada por Bahá’u’lláh, um nobre persa que viveu no século XIX. Os seus ensinamentos afirmam que existe um único Deus e que todas as grandes religiões mundiais têm a mesma origem divina.

O hexagrama, porém, sendo uma construção geométrica simples, foi utilizado ao longo da história da humanidade para fins que não eram exclusivamente religiosos, e sim como um motivo decorativo nas sinagogas antigas na terra de Israel datadas da época do Segundo Templo e em algumas sinagogas depois da destruição da nação pelos romanos, até o século IV DC, e nas igrejas cristãs da região da Galiléia.

Encontrou-se também o hexagrama num selo judaico achado na cidade de Sidom no século IV AC, assim como muitas ‘Estrelas de Davi’ foram achadas ao lado de ‘Escudos de Salomão’ (com estrelas de cinco pontas ou pentagramas). Aparentemente, não lhe era dado um significado tão especial ou místico, mas ornamental. Um exemplo é o friso da sinagoga de Cafarnaum e uma lápide (ambos do século II ou III da era cristã), encontrada no sul da Itália. A ‘Estrela de Davi’ não aparece entre os símbolos judaicos mais importantes do período helenístico.

O termo ‘selo de Salomão’ foi adotado por alquimistas judeus e pelo Talmude (século V EC) e, mais tarde, por místicos islâmicos e alquimistas cristãos. Porém o hexagrama, só se tornou difundido em textos mágicos e amuletos judaicos (*) no início da Idade Média pelos cabalistas espanhóis medievais. Outros comentaristas dizem que também passou a ter uma conotação de amuleto de proteção entre os rabinos e o povo judeu sefardita, principalmente no século XV com o início da inquisição espanhola, da qual procuravam fugir.

(*) Quero fazer um parêntese aqui, pois é algo importante. Esses amuletos de que falo acima são os ‘segulot’, que têm uma força poderosa de cura, limpeza e proteção para os judeus.

Os ‘segulot’, סגולות, o plural de segula (hebraico: סגולה), literalmente ‘talisman’, é uma palavra que significa ‘remédio’, ‘remédio espiritual’ ou ‘proteção’. Na verdade, é um feitiço ou ritual protetor ou benevolente na tradição cabalística e talmúdica. São frases, atos ou rituais e superstições (‘simpatias’, como conhecemos a palavra em português) que favorecem a fertilidade e o parto, dão proteção contra danos graves,

ajudam a encontrar um cônjuge, dão longa vida, curam icterícia (colocando um pombo sobre o umbigo), trazem prosperidade, ajudam a encontrar um objeto perdido e até a identificar um ladrão (por exemplo, pendurando uma nota especial no pescoço de uma galinha e usando-a para identificá-lo).

As práticas vão desde atos mais simples como orar 40 dias no muro das lamentações para encontrar um (a) companheiro (a), comer cidra ou geléia de cidra, usar um rubi (ou comer rubis moídos) ou usar um cordão vermelho cortado de um comprimento maior que foi enrolado em torno do túmulo de Raquel (mulher de Jacó) até os que exigem mais obediência às leis mishnaicas, talmúdicas e cabalistas como a obrigação ética da Tzedakah (ou Sedaqah – צדקה, comumente usada para significar ‘caridade’, mas que significa ‘retidão’) ou mostrar uma reverência maior do que o devido aos sábios judeus do passado e realizar certos atos como, por exemplo, orar ou derramar bebidas sobre os túmulos de rabinos importantes na elaboração da Mishná do século II da Era Comum. Ou ainda repetir a frase “Ein Od Milvado” (hebraico: אין עוד מלבדו, “Não há ninguém além dEle [Deus]”) para proteger uma pessoa do perigo. Muitos desses sábios e rabinos talmudistas e cabalistas do século XVI e XVII usavam literalmente em seus escritos a palavra ‘encanto’ (encantamento), o que os faz parecer mais bruxos do que sábios na palavra de Deus.

Dentro desses atos e rituais, vale a pena mencionar algo que era muito comum na Idade Média que era o ‘sigilo’. O ‘sigilo’ (pl. sigilla or sigils; o termo ‘sigil gérigo’ deriva do latim, ‘sigillum’, i.e., ‘selo’) é um tipo de símbolo usado na magia. Na magia medieval, ele consistia de sinais ocultos pintados em ‘selos’ representando vários anjos e demônios que o praticante poderia invocar. O rabino Moshe ben Maimon, também conhecido como Maimônides ou Rambam, que compilou as 613 leis da Torá (as mitzvot), entre 1170 e 1180, exortava os judeus a não escrever sigilos nas costas de uma mezuzá (Dt 6: 9; Dt 11: 20: “umbrais” = mezuzoth), transformando-o em um amuleto.

É interessante perceber que muitas palavras hebraicas bíblicas estão misturadas com o misticismo do Judaísmo, e esse é um motivo para estar bem informado sobre todas as palavras que eles estão acostumados a pronunciar, pois elas podem ter um duplo sentido ou serem usadas em outro contexto espiritual. Eu digo isso porque quando li sobre esse assunto, logo me veio à mente uma palavra hebraica bíblica, escrita em vários versículos do AT e com seu correspondente em grego no NT, que é segula (hebraico: סֶגֶלָה), muitas vezes escrita como Seghullâ ou Cgullah (Strong #5459), que significa: tesouro, riqueza (rigorosamente guardada); jóia, tesouro peculiar, um bem próprio de alguém, um bem especial). Esta palavra (Seghullâ) está na Torá com o significado de tesouro peculiar em Ml 3: 17 (“Eles serão para mim **particular tesouro**”); 1 Cr 29: 3 (“o ouro e a prata **particulares** [NVI: das minhas próprias riquezas] que tenho dou para a casa de meu Deus”).

Ela também tem o sentido de propriedade pessoal, posseção dos reis: Êx 19: 5: “sereis a minha **propriedade peculiar** entre todos os povos”; Ec 2: 8: “Amontoei também para mim prata e ouro e **tesouros de reis** e de províncias”; Sl 135: 4: “Pois o Senhor escolheu para si a Jacó e a Israel, para sua **posseção**”.

Seghullâ também pode se referir à propriedade pessoal, no que diz respeito a pessoas: Dt 7: 6 (“o Senhor, teu Deus, te escolheu, para que fosses o seu **povo próprio**, de todos os povos que há sobre a terra”); Dt 14: 2 (“o Senhor vos escolheu de todos os povos que há sobre a face da terra, para lhe serdes seu **povo próprio**”).

Finalmente, a palavra Seghullâ pode ser entendida também como **o povo de Deus**: Tt 2: 14 (“um povo exclusivamente seu”) – a palavra grega usada aqui é periousios περιούσιος – Strong #4041, que significa: caro, estimado, seletor, especialmente escolhido; ser além do normal, especial (próprio), peculiar. Em 1 Pe 2: 9, a palavra é

‘peripoiesis’ περιποίησις – Strong #4047, que significa: aquisição (uma coisa adquirida), o ato de adquirir; preservação: obter, obtendo, peculiar, comprado, posse, salvo: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”. Esta mesma palavra se repete em Ef 1: 14: “o qual é o penhor da vossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória”: aquisição (uma coisa adquirida), o ato de adquirir; preservação: obter, obtendo, peculiar, comprado, posse.

Resumidamente, Seghullâ se refere a uma possessão de reis e a uma propriedade particular, não só material, mas de pessoas.

Voltando ao assunto sobre o hexagrama ou ‘Estrela de Davi’: o sábio judeu caraíta Yehudah ben Eliahu Hadasi, que viveu no século XII escreveu num de seus livros que pessoas do povo aos poucos foram mudando o símbolo do ‘Escudo de Davi’ de um simples selo para um tipo de símbolo místico, inclusive gravando-o sobre a mezuzá colocada nas portas como uma forma de amuleto protetor.

O Judaísmo Caraíta é uma corrente da religião judaica que defende exclusivamente a autoridade das Escrituras Hebraicas (a Torá dada a Moisés) como fonte de Revelação Divina, a crença única e absoluta em Deus e nos profetas do AT, portanto, rejeitando o judaísmo rabínico e a ‘Lei Oral’ como o Talmud e a Mishná, e costumes como o tefilin (caixas com trechos da Torá na cabeça e na mão. De acordo com os caraítas, as passagens bíblicas citadas para esta prática são metafóricas e significam ‘lembrar-se sempre da Torá e valorizá-la’), bem como a mezuzá (uma caixa ou rolo com trechos da Torá nas portas das casas. Os caraítas interpretam a Escritura que determina a inscrição da Lei nas ombreiras e nos portões da cidade como uma advertência metafórica, especificamente, para manter a Lei em casa e fora dela). Também rejeitam os peiot. Pe’ot, (em Português: peiot; Inglês: payot; hebraico: פאות, romanizado: pē’ōt, ‘cantos’, plural de pe’a) ou payes (em iídiche), é o termo hebraico para ‘costeletas’ ou ‘suíças’. Payot são usados por alguns homens e meninos na comunidade judaica ortodoxa com base em uma interpretação da lei do AT (Lv 19: 27; Lv 21: 5) contra rapar os ‘lados’ da cabeça. Literalmente, pe’a significa ‘canto, lado, borda’.

A lei proibía que se cortasse o cabelo nas têmporas (Lv 19: 27; Lv 21: 5), pois esta parte da cabeça era considerada como a fonte da vida para os judeus, e só os pagãos rapavam as costeletas. Em Jr 9: 26; Jr 25: 23 e Jr 49: 32, onde está escrito ‘os que cortam os cabelos nas têmporas’ pode-se ler, em hebraico, ‘ter o cabelo barbeado (ou cortado) em ângulos’, ou seja, ter a barba na bochecha estreitada ou cortada, que era um costume cananeu, proibido aos israelitas. A lei mosaica também proibía cortar a barba à maneira dos egípcios (Lv 19: 27; Lv 21: 5). Diferentemente das nações circunvizinhas, os egípcios se barbeavam, exceto o queixo, onde se permitia haver um molho de cabelos, que se conservava bem cuidado. Algumas vezes, em lugar do seu próprio cabelo, usavam barba postiça, trançada, com formas diferentes, segundo a categoria do indivíduo; da mesma forma que usavam suas perucas. Os leprosos, pela lei judaica, deveriam rapar a barba, o cabelo e as sobrancelhas no sétimo dia de sua purificação (Lv 14: 9). Rapar as laterais do rosto era uma prática pagã (segundo Maimônides). Um judeu não podia cortar o cabelo da testa também, pois era característico de certos cultos idólatras (Lv 19: 27; Lv 21: 5; Dt 14: 1). Em relação aos sacerdotes, Deus fala a Ezequiel (Ez 44: 20): “Não raparão a cabeça, nem deixarão crescer o cabelo; antes, como convém, tosquiarão a cabeça”.

Existem diferentes estilos de peiot entre vários ramos do judaísmo (como cachos, tranças ou mechas de cabelos. Alguns judeus colocam os peiot enrolados atrás da

orelha). Grupos tradicionais como os judeus hassídicos, os haredi e os asquenazi têm costume de usar o peiot.



Na 1ª linha acima: Um jovem ‘hassídico’ (ou ‘chassídico’ – ramo do judaísmo tradicional – foto: Mgarten) e um menino com peiot – wikipedia.org.

Na 2ª linha: Um judeu ortodoxo com peiot em Jerusalém – foto David Shankbone) e Judeu Ortodoxo de Kotel (cidade da Bulgária) com longas peiot, no Muro Ocidental da Cidade Velha de Jerusalém – foto: Boaz Gabriel Canhoto – wikipedia.org.

Na 3ª linha: Um rabino com barba e peiot dobrado atrás da orelha (foto: Gila Brand) e um judeu do Iêmen com peiot (foto: American Colony, Jerusalem) – wikipedia.org.

Os caraítas ainda esperam a vinda do Messias e crêem na ressurreição dos mortos. A palavra ‘caraíta’, no hebraico, קראים, qaraim ou bnei mikra, significa: ‘Seguidores das Escrituras’. Seus antepassados, do período do segundo templo eram chamados de Benei Şedeq (‘Filhos de Zadoque’, o primeiro sumo sacerdote do templo de Salomão, e que também está ligado ao partido dos saduceus, que surgiram por volta do século II AC). Provavelmente o Judaísmo Caraíta ou caraísmo surgiu durante o reinado de Alexandre Janeu, rei hasmoneano da Judéia (103-76 AC).

Os caraítas aceitam apenas a observância do Shabbat, o uso do Talit (o manto de oração) e do Tsitsit (franjas os quatro cantos do Talit), e as leis dietéticas e de abate (Kosher).

A adoção da Estrela de Davi como um símbolo distintivo para o povo judeu e o Judaísmo começou na Idade Média. Em 1354, o rei Carlos IV da Boêmia permitiu à comunidade judaica de Praga de ter sua própria bandeira. Os judeus, então, confeccionaram a Estrela de Davi em ouro sobre um fundo vermelho. A bandeira passou a ser usada tanto em sinagogas, como no selo oficial da comunidade quanto em livros impressos. Mas o símbolo bíblico de Israel dado por Deus sempre foi a Menorá (o candelabro de sete lâmpadas).



Detalhe da Bandeira Judaica com o ‘Chapéu Judaico’ na Sinagoga Velha Nova em Praga (2014) – foto: Øyvind Holmstad – wikipedia



Sinagoga Velha Nova em Praga (2014) – foto: Øyvind Holmstad – wikipedia

Após a Batalha de Praga em 1648 contra o cerco da cidade por tropas protestantes suecas (durante a guerra dos 30 anos – 1618-1648), alguns jesuítas vienenses a pedido de Fernando III, Imperador Romano-Germânico e Arquiduque da Áustria (1637-1657), ofereceram uma bandeira de honra com o mesmo símbolo aos Judeus de Praga (capital da República Tcheca), em reconhecimento à sua contribuição para a defesa da cidade. Essa bandeira mostrava um hexagrama dourado sobre fundo vermelho.

A ‘Sinagoga Velha Nova’ em Praga é a mais antiga sinagoga da Europa ainda em atividade. O nome inicialmente era ‘Neu Shul’, ‘Nova Sinagoga’, em iídiche; mas com o aparecimento de outras, ela passou a ser conhecida como ‘Sinagoga Velha Nova’. Este prédio de arquitetura gótica religiosa foi concluído em 1270. O estandarte agora exposto é uma reprodução moderna do que foi feito no século XVII. A sinagoga segue o costume ortodoxo, com assentos separados para homens e mulheres durante os serviços de oração. As mulheres sentam-se em uma sala externa com pequenas janelas que dão para o santuário principal. A grande bandeira vermelha fica no pilar oeste e o texto do Shemá Israel está costurado em ouro. No centro da Estrela de David está um ‘chapéu judeu’. Tanto o chapéu quanto a estrela também são costurados em ouro. O Bimah (púlpito de leitura da Torá) fica entre as duas colunas. A Arca Sagrada (Aron Kodesh ארון קודש) fica tradicionalmente localizada na parede leste.

O símbolo (‘A Estrela de Davi’) começou a ser amplamente utilizado entre as comunidades judaicas da Europa Oriental no século XIX. O hexagrama (sem o círculo) foi adotado pela Organização Sionista como um símbolo para a bandeira de Israel em 1897, antes do seu uso na Maçonaria. No final da Primeira Guerra Mundial, tornou-se um símbolo internacionalmente aceito para Israel, usado inclusive nas lápides de soldados judeus mortos. Hoje, a estrela é usada como símbolo central na bandeira nacional do Estado de Israel. As listas azuis na parte superior e inferior da bandeira estão ligadas às listras azuis do talit.

Alguns ocultistas afirmam que o símbolo com os dois triângulos entrelaçados é um dos mais poderosos na prática da magia. O hexagrama quando circundado aumenta seu poder e significado. É também conhecido como o ‘Selo de Salomão’ no misticismo cabalístico. **Resumindo:** a Estrela de Davi pode ser ou não um motivo de “preocupação espiritual”, dependendo do uso que se faz dela. Melhor se desfazer dela, se for usada como amuleto.



Chai – A palavra ‘chai’ (חַי) é formada por duas letras do alfabeto hebraico – Chet (ח) e Yod (י), e significa ‘vida’ ou ‘vivo’. A ortografia mais comum na escrita latina é ‘Chai’, mas a palavra ocasionalmente também é escrita como ‘Hai’. A pronúncia moderna usual desta palavra é [χai], enquanto uma transcrição da pronúncia bíblica e mishnaica provavelmente teria sido [ħai] (com uma consoante faríngea). Chay (חַי – Strong #2416), significa: vida, vivo; idade, envelhecer, amadurecer; fresco (planta, água, ano), forte; criatura viva, coisa viva, entre outros significados. Está relacionada a outra palavra, Chaya (Strong #2421 – חַיָּה), que significa ‘coisa viva’ ou ‘animal’, ‘ser vivente’; viver, seja literal ou figurativamente; por consequência: reviver, manter, deixar ou tornar vivo, dar ou prometer vida, nutrir, preservar (vivo), vivificar, recuperar, reparar, restaurar a vida, reviver, (Deus) salvar (vivo, vida, vidas), estar completo, inteiro, são, sadio, entre outros significados.



O correspondente da palavra ‘chay’ em grego é ‘zóé’ (ζωή – Strong #2222), que é mera vitalidade de um ser ou criatura, mesmo de plantas (embora a definição original

seja: vida, tanto física como a existência espiritual, particularmente a futura, ou seja, a vida eterna), em contraste com ‘Psychê’ ou ‘psuchê’ (ψυχή – Strong #5590) = alma, ou seja, a personalidade inteira do homem, indicando seus aspectos mais elevados (pensamentos, sentimentos e vontade); em hebraico ‘nephesh’; e ‘pneuma’ (πνεῦμα ou πνευμα – Strong #4151) = espírito, vento, respiração, fôlego; espírito (a parte que sobrevive à morte); em hebraico ‘ruwach’.

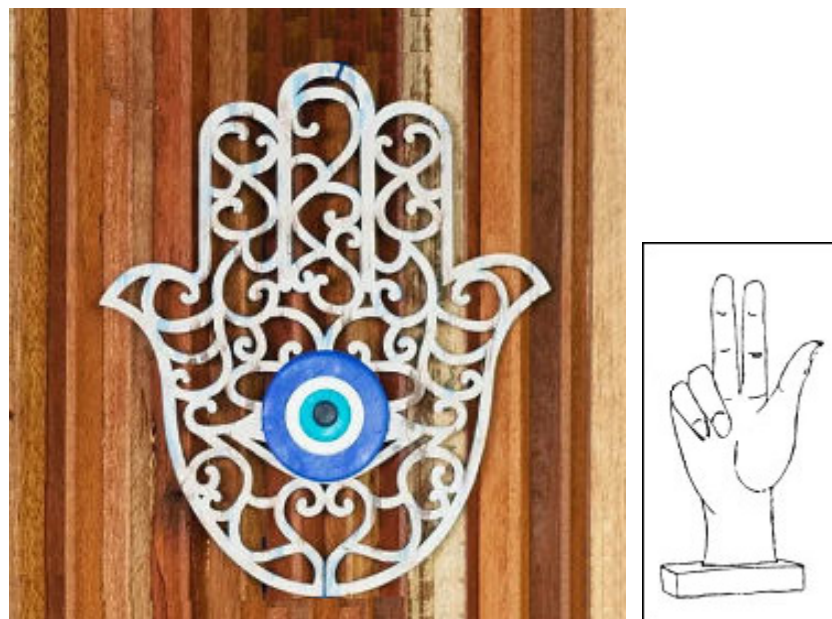
Da simplicidade dessa explicação vem a explicação judaica, que a transformou em um símbolo, um símbolo visual, e depois em algo místico, como um amuleto que traz vida e aproxima a pessoa de Deus. Essas duas letras do alfabeto hebraico – Chet (ח) e Yod (י), como símbolos na cultura judaica, remontam à Espanha medieval e ao Talmude, escrito por volta de 500 EC, que afirma que o mundo foi criado a partir de letras hebraicas que formam certos versículos da Torá: Lv 18: 5, Dt 30: 15-16 e Dt 30: 1-20, onde a obediência a Deus e aos Seus mandamentos traz Sua bênção, mais especificamente a vida física e espiritual; caso contrário, vem a morte e a maldição. Mas por falta de compreensão das coisas espirituais, e por compreender as realidades divinas apenas sob a ótica material, eles transformaram a lei de Deus em algo obrigatório, forçado, como uma ameaça, ou seja, o céu e a terra são descritos como testemunhas do fato de que há vida e morte, bênção e maldição e que o ser humano deve escolher a Vida (Deus), a fim de viver. Em um nível espiritual (e histórico), ‘chai’ significa estar vivo diante de Deus, em oposição a estar (espiritualmente) morto. Foi o peso que trouxe a maldição da Lei, fazendo com que uma pessoa ficasse presa a rituais e obrigações religiosas para se aproximar de Deus e, conseqüentemente, ter vida. A oração do Shemá fala igualmente da importância do Chai para viver e andar no estilo de vida cultural judaico.

Na Cabala medieval, Chai é a emanção mais baixa de Deus (mais próxima do plano físico). De acordo com um rabino grego do século XVI, o Chai, como um símbolo tem sua ligação nos textos da Cabala com o atributo de Deus de ‘Ratzon’, ou motivação, vontade.

Seu uso como amuleto se originou na Europa Oriental do século XVIII e o chai passou a ser usado pelos judeus como um medalhão ao redor do pescoço, da mesma maneira que a Estrela de Davi e o hamsa, para dar vida e como um escudo protetor contra mau-olhado.

Hamsa –

O hamsa ou hamsá (hebraico: חמשה, significa ‘cinco’, relativo aos cinco dedos da mão) é um amuleto contra mau olhado, para afastar as energias negativas e trazer felicidade, sorte e fortuna. Trata-se de um símbolo da fé judaica e islâmica. É muito popular no Oriente Médio, especialmente no Egito. Há uma teoria sobre a conexão entre o hamsa e o ‘Mano Pantea’ (ou ‘Mão-da-Toda-Deusa’), um amuleto conhecido pelos antigos egípcios como os ‘Dois Dedos’, que representavam Ísis e Osíris; o polegar representava seu filho Hórus e era usado para invocar os espíritos protetores dos pais sobre seus filhos. Outro significado deste símbolo está relacionado ao próprio Hórus, deus do céu. Por isso é possível notar na maioria dos hamsas o ‘Olho de Hórus’, significando que os humanos não podiam escapar do olho da consciência. O sol e a lua eram os olhos de Hórus. O hamsa também é muito visto em Cartago (atual Tunísia) e no antigo norte da África e nas colônias fenícias da Península Ibérica (Espanha e Portugal) e pode ser encontrada em forma de jóias, azulejos e chaveiros.



O Alcorão veta o uso de amuletos, mas a chamsá ou chamsa (em árabe) é facilmente encontrada entre os muçulmanos, que também a chamam de mão de Deus, mão de Fátima, olho de Fátima ou mão de Hamesh. Fátima (Fātimah: 605–632) era a filha preferida de Maomé (Fātimah bint Muhammad). O amuleto, neste caso de Fátima, representa a feminilidade. A mão também é popular entre os judeus, em especial os sefarditas (da Península Ibérica) e está ligada à Cabala (Doutrina mística e esotérica judaica). Eles foram os primeiros a usar este amuleto devido às suas crenças sobre o mau-olhado. Eles escrevem textos como o Shemá Israel (Dt 6: 4-9; Dt 11: 13-21; Nm 15: 37-41) nos hamsás e também os chamam de mão de Miriam (a irmã de Moisés e Aarão); entre os cristãos do Levante (Síria, Líbano, Israel, Jordânia, Palestina, parte da Turquia), é também conhecida como mão da Virgem Maria, pois eles provavelmente faziam um sincretismo religioso entre o cristianismo e o paganismo da região, uma vez que o uso inicial do hamsa pode ser atribuído a antigos artefatos da Mesopotâmia nos amuletos da deusa Inanna (outra forma de escrever o nome assírio Nina) ou Istar (Ishtar), também chamada de Ísis no Egito, recebendo o nome de Maria posteriormente, para atrair egípcios para o catolicismo romano. Hamesh (חמש – significa ‘cinco’) se refere ao termo hebraico ‘Hamesh Megillot ou Chomeish Megillos’ (os cinco rolos dos Escritos judaicos).

Os símbolos mencionados acima:



Chai



Estrela de Davi



Hamsa

8

Lia e Raquel, a Igreja do AT e do NT

Podemos dizer que Jacó é uma figura de Deus, e Lia e Raquel, Suas duas esposas: a da antiga Aliança e a da nova Aliança (Igreja do AT e do NT). Vamos explicar melhor:

Lia gerou:

- Rúben, 1º, Re'ubhen, no Massorético, ou Rã'â be'onÿi, em Hebraico, que significa: o Senhor olhou para minha aflição ou eis um filho. Texto bíblico: Gn 29: 32: “Concebeu Lia e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben, pois disse: O Senhor atendeu à minha aflição. Por isso agora me amará meu marido” (Lia disse).

- Simeão, 2º, Shim'ôn = Deus ouviu, aquele que ouve. Texto bíblico: Gn 29: 33b: “Soube o Senhor que era preterida e me deu mais este; chamou-lhe, pois Simeão” (pois Deus ouvira a súplica de Lia).

- Levi, 3º – lewi, da raiz lãwâ = juntar, portanto, Levi = unido, ligado, aderido. Texto bíblico: Gn 29: 34b: “Agora, desta vez, se unirá mais a mim meu marido, porque lhe dei à luz três filhos; por isso, lhe chamou Levi” (Lia disse).

- Judá, 4º – Yehüdâ = louvado, celebrado, festejado em louvor (ydh) ao Senhor. Texto bíblico: Gn 29: 35b: “Esta vez louvarei o Senhor. E por isso lhe chamou Judá; e cessou de dar à luz” (Lia lhe deu o nome).

- Issacar, 9º – 'ish = homem e sãkhâr = salário, portanto, trabalhador alugado, pois Lia comprou de Raquel o direito de coabitar com Jacó por um punhado de mandrágoras (Gn 30: 14-18). Texto bíblico (Gn 30: 18): “Então disse Lia: Deus me recompensou, porque dei a minha serva a meu marido [*No caso do filho anterior, Aser, pois Issacar era filho legítimo de Lia*]; e chamou-lhe Issacar”.

- Zebulom, 10º do acadiano Zabalu = exaltar (Acade, região da Suméria, uma das designações dadas à metade norte do Iraque, para o norte de Bagdá). Texto bíblico: Gn 30: 20: “E disse (*Lia*): Deus me concedeu excelente dote; desta vez permanecerá comigo meu marido, porque lhe dei seis filhos; e lhe chamou Zebulom”.

- Diná (dînâ), única filha de Lia; dînâ = inocente, absolvida, julgada. Texto bíblico: Gn 30: 21: “Depois disto, (*Lia*) deu à luz uma filha e lhe chamou Diná”.

Raquel gerou:

•• José, 11º filho de Jacó, originado do verbo Yāsaph = adicionar, portanto, yôseph = que Deus adicione (filhos), pois Raquel pediu a Deus que lhe desse outro filho. Texto bíblico: Gn 30: 23-24: “Ela (*Raquel*) concebeu, deu à luz um filho e disse: Deus me tirou o meu vexame. E lhe chamou José, dizendo: Dê-me o Senhor ainda outro filho”.

•• Benjamim, 12º, Binyāmīn, filho da minha mão direita. Texto bíblico: Gn 35: 18: “Ao lhe sair a alma (porque morreu), deu-lhe o nome de Benoni [*Filho da minha aflição*]; *Raquel deu o nome*; mas seu pai lhe chamou Benjamim”.

Os demais filhos de Jacó nasceram das servas de Lia e Raquel:

•• Dã, 5º – Dān = Deus me julgou, Deus é juiz. Texto bíblico: Gn 30: 6: “Então, disse Raquel: Deus me julgou, e também me ouviu a voz, e me deu um filho; portanto, lhe chamou Dã” (filho de Bila, serva de Raquel).

•• Naftali, 6º – Naphtālī = lutador. Texto bíblico: Gn 30: 8: “Disse Raquel: Com grandes lutas tenho competido com minha irmã e logrei prevalecer; chamou-lhe, pois Naftali” (filho de Bila, serva de Raquel).

•• Gade, 7º = boa sorte, afortunado ou uma tropa está vindo. Texto bíblico: Gn 30: 11: “Disse Lia: Afortunada! E lhe chamou Gade” (filho de Zilpa, serva de Lia).

•• Aser, 8º – ’āsher, feliz, bem-aventurado, tesouro. Texto bíblico: Gn 30: 13: “Então, disse Lia: É a minha felicidade! Porque as filhas me terão por venturosa; e lhe chamou Aser” (filho de Zilpa, serva de Lia).

Agora, vamos explicar o que foi dito acima.

Apesar de ainda haver certa controvérsia em relação ao assunto, a opinião mais aceita é que (quanto à linhagem) ‘judeu’ é todo aquele que é nascido de mãe judia, ou seja, a descendência vem por parte de mãe, e não de pai (é só relacionar isso com os direitos de primogênito – Dt 21: 17 – que diziam respeito à sua mãe e não ao seu pai, pois se o pai tivesse um filho primogênito com uma prostituta e não com a esposa legítima, o filho não poderia reivindicar tal direito: Jefté, por exemplo – Jz 11: 1-2). Assim, a lei se aplicava aos primogênitos da esposa legal, não das concubinas.

Raquel e Lia eram da descendência de Abraão (o ‘pai’ dos judeus), pois eram filhas de Labão, irmão de Rebeca e filho de Betuel, que era filho de Naor, irmão de Abraão. Portanto, os filhos de Lia e Raquel eram considerados judeus, com direito a reivindicar as bênçãos do primogênito. Das suas servas nasceram filhos que, embora chamados ‘filhos de Israel’ (Jacó), não puderam ser considerados como candidatos ao direito de primogenitura, pois eram filhos das concubinas e não das esposas legais do patriarca.

O primogênito recebia a porção dobrada do pai e a liderança da família e da descendência, ou seja, a autoridade sobre seus irmãos (ele carregava o nome da linhagem; é só ver o caso de Rute e o outro Resgatador além de Boaz). Por isso, na bênção de Isaque sobre Jacó, o pai diz: “Sirvam-te os povos; e nações te reverenciem; sê senhor de teus irmãos, e os filhos de tua mãe se encurvem a ti; maldito seja o que te amaldiçoar, e abençoado o que te abençoar” (Gn 27: 29). Portanto, entre os filhos de Jacó com direito à primogenitura só se podia escolher entre os filhos de Lia: Rúben (1º), Simeão (2º), Levi (3º), Judá (4º), Issacar (9º filho de Jacó) e Zebulom (10º filho de Jacó). Os filhos de Raquel (José e Benjamim) estariam em segundo plano de escolha. Os três primeiros foram descartados pelo próprio Jacó, pois o decepcionaram; por isso, ele quis colocar José como seu primogênito. Chegou até a pensar em Benjamim como senhor de seus irmãos quando achou que José havia morrido. Entretanto, pela vontade soberana de Deus, Efraim recebeu o direito de primogenitura (ou seja, a porção dobrada do pai), e Judá, o direito de liderança governamental (Sl 78: 68-69).

Em outras palavras, é como se Deus dividisse a bênção da primogenitura em duas partes para favorecer as duas esposas de Jacó. Deus escolheu a tribo de Judá (Sl 78: 68-69) para manter Sua eleição sobre os judeus (a autoridade sobre seus irmãos, pois o nome ‘judeu’ tem origem no nome ‘Judá’). E Ele escolheu Efraim (como representante de José, o primogênito de Raquel) para herdar a bênção da primogenitura – Gn 48: 14-20, em especial os versículos 14; 19-20 – ou seja, para lhe dar a porção dobrada do pai (Efraim recebeu uma grande bênção material, Gn 49: 22-26), e para garantir que a bênção de Abraão também chegasse aos gentios (Gn 12: 3b). A bíblia fala que ela chegou a nós através da nossa fé em Jesus, nascido da tribo de Judá (Gl 3: 14), mas Efraim e os seus descendentes (casados com mulheres egípcias) se misturaram muito com os gentios a partir dali e lhes deu também o conhecimento do Deus de Israel. Lembre-se que José casou com Asenate, uma egípcia, portanto, uma gentia. Ela não era da descendência de Abraão. Séculos mais tarde, a tribo de Efraim se misturou muito com os gentios por causa da idolatria de Jeroboão, o primeiro rei de Israel após a divisão da nação em dois reinos. Das servas gentias de Jacó (Bila e Zilpa) também procederam, de certa forma, os gentios, além dos descendentes dos outros dois filhos de Noé: Cam e Jafé, portanto, povos não semitas. Entretanto, pela vontade soberana de Deus (como falei acima), Efraim recebeu a primogenitura do clã, ao invés de Rúben; e Judá, o direito de liderança governamental:

- 1 Cr 5: 1-2: “Quanto aos filhos de Rben, o primogênito de Israel (pois era o primogênito, mas, por ter profanado o leito de seu pai, deu-se a sua primogenitura aos filhos de José, filho de Israel; de modo que, na genealogia, não foi contado como primogênito. Judá, na verdade, foi poderoso entre seus irmãos, e dele veio o príncipe; porém, o direito da primogenitura foi de José)”.

- Jr 31: 9 b: “porque sou pai para Israel, e Efraim é o meu primogênito”.

Em Amós 9: 11-12 está escrito: “Naquele dia, levantarei o tabernáculo caído de Davi (*) [NIV, ‘a tenda caída de Davi’], repararei as suas brechas; e, levantando-o das suas ruínas, restaurá-lo-ei como fora nos dias da antiguidade; para que possuam o restante de Edom e todas as nações que são chamadas pelo meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas” – cf. At 15: 14-18: “... expôs Simão [*Pedro*] como Deus, primeiramente, visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome. Conferem com isto as palavras dos profetas, como está escrito: Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi; e, levantando-o de suas ruínas, restaurá-lo-ei. Para que os demais homens busquem o Senhor, e também todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas conhecidas desde séculos”.

(*) Levantar a tenda caída de Davi [o tabernáculo caído de Davi] é uma referência profética sobre o reino espiritual de Jesus, onde Israel e Judá estariam juntos e poderiam viver livres diante do Senhor, adorando-O sem rituais desnecessários e vazios, e um reinado do qual os gentios também poderiam ter o direito de participar, pois Jesus seria o pastor de todos. ‘A tenda caída de Davi’ significava a humilhação em que estava a Casa de Davi, sem governante à altura para que Deus pudesse manter Sua promessa de um descendente davídico no trono. E isso tinha acontecido por causa da idolatria e da rebeldia de Israel, que contaminou a casa de Judá, provocando sobre ela também a ira de Deus. Jesus veio trazendo um reino espiritual para todos os que O aceitassem como Senhor e Salvador. Nós, gentios, somos o Israel espiritual de Deus. O que no passado (AT) era físico, agora é espiritual (Ef 6: 12; 2 Co 10: 3-6).

GENTIOS

Goy é a abreviação de gowy (do hebraico, gentio, גוי, plural goyim, גויים) e significa uma nação estrangeira; portanto, uma nação gentia; figuradamente: uma tropa de animais ou bando de gafanhotos. A palavra se refere a gentios, pagãos, nações (הגוים), países (מדינות), povo, e geralmente utilizado pela comunidade judaica para referirem-se aos gentios. É usado erroneamente da forma pejorativa para se referir aos não judeus e aos incrédulos (ethnos ou ethnôn, gr.). A palavra ‘gentio’ designa uma pessoa não-israelita:

- Lv 25: 44 – ‘nações’ (ARA), ‘pagãos’ (KJV) – palavra transliterada para goyim;
- 1 Cr 16: 24 – ‘nações’ (ARA), ‘pagãos’ (KJV) – Na Concordância de Strong, a palavra hebraica usada para ‘nações’ é `am = um povo (como uma unidade congregada); uma tribo (como as de Israel); portanto (de uma maneira coletiva): tropas ou atendentes; figuradamente, um bando, um rebanho, de gente, homens, nação, povo.
- 2 Rs 21: 2: “Fez ele (*rei Manassés de Judá*) o que era mau perante o Senhor, segundo as abominações dos gentios que o Senhor expulsara de suas possessões, de diante dos filhos de Israel”. Na Concordância de Strong, a palavra usada para ‘gentios’ é ‘pagãos’ (heathen), gowy.
- Jr 10: 25: “Derrama a tua indignação sobre as nações que não te conhecem e sobre os povos que não invocam o teu nome; porque devoraram a Jacó, devoraram-no, consumiram-no e assolaram a sua morada” – ‘nações’ e ‘povos’ (ARA), pagãos (KJV). ‘Nações’, neste versículo, na Concordância de Strong, recebem a palavra ‘gowy’ (goyim); e a palavra ‘povos’, mishpachah ou mishpâchoth (plural) = uma família, isto é, um círculo de parentes; figuradamente, uma classe de pessoas, uma espécie de animais, um tipo de coisas; portanto, uma tribo de pessoas: família, parentela.

A palavra ‘gentio’ deriva do Latim ‘gens’ (significando ‘clã’ ou um ‘grupo de famílias’) e é muitas vezes usada no plural. Os tradutores cristãos da Bíblia usaram esta palavra para designar coletivamente os povos e nações distintos do povo Israelita. A palavra é especialmente importante em relatos sobre a história do Cristianismo para designar os povos Europeus que gradualmente se converteram à nova religião, sob a influência do apóstolo Paulo de Tarso e outros. O próprio Paulo nascera como cidadão romano na atual Turquia (Tarso, da Cilícia), mas tinha sido educado no Judaísmo. Deus já tinha anunciado que na descendência de Abraão seriam abençoadas todas as nações – que os povos se uniriam ao Salvador, e ficariam sendo o povo de Deus (Gn 12: 13; Gn 22: 18 cf. At 3: 25; Gn 49: 10; Sl 2: 8; Sl 72: 11; 17 (na nossa tradução é usada a palavra ‘nações’) para os dois versículos; e a palavra hebraica usada é gowy (transliteração: goyim).

- Em Is 42: 6 (“Eu, o Senhor, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios”), a palavra hebraica para ‘povo’ é: `am; e para ‘gentios’ é gowy (goyim).

- Em Is 60: 2-3 as duas palavras se repetem (povos, nações): “Porque eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão, os povos; mas sobre ti aparece resplendente o Senhor, e a sua glória se vê sobre ti. As nações se encaminham para a tua luz, e os reis, para o resplendor que te nasceu”. A palavra hebraica usada para ‘povos’ é lom ou lowm (pronuncia-se: leh-ome'), e é proveniente de uma palavra que significa reunir, uma comunidade, nação, povo, pessoas. A palavra usada para ‘nações’ é gwoy, gentios.

Quando Jesus Cristo veio, a Sua resposta aos gregos (‘Hellen’) implicava que grandes multidões de gentios haviam de entrar na igreja (Jo 12: 20-21).

Tanto na antiga como na nova dispensação, o povo Israelita não podia se unir pelo casamento com os gentios. Nos seus antigos tempos os judeus constituíam

essencialmente uma nação separada das outras (Lv 20: 23) para não se confundirem com os outros povos, e para não assimilarem o seu caráter moral, político e religioso, sob pena de duras sentenças (Lv 26: 14-38 e Dt 28 – os castigos da desobediência). Eles eram proibidos de se casar com a parte remanescente dos habitantes de Canaã ainda não conquistados quando o povo entrou na Palestina (Js 23: 7), para que não fossem castigados como aconteceu com os seus antecessores (Lv 18: 24-25). Um amonita ou moabita era excluído da congregação do Senhor, sendo essa medida tomada até a décima geração (Dt 23: 3), embora um idumeu (edomita) ou egípcio tenha sido admitido na terceira (Dt 23: 7). A tendência que se notava nos israelitas para caírem na idolatria mostra a necessidade da severidade que tinha sido empregada.

A partir do século XVII o termo é mais normalmente usado para referir não-judeus. Em tempos recentes, ambos os termos (goy e gentio) deixaram de ser bem vistos, preferindo-se muitas vezes usar a expressão ‘não-Judeu’ como substituto.

No NT, vemos a palavra ‘gentios’, em grego, no seguinte versículo:

- 1 Tm 2: 7 – “Para isto fui designado pregador (*kêrux*) e apóstolo (*apostolos*) (afirmo a verdade, não minto), mestre (*didaskalos*) dos gentios (*ethnos* ou *ethnôn*) na fé e na verdade”. A palavra grega *εθνων* (*ethnos* ou *ethnôn* – transliterado) significa: uma raça (do mesmo hábito), ou seja, uma tribo; especialmente, um estrangeiro, não judeu, pagão, gentio, nação, povo (*εθνων* = nações, países).

9

Os sacrifícios do Antigo Testamento

Este estudo se resume em entendermos o significado dos sacrifícios e das ofertas do Antigo Testamento e como o sacrifício de Jesus foi suficiente para cumprir e abolir todas essas ordenanças de uma vez por todas. Entender o que se passou na cruz nos habilita a compreender e a aceitar o trabalho do Espírito Santo em nossas vidas. Vou descrever primeiro os tipos de ofertas (seus nomes em hebraico). Aqui também você vai ficar sabendo o que significa: consagração, corbam, terumah, tenuphah e o sacrifício de Jesus na Cruz, entre outros assuntos.

Vamos começar colocando uma tabela resumida sobre os sacrifícios do Antigo Testamento:

Sacrifício	Localização no AT	Elementos	Finalidade
Holocausto	Lv 1: 1-17	Boi, cordeiro ou ave do sexo masculino (rola ou pombinho para o pobre). Totalmente consumido. Sem defeito.	Ato voluntário de adoração. Expição de pecado por ignorância em geral. Manifesta devoção, compromisso e completa submissão a Deus.
Oferta de manjares	Lv 2: 1-16	Flor de farinha, azeite de oliva, incenso, bolos ou obreias (cozidos, assados ou fritos), sal. Nada de fermento nem mel. Acompanhava os	Ato voluntário de adoração. Reconhecimento da bondade e da providência de Deus. Dedicção a Deus. O azeite simboliza alegria.

		holocaustos e as ofertas pacíficas (junto com uma libação). Obs.: Obreia: pasta de massa de que é feito o pão asmo.	
Oferta pacífica (simboliza a ceia com o Senhor)	Lv 3: 1-17	Qualquer animal sem defeito do rebanho. Variedade de pães.	Ato voluntário de adoração. Ação de graças e comunhão (era acompanhada de uma refeição comunitária).
Oferta pelo pecado	Lv 4; Lv 5; Lv 6; Lv 16: 1-34	1. Novilho: no caso do sumo sacerdote e da congregação. 2. Bode: no caso do príncipe. 3. Cabra ou cordeiro: no caso de pessoas do povo. 4. Rola ou pombinho: no caso do pobre. Décima parte de uma efa de flor de farinha: no caso do muito pobre.	Expição obrigatória para determinados pecados por ignorância. Confissão de pecado. Perdão de pecado. Purificação da mácula.
Oferta pela culpa	Lv 7: 1-10	Carneiro ou cordeiro	Expição obrigatória para pecados por ignorância que exigissem restituição. Purificação de máculas. Restituição. 20% de multa.

Comentários de interesse:

- A palavra original traduzida por ignorância significa: vaguear, como uma ovelha que se desgarra do rebanho. Refere-se ao pecado oriundo da fraqueza do caráter humano, não de uma rebelião mal disfarçada ou de um mal premeditado. Associamos a culpa à intenção, mas os antigos a associavam aos seus efeitos.
- Não se usava fermento para não lembrar o culto pagão. Fermento simboliza a carne, a maldade e a malícia humana em contraposição com a santidade do Espírito (1 Co 5: 6-8).
- Quando mais de um tipo de oferta era apresentado (Nm 7: 13-17), o procedimento era normalmente o seguinte: 1) oferta pelo pecado, 2) holocausto, 3) oferta pacífica e oferta de manjares (junto com uma libação). Essa sequência mostra parte da importância espiritual do sistema sacrificial. Em primeiro lugar, o pecado tinha de ser tratado (oferta pelo pecado ou pela culpa). Em segundo lugar, o adorador comprometia-se

completamente com Deus (holocausto e oferta de manjares). Em terceiro lugar, estabelecia-se a comunhão ou amizade entre o Senhor, o sacerdote e o adorador (oferta pacífica). No sacrifício pacífico, o peito e a coxa direita eram a porção do sacerdote determinada por Deus (Lv 7: 29-34).

•• Lv 3: 14-16; Lv 4: 8-9; Lv 7: 4; Lv 9: 10: O Senhor ordenava que fossem separados a gordura, os rins e o redenho do fígado para serem queimados sobre o altar. Essas partes não eram queimadas junto com o resto do animal, o que nos faz pensar que havia um interesse e um propósito maior nisso. A gordura simboliza a parte mais saborosa da carne, o que é mais gostoso, que sobe como um cheiro suave a Deus. Para os judeus, os rins eram o centro das emoções e da consciência e isso significa que nossa oferta deve ser o que existe de mais gostoso para o Senhor e toda a nossa alma deve estar envolvida nesse processo, ou seja, nossas emoções devem ser também colocadas no altar do Senhor, principalmente a alegria de estar ofertando. Assim, nossa oferta financeira na Casa de Deus sobe como incenso suave a Ele. Entregar as emoções e a consciência ao Senhor nos libera da culpa. As emoções e a consciência devem ser santificadas, consagradas ao Senhor (Lv 7: 5: oferta pela culpa). Em outras palavras: assim como a gordura do animal na oferta pela culpa eram queimadas sobre o altar para haver expiação, o paralelo espiritual também é verdadeiro. Quando entregamos a nossa ‘gordura’ e ‘nossos rins’ (nossas emoções, consciência, nosso ‘gostoso’, o que temos de melhor a Jesus), Ele derrama Seu sangue sobre os nossos pecados, nos libertando da nossa culpa, pois sabe que o que estamos fazendo é de coração.

•• Lv 22: 17-33: A oferta deve ser sem defeito; não eram aceitos animais defeituosos. A nossa oferta diante do Senhor deve ser com o que temos de melhor, com as primícias, não com o que sobra, com os restos. O v. 19 diz: “Para que seja aceitável, oferecerá macho sem defeito”. Assim como o dízimo deve ser dado antes de usarmos nosso dinheiro para qualquer coisa, a oferta deve ser dada com liberalidade e com inteireza de coração.

•• Sal nas ofertas de manjares ao invés de mel, pois sal significa aliança (Lv 2: 13; Nm 18: 19), fidelidade da promessa, natureza não perecível do pacto, o amor imutável de Deus, sinal de purificação e santidade. Ele derrete o gelo; a palavra verdadeira de Deus derrete os corações frios e endurecidos pelo pecado e pelas barreiras humanas.

•• O sacerdote apresentava-se diante de Deus a favor do povo, mas também representava Deus perante o povo. Como representante de Deus, comia das ofertas que lhe eram trazidas. Mas não podia, da mesma maneira, representar a Deus para si mesmo. Suas próprias ofertas de manjares tinham de ser completamente queimadas, para que fosse verdadeiro sacrifício, completamente dedicado a Deus (Lv 6: 23). Entretanto, ele também poderia comer da parte que lhe era reservada das ofertas de manjares dadas a Deus pelo povo: Lv 2: 9-10; Lv 6: 14-18.

•• Arão e seus filhos foram consagrados sacerdotes. A palavra hebraica traduzida por ‘consagração’ (millu) ou ‘consagrações’ (millu'iyim – Strong #4394 – Lv 7: 37; Lv 8: 22; 28-29; 31; 33; Êx 29: 22; Êx 29: 26-27; Êx 29: 34) significa, literalmente: ‘encher a mão’, ‘mãos cheias’, e talvez se referisse às ofertas depositadas sobre as mãos ou ao óleo que era derramado sobre elas em alguns casos (o leproso depois de sarado – Lv 14: 15). O ritual de consagração dos sacerdotes (Lv 8: 1-36) simbolizava as responsabilidades e os privilégios do sacerdócio, lembrando os levitas que haviam sido

separados para o serviço de Deus. Segundo a ‘Concordância Lexicon Strong’, a palavra millu'iyim, מלל'ים, procede de mâlê'- מלא (Strong #4390), uma raiz primitiva que significa: preencher ou estar cheio de, realizar, confirmar, encher, cumprir, ser ou tornar-se pleno ou completo, transbordar, plenitude, fornecer (prova, evidência) ou mobiliar (casa), recolher (isoladamente ou em conjunto), reabastecer, satisfazer, tomar (tirar) com uma mão cheia, presumir, ousar (como em Et 7: 5, na ARA, ‘instigou’, KJV: ‘que ousou presumir’, NIV/NVI: ‘ousou, se atreveu’).

• O Senhor também proibia de comer o animal com seu sangue (Lv 17: 11; 14; cf. Hb 9: 22), pois o sangue tinha um propósito sacrificial. O sangue, no AT, é o símbolo da vida terminada geralmente por meios violentos. Também significa o que sustenta a vida física de um ser, assim como seu espírito, ou seja, seu caráter, sua índole, sua natureza (pense nas transmissões genéticas que ‘estão no sangue’, como dizem as pessoas). Lembrando de Gn 4: 10-11, o sangue foi um meio de expiação providenciado pelo próprio Deus, pelo Seu amor pelo homem para não mantê-lo afastado de Si. A finalidade do sangue seria um ato espiritual, sacrificial, de adoração a Deus e expiação pelo pecado, usando animais como o cordeiro e outros. Complementando o raciocínio: a vida da carne (Lv 17: 11; 14) era a vida sacrificada na morte, pois a finalidade do sangue do animal seria um ato espiritual para purificar o homem do seu pecado (morte) e lhe restaurar a vida (comunhão com Deus). O sangue do animal era o substituto do sangue do homem; ao invés de Deus matar o pecador pelo seu pecado, usaria um substituto, no caso os animais considerados puros, separados para esse fim.

• Assim, o sacrifício da cruz veio substituir todos esses sacrifícios, tendo Jesus se oferecido como cordeiro sem mácula, em nosso lugar, para nos resgatar do pecado e da maldição da lei.

• CORBAN: oferta; em hebraico, qorbân ou qrbh = ‘aquilo que é trazido perto’, ‘aproximar-se de Deus’. Qorbân é praticamente um termo genérico, enquanto outros são usados especificamente para holocausto, oferta pelo pecado e pela culpa etc. É isso que nós vamos ver agora.

A oferta movida ('othâm tenuphâh ou ath-m thnuphe – Lv 7: 30; Lv 14: 12) de carne ou de manjares recebeu esse nome, talvez, por ser movida diante do Senhor antes de lhe ser apresentada. Em hebraico, o verbo ‘eniph’ significa ‘mover a oferta’ ou ‘elevar a oferta’.

• Lv 7: 30: “trará com suas próprias mãos as ofertas queimadas ('ishêy) do Senhor; a gordura do peito com o peito trará para movê-lo (lehâniyph) por oferta movida ('otho tenuphâh) perante o Senhor”.

• Lv 14: 12: “tomará um dos cordeiros e o oferecerá por oferta pela culpa e o sextário de azeite; e os moverá por oferta movida ('othâm tenuphâh) perante o Senhor”.

No texto acima, a expressão que foi traduzida por ‘ofertas queimadas’, no original é ‘passada pelo fogo’ ('ishêy; ou ashi – Versão Concordante do Antigo Testamento – CVOT – ‘feita pelo fogo’).

Existem outras palavras usadas para diferentes tipos de ofertas:

• ‘ôlâ qorbân ou oleh qorbân = oferta queimada – se referindo aos holocaustos. A palavra ‘ôlâ ou oleh significa ‘aquilo que ascende’. Podemos ver isso em Lv 1: 3: “Se a

sua oferta for holocausto ('olâh qorbân) de gado, trará macho sem defeito; à porta da tenda da congregação o trará, para que o homem seja aceito perante o Senhor”.

- As primícias são chamadas de 'rashith ou rê'shiyth (ראשית – Strong #7725) ou rê'shîth bikkûrim (בכורים – Strong #1061) = oferta de primícias, o molho de oferta movida de 16 de Nisã (no sábado após o início da Páscoa, em 14 de Nisã).

- Lv 23: 10: “Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Quando entrardes na terra, que vos dou, e segardes a sua messe, então, trareis um molho das primícias (rê'shiyth – Strong #7725) da vossa messe ao sacerdote”.

- Êx 34: 26: “As primícias (rê'shiyth – Strong #7725) dos primeiros frutos da tua terra traráis à Casa do Senhor, teu Deus. Não cozerás o cabrito no leite da sua própria mãe”.

- Êx 23: 19: “As primícias (rê'shiyth – Strong #7725) dos frutos da tua terra traráis à Casa do Senhor, teu Deus. Não cozerás o cabrito no leite da sua própria mãe”.

- As ofertas pacíficas são chamadas zebhah (zâbhah) = ‘aquilo que é abatido’. Nós podemos ver isso em Lv 3: 1: “Se a oferta de alguém for sacrifício pacífico (zebhach), se a fizer de gado, seja macho ou fêmea, oferecê-la-á sem defeito diante do Senhor”.

- Hattâ'th ou chtath = oferta pelo pecado por ignorância. O texto está em Lv 4: 24: “E porá a mão sobre a cabeça do bode e o imolará no lugar onde se imola o holocausto, perante o Senhor; é oferta pelo pecado (chathâ'th)”.

- Minchâh = Oferta de manjares ou oferta de cereais. O texto está em Lv 2: 1: “Quando alguma pessoa fizer oferta de manjares (minchâh) ao Senhor, a sua oferta será de flor de farinha; nela, deitará azeite e, sobre ela, porá incenso”.

- Oferta pela culpa é chamada 'âsham, ou 'ashm' – Versão Concordante do Antigo Testamento (CVOT).

Como vimos anteriormente, o nome dado para oferta pelos pecados de ignorância é hattâ'th ou chtath (Lv 4: 24). A palavra usada para holocaustos é: 'ôlâ ou oleh, pois a oferta era queimada (Lv 1: 3).

- Lv 5: 17-18: “¹⁷ E, se alguma pessoa pecar e fizer contra algum de todos os mandamentos do Senhor aquilo que se não deve fazer, ainda que o não soubesse, contudo, será culpado ('âshêm) e levará a sua iniquidade. ¹⁸ E do rebanho trará ao sacerdote um carneiro sem defeito, conforme a tua avaliação, para oferta pela culpa ('âshâm), e o sacerdote, por ela, fará expiação no tocante ao erro que, por ignorância, cometeu, e lhe será perdoado”.

- Lv 5: 4-5: “⁴ ou quando alguém jurar temerariamente com seus lábios fazer mal ou fazer bem, seja o que for que o homem pronuncie temerariamente com juramento, e lhe for oculto, e o souber depois, culpado (le'achath) será numa destas coisas. ⁵ Será, pois, que, sendo culpado (ye'sham le'achath) numa destas coisas, confessará aquilo [em Inglês, ‘o pecado’ (châthâ')] em que pecou”.

- Lv 5: 7; 9; 11: “⁷ Se as suas posses não lhe permitirem trazer uma cordeira, trará ao Senhor, como oferta pela culpa ('ashâm), pelo pecado (châthâ'), duas rolas ou dois pombinhos: um como oferta pelo pecado (hathâ'th), e o outro como holocausto ('olâh)...

⁹ Do sangue da oferta pelo pecado aspergirá sobre a parede do altar e o restante do

sangue, fá-lo-á correr à base do altar; é oferta pelo pecado (chathâ'th). ¹¹ Porém, se as suas posses não lhe permitirem trazer duas rolas ou dois pombinhos, então, aquele que pecou trará, por sua oferta, a décima parte de um efa de flor de farinha como oferta pelo pecado (châthâ'); não lhe deitará azeite, nem lhe porá em cima incenso, pois é oferta pelo pecado (chathâ'th)".

•• TERUMAH (Terümâh ou terumath)

A palavra 'Terumah' foi traduzida erroneamente como 'oferta alçada' ou 'movida' (esta última, chamada de 'othâm tenuphâh), ou 'comida consagrada', ou seja, a porção do sacerdote, e significa 'doação', 'contribuição'. Na maior parte dos textos que falam sobre não comer das coisas consagradas ao sacerdote, a bíblia usa a expressão 'as coisas sagradas' (yo'khal qodhesh) – Lv 22: 10; 14.

- Em Lv 22: 10 está escrito: "Nenhum estrangeiro comerá das coisas sagradas (yo'khal qodhesh); o hóspede do sacerdote nem o seu jornaleiro comerão das coisas sagradas".

- Em Dt 12: 26 está escrito: "Porém tomarás o que houveres consagrado daquilo (qâdhâsheykha) que te pertence e as tuas ofertas votivas e virás ao lugar que o Senhor escolher".

A expressão 'Terumah Gedolah' ('a grande oferta'), por outro lado, não é um termo bíblico, mas é um termo rabínico que foi criado mais tarde para designar a porção do sacerdote. Essa expressão tem origem na literatura Chazálica, onde ela é listada como um dos vinte e quatro presentes sacerdotais. Chazal ou Hazal é um acrônimo para Hakhameinu Zikhronam Livrakha, ou seja, 'nossos sábios, que sua memória seja abençoada'. É um termo geral para se referir a todos os sábios judeus da era da Mishná (século II DC), Tosefta (compilação da Lei Oral a partir do período da Mishná) e Talmude (que traz comentários sobre a Torá e a Mishná, entre outros assuntos), especialmente a partir do final dos 300 anos do segundo Templo de Jerusalém (520–63 AC, com Pompeu. Herodes, o Grande, iniciou sua restauração em 19 AC, terminando em 64 DC (com Agripa), e o templo foi finalmente destruído em 70 DC por Tito) até o século VI EC.

Segundo a Concordância Lexicon Strong, Terumah (Terümâh ou terumath) tem sua origem na palavra trummah ou trumah, e é um presente (como oferecido para cima), especialmente em sacrifício ou como um tributo ou homenagem: dom, oferta 'alçada' (ombro, espádua), oblação, oferecida, oferenda. Ela procede de uma raiz primitiva, ruwm, que significa: ser elevado ativamente, subir, levantar ou aumentar (em diversas aplicações, literal ou figurativamente): levantar, apresentar, trazer à luz, se exaltar, exaltar alguém ou algo, dar, subir, arrogante, altivo, elevar, soltar, içar, lançar, atirar, alar, levantar com esforço, ser levantado sobre, feito sobre, estabelecido sobre, muito alto, mais alto, levantado, sustentado, arrecadação, taxaço, elevar, elevador, ser elevado (sublime), em voz alta, escalar, subir, ofertar (para cima), presunçosamente, ser promovido, promoção, orgulhoso, estabelecer, montar, construir, elevar, alto, mais alto, levar embora, tirar, assumir, segurar, apanhar, prender.

Terümâh – heave offering (oferta alçada) = o que dizemos hoje no sentido figurado: 'levantar uma oferta', significando: suscitar uma contribuição no coração do povo, despertar no povo a vontade de contribuir, apresentar oferta ao Senhor. Nos versículos abaixo, a palavra 'oferta' geralmente vem precedida do verbo 'apresentar' (em inglês, separar, pôr à parte, pôr de lado = set apart – KJV).

Em Nm 18: 8; 11; 19; 24; 26-29, ela é traduzida como ‘oferta’ ou ‘coisas sagradas’ [NVI: contribuição].

⁸ Disse mais o Senhor a Arão: Eis que eu te dei o que foi separado das minhas ofertas, com todas as coisas consagradas dos filhos de Israel (terumothây lekhol-qodhshêy bhenêy-yisrâ'êl); dei-as por direito perpétuo como porção a ti e a teus filhos.

¹¹ Também isto será teu: a oferta das suas dádivas (terumath) com todas as ofertas movidas (tenuphoth) dos filhos de Israel; a ti, a teus filhos e a tuas filhas contigo, dei-as por direito perpétuo; todo o que estiver limpo na tua casa as comerá.

¹⁹ Todas as ofertas sagradas (kol terumoth haqqodhâshiyim) que os filhos de Israel oferecerem ao Senhor, dei-as a ti, e a teus filhos, e a tuas filhas contigo, por direito perpétuo; aliança perpétua de sal perante o Senhor é esta, para ti e para tua descendência contigo.

²⁴ Porque os dízimos (ma'sar) dos filhos de Israel, que apresentam ao Senhor em oferta (terumâh), deixa-os por herança aos levitas; porquanto eu lhes disse: No meio dos filhos de Israel, nenhuma herança tereis.

²⁶ Também falarás aos levitas e lhes dirás: Quando receberdes os dízimos (ma'asêr) da parte dos filhos de Israel, que vos dei por vossa herança, deles apresentareis uma oferta (terumath) ao Senhor: o dízimo dos dízimos (ma'asêr min-hamma'asêr).

²⁷ Atribuir-se-vos-á a vossa oferta (terumath) como se fosse cereal da eira e plenitude do lagar.

²⁸ Assim, também apresentareis ao Senhor uma oferta (terumath) de todos os vossos dízimos que receberdes dos filhos de Israel e deles dareis a oferta (terumath) do Senhor a Arão, o sacerdote.

²⁹ De todas as vossas dádivas apresentareis toda oferta (terumath) do Senhor (NVI, contribuição): do melhor delas, a parte que lhe é sagrada [NVI, a parte sagrada] (miqdesho mimmennu = a parte sagrada dele)

Êx 25: 2-3:

² Fala aos filhos de Israel que me tragam oferta (terumath); de todo homem cujo coração o mover para isso, dele receberéis a minha oferta (terumâthiy).

³ Esta é a oferta (terumâh) que dele receberéis: ouro, e prata, e bronze.

Êx 29: 28

Isto será a obrigação perpétua dos filhos de Israel, devida a Arão e seus filhos, por ser a porção (therumâh) do sacerdote, oferecida, da parte dos filhos de Israel, dos sacrifícios pacíficos; é a sua oferta (therumâh) ao Senhor.

Lv 7: 34

Porque o peito movido (tenuphâh) e a coxa da oferta (terumâh) tomei dos filhos de Israel, dos seus sacrifícios pacíficos, e os dei a Arão, o sacerdote, e a seus filhos, por direito perpétuo dos filhos de Israel.

Lv 7: 14; 32

¹⁴ E, de toda oferta, trará um bolo por oferta (terumâh) ao Senhor, que será do sacerdote que aspergir o sangue da oferta pacífica

³² Também a coxa direita dareis ao sacerdote por oferta (therumâh) dos vossos sacrifícios pacíficos

Lv 10: 14-15

¹⁴ Também o peito da oferta movida (tenuphâh) e a coxa da oferta (terumâh) comereis em lugar limpo, tu, e teus filhos, e tuas filhas, porque foram dados por tua porção e por porção de teus filhos, dos sacrifícios pacíficos dos filhos de Israel.

¹⁵ A coxa da oferta (terumâh) e o peito da oferta movida (tenuphâh) trarão com as ofertas queimadas de gordura, para mover por oferta movida perante o Senhor, o que será por estatuto perpétuo, para ti e para teus filhos, como o Senhor tem ordenado.

Nm 5: 9

Toda oferta de todas as coisas santas (vekhoh-terumâh lekhol-qodhsh) dos filhos de Israel, que trouxerem ao sacerdote, será deste.

Nm 15: 19-21

¹⁹ ao comeres do pão da terra, apresentareis oferta (therumâh) ao Senhor.

²⁰ Das primícias da vossa farinha grossa apresentareis um bolo como oferta (therumâh); como oferta (therumâh) da eira, assim o apresentareis.

²¹ Das primícias da vossa farinha grossa apresentareis ao Senhor oferta (therumâh) nas vossas gerações.

Nm 31: 29; 41; 52

²⁹ Da metade que lhes toca o tomareis e o dareis ao sacerdote Eleazar, para a oferta (terumath) do Senhor.

⁴¹ Então, Moisés deu a Eleazar, o sacerdote, o tributo da oferta (terumath) do Senhor, como este ordenara a Moisés.

⁵² Foi todo o ouro da oferta (terumâh) que os capitães de mil e os capitães de cem trouxeram ao Senhor dezesseis mil setecentos e cinquenta siclos.

Dt 12: 6; 11; 17

⁶ A esse lugar fareis chegar os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos, e a oferta (terumath) das vossas mãos, e as ofertas votivas, e as ofertas voluntárias, e os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas.

¹¹ Então, haverá um lugar que escolherá o Senhor, vosso Deus, para ali fazer habitar o seu nome; a esse lugar fareis chegar tudo o que vos ordeno: os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos, e a oferta (terumath) das vossas mãos, e toda escolha dos vossos votos feitos ao Senhor.

¹⁷ Nas tuas cidades, não poderás comer o dízimo do teu cereal, nem do teu vinho, nem do teu azeite, nem os primogênitos das tuas vacas, nem das tuas ovelhas, nem nenhuma das tuas ofertas votivas, que houverses prometido, nem as tuas ofertas voluntárias, nem as ofertas (terumath) das tuas mãos.

TENUPHAH

Quando a bíblia hebraica usa a palavra tenüphâ (tenuphâh; tenuphoth, no plural), ela se refere à oferta movida, ou seja, a oferta que era apresentada pelo sacerdote ao Senhor. Na verdade, tanto tenüphâ (tenuphâh) como terumah (terümâh; terumath) dizem respeito às doações ou contribuições dos filhos de Israel aos Levitas e ao sumo sacerdote. A oferta movida [’othâm tenuphâh ou ath-m thnuphe (CHES-CVOT) – Lv 7: 30; Lv 14: 12] de carne ou de manjares recebeu esse nome, talvez, por ser movida diante do Senhor antes de lhe ser apresentada. Em hebraico, o verbo ‘eniph’ significa ‘mover a oferta’, ‘elevar a oferta’.

Segundo a Concordância Lexicon Strong, tenüphã (tenuphâh – oferta movida) vem da palavra ‘tnuwphah’: brandir (em ameaça); por implicação: tumulto. Especificamente, a ondulação oficial de oferendas: ofertando, agitando, sacudindo, onda (oferta). A raiz de tnuwphah é nuwph: uma raiz primitiva; tremer (ou seja, vibrar para cima e para baixo, ou embalar de para lá e para cá, de um lado para outro), usada em uma grande variedade de aplicações (incluindo aspergir, acenar (chamar), esfregar, serrar, dar bastonadas, ondear ou ondular etc.): levantar, movimentar, mover, ofertar, perfumar, enviar, agitar, peneirar, patinar, bater, malhar, ondear, ondular, tremular.

Êx 29: 27

Consagrarás o peito da oferta movida (tenuphâh) e a coxa da porção (terumâh) que foi movida (hunaph), a qual se tirou do carneiro da consagração, que é de Arão e de seus filhos.

Hunaph vem da palavra eniph. Em hebraico, o verbo ‘eniph’ significa ‘mover a oferta’.

Lv 7: 30

... Trará com suas próprias mãos as ofertas queimadas (‘ishêy) do Senhor; a gordura do peito com o peito trará para movê-lo por oferta movida (‘otho tenuphâh) perante o Senhor.

Lv 7: 34

... Porque o peito movido (tenuphâh) e a coxa da oferta (terumâh) tomei dos filhos de Israel, dos seus sacrifícios pacíficos, e os dei a Arão, o sacerdote, e a seus filhos, por direito perpétuo dos filhos de Israel.

Lv 10: 14-15

¹⁴ Também o peito (chazêh) da oferta movida (tenuphâh) e a coxa (shoq) da oferta (terumâh) comereis em lugar limpo, tu, e teus filhos, e tuas filhas, porque foram dados por tua porção e por porção de teus filhos, dos sacrifícios pacíficos dos filhos de Israel.

¹⁵ A coxa da oferta e o peito da oferta movida (shoq hatterumâh vachazêh hatteruphâh) trarão com as ofertas queimadas de gordura, para mover por oferta movida perante o Senhor, o que será por estatuto perpétuo, para ti e para teus filhos, como o Senhor tem ordenado.

Lv 14: 12

... Tomará um dos cordeiros e o oferecerá por oferta pela culpa e o sextário de azeite; e os moverá por oferta movida (‘othâm tenuphâh) perante o Senhor.

Nm 8: 11

Arão apresentará os levitas como oferta movida (tenuphâh) perante o Senhor, da parte dos filhos de Israel; e serão para o serviço do Senhor.

Como foi dito anteriormente, na verdade, tanto tenüphã (tenuphâh) como terumah (terümâh; terumath) dizem respeito às doações ou contribuições dos filhos de Israel aos Levitas e ao sumo sacerdote.

•• O sacrifício da cruz veio substituir todos esses sacrifícios, tendo Jesus se oferecido como cordeiro sem mácula, em nosso lugar, para nos resgatar do pecado e da maldição da lei. Vamos comentar um pouco sobre o assunto:

Ao criar o homem, Deus imaginava outro fim para ele que não a morte, mas com a desobediência de Adão, a morte veio como juízo divino:

- Gn 2: 17: “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”.
- Gn 3: 19: “No suor do rosto comerás o teu pão, até que tomes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás”.
- Rm 5: 12-14: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei. Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir”.

Portanto, Jesus sofreu a morte que nossos pecados mereciam.

Um dos significados da palavra pecado, em grego, é hamartia = errar o alvo. Porém, existem outros como: adikia = iniquidade, injustiça; poneria = mal, de um tipo vicioso ou degenerado; parabasis = transgressão, ir além de um limite conhecido; anomia = falta de lei, desrespeito ou violação da lei.

Resumindo, pecado é o fracasso de amar a Deus com todo o nosso ser, é a recusa ativa de reconhecê-IO e obedecer-Lhe como nosso Criador e Senhor, independência, reivindicar a posição que somente Deus pode ocupar, hostilidade para com Deus (Rm 8: 7: “Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar”), manifestada em rebeldia ativa contra Ele, tomar de Deus o que é dEle. E a bíblia diz que sem derramamento de sangue não há remissão de pecados:

- Lv 17: 11: “Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida”.
- Hb 9: 22: “Com efeito, quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e, sem derramamento de sangue, não há remissão”.

O sangue é o símbolo da vida terminada geralmente por meios violentos. É bom lembrar que quem começou isso foi o homem, e Deus não se agradou deste ato:

- Gn 4: 10-11: “E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim. És agora, pois, maldito por sobre a terra, cuja boca se abriu para receber de tuas mãos o sangue de teu irmão”.

Assim, o sangue foi um meio de expiação providenciado pelo próprio Deus, pelo Seu amor pelo homem para não mantê-lo afastado de Si:

- Lv 16: 3: “Entrará Arão no santuário com isto: um novilho, para oferta pelo pecado, e um carneiro, para holocausto”.
- Lv 16: 5-6: “Da congregação dos filhos de Israel tomará dois bodes, para oferta pelo pecado, e um carneiro para holocausto. Arão trará o novilho da sua oferta pelo pecado e fará expiação por si e pela sua casa”.
- Lv 16: 9-10: “Arão fará chegar o bode sobre o qual cair a sorte para o Senhor e o oferecerá por oferta pelo pecado. Mas o bode sobre que cair a sorte para bode emissário [*Hebr. Azazel*] será apresentado vivo perante o Senhor, para fazer expiação por meio dele e enviá-lo ao deserto como bode emissário” [*Hebr. Azazel*].

- Ez 18: 23; 32: “Acaso, tenho eu prazer na morte do perverso? Diz o Senhor Deus; não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva?... Porque não tenho prazer na morte de ninguém, diz o Senhor Deus. Portanto, convertei-vos e vivei”.

- Ez 33: 11: “Dize-lhes: Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois que haveis de morrer, ó casa de Israel?”

Mas a bíblia também diz que é impossível que o sangue de bodes ou de touros remova pecados (Hb 10: 4: “porque é impossível que o sangue de touros e bodes remova pecados”); **por isso Jesus veio como sangue inocente para expiar todos os nossos pecados e iniquidades.** Só Ele era adequado para esta expiação:

- 1 Pe 1: 19-20: “mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós...”.

Nosso substituto, que tomou nosso lugar e morreu a nossa morte, foi **o próprio Deus em Cristo**, que foi verdadeiro e completamente Deus e homem. A Sua vontade e a do Pai sempre estavam em perfeita harmonia:

- Jo 4: 34: “Disse-lhes Jesus: A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra”.

- Jo 5: 30: “Eu nada posso fazer de mim mesmo; na forma por que ouço, julgo [*como homem, Ele nada podia fazer, apenas com a ação divina sobre si*]. O meu juízo é justo, porque não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou”.

- Jo 6: 38-40: “Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou. E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia. De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia”.

- Jo 7: 17: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo”.

- Jo 17: 24: “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo”.

- Mt 26: 39; 42: “Adiantando-se um pouco, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se possível, passa de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres... Tornando a retirar-se, orou de novo, dizendo: Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu beba, faça-se a tua vontade”.

- Mc 14: 36: “E dizia: Aba, Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres”.

- Lc 22: 41-42: “Ele, por sua vez, se afastou, cerca de um tiro de pedra, e, de joelhos, orava, dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua”.

- Fp 2: 6-8: “pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança dos homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz”.

O Pai estava agindo por meio do Filho:

- Jo 3: 16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

- 1 Jo 1: 8-10: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós”.

- 1 Jo 2: 1-2: “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro”.

- 1 Jo 4: 10: “Nisto consiste o amor: não em nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados”.

Em vez de infligir sobre nós o juízo que merecíamos, Deus em Cristo o suportou em nosso lugar para nos vestir com a Sua justiça:

- 2 Co 5: 21: “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus”.

A ira de Deus é o Seu antagonismo firme, constante, contínuo e descomprometido para com o pecado em todas as suas formas e manifestações:

Rm 1: 18:

“A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” – ARA.

“Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça” – NVI.

“Do céu Deus revela a sua ira contra todos os pecados e todas as maldades das pessoas que, por meio das suas más ações, não deixam que os outros conheçam a verdade a respeito de Deus” – NTLH.

A ira de Deus precisava ser propiciada.

É interessante o que está escrito no Sl 2: 12, pois se trata de mais um salmo messiânico (At 13: 33; Hb 1: 5; Hb 5: 5) onde a palavra Ungido (v. 2 e título – ARA) está escrita com maiúscula, assim como Filho (vs. 7 e 12). Embora no AT, a palavra ungido e filho se refira, muitas vezes, aos reis, podemos ver que no v.2 está escrito: “Os reis da terra se levantam, os príncipes conspiram contra o Senhor e contra o seu Ungido, dizendo:...”. E no v. 12, o salmista diz: “Beijai o Filho para que não se irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam”. Isso significa que rejeitar o Filho de Deus, Jesus, o Ungido, o Messias, acarreta a ira de Deus; além disso, a morte (“pereçais no caminho”).

Através do Seu sacrifício conseguimos a redenção dos nossos pecados:

- 1 Co 1: 30: “Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção...”.

- Hb 9: 15: “Por isso mesmo, ele é o mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte, para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados”.

Redimir é comprar de volta, quer como uma transação comercial quer como um resgate. Fomos resgatados por Cristo, não meramente libertos:

- 1 Co 6: 20: “Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo”.

Nós fomos resgatados da culpa e do juízo, portanto, somos dEle:

- Rm 3: 24-25: “sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixando impunes os pecados anteriormente cometidos...”.

- 1 Co 6: 19-20: “Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois glorificai a Deus no vosso corpo”.

- 1 Co 7: 23: “Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens”.

- Ef 1: 7: “no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça,...”.

- 1 Pe 1: 18-19: “Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo,...”.

- Ap 5: 9: “E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abri-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação”.

Através do sacrifício de Jesus também fomos justificados, ou seja, fomos perdoados, aceitos, certos com Deus:

- Rm 3: 26: “Tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus”.

- Rm 5: 9: “Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira”.

- Rm 6: 7: “porquanto quem morreu está justificado do pecado”.

- Rm 8: 1: “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”.

- Rm 8: 33: “Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica”.

O homem não é justificado por obras da lei e sim mediante a fé:

- Rm 7: 4-6: “Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus. Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte. Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra”.

- Gl 2: 16: “sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado”.

- Gl 3: 6-14: “É o caso de Abraão, que creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça. Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão. Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos. De modo que os da fé são abençoados com o crente Abraão. Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da Lei, para praticá-las (Dt 27: 26). E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé. Ora, a lei não procede da fé,

mas: Aquele que observar os seus preceitos por eles viverá (Lv 18: 5). Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro), para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido”.

- Ef 2: 8-9: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie”.

- Tt 3: 5: “não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo a sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo,...”

Através do sacrifício de Jesus que nos propiciou, redimiou e justificou, também fomos **reconciliados com Deus** e com os homens. Deus é o autor da reconciliação. A barreira entre nós e Deus era constituída tanto por nossa rebeldia a Ele quanto por Sua ira sobre nós por causa dessa nossa atitude. A obra de reconciliação é uma obra terminada, já está feita, da parte de Deus. A nossa é aceitar o Seu sacrifício e nos arrependermos dos pecados para nos reconciliarmos com Ele. Deus é o autor, Cristo é o agente e nós, embaixadores da reconciliação:

- Rm 5: 9-11: “Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida; e não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação”.

- Rm 8: 15-17: “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, com ele seremos glorificados”.

- 2 Co 5: 18-20: “Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo por mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões e nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus”.

- Ef 2: 16: “e reconciliasse ambos [*judeus e gentios*] em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade”.

Quando somos de Jesus, através do Espírito Santo que em nós habita, podemos levar outras vidas que estão no pecado a se reconciliarem com Ele. Em 2 Co 5: 19 a bíblia diz que Ele nos confiou a palavra da reconciliação. Ao ministrarmos Sua palavra aos necessitados, àqueles que se encontra em aflição, estaremos trazendo essas pessoas de volta a um estado de bem-aventurança.

Dessa forma, a realização da cruz incluiu a salvação dos pecadores pela propiciação dos pecados, redenção, justificação e reconciliação. Em outras palavras, o Seu sacrifício substituiu todos os antigos sacrifícios.

10

Eglah Arufah



Neste texto nós vamos estudar sobre Eglah Arufah (pronuncia-se Eglá Arufá), um dos rituais do AT descritos na bíblia por Moisés (Dt 21: 1-9). Quando um assassinato não tinha culpado evidente, uma novilha ('eglah) que não havia trabalhado nem puxado com o jugo era levada até um vale de águas correntes e ali era sacrificada (desnucar = 'araph). Os anciãos da cidade mais próxima ao morto lavavam as mãos sobre o animal desnucado como um sinal de inocência diante daquele assassinato.

Vale a pena lembrar que o AT foi uma 'sombra' do NT (Cl 2: 16-17; Hb 10: 1), ou seja, um 'rascunho' da realidade espiritual vivida no NT. Assim, os dois rituais descritos na Torá (Eglah Arufah e Para Aduma) simbolizam algo simples dado por Deus para que o ser humano entendesse a Sua vontade. Como a visão daquela época era carnal e material, Deus precisava ensinar através de coisas físicas. O povo precisava de símbolos, de coisas palpáveis para crer no Senhor. Por isso, Jeremias, Isaías e Ezequiel encenavam suas profecias. Hoje, nós temos a compreensão das coisas invisíveis.

Eglah Arufah e Para Aduma (pronuncia-se Para Adumá) têm um significado para nós cristãos.

- Dt 21: 1-9: “Quando na terra que te der o Senhor, teu Deus, para possuí-la se achar alguém morto, caído no campo, sem que se saiba quem o matou, sairão os teus anciãos e os teus juízes e medirão a distância até às cidades que estiverem em redor do morto. Os anciãos da cidade mais próxima do morto tomarão uma novilha da manada, que não tenha trabalhado, nem puxado com o jugo, e a trarão a um vale de águas correntes, que não foi lavrado, nem semeado; e ali, naquele vale, desnucarão ('araph) a novilha ('eglah). Chegar-se-ão os sacerdotes, filhos de Levi, porque o Senhor, teu Deus, os escolheu para o servirem, para abençoarem em nome do Senhor e, por sua palavra, decidirem toda demanda e todo caso de violência. Todos os anciãos desta cidade, mais próximos do morto, lavarão as mãos sobre a novilha desnucada no vale e dirão: As nossas mãos não derramaram este sangue, e os nossos olhos o não viram derramar-se. Sê propício ao teu povo de Israel, que tu, ó Senhor, resgataste, e não ponhas a culpa do sangue inocente no meio do teu povo de Israel. E a culpa daquele sangue lhe será perdoada. Assim, eliminarás a culpa do sangue inocente do meio de ti, pois farás o que é reto aos olhos do Senhor”.

Aqui, nós podemos ver um paralelo com o que aconteceu com Jesus. O novilho sem defeito era o animal sacrificado no caso de oferta pelo pecado do sumo sacerdote, dos sacerdotes (Lv 8: 14-15; Lv 4: 3) ou da congregação (Lv 4: 13-14; Nm 15: 24-25). Jesus é o nosso sumo sacerdote que se ofereceu como sacrifício pelo nosso pecado (como reis e sacerdotes, conforme a bíblia diz que somos).

Uma novilha ao invés de um novilho é uma figura feminina de uma congregação, uma nação, o povo de Deus, a Igreja arrependida, os filhos de Deus como sacerdotes e reis na terra (“nação santa, de reis e sacerdotes” – 1 Pe 2: 9: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”).

No caso da novilha desnucada, ela era levada a um vale de águas correntes, pois a água simbolizaria a purificação dos homens, inocentando-os da culpa. O sangue faria a expiação pelo pecado. Quem matou Jesus não foram os judeus nem os romanos, e sim os pecados de toda a humanidade. Assim, quando Jesus já havia morrido e os judeus reivindicaram Seu corpo perante Pilatos, um soldado Lhe abriu o lado com uma lança, e por ali saiu sangue e água. O sangue confirmava que a expiação pelo nosso pecado e pela nossa culpa estava completada; e a água dizia que a mancha deixada por eles diante de Deus estava lavada pelo poder do Espírito Santo, inocentando os homens:



- Jo 19: 31-37: “Então, os judeus, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação, pois era grande o dia daquele sábado, rogaram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados. Os soldados foram e quebraram as pernas do primeiro e ao outro que com ele tinham sido crucificados; chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água. Aquele que isto viu testificou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais. E isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado. E outra vez diz a Escritura: Eles verão aquele a quem traspassaram”.

Pilatos também realizou o mesmo ritual quando lavou as mãos, se inocentando da responsabilidade pela morte de Jesus:



- Mt 27: 24-25: “Vendo Pilatos que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água, lavou as mãos perante o povo, dizendo: estou inocente do sangue deste [justo]; fique o caso convosco! E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos”.

Ao dizer isso, o povo não sabia que estava assumindo diante do Pai e do mundo espiritual, a culpa pela morte do Messias; por isso, o povo judeu até hoje carrega o peso da maldição da lei sobre si: por rejeitar o Messias e por ter assumido a culpa da Sua morte. Só quando se arrependerem diante de Deus, estarão libertos do jugo.

- Jo 3: 36: “Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus”.

- 1 Jo 2: 22-23: “Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho. Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o Filho tem igualmente o Pai”.

- 1 Jo 4: 2-3; 6: “Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo... Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro”.

- 1 Jo 5: 11-12: “E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida”.

- Gl 3: 10-11; 13-14: “Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las (Dt 27: 26). E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado perante diante de Deus, porque o justo viverá pela fé... Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro), para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido”.

Um comentário sobre as expressão “culpa de sangue”, muitas vezes escrita na bíblia

No versículo de Deuteronômio no início do texto está escrito: “Sê propício ao teu povo de Israel, que tu, ó Senhor, resgataste, e não ponhas **a culpa do sangue** inocente no meio do teu povo de Israel. E **a culpa daquele sangue** lhe será perdoada. Assim, eliminarás **a culpa do sangue** inocente do meio de ti, pois farás o que é reto aos olhos do Senhor” (Dt 21: 8-9).

Quando a bíblia fala de ‘culpa de sangue’ ou ‘mãos contaminadas de sangue’ ou ‘trazer sangue inocente sobre alguém’ (a NVI escreve ‘derramar sangue inocente’), geralmente se refere ao derramamento de sangue inocente; um assassinato onde muitas vezes não se achava um culpado, mas Deus sabia quem o havia praticado e, aos Seus olhos, isso jamais passou impune.

Quando escrevi sobre os parapeitos nos telhados das casas na Antiguidade em Is 22: 1, eu mencionei um versículo de Deuteronômio onde o Senhor orientava Seu povo sobre a edificação correta da casa para que ninguém morresse casualmente por causa da negligência de outra pessoa e, portanto, não trouxesse ‘culpa de sangue’ sobre aquela família. O versículo diz: “Quando edificares uma casa nova, far-lhe-ás, no terraço, um parapeito, para que nela não ponhas **culpa de sangue**, se alguém de algum modo cair dela” (Dt 22: 8).

Outros versículos bíblicos falam sobre ‘culpa de sangue’:

- Lv 17: 3-4: “Qualquer homem da casa de Israel que imolar boi, ou cordeiro, ou cabra, no arraial ou fora dele, e os não trouxer à porta da tenda da congregação, como oferta ao Senhor diante do seu tabernáculo, a tal homem será imputada a **culpa do sangue**; derramou sangue, pelo que esse homem será eliminado do seu povo”.

- Dt 19: 13: “Não o olharás [*o homicida*] com piedade; antes, exterminarás de Israel **a culpa do sangue** inocente, para que te vá bem”.

- 2 Sm 21: 1: “Houve, em dias de Davi, uma fome de três anos consecutivos. Davi consultou ao Senhor, e o Senhor lhe disse: Há **culpa de sangue** sobre Saul e sobre a sua casa, porque ele matou os gibeonitas”.

- 1 Rs 2: 31-33: “Disse-lhe o rei [*o rei Salomão a Benaia*]: Faze como ele [*Joabe, que estava segurando as pontas do altar*] te disse; arremete contra ele e sepulta-o, para que tires de mim e da casa de meu pai **a culpa do sangue** que Joabe sem causa derramou. Assim, o Senhor fará recair **a culpa de sangue** de Joabe sobre a sua cabeça, porque arremeteu contra dois homens mais justos e melhores do que ele e os matou à espada, sem que Davi, meu pai, o soubesse; isto é: a Abner, filho de Ner, comandante do exército de Israel, e a Amasa, filho de Jéter, comandante do exército de Judá. Assim, recairá o sangue destes sobre a cabeça de Joabe e sobre a cabeça da sua descendência

para sempre; mas a Davi, e à sua descendência, e à sua casa, e ao seu trono, dará o Senhor paz para todo o sempre.”

- Is 59: 3: “Porque **as vossas mãos estão contaminadas de sangue**, e os vossos dedos, de iniquidade; os vossos lábios falam mentiras, e a vossa língua profere maldade”.

- Jr 26: 15: “Sabei, porém, com certeza que, se me matardes a mim, **trareis sangue inocente sobre vós**, sobre esta cidade e sobre os seus moradores; porque, na verdade, o Senhor me enviou a vós outros, para me ouvirdes dizer-vos estas palavras” [NVI: “Entretanto, estejam certos de que, se me matarem, vocês, esta cidade e os seus habitantes serão responsáveis por **derramar sangue inocente**, pois, na verdade, o Senhor me enviou a vocês para anunciar essas palavras”].

- Ez 22: 13: “Eis que bato as minhas palmas com furor contra a exploração que praticaste e por causa da tua **culpa de sangue**, que há no meio de ti [*ele falava de Jerusalém*]”.

- Ez 23: 37; 45: “Porque adulteraram [*Oolá = Samaria e Oolibá = Jerusalém*], e nas suas mãos há **culpa de sangue**; com seus ídolos adulteraram, e até os seus filhos, que me geraram, ofereceram a eles para serem consumidos pelo fogo..., de maneira que homens justos as julgarão como se julgam as adúlteras e as sanguinárias; porque são adúlteras, e, nas suas mãos, há **culpa de sangue**.”

- Ez 24: 7: “Porque **a culpa de sangue** está no meio dela [*Jerusalém*]; derramou-o sobre penha descalvada e não sobre a terra, para o cobrir com o pó”.

Em Lc 21: 20-24, quando Jesus menciona a destruição de Jerusalém por Tito, a bíblia escreve: “²⁰ Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação. ²¹ Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela. ²² **Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito.** ²³ Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo. ²⁴ Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles” (cf. Mt 21: 43; Rm 11: 25; Ap 11: 2).

O interessante é que Lc 21: 22 diz: “Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito”. Isso não foi um acaso, e sim uma consequência do pecado e incredulidade dos judeus e uma rejeição evidente a Jesus como o Messias e o Filho de Deus. Ele já os tinha avisado sobre essa punição de Deus:

- Lc 13: 34-35: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. E em verdade vos digo que não mais me vereis até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!”

- Lc 19: 41-44: “Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou e dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste a oportunidade da tua visita”.

“Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar” (Mc 13: 14) ou “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo” (Mt 24: 15) ou ainda “Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada

de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação” (Lc 21: 20) – isso se refere ao fato de Tito entrar no Templo, profanando-o, como Antíoco IV Epifânio fez no passado.

E isso tudo estava debaixo do controle de Deus pela rebeldia e coração endurecido diante da chance de salvação que Ele tinha lhes dado através de Jesus (“Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito... Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo”).

Será que os judeus tinham consciência do que estavam dizendo: “Vendo Pilatos que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água, lavou as mãos perante o povo, dizendo: estou inocente do sangue deste [justo]; fique o caso convosco! E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos” (Mt 27: 24-25)?

Isso nos faz refletir sobre o que Deus sente em relação às atitudes de idolatria, rebeldia e rejeição de uma pessoa a Jesus Cristo e sobre a força da Sua ira sobre o mal em todas as épocas da humanidade, ainda mais nos últimos dias!

11

Para Aduma



O ritual de Para Aduma (pronuncia-se Para Adumá) está descrito em Nm 19: 1-22. Com as cinzas de uma novilha vermelha era preparada a água purificadora para quem havia se tornado impuro pelo pecado, principalmente por ter tocado em algum cadáver.

Vale a pena lembrar que o AT foi uma ‘sombra’ do NT (Cl 2: 16-17; Hb 10: 1), ou seja, um ‘rascunho’ da realidade espiritual vivida no NT. Assim, os dois rituais descritos na Torá (Eglah Arufah e Para Aduma) simbolizam algo simples dado por Deus para que o ser humano entendesse a Sua vontade. Como a visão daquela época era carnal e material, Deus precisava ensinar através de coisas físicas. O povo precisava de símbolos, de coisas palpáveis para crer no Senhor. Por isso, Jeremias, Isaías e Ezequiel encenavam suas profecias. Hoje, nós temos a compreensão das coisas invisíveis.

Eglah Arufah e Para Aduma têm um significado para nós cristãos.

Nm 19: 1-22: “Disse mais o Senhor a Moisés e a Arão: Esta é uma prescrição da lei que o Senhor ordenou, dizendo: Dize aos filhos de Israel que vos tragam uma novilha (parah, vaca, vacas (coletivo), novilha, פָּרָה, Strong #6510) vermelha (adom = vermelho, rosado, avermelhado, אָדָם, Strong #122, como Adão, ’adhām = homem vermelho, humanidade, Strong #120, que procede da mesma raiz hebraica ’adhāmā e significa: terra), perfeita, sem defeito, que não tenha ainda levado jugo. Entregá-la-eis a Eleazar, o sacerdote; este a tirará para fora do arraial, e será imolada diante dele. Eleazar, o sacerdote, tomará do sangue com o dedo e dele aspergirá para a frente da tenda da congregação sete vezes. À vista dele, será queimada a novilha; o couro, a carne, o sangue e o excremento, tudo se queimará. E o sacerdote, tomando pau de cedro, hissopo e estofo carmesim, os lançará no meio do fogo que queima a novilha. Então, o sacerdote lavará as vestes, e banhará o seu corpo em água, e, depois, entrará no arraial, e será imundo até a tarde. Também o que a queimou lavará as suas vestes com água, e em água banhará o seu corpo, e imundo será até a tarde. Um homem limpo ajuntará a cinza da novilha e a depositará fora do arraial, num lugar limpo, e será ela guardada para a congregação dos filhos de Israel, para a água purificadora; é oferta pelo pecado. O que apanhou a cinza da novilha lavará as vestes e será imundo até à tarde; isto será por estatuto perpétuo aos filhos de Israel e ao estrangeiro que habita no meio deles. Aquele que tocar em algum morto, cadáver de algum homem, imundo será sete dias. Ao

terceiro dia e ao sétimo dia, se purificará com esta água e será limpo; mas, se ao terceiro dia e ao sétimo não se purificar, não será limpo. Todo aquele que tocar em algum morto, cadáver de algum homem, e não se purificar, contamina o tabernáculo do Senhor; essa pessoa será eliminada de Israel; porque a água purificadora não foi aspergida sobre ele, imundo será; está nele ainda a sua imundícia. Esta é a lei quando morrer algum homem em alguma tenda: todo aquele que entrar nesta tenda e todo aquele que nela estiver serão imundos sete dias. Também, todo vaso aberto, sobre que não houver tampa amarrada, será imundo. Todo aquele que, no campo aberto, tocar em alguém que for morto pela espada, ou em outro morto, ou nos ossos de algum homem, ou numa sepultura será imundo sete dias. Para o imundo, pois, tomarão da cinza da queima da oferta pelo pecado e sobre esta cinza porão água corrente, num vaso. Um homem limpo tomará hissopo, e o molhará naquela água, e a aspergirá sobre aquela tenda, e sobre todo utensílio, e sobre as pessoas que ali estiverem; como também sobre aquele que tocar nos ossos, ou alguém que foi morto, ou que faleceu, ou numa sepultura. O limpo aspergirá sobre o imundo ao terceiro e ao sétimo dias; purificá-lo-á ao sétimo dia; e aquele que era imundo lavará as suas vestes, e se banhará na água, e à tarde será limpo. No entanto, quem estiver imundo e não se purificar, esse será eliminado do meio da congregação, porquanto contaminou o santuário do Senhor; água purificadora sobre ele não foi aspergida; é imundo. Isto lhes será por estatuto perpétuo; e o que aspergir a água purificadora lavará as suas vestes, e o que tocar a água purificadora será imundo até à tarde. Tudo o que o imundo tocar também será imundo; e quem o tocar será imundo até à tarde”.

Das cinzas de uma novilha vermelha sem mancha alguma e sem defeito era feita a água purificadora, aspergida sobre os impuros pelo pecado, principalmente por terem tocado em algum cadáver. O novilho era o animal sacrificado como oferta pelo pecado do sumo sacerdote, dos sacerdotes (Lv 8: 14-15; Lv 4: 3) ou da congregação (Lv 4: 13-14; Nm 15: 24-25). A novilha vermelha sem defeito e sem mancha era um sinal da vinda do Messias. Jesus, Yeshua, o Messias já veio e já nos purificou através do Seu sangue da morte gerada pelos nossos pecados.

Uma novilha ao invés de um novilho é uma figura feminina de uma congregação, uma nação, o povo de Deus, a Igreja arrependida, os filhos de Deus como sacerdotes e reis na terra (“nação santa, de reis e sacerdotes” – 1 Pe 2: 9: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”).

Deus deu esta ordenança para que Seu povo, a Igreja, fizesse o mesmo: aprendesse a se sacrificar através do arrependimento (cinzas) e tivesse consciência da profundidade do sacrifício de Jesus e Seu perdão através do Seu sangue como um substituto definitivo dos animais para a purificação dos pecados (‘coisas mortas’), que nos levam à morte espiritual (separação eterna de Deus).

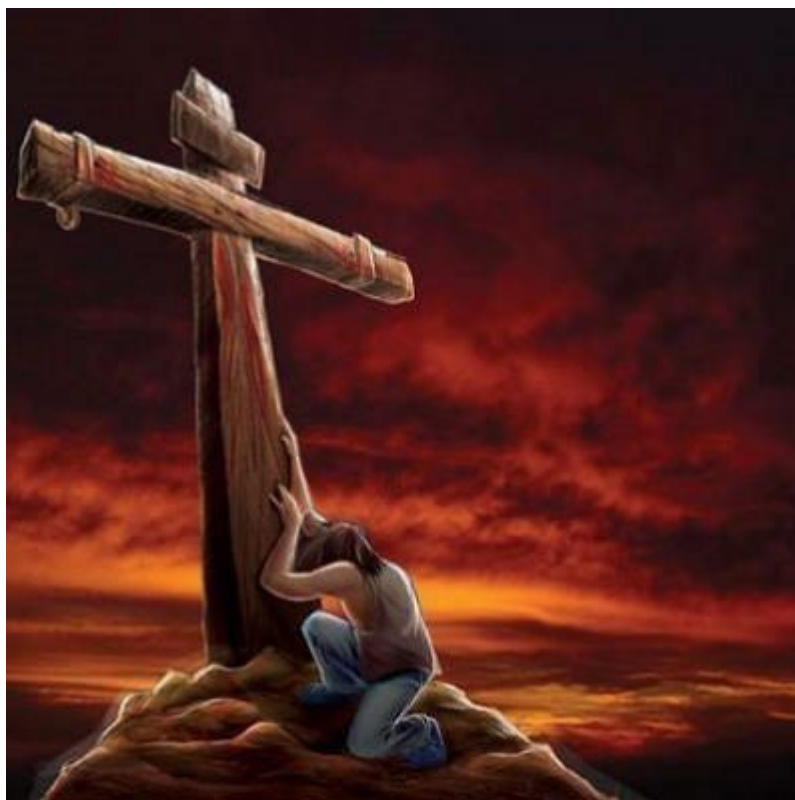
Cinzas simbolizam: destroços do que foi destruído pelo fogo; ruínas, restos mortais, memória (dos finados), restos ou lembranças de coisas extintas, mortificações, penitências (pano de saco e cinzas), arrependimento, aquilo que já não tinha mais motivo de estar dentro do nosso ser e foi entregue ao Senhor em oração (Lv 6: 11 – Remover as cinzas do altar).

As cinzas da novilha misturada com a água eram aspergidas sobre a pessoa impura por ter tocado em cadáver (no ‘pecado’), e ela se tornava pura de novo.

Por isso Jesus disse a Nicodemos (Jo 3: 3; 5) que para ver o reino de Deus era necessário nascer de novo, nascer da água (arrependimento) e do Espírito (uma mudança real e santificação). Também disse em Jo 9: 39: “Prosseguiu Jesus: Eu vim a

este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos”. E depois está escrito: “Alguns dentre os fariseus que estavam perto dele perguntaram-lhe: Acaso também nós somos cegos? Respondeu-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado” (Jo 9: 40-41) – [cf. Rm 4: 15: porque a lei suscita a ira; mas, onde não há lei não há transgressão]. Jesus quis dizer que Ele veio para aqueles que têm consciência do seu pecado e se arrependem; aí, debaixo do Seu sangue, perdoados e justificados, já não sofrem mais acusação. Entretanto, para os que se encontram cegos pelo orgulho, pela arrogância e pela rebeldia, o Senhor faz resplandecer a Sua luz e os pecados deles se tornam evidentes diante dos seus olhos.

A água é símbolo do Espírito Santo e da Palavra de Deus, que nos purifica e realiza em nós o novo nascimento. Em Jo 19: 30 está escrito: “Quando, pois, Jesus, tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito”, mais uma vez confirmando que em Jesus todas as profecias do AT se cumpriram.



12

Os portões da Cidade Velha de Jerusalém

Neste estudo nós vamos entender um pouco sobre as muralhas e as portas da Cidade Velha de Jerusalém e por que Deus falou sobre a restauração dela em Is 54: 11-12: “Ó tu, aflita, arrojada com a tormenta e desconsolada! Eis que eu assentarei as tuas pedras com argamassa colorida e te fundarei sobre safiras. Farei os teus baluartes de rubis, as tuas portas, de carbúnculos e toda a tua muralha, de pedras preciosas”.

Estes versículos de Isaías não apenas falam de uma restauração espiritual logo após a vinda do cativo na Babilônia e após a primeira vinda de Jesus, mas nos deixa claro que se trata da Nova Jerusalém celestial, onde Judeus e Gentios viverão juntos, tendo Jesus como seu tabernáculo eterno (Ap 21: 2-4; 22-27).

Os versículos de Isaías citados acima (Is 54: 11-12) são uma descrição das muralhas e das portas da Cidade Santa, como está escrito em Ap 21: 16; 18-21: “A cidade é quadrangular, de comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com uma vara até doze mil estádios. O seu comprimento, largura e altura são iguais [um cubo perfeito, como era o Santo dos Santos – inclusão minha]... A estrutura da muralha é de jaspe; também a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido. Os fundamentos da muralha da cidade estão adornados de toda espécie de pedras preciosas. O primeiro fundamento é de jaspe; o segundo, de *safira* [*o nome mais antigo do ‘lapis lazuli’, não a moderna safira*]; o terceiro, de calcedônia; o quarto, de esmeralda; o quinto, de sardônio; o sexto, de sárdio; o sétimo, de crisólito [*nome antigo para o topázio amarelo*]; o oitavo, de berilo; o nono, de topázio; o décimo, de crisópraso [*no uso moderno, provavelmente, uma forma verde de calcedônia*]; o undécimo, de jacinto; e o duodécimo, de ametista. As doze portas são doze pérolas, e cada uma dessas portas, de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente”.

Algumas pedras têm variadas traduções por falta de maior conhecimento do assunto na Antiguidade; por isso, muitos nomes usados em hebraico e grego podem trazer certa confusão. Por exemplo: sárdio (ou cornalina, uma variedade castanha de calcedônia), granada (traduzida erroneamente como: sardônio ou esmeralda), carbúnculo (às vezes, traduzida erroneamente como esmeralda), diamante (traduzida erroneamente como

calcedônia, quando na verdade se tratava do ônix), ágata (traduzida como crisópraso, uma calcedônia verde clara), crisólito (na verdade, o nome antigo do topázio).

O interessante é que João, ao descrever as pedras da Nova Jerusalém (Ap 21: 18-21), descreveu pedras muito parecidas com as que Moisés usou em Êx 39: 8-14, quando mencionou as pedras usadas no peitoral das vestes do sumo sacerdote, simbolizando as doze tribos de Israel, mas nenhum dos dois escreveu a palavra ‘rubi’ ou ‘rubis’. Em Isaías 54: 12, a palavra ‘rubi’ foi assim traduzida como uma alternativa quando nenhuma outra palavra hebraica ou grega já não tenha sido traduzida de outros modos. A palavra hebraica neste texto é kadhkōdh ou kad·kōd (Strong #3539, que significa: uma pedra preciosa, talvez rubi). A KJV traduz como ágata. A palavra kad·kōd só é vista mais uma vez na bíblia em Ez 27: 16: “A Síria negociava contigo por causa da multidão das tuas manufaturas; por tuas mercadorias, eles davam **esmeralda** [Strong #5306, nophek; de uma raiz não utilizada que significa brilhar; brilhar; uma gema, provavelmente **granada ou turquesa** – a KJV traduz como ‘esmeralda’], púrpura, obras bordadas, linho fino, coral e pedras preciosas [Strong #3539, kad·kōd, uma gema brilhante, provavelmente o **rubi**; A KJV mantém a tradução ‘ágata’]”.



Também está escrito em Isaías capítulo 26: “Naquele dia, se entoará este cântico na terra de Judá: Temos uma cidade forte; Deus lhe põe a salvação por muros e baluartes [NVI: como muros e trincheiras]. Abri vós as portas, para que entre a nação justa, que guarda a fidelidade” (Is 26: 1-2).

‘Naquele dia’ (Is 26: 1), parece significar o tempo do evangelho, e Jerusalém será uma cidade forte, pois Deus põe a Sua salvação por muros e baluartes. Baluarte significa: fortaleza inexpugnável, lugar seguro, suporte, apoio, sustentáculo. O Messias é uma figura de Salvação para Israel. Portanto, esse versículo não é apenas um cântico de gratidão a Deus pelo livramento do Seu povo do jugo babilônico, como também uma profecia a respeito de Jesus, colocado em Jerusalém como um forte muro contra todo inimigo da igreja de Cristo: religiosidade e hipocrisia, idolatria e falsos ensinamentos, falsa profecia e trevas com aparência de luz. Sua presença torna a cidade inexpugnável como uma fortaleza. O templo de Salomão durou 380 anos (começou a ser construído em 966

AC e caiu nas mãos dos Babilônios em 586 AC). O segundo templo perdurou por 517 anos (desde 536 AC, quando foi dada a liberação para sua construção por Ciro II, até o início de uma reconstrução por Herodes, o Grande, em 19 AC). Em 63 AC, o general romano Pompeu invadiu o templo construído por Zorobabel, mas não o destruiu. A reforma de Herodes terminou em 64 DC, no tempo de Agripa. Esse templo perdurou até 70 DC com a queda de Jerusalém nas mãos de Tito; portanto, 89 anos. “Segundo Templo” é uma designação usada para os templos de Zorobabel e de Herodes. Num total, o segundo templo (Zorobabel e Herodes) durou 606 anos (536 AC a 70 DC).

‘Abri vós as portas, para que entre a nação justa, que guarda a fidelidade’ (Is 26: 2) significa que as portas da cidade se manteriam abertas para receber uma nação justa e fiel, os tementes a Deus. Que os pecadores fossem então encorajados a unir-se ao Senhor.

Neste estudo, nós veremos que ao longo dos séculos Jerusalém sofreu sucessivas invasões e seus muros foram destruídos, daí a esperança de uma restauração vinda da parte de Deus para Seu povo aflito (Is 54: 11-12).

Isso também tem relação com a restauração da nossa alma, pois quando a bíblia menciona ‘Jerusalém’, ela está falando dos ‘muros’ e da proteção da nossa alma. Fazendo um paralelo com as muralhas de Jerusalém, nossa alma também sofreu destruições enquanto estávamos no mundo e afastados de Jesus, mas quando Ele nos tirou do mundo e nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do Seu amor (Cl 1: 13), a nossa reconstrução teve início e nada nem ninguém tem mais o direito de nos destruir. Por isso, podemos dizer que os judeus e Jerusalém, a cidade atual material, também têm uma promessa de resgate e reconstrução da parte de Deus quando vierem a buscá-LO de todo seu coração.

Quando lemos sobre as várias destruições e reconstruções da cidade e de suas muralhas por diferentes impérios e governantes gentios, nós podemos entender o que a bíblia fala sobre a definitiva restauração ser possível apenas depois que os tempos dos gentios se cumpram (‘A plenitude dos gentios’ – tanto em relação ao número dos gentios salvos quanto ao tempo que Deus deu aos perversos para fazerem o que quisessem com Jerusalém). O evangelho de Cristo foi pregado exclusivamente aos judeus até 33 DC, completando as sessenta e nove semanas de Daniel 9: 24-26, quando surgiram os primeiros mártires como Tiago e Estevão (a última semana de sete anos, que completa as setenta semanas de Daniel 9: 24-26, se refere ao período da Grande Tribulação). Depois que Jerusalém foi destruída pelos romanos (Tito) em 70 DC, o tempo de aliança de Deus com os Judeus foi consumado e teve início o tempo de reino de Deus para os gentios:

- Mt 21: 43: “Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os devidos frutos”.

- Lc 21: 24: “Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações [*os judeus, é o que quer dizer*]; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”.

- Rm 11: 25: “porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais presumidos em vós mesmos): que veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios” [Na versão em inglês deste versículo – NRSV – está escrito: ‘Até que o número completo dos gentios tenha chegado’].

Isso nos dá a entender que se trata do número total de todos os gentios que forem salvos. O ‘mistério’ a que Paulo se refere é que Israel foi temporária e parcialmente endurecido, mas Deus não os rejeitou. Ele tirou temporariamente de Israel o reino de Deus (por rejeitarem Seu Filho – Mt 21: 43; Mt 27: 25) e o deu aos gentios que o

aceitaram, e Israel só vai recebê-lo de volta depois que se arrependerem e buscarem o Messias.

Dessa forma, a aliança com Israel só será restaurada na segunda vinda de Cristo, quando através do arrependimento, eles começarem a clamar o nome de Jesus (Lc 13: 34-35; Mt 23: 37-39; At 1: 6-7; Rm 11: 26-27). “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quistes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. E em verdade vos digo que não mais me vereis até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!” (Lc 13: 34-35).

Assim, o significado das pedras na Jerusalém prometida por Deus a Isaías e a comparação que é feita com a Nova Jerusalém (a cidade celestial) é uma promessa de recompensa para uma cidade que foi destruída durante milênios, que soube o que é afronta e zombaria, indignidade e vergonha. Na Antiguidade, a porta da cidade era não apenas um ponto de honra numa cidade fortificada, mas era o local onde os juízes e anciãos se assentavam; ela era o centro das atividades comerciais e jurídicas (Rt 4: 1-2; 11-12; Jó 29: 7-17; Jz 16: 3). As portas e as muralhas das cidades fortificadas eram sua defesa, sua proteção, e também o símbolo do poder e da autoridade contra o avanço do inimigo (Ne 1: 3; 3-5; 17), oportunidade e permissão para fazer algo (Is 45: 2-3; 1 Co 16: 9; Cl 4: 3-4). Portas também são símbolos da proteção divina (Sl 147:13-14), assim como novas oportunidades dadas por Ele para conhecermos mais o que está reservado para nós, por exemplo, o Seu reino (Mt 25: 34; Sl 24: 9); ou ainda, para deixar entrar as bênçãos que Ele derrama sobre nossa vida (Is 26: 2-3).

Dessa forma, ao dar essa promessa ao Seu povo através do profeta Isaías (Is 54: 11-12), Deus estava prometendo a eles uma restauração da sua posição de escolhidos de Deus diante das nações, uma esperança de que com a vinda do Messias eles compreenderiam muito mais do que tinham compreendido e vivido até então. Essa promessa foi cumprida espiritualmente na 1ª vinda de Jesus, mas poucos judeus a perceberam, pois esperavam um reino material. Ainda esperam esse reino material com a 2ª vinda do Messias; porém, o Senhor pode não trazer um reino material como o que estão imaginando, mas poderá abrir-lhes os olhos do coração para perceberem que a Nova Jerusalém que o Senhor promete é espiritual, onde todas as pedras preciosas, portas, edifícios e praças de ouro são o símbolo do reino de Deus com toda a Sua majestade, e que estará disponível a todos os que ouvirem o Seu chamado e responderem positivamente a Ele. Portanto, ainda há uma chance de ser restaurado e restituído; ainda há uma chance de ser vingado da injustiça que sofremos num mundo de trevas.

Entretanto, há uma coisa importante também para nós crentes de hoje em relação a tudo o que lemos e que ainda esperamos de Deus em vida, aqui na terra. Quando estudamos o livro de Neemias, nós podemos perceber que é um livro que fala de restauração de ‘muros’, da personalidade, do equilíbrio emocional, de relacionamentos; enfim, do que já se perdeu na alma. Neemias significa: Deus conforta ou Deus consola. Através desse livro, Deus nos chama a edificar nossa alma e nossa vida onde os nossos muros foram destruídos. E aqui em Isaías 54 (todo o capítulo, mas em especial os versículos 11-12), nós também estamos recebendo no nosso presente a promessa de restauração e de restituição de tudo o que a nossa alma perdeu. É só nos lembrarmos da definição acima sobre muralhas e portões. O profeta escreveu numa linguagem figurada o que uma alma aflita e abatida sente distante da presença de Deus, mas também fala da esperança e da segurança que ela sente ao ver-se fortalecida e justificada por Deus: “Ó tu, aflita, arrojada com a tormenta e desconsolada! Eis que eu assentarei as tuas pedras com argamassa colorida e te fundarei sobre safiras. Farei os teus baluartes [NVI:

‘escudos’] de rubis, as tuas portas, de carbúnculos e toda a tua muralha, de pedras preciosas”.

Assim, as pedras preciosas e os muros e portas reparados de todo dano representam: dignidade e honra, respeito, majestade, realeza, glória, riqueza, algo precioso, ‘enfeites’, isto é, dons espirituais derramados em abundância sobre todos os que experimentaram as tormentas, as destruições, choro e derrota, mas que mantiveram sua fé firme num Deus que não mente e que é capaz de se voltar com misericórdia para os que se arrependem e começam a buscá-LO de todo o coração. Ap 21: 27 acrescenta: “Nela [*João se refere à Nova Jerusalém*], nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro”. Portanto, da mesma forma que na Nova Jerusalém celestial haverá pureza e santidade, quando a nossa alma é restaurada pelo perdão de Deus e pela força que recebemos dEle para refazer nossos pensamentos, sentimentos e nossa maneira de nos comportarmos, as coisas impuras do mundo não mais entrarão na nossa alma. Haverá santidade na nossa vida, pois nós conhecemos a verdade e a vontade do Senhor. Apesar de estarmos num mundo imperfeito e viver alguns momentos de aflição, nós podemos ter a certeza de que um dia tudo isso irá acabar.

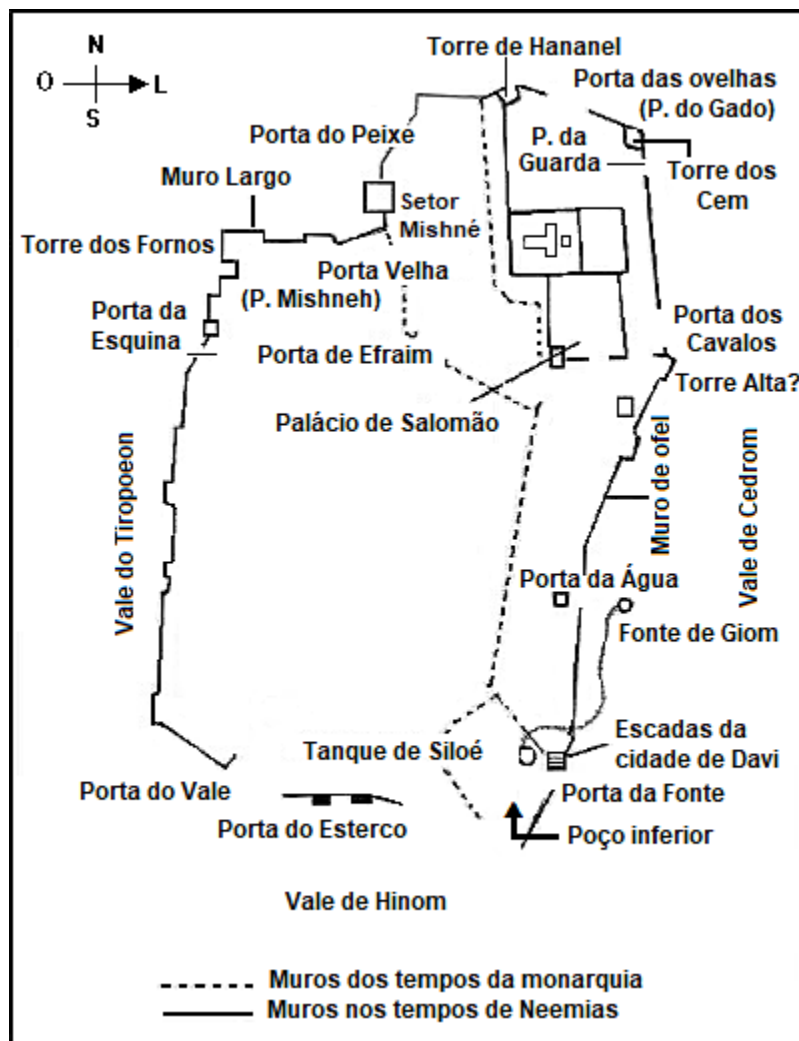
A palavra Jerusalém (em hebraico: יְרוּשָׁלַיִם Yerushālayim) tem origem incerta. No século XIV AC, muito antes de Jerusalém ter se tornado uma cidade israelita, sendo parte da Assíria, a cidade tinha o nome de Urusalim (Ur-sa-li-im-mu), que em assírio significa ‘cidade da paz’. Alguns acreditam que é uma combinação das palavras ‘yerusha’ (legado) e ‘Shalom’ (paz), ou seja, legado da paz. Outros dizem que é a combinação do prefixo Yeru (derivado de Yireh, o nome que Abraão deu ao monte do Templo: YHWH yireh, ‘O Senhor proverá’) e Salém, o nome da cidade onde Melquisedeque era rei e sacerdote; portanto, significa: a ‘cidade de Salém’ ou ‘fundada por Salém’. Salém significa ‘completo, sem defeito’. Por isso, ‘Yerushaláyim’ significa a ‘cidade perfeita’, ou ‘a cidade daquele que é perfeito’.

A parte mais antiga da cidade de Jerusalém era circundada por muralhas construídas antes do ano 3000 AC pelos jebuseus, quando Davi a tomou (1010–970 AC). A chamada cidade de Davi era separada do Monte do Templo pelo Ofel, uma área desabitada que se tornou a sede do seu governo. Ezequias expandiu as muralhas para oeste, incluindo um subúrbio até então sem muros, conhecido atualmente como Cidade Antiga de Jerusalém, a oeste do Monte do Templo. Jerusalém sofreu sucessivas invasões e seus muros foram destruídos quase que por completo pelo menos duas vezes, por Nabucodonosor e Tito. Dizem os estudiosos que além dessas duas destruições, Jerusalém foi sitiada 23 vezes, atacada 52 vezes e capturada e recapturada outras 44 vezes.

Os muros que se vêem atualmente na Cidade Antiga ou Cidade Velha de Jerusalém foram construídos entre 1535 e 1538 pelo sultão Otomano Solimão I o Magnífico (Em turco: Süleyman ou Kanunî Sultan Süleyman – 1494-1566). A circunferência da muralha é de aproximadamente 1 Km² e seu comprimento é de 4.018 metros. Tem 12 metros de altura e 8,5 metros de espessura. Atualmente, ela contém 34 torres de vigia e 8 portas de entrada, sendo que uma delas, a Porta Dourada foi fechada no século XVI pelo mesmo sultão.

Na época de Neemias, a bíblia descreve (Ne 3: 1-32) 10 portas, 4 torres [Ne 3: 1; 11; 26: a Torre dos Cem, a Torre de Hananel, a Torre dos Fornos e a ‘Torre Alta’ ou ‘a torre que ali sobressaía’ (NVI), provavelmente a torre próxima ao Portão dos Cavalos, o portão que mais se projetava para o Oriente, a sudeste do templo e a leste do palácio de Salomão; uma torre de vigia ao lado do palácio real] e dois grandes muros (Ne 3: 8; 27:

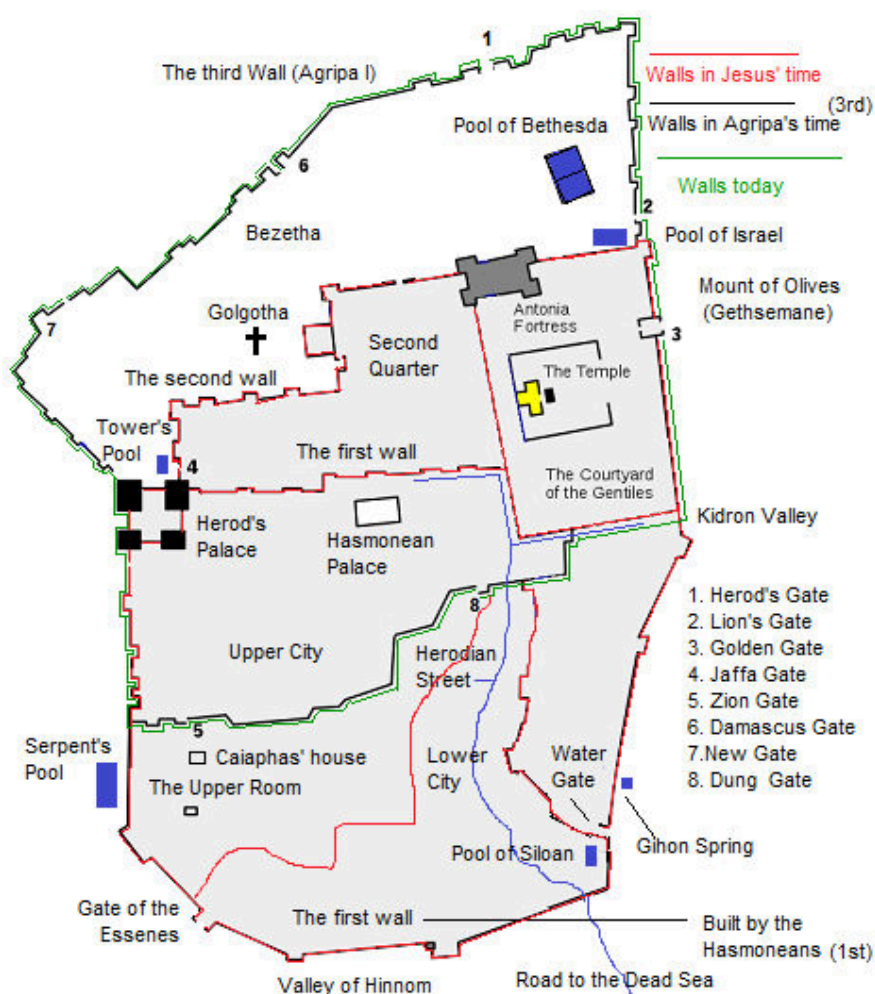
o Muro Largo a oeste, e o Muro de Ofel a leste, na Cidade de Davi, defronte ao vale de Cedrom). O ‘Muro Largo’ também era chamado de ‘Muro Duplo’, pois ele tinha duas fileiras de muros, talvez para proteção da área noroeste da Cidade. Ele se estendia desde o Portão de Efraim até o Portão da Esquina, por quatrocentos côvados de comprimento, ou seja, 180 metros. Neste texto (Ne 3: 1-32), a porta de Efraim foi omitida, mas mencionada em Ne 12: 39. Em Ne 12: 39, o autor também faz menção da Porta da Guarda, provavelmente perto da Torre dos Cem (Meah, em hebraico), uma torre de vigia próxima a ela, a nordeste do Templo; e a Porta da Ovelhas (NIV) ou a Porta do Gado (ARA).



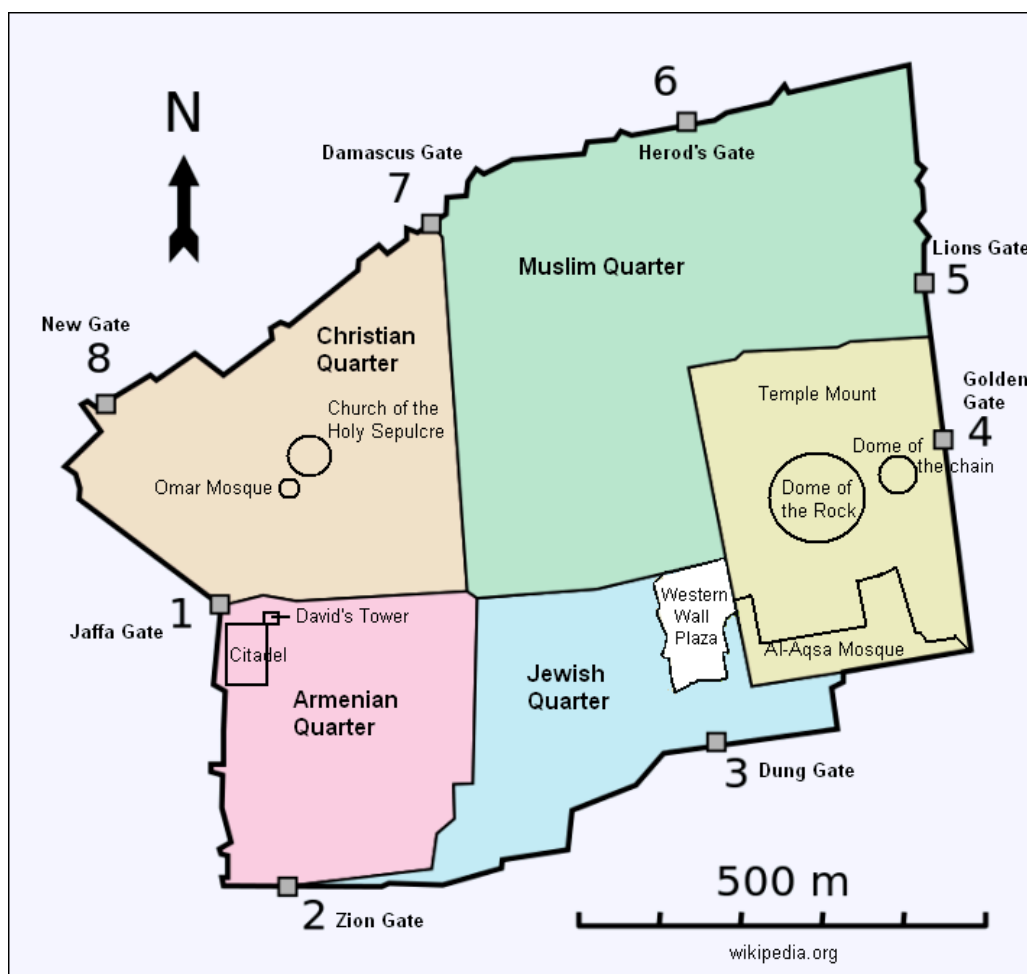
A Porta das Ovelhas no muro norte da cidade de Jerusalém, após o retorno dos exilados, servia de passagem para as ovelhas até o Segundo Templo. E a enciclopédia judaica realmente se refere a um portão de ovelhas apenas na época de Neemias, no muro norte da cidade de Jerusalém. Provavelmente, foi destruído no período helenístico (em especial por Antíoco IV Epifânio), da mesma forma que os muros da cidade, por isso a ‘Porta da Ovelhas’ descrita em Jo 5: 2 não foi exatamente escrita pelo apóstolo João e sim acrescentada mais tarde. A Nova Bíblia Americana Edição Revisada (NABRE) escreve: “Ora, em Jerusalém, no [Portão] das Ovelhas, há um tanque chamado em hebraico Betesda, com cinco pórticos”. E comenta: “Não há um outro

substantivo junto com ‘Ovelhas’. A palavra ‘Portão’ foi adicionada com base no fato de que deve ter havido um portão na parede nordeste da área do templo, onde os animais para sacrifício eram trazidos; cf. Ne 3: 1, 32; Ne 12: 39”. Na KJV, na Bíblia King James Fiel 1611 e na Versão King James do século 21, está escrito: “Ora, havia em Jerusalém próximo ao mercado das ovelhas um tanque, que é chamado na língua hebraica Betesda, o qual tem cinco pórticos”. Na Bíblia de Stuttgart Texto Grego Receptus, está escrito ‘curral’, não ‘porta’: “Ora, em Jerusalém há, perto do curral das ovelhas, o tanque escolhido dos judeus, chamado Betesda, o qual tem cinco pórticos (‘stoas’).”

No mapa abaixo você pode ver a ‘Cidade Velha’ de Jerusalém no período do NT, mas mostrando também as muralhas do período Hasmoneano (1º muro) e o 2º muro, que surgiu com a expansão da cidade mais tarde. Por volta da década de 40 DC, a cidade foi se expandindo ainda mais para o norte, levando à construção da 3ª muralha (iniciada pelo rei Herodes Agripa I por volta de 42 DC), protegendo o subúrbio de Bezeta, mas sua construção foi interrompida pelo imperador Cláudio (41-54 DC) por medo de uma revolta judaica ou, então, devido à morte de Agripa em 44 DC. Porém, quando a revolta judaica começou em 66 DC, os rebeldes judeus completaram o terceiro muro para fortalecer a cidade contra o iminente ataque romano. Devido à sua construção apressada, a terceira muralha era mais fraca do que as anteriores, deixando um ponto vulnerável nas defesas da cidade que os romanos explorariam mais tarde durante o cerco. Os romanos iniciaram seu ataque à cidade justamente pela a terceira muralha recém-concluída. Os muros atuais foram reconstruídos no período Otomano.



A Cidade Antiga ou Cidade Velha de Jerusalém é hoje dividida em quatro bairros: armênio, cristão, judeu e muçulmano, desde o início do século XIX.



Os portões atuais são:

- A Porta Nova (em árabe: Bāb ij-Jdīd; em hebraico: השער החדש HaSha'ar HeChadash) é o mais novo dos portões da Cidade Velha de Jerusalém e o nome usado pela administração otomana. Foi construído em 1889 para permitir aos peregrinos cristãos um acesso mais rápido aos seus lugares sagrados dentro das muralhas. O portão de pedra em forma de arco é decorado com ameias. O sultão otomano Abdul Hamid II (reinado: 1876–1909) permitiu sua construção. Esse portão não deve ser confundido com a Porta Nova do Segundo Templo (Jr 26: 10; Jr 36: 10), que serviu de entrada para o Salão de Pedras Lavradas do Grande Sinédrio e anteriormente chamado de Portão de Benjamim. O portão otomano foi construído dentro da cidade e alinhado com a fachada da muralha, ao contrário do portão anterior construído pelos Cruzados que tinha uma torre que se projetava da linha de fortificações.



- A Porta de Damasco (em árabe: Bab al-Nasr, ‘portão da vitória’, e Bāb al-‘Āmūd, ‘portão da coluna’; hebraico: שַׁכָּם שַׁעַר, Sha‘ar Sh’khem) é um dos principais portões da cidade velha de Jerusalém, localizado na parede no lado noroeste da cidade e se conecta a uma estrada que leva a Nablus, na bíblia chamada de Siquém, e de lá à capital da Síria, Damasco, como era no passado; por isso, seu nome moderno é Portão de Damasco (em hebraico moderno, Sha‘ar Shkhem – שַׁעַר שַׁכָּם, que significa Portão de Siquém ou portão de Nablus). Ela é mais imponente das portas de Jerusalém, sempre movimentada devido à proximidade dos mercados. A porta atual foi construída em 1537 pelo sultão do Império Otomano, Solimão I, o Magnífico. Sob o portão atual, os arqueólogos descobriram os restos de um portão anterior construído pelo imperador Adriano no século II DC, quando ele visitou a região (entre 130 e 131 EC). Na praça atrás desse portão, havia uma coluna da vitória romana e sobre ela, uma estátua do imperador Adriano, por isso o nome árabe Bāb al-‘Āmūd, que significa ‘portão da coluna’. Na verga do portão do século II, e que foi tornado visível pelos arqueólogos debaixo do portão otomano de hoje, está inscrito o nome romano da cidade após 130 EC, Aelia Capitolina, o nome que o Imperador Adriano deu a Jerusalém, quando a transformou numa cidade helenística. O portão romano de Adriano foi construído como um arco triunfal autônomo, e só depois de algum tempo, no final do século III ou no começo do século IV, é que se construíram as muralhas protetoras ao redor de Jerusalém, ligando-as ao portão existente. O portão romano permaneceu em uso durante o período dos primeiros muçulmanos, o primeiro Reino dos Cruzados de Jerusalém (1099-1187), o início do período Aiúbida (1187-1192) e a segunda fase do século XIII do domínio dos Cruzados sobre Jerusalém. O portão de Damasco é o único portão de

Jerusalém que não teve seu nome mudado desde o século X (Bāb al-‘Āmūd, ‘portão da coluna’).



- O Portão de Herodes (em árabe: Bab az-Zahra; Hebr.: שַׁעַר הַפְּרָחִים, Sha'ar HaPrakhim, traduzido como: ‘Portão das Flores’) também está localizado ao norte da Cidade Velha de Jerusalém e conecta o bairro muçulmano ao bairro palestino vizinho com o mesmo nome do portão, Bab az-Zahra, situado do lado de fora das muralhas. Esta porta leva aos mercados da Cidade Velha, e é chamada em hebraico de ‘Porta das Flores’, pois a etimologia do nome hebraico está ligada à roseta de pedra esculpida sobre a torre do portão. Zahra é a palavra árabe para ‘flor’ ou ‘botão (de flor)’. O Portão de Herodes é o nome cristão do portão, baseado no fato de que Jesus foi enviado a Herodes Antipas por Pilatos para ser julgado (Lc 23: 7) e identificando erroneamente o palácio de Herodes Antipas com o antigo local da Igreja Ortodoxa Grega de São Nicodemos nas proximidades.

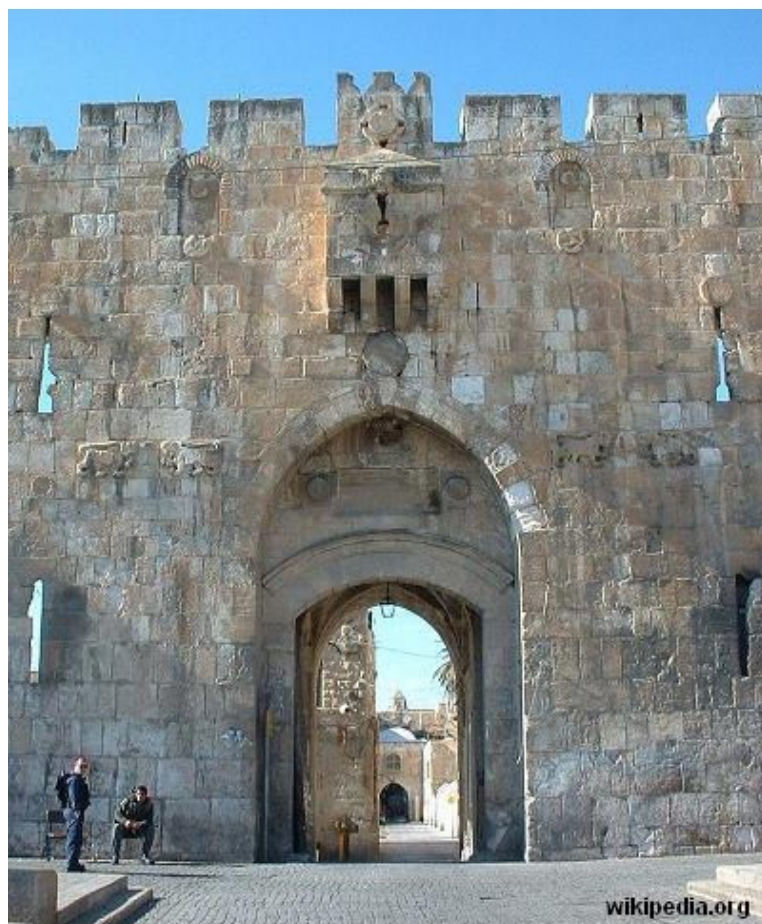
Ele é um portão modesto que se abre no meio de uma torre de muralha, e é um dos mais novos portões de Jerusalém. Na época que Solimão I o construiu havia um pequeno portão para pedestres na parede lateral leste da torre, que raramente era aberto. Ele fechou este portão original e abriu um novo portão na parede frontal norte da torre. Havia uma grande área residencial dentro do portão, que no período Neotestamentário era chamada Bezeta (traduzida como ‘Nova Cidade’) e terminava na torre da Fortaleza Antônia, ao norte do Templo de Herodes. Essa área já havia sido construída no período final do segundo templo.



• Porta dos Leões: em hebraico, שַׁעַר הָאַרְיֹת Sha'ar ha-Arayot; também chamado 'o portão de Santo Estêvão' ou 'portão das ovelhas'. Cristãos acreditam que o início da Via Dolorosa começa no Portão dos Leões. Na parede acima do portão estão esculpidos quatro leões, dois à esquerda e dois à direita (na verdade são leopardos e não leões). Suleiman, o Magnífico, fez a escultura para celebrar a derrota otomana dos mamelucos em 1517.

O historiador Moshe Sharon observou a semelhança dos leões (leopardos) esculpidos com pares semelhantes em dois lugares de Gaza: uma ponte construída em 1273 (Jisr Jindas, o nome árabe para 'Ponte Jinda', também conhecida como Ponte de Baibars) e um antigo palácio (Qasr al-Basha), que hoje é uma escola para meninas e um museu na cidade antiga de Gaza, construído no início do século XIII pelo sultão mameluco Zahir Baibars (conhecido também por Baibars Bunduqdari, pois seu nome completo é al-Malik al-Zahir Rukn al-Din Baibars al-Bunduqdari – 1223-1277). Segundo uma lenda do século XIII, ele construiu o primeiro andar da casa para sua esposa de Gaza e para seus filhos, e a escola de dois andares que está lá atualmente foi o que restou da sua casa. Esse historiador confirma a autoria do mesmo sultão e estima a escultura dos leões nesses dois sítios como sendo feitas em aproximadamente 1273 EC. Os leões são o símbolo heráldico do Sultão Baibars. Baibars foi um sultão mameluco do Egito e da Síria (reinado: 1260-1277), tendo como sugestivo cognome Abu al-Futuh, 'Pai da conquista', por causa de seus feitos tão incríveis quanto implacáveis. A Porta dos Leões é também chamada de Porta de Santo Estêvão (em latim, Porta Sancti Stephani) por causa da proximidade com o local de martírio de Estêvão, o primeiro

mártir cristão. A Porta dos Leões conduz ao Tanque de Betesda, à Via Dolorosa e aos mercados, e tornou-se famosa durante a Guerra dos Seis Dias.



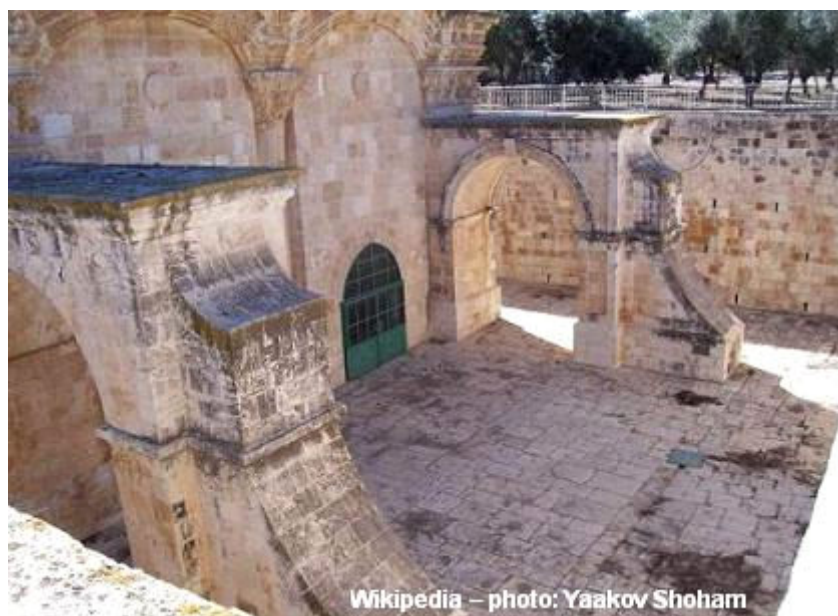
Detalhe das esculturas dos leões – na verdade, leopardos



Leão de Baibars na Ponte Jinda

- A Porta Dourada (em hebraico: שַׁעַר הָרַחֲמִים – Sha'ar Harahamim, 'Portão da Misericórdia') também é conhecida como Portão de Ouro, Portão Dourado. Em árabe é conhecida como Portão da Vida Eterna, Portão da Misericórdia (Bab al-Rahma, para a porta do sul) e Porta do Arrependimento (Bab al-Taubah, para a porta do norte). De todos os portões da Cidade Velha, o Portão Dourado era o mais antigo deles e era usado na Antiguidade como uma passagem direta para o Templo. Ele está localizado no terço norte do muro leste da Cidade Velha.





A Porta Dourada vista de dentro do Monte do Templo

O Portão Dourado atual pode ter sido construído pelo Imperador Justiniano I em 520 DC, sobre ruínas de outras construções em Jerusalém. Certos historiadores acham que ele foi construído no século VII pelo califado Omíada. Mas a Mishná se refere a ele como o ‘Portão de Shushan’ (ou Susã, em Português), pois o relaciona a um portão oriental do Segundo Templo em Jerusalém, quando os exilados voltaram da Babilônia; por isso ele recebeu esse nome. Diz-se que os judeus gravaram a imagem da cidade de Susã no portão como gratidão aos persas na construção do Segundo Templo [Fonte: Temple Institute]. Outras fontes de literatura hebraica dizem que foi Ciro mesmo que ordenou os construtores a esculpirem uma imagem do horizonte de Susã sobre a entrada principal, pois ele estava preocupado com a possibilidade de uma rebelião judaica e para lembrar seus súditos judeus de que eles ainda eram súditos do Império Persa. Segundo fontes rabínicas, inclusive Flávio Josefo, o portão do tempo de Herodes manteve o padrão de todos os outros, com vinte côvados de altura e dez côvados de largura (10 metros x 5 metros), suas portas tinham a verga quadrada e eram revestidas de ouro. Realmente, a estrutura atual não tem características Herodianas. Rabinos dizem que uma ponte o ligava ao Monte das Oliveiras, sobre o Vale de Cedrom e por ali os sacerdotes entravam e saíam do templo para os seus rituais como, por exemplo, soltando o bode expiatório para o deserto como propiciação no ‘Yom Kippur’ (o ‘Dia da Expição’) [Fonte: Temple Institute].

O atual Portão Dourado foi reconstruído sobre as ruínas do antigo portão por onde Jesus entrou na cidade no domingo antes da Páscoa e foi destruído pelos romanos em 70 DC. Vendo-o do lado de dentro dos muros, nota-se que ele possui dois pórticos abobadados: a Porta da Misericórdia (Bab al-Rahma – sul) e a Porta do Arrependimento (Bab al-Taubah – norte). Essa porta passou por muitas intervenções: foi fechada pelos muçulmanos em 810, reaberta em 1102 pelos cruzados e murada por Saladino após recuperar Jerusalém em 1187.

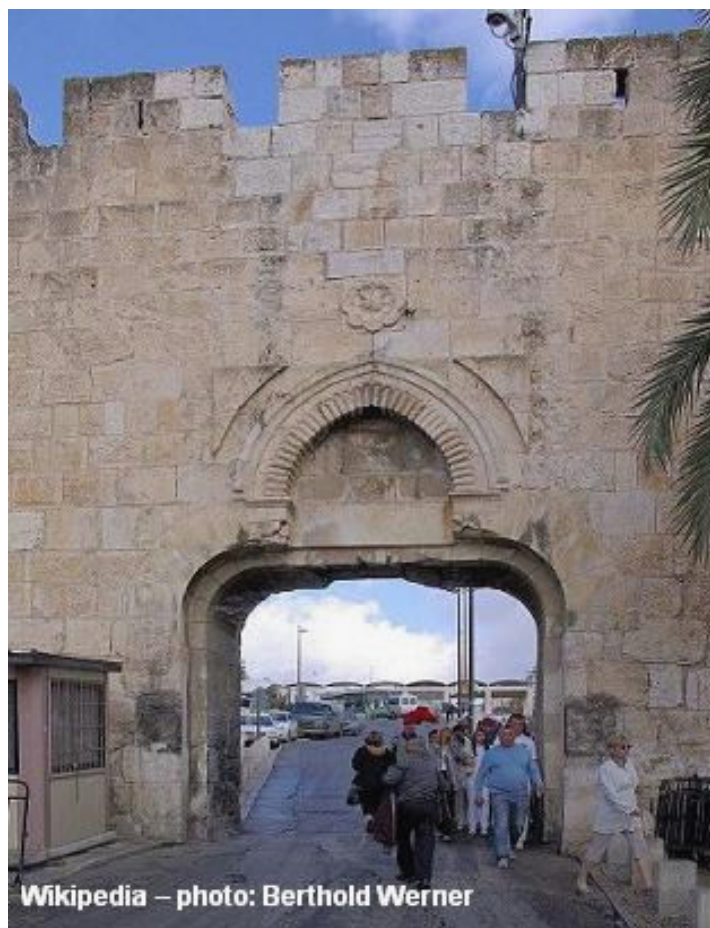
Como Jerusalém foi saqueada em 1244 por outros adeptos do Islamismo (os tártaros corásmios) e entre 1250 e 1517 os mamelucos destruíram os lugares sagrados dos cristãos no Monte Sião, é de se supor que o muro anterior foi novamente aberto no lugar onde estava a porta. Ela foi reconstruída por Solimão I, o magnífico (Em turco: Süleyman ou Kanunî Sultan Süleyman – 1494-1566), sultão otomano no séc. XVI

(1541) junto com as muralhas, mas a fechou com grandes pedras e permaneceu assim até hoje. Essa evidência arqueológica foi encontrada pelo arqueólogo James Fleming em 1969, ao cair num buraco cheio de ossos naquele local e descobrir o arco de uma porta, gravado na pedra do buraco, do mesmo formato que a porta do lado de cima, provavelmente da época de Jesus ou Salomão. Mas suas investigações não puderam prosseguir porque um cemitério muçulmano foi construído no local. Segundo informações de alguns pesquisadores, o Sultão bloqueou a porta com pedras para que o Messias não pudesse entrar na cidade de Jerusalém e assim não se cumprisse a profecia de que o Messias entrará por essa porta na 2ª vinda. O cemitério muçulmano construído ali também barraria Seu caminho. Poderia haver também uma razão defensiva para fazê-lo.

Segundo a tradição judaica, seria por esse portão que o Messias profetizado no Antigo Testamento iria utilizar para entrar na cidade, pois para eles a presença divina aparecia sempre pelo leste, pelo lado do nascer do sol (Ez. 43: 4: “A glória do Senhor entrou no templo pela porta que olha para o oriente”). E aparecerá outra vez quando o Messias vier. O oriente era o lado de onde viria a salvação, o Messias. Ezequiel escreveu: “Então, o homem me fez voltar para o caminho da porta exterior do santuário, que olha para o oriente, a qual estava fechada. Disse-me o Senhor: Esta porta permanecerá fechada, não se abrirá; ninguém entrará por ela, porque o Senhor, Deus de Israel, entrou por ela; por isso, permanecerá fechada” (Ez 44: 1-2). Embora os judeus achem que uma nova porta será aberta para o Messias naquele local, nós cristãos podemos ver essa profecia já cumprida, pelo fato de Jesus ter entrado por ela (Lc 19: 28-40; Ez 44: 2) e atualmente ela estar selada. Nós podemos afirmar isso pelas próprias palavras de Jesus: “Ora, alguns dos fariseus lhe disseram em meio à multidão: Mestre, repreende os teus discípulos! Mas ele lhes respondeu: Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão” (Lc 19: 39-40). Ezequiel escreveu que essa porta ficaria fechada e não mais se abriria, e de fato, está fechada. Jesus disse que as próprias pedras clamariam se Seus discípulos se calassem, e de fato as pedras que ali estão proclamam a veracidade da Sua palavra; elas mostram que ali houve uma porta por onde o Messias entrou em Jerusalém [Fonte: vídeo de Rodrigo Silva – Programa: Evidências NT – 033 A Porta Dourada (Série Evidências) – Novo Tempo – YouTube, 01/02/13].

- A Porta dos Detritos [na bíblia, chamada de porta do Monturo – ARA – ou porta do Esterco – NVI; em hebraico: שַׁׁעַר הָאֲשָׁפוֹת Sha'ar Ha'ashpot ou sha'ar hâshaphoth (Ne 3: 13)], ou o Portão de Silwan (desde os tempos medievais) está situado perto do canto sudeste da Cidade Velha, a sudoeste do Monte do Templo. É a passagem principal para veículos que saem da Cidade Velha e para ônibus em direção ao Muro das Lamentações. No século XVI ele era muito menor.

Em 1948 EC a Cidade Velha ficou sobre controle da Jordânia, mas Israel a recuperou (1967) e em 1952 o portão foi renovado e alargado. O nome Sha'ar Ha'ashpot aparece no Livro de Neemias 3: 13-14 e recebeu este nome por causa do resíduo do templo que era removido e levado até o vale de Hinom para ser queimado. Esse antigo portão pode não estar no mesmo local que o portão do século XVI, e só recebeu esse nome no século XIX. Alguns o chamam de Portão de Silwan, se referindo à aldeia de Siloé (em hebraico: Shiloah; ou em árabe: Silwan ou Sulwan), um antigo bairro a sudeste de Jerusalém, ao sul da Cidade Velha, localizada do lado de fora. A palavra hebraica ashpoth (Strong #830) significa: refugio, um monte de cinza, monte de lixo, monturo, esterco. E a palavra Sha'ar (Strong #8179) significa: cidade, porta, portão, porteiro.



Quanto ao Vale de Hinom (do hebraico: Geh Ben-Hinom, literalmente ‘Vale do Filho de Hinom’) ou Geena (em Grego), ele está localizado fora das muralhas ao sul de Jerusalém, e nos tempos bíblicos, era lá onde se queimavam cadáveres de criminosos. Josias, por exemplo, queimou os ossos dos sacerdotes idólatras do tempo de Jeroboão (2 Rs 23: 15-20), pois no mesmo vale eram também oferecidos sacrifícios humanos a Moloque, o deus dos amonitas (2 Rs 23: 10). Mais tarde ele veio a ser usado como depósito de lixo, onde se lançavam os cadáveres de pessoas que eram consideradas indignas, restos de animais, e toda espécie de imundície. Usava-se enxofre para manter

o fogo aceso e queimar o lixo. Jesus usou este vale como símbolo da destruição eterna. Atualmente é conhecido como Uádi er-Rababi. O significado de ‘Hinom’ é desconhecido; alguns sugerem: ‘ben Hinom’, filho de Hinom [por causa do termo grego para o vale: Geenna – ge (vale de) hinnôm (Hinom)], dando a entender que é um nome próprio (2 Cr 28: 3; 2 Rs 23: 10 – ‘vale dos filhos de Hinom’). Em Jr 7: 32; Jr 19: 6 o nome é alterado pelo profeta para ‘vale da matança’. É também chamado de ‘Vale de Tofete’ (‘local de fogo, local de queima’ ou ‘local de torra’ ou ‘torrefação’) pelos Cananeus (Jr 7: 31-32).

- A Porta de Sião (hebraico: שַׁעַר צִיּוֹן, Sha`ar Tzion, árabe: Bab Şuhyūn) também é conhecida em árabe como Bab Harat al-Yahud (‘Porta do Bairro Judeu’) ou Bab an-Nabi Dawud (‘Porta do Profeta Davi’) e leva diretamente aos bairros armênio e judeu. O Portão de Sião foi construído em 1540 EC, a oeste da localização do portão medieval. Na segunda metade do século XIX, uma colônia de leprosos, matadouros e mercado de gado se situaram nas proximidades do Portão de Sião. No final do século XIX, lojas foram construídas ao longo da muralha sul, mas foram demolidas durante o mandato britânico.

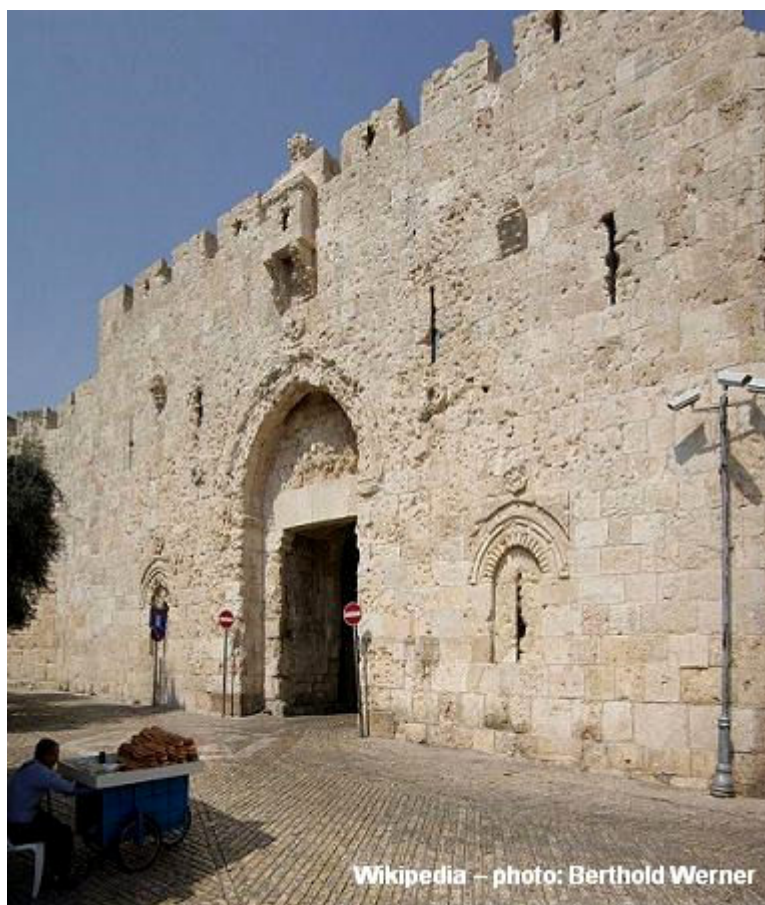


Imagem acima: Em 2008 foi realizado um trabalho de restauração no portão, marcando seu 468º aniversário

- Portão de Jafa (Hebraico: שַׁעַר יָפוֹ, Sha`ar Yafo; Japho ou Joppa; Árabe: Bab al-Khalil, ‘Portão do Amigo’ ou Bab Mihrab Dawud, ‘portão da Câmara de Davi’; chamado pelos Cruzados: ‘Portão de Davi’): era o destino dos peregrinos judeus e cristãos que desembarcavam no porto de Jafa, daí o seu nome. Ela conduzia (e ainda

conduz) diretamente para os bairros: armênio, cristão e judeu, bem como para as partes mais populares do mercado e para o Museu da Torre de Davi, outrora a cidadela de Jerusalém e agora um museu de sua história. Também fez parte da reconstrução das muralhas da Cidade Velha por Solimão I, o Magnífico. O nome ‘Portão de Jafa’ (Yāfā) se refere tanto à porta Otomana de 1538 quanto à grande brecha da cidade, adjacente a ela ao sul. A brecha no muro foi feita em 1898 pelas autoridades Otomanas para permitir que o imperador alemão Wilhelm II entrasse na cidade triunfantemente. A brecha e a rampa que leva a ela agora estão permitindo que carros acessem a Cidade Velha pelo Oeste.

O nome árabe do portão, Bab el-Khalil (literalmente ‘Portão do Amigo’) refere-se a Abraão, ‘o amigo de Deus’ (2 Cr 20: 7; Is 41: 8; Tg 2: 23). Como o local do enterro de Abraham (em Árabe: Ibrahim) está em Hebrom (Gn 23: 19; Gn 25: 9-10), então o nome do Portão de Jafa se traduz como ‘Portão de Hebrom’.



Nos tempos medievais, os árabes chamavam esse portão de Bab Mihrab Dawud, ou ‘Portão da Câmara ou Santuário de David’, por acreditar que a sala no topo da torre Herodiana representava a ‘câmara privada’ ou ‘sala de oração’ de Davi; o profeta Dawud é como o rei Davi é conhecido no Islamismo. Os Cruzados, que reconstruíram a cidadela ao sul do Portão de Jafa, também construíram um portão atrás da localização atual do Portão de Jafa, chamando-o de ‘Portão de Davi’. Dentro do Portão de Jafa há uma pequena praça com entradas para o Bairro Cristão (à esquerda), o Bairro Muçulmano (em frente) e o Bairro Armênio (à direita, após a Torre de Davi). A entrada para o Bairro Muçulmano faz parte do suq (mercado).

A Torre de Davi é uma antiga cidadela localizada perto da entrada do Portão de Jafa, na Cidade Velha de Jerusalém. Foi construída no século II AC para fortalecer as defesas da Cidade Velha. Ela chegou a ser destruída e reconstruída sucessivamente por cristãos, muçulmanos, mamelucos e otomanos que dominaram Jerusalém. Os fortes baluartes vistos ainda hoje ao redor da base da torre foram construídos pelo rei Herodes, o Grande, em memória de seu irmão; por isso, a Torre era anteriormente chamada de Torre de Fasael (em hebraico: **פִּצְאֵל מִגְדָּל**; Fasael vem do latim: Phasaelus; em hebraico: **פִּצְאֵל** – Petsal). Em cima das dezesseis fileiras de pedras originais quadradas da base da torre foram colocadas pedras menores nos períodos que se seguiram, dando-lhe uma altura maior. A torre de Fasael foi preservada durante a destruição de Jerusalém por Tito em 70 DC junto com mais duas torres. Durante a primeira guerra judaico-romana, Simon bar Giora, um líder geraseno de uma das principais facções rebeldes da Judéia, fez da torre seu local de residência. Ele morreu em 70 DC na revolta, além de incitar uma amarga guerra civil em todo esse processo. Hoje é uma área separada para eventos, feiras de artesanato, apresentações, concertos, etc.



- Uma das portas que vale a pena mencionar e que faz parte do Monte do Templo, dentro das muralhas da Cidade Velha, é a Porta de Hulda ou Portões de Hulda (חולדה שער, Sha'arei Chulda). Eles compreendem dois conjuntos de portões na parede sul do Monte do Templo. Eram antigos portões que passavam através do Pórtico Real e se abriam em duas passagens dentro do pátio exterior do templo. O conjunto ocidental é um portão de arco duplo, conhecido como portão duplo (em árabe: Bab ath-Thulathe). Apenas parte do portão direito pode ser vista por causa de uma torre da época dos Cruzados, que dificulta a visão do portão esquerdo. O portão foi bloqueado por esta torre em frente a ele provavelmente durante o período do Califado Fatímida (969-1171). O conjunto oriental é um portão com três arcos, conhecido como Portão Triplo (Bab an-Nabi, 'Porta do Profeta Muhammad'). Ambos os conjuntos, o duplo e o triplo, foram selados no século XI–XII.

Os portões de Hulda são do período Herodiano. Mas quase tudo o que vemos hoje é trabalho do período muçulmano. Duas etimologias possíveis são dadas para o nome 'Hulda'. Hulda significa 'toupeira' ou 'camundongo' em hebraico, e esse nome pode ter sido dado aos portões devido aos túneis atrás deles, que lembram os buracos ou túneis

usados por esses animais. Outra possível etimologia seria a referência à profetisa Hulda, do tempo do Rei Josias (640-609 AC), e que pode ter habitado nessa área e ter a sua tumba colocada ali também. O nome ‘Portões de Hulda’ provavelmente foi o nome dado posteriormente no século II pela Mishná. No presente eles estão selados. ‘Hulda’ é a forma feminina de Helede (1 Cr 11: 30), que significa: sofrimento, vida transitória.



Wikipedia – photo: Yoav Dotam

Reconstrução dos Portões Herodianos de Hulda



Escadaria levando à porta dupla de Hulda, descoberta pelo arqueólogo Benjamin Mazar



O conjunto oriental dos portões triplos como estão hoje

Jerusalém esteve nas mãos de vários impérios e governantes:

- Dinastia Davídica.
- Império Assírio.
- Império Babilônico, que destruiu a cidade e seus muros.
- Império Persa – Dinastia Aquemênida.
- Império Grego – Alexandre o Grande e, mais tarde, seus generais – os Ptolomeus e os Selêucidas. Antíoco IV Epifânio profanou o templo, matando um porco, animal imundo para os judeus, e borrifando seu sangue no santuário.
- Reino Asmoneu ou Hasmoneano, a partir da revolta dos Macabeus até o reinado da dinastia de Herodes, o Grande.
- Império Romano – Em 63 AC o general Romano Pompeu tomou a cidade e entrou no templo.
- Em 40 AC um exército parta pilhou a cidade.
- Império Romano – Em 70 EC Tito destruiu a cidade e o templo. Adriano (reinado: 117-138) reconstruiu Jerusalém em 131 como uma cidade grega, com estátuas, banhos públicos e centros ruidosos de vida profana e ela passou a chamar-se Élia Capitolina. Os judeus ficaram proibidos de entrar nela sob pena de morte (exceto na Páscoa). Um templo a Júpiter foi construído no lugar do templo Judaico de Jerusalém. A antiga província da Judéia passou a chamar-se Síria Palestina.
- Domínio Bizantino – Constantino I (reinado: 306–337) construiu igrejas católicas em Jerusalém. Na época de Constantino, os judeus receberam permissão de entrar na cidade, mas a partir de Constantino até o século VII, os judeus foram novamente proibidos.
- Em 614 a cidade sofreu o cerco dos Sassânidas (persas).
- Em 629, o imperador bizantino Heráclio (r. 610–641) conseguiu recuperá-la.
- Em 637, o Califado Ortodoxo (632-661, ou ‘Califado Bem-Guiado’, em árabe transliterado: Al-Khilāfatur Ar-Rāshidah) conquistou Jerusalém e a província romana da Palestina Prima (composta por Judéia, Samaria, litoral, Peréia e que foi província do Império Bizantino no período de 390-630). Com a conquista árabe, os judeus foram

autorizados a regressar à cidade. O sultão Omar (579-644; reinado: 634–644) do Califado Ortodoxo Islâmico, chegou a assinar um tratado com o patriarca cristão Bizantino Sofrônio, protegendo os lugares sagrados cristãos de Jerusalém e a população cristã debaixo do governo muçulmano. Ele pretendia construir uma mesquita no Monte do Templo sobre as ruínas do antigo templo judeu. Mas a Mesquita de Omar foi construída em outro lugar. Inicialmente ela estava do lado leste do pátio externo da igreja do Santo Sepulcro, em um lugar onde o califa supunha que Davi tivesse orado. Sua mesquita consistia numa estrutura retangular de madeira, capaz de acomodar 3 mil pessoas. Essa foi a primeira mesquita de Omar construída em Jerusalém. Atualmente ela está localizada em frente ao pátio sul da Igreja do Santo Sepulcro (antigamente conhecida como a Igreja da Ressurreição – IV século – da época de Constantino) no bairro cristão. Esta atual mesquita foi erguida em 1193 pelo sultão Aiúbida chamado Saladino (Al-Afdal ibn Salah ad-Din) para comemorar a visita do Califa Omar a Jerusalém em 638 quando ele orou nos degraus da Igreja do Santo Sepulcro ao invés de orar no lado de dentro para que ela pudesse permanecer um lugar sagrado cristão. A pequena torre (minarete) tem 15 metros de altura, provavelmente foi construída entre 1193 e 1465 – entre o período Aiúbida (1171–1250) e o período mameluco (1250-1517) – talvez após o terremoto 1458, e foi renovado pelo sultão otomano Abdulmecid I (1839-1860).



A igreja do Santo Sepulcro é também chamada de
Basílica do Santo Sepulcro ou Igreja da Ressurreição



O minarete da Mesquita da Omar perto do pátio da Igreja do Santo Sepulcro

O Monte do Templo (em hebraico: הר הבית, Har HaBáyit, ‘Monte da Casa’ de Deus, ou seja, o ‘Templo em Jerusalém’), conhecido pelos muçulmanos como Haram esh-Sharif (em árabe: al-Haram al-Šarīf, ‘o nobre santuário’, ou al-Haram al-Qudsī al-Šarīf, ‘o Nobre Santuário de Jerusalém’), onde está o Composto Al-Aqsa (‘Mesquita de Al-Aqsa’, מסגד אל אקצא) é uma colina localizada na Cidade Velha de Jerusalém que há milhares de anos é venerada como um local sagrado por Judeus, Cristãos e Muçulmanos. O Composto Al-Aqsa e a Mesquita Domo da Rocha (כיפת הסלע), no Monte do Templo, foram construídas pelo próximo Califado depois do Rāshidah, o califado Omíada (661-750; em árabe: Umawiyy; em persa: Omaviyān; em turco: Emevi), o segundo dos quatro principais califados islâmicos estabelecidos após a morte de Maomé (571-632). A Mesquita de Al-Aqsa (‘a mesquita distante’) recebeu este nome por causa de uma viagem noturna do profeta Muhammad (Maomé) a ela desde Meca. A Mesquita de Al-Aqsa tem uma cúpula cinza.

O califa Abdal Malique (Abd al-Malik, reinado: 685–705) encomendou a construção do Domo da Corrente (árabe: Qubbat al-Silsila) em 685 DC, e serviu de modelo para a construção do Domo da Rocha, praticamente ao lado do Domo da Corrente, no final século VII (691-692), no local onde antes esteve o templo de Salomão, o segundo templo e o templo de Herodes. A cúpula colapsou em 1015 e foi reconstruída em 1022-1023 no período do Califado Aiúbida.

A Cúpula da Rocha (a que tem uma cúpula dourada) recebeu esse nome devido à grande rocha usada em sacrifícios e atualmente protegida no interior da Mesquita. Como os judeus, que construíram o 1º templo naquele lugar (2 Cr 3: 1), os islâmicos também acreditam que foi ali, sobre a antiga pedra, que Abraão colocou Isaque para o

sacrifício. A Cúpula da Rocha (ou Domo da Rocha) é conhecida erroneamente pelo nome de Mesquita de Omar, que, como vimos, fica no bairro cristão, próximo à Basílica do Santo Sepulcro.



Vista nordeste da Mesquita de Al-Aqsa no Monte do Templo



Domo da Rocha

- No século XI, turcos semibárbaros substituíram os árabes, o que levou às Cruzadas.

- Em 1099, Jerusalém foi conquistada pelos cruzados, que massacraram a maior parte dos habitantes muçulmanos e os resquícios dos habitantes judeus. As Cruzadas na Terra Santa ocorreram no período de 1095-1272, e tradicionalmente são contadas como nove; a 1ª de 1095 a 1099 EC e a 9ª de 1271 a 1272 EC.

- Houve invasão de Jerusalém pelos turcos muçulmanos, os Aiúbidas, sob Saladino, que sitiaram a cidade em 1187 DC. Os Aiúbidas são uma dinastia muçulmana dos séculos XII-XIII na Síria e no Egito (1171–1250). Criaram o exército mameluco, um exército egípcio formado por escravos curdos (Turcos), comprados entre 14 e 18 anos de idade e treinados para o serviço militar. Saladino (1138-1193) foi um chefe militar curdo muçulmano (religião islâmica sunita, i.e., islamismo ortodoxo), sultão do Egito e da Síria, que se opôs aos Cruzados europeus no Levante (um termo geográfico que se resume à Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e Chipre). Reconquistou Jerusalém das mãos do Reino de Jerusalém, fundado por Godofredo de Bulhão, o antecessor e irmão de Balduíno I de Jerusalém. Saladino permitiu que os judeus e os muçulmanos pudessem voltar e morar na cidade.

- Em 1244, Jerusalém foi saqueada por outros adeptos do Islamismo (os tártaros corásmios), que dizimaram a população cristã da cidade e afastaram os judeus. O Império Corásmio foi uma dinastia muçulmana sunita (islamismo ortodoxo) de influência persa formada por turcomanos de origem mameluca, que reinou no período de 1077–1231. Em outras palavras, eles eram turcos mamelucos que praticavam o Islamismo, mas adquiriram costumes persas. ‘Mameluco’ Mamluk [Árabe: mamlūk (singular), mamālīk (plural)] é um termo que se refere a soldados escravos não-muçulmanos, escravos libertos, muçulmanos convertidos atribuídos a deveres militares e administrativos, e os governantes muçulmanos de origem escrava. A Rússia, a Ucrânia e os países ao redor são o lar da maior parte dos tártaros.

- Entre 1250 e 1517, Jerusalém foi governada pelos mamelucos (um exército Egípcio formado por escravos curdos, i.e., turcos), que impuseram um pesado imposto anual sobre os judeus e destruíram os lugares sagrados dos cristãos no Monte Sião.

- Em 1517, Jerusalém caiu sob domínio turco otomano e eles ficaram no controle até 1917. Em meados do século XIX, os otomanos construíram a primeira estrada pavimentada de Jafa a Jerusalém, e em 1892, uma ferrovia. Jafa foi incorporada a Tel-Aviv em 1950. O Império Otomano foi governado por um Califado que controlou o sudeste da Europa, o Ocidente da Ásia e o Norte da África entre o século XIV e XX. Foi fundado no final do século XIII no noroeste da Anatólia (Turquia) pelo líder Osman I ou Osman Ghazi. Embora de origem turca, seus costumes eram persas. Os otomanos puseram fim ao Império Bizantino (Império Romano do Oriente) em 1453. O auge do Império Otomano ocorreu no reinado de Solimão I, o Magnífico (1494-1566), e controlava a maior parte do centro, do leste e sudeste da Europa, oeste da Ásia e Cáucaso, norte da África e o chifre da África. Os Otomanos eram islâmicos sunitas, ou seja, ortodoxos.

- Em 1917, após a Batalha de Jerusalém (invadida pela força expedicionária egípcia), o exército britânico capturou a cidade. E no ano de 1922 a Liga das Nações (liga formada pelos vencedores da 1ª guerra mundial) confiou a administração da Palestina ao Reino Unido.

- 1948 – o Estado de Israel foi criado (14 de maio de 1948).

- 1967 – ocorreu a Guerra dos Seis dias, uma guerra árabe-israelense envolvendo Síria, Egito, Jordânia e Iraque, onde Israel ocupou Jerusalém Oriental e afirmou soberania sobre toda a cidade. Restabeleceu-se o acesso aos lugares sagrados dos judeus

e o bairro marroquino (Bairro Mughrabi) a oeste do Monte do Templo foi desocupado para dar lugar a uma praça (Western Wall Plaza – a Praça do Muro Oeste), onde está o Muro das Lamentações. O Monte do Templo permaneceu sob a jurisdição islâmica.

- Os lugares sagrados da cidade e sua hegemonia ainda são a causa do conflito palestino-israelense, principalmente com a tentativa judaica de se expandir na parte oriental de Jerusalém.



O Muro das Lamentações

UMA EXPLICAÇÃO SOBRE ISLAMISMO

Neste trecho, vamos explicar o que é o Islamismo e tirar as dúvidas sobre certas palavras como: Ismaelita, Maometano ou Muçulmano, Islamismo (Islão ou Islã), Sunita, Xiita, Mouros, Mauritanos e Sarracenos.

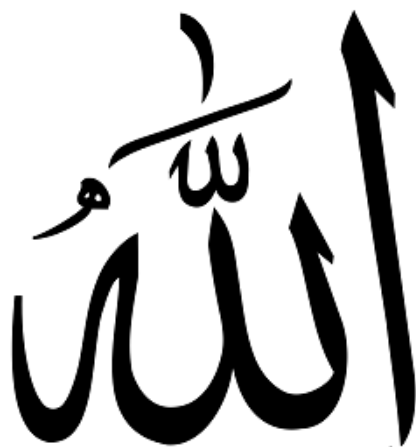
Ismaelita é o termo que se refere à confederação das tribos no deserto da Arábia. Maometano ou muçulmano é o árabe ou qualquer pessoa de qualquer nação que segue a religião muçulmana, o Islamismo, a religião de Maomé. É a mesma coisa que acontece com os Israelitas e o Judaísmo. ‘Israelita’ ou ‘Israelense’ (nos dias de hoje) se refere ao habitante de Israel, e Judeu é o praticante do Judaísmo, religião.

Ismael, filho de Abraão, gerou: Nebaiote, Qedar, Adbeel, Mibsão, Misma, Dumá, Massa, Hadade, Temá, Jetur, Nafis, Quedamá (1 Cr 1: 28-31; Gn 25: 12-18), os 12 príncipes das nações árabes. O livro Samaritano Asafir diz no capítulo 8: “os filhos de Nebaiote construíram Meca”. Estes habitaram na terra do Eufrates até o Mar Vermelho.

Deus é chamado por eles de Alá (palavra Romanizada como Allāh), o único Deus, o criador de todas as coisas, “O Todo-Poderoso, Todo-Misericordioso, Todo-Compassivo e Único”.

Segundo a crença islâmica, Alá (الله) é o nome próprio de Deus. Não há equivalente em nenhuma linguagem. Outros estudiosos, entretanto, dizem que Alá e o termo bíblico ‘Elohim’ (אלהים) ou ‘Eloah’, o singular (אלוה) são palavras cognatas, com a origem

comum no substantivo 'Ēl ('deus'). Nas escrituras judaicas, Elohim é utilizado como um título descritivo para Deus, cujo nome pessoal é YHWH. Elohim também é utilizado para se referir aos deuses pagãos.



A palavra 'Allah' na caligrafia Thuluth, uma variedade de escrita árabe usada nos textos religiosos islâmicos.

O Alcorão é o livro sagrado dos muçulmanos que seguem o Islamismo (Islão ou Islã), uma religião monoteísta seguida pelos filhos de Abraão. Alcorão deriva de um verbo árabe que significa declamar ou recitar. Eles consideram o Alcorão como a palavra literal de Deus, acrescida dos ensinamentos e normas de fé de Maomé, a chamada 'Suna' ou 'Sunnah', que é parte do hádice, o corpo de leis, lendas e histórias sobre Maomé. Ele é considerado pelos islâmicos como o último profeta de Deus. A palavra árabe Suna significa 'caminho trilhado', e logo, suna do profeta significa os caminhos trilhados pelo profeta. O Alcorão é dividido em 114 capítulos (suras). As cinco orações rituais diárias são chamadas de salah ou Ṣalāt.

'Islão' provem do árabe Islām, que por sua vez deriva de uma raiz primitiva: slm, aslama, que significa 'submissão (a Alá)'. Os árabes descrevem o Islamismo como um 'diin', que significa 'julgamento, costume e religião'; 'modo de vida' e/ou 'religião'. Parece que a palavra 'islam' possui uma raiz etimológica relacionada com outras palavras árabes como 'Salaam' ou 'Shalam' (Shalaam / Shalom, em hebraico), que significam 'paz'. Um adepto do Islão ou Islamismo é chamado muçulmano que, por sua vez, deriva da palavra árabe muslim (plural, muslimún), particípio do verbo aslama, designando 'aquele que se submete' (fonte: Wikipédia).

Para os muçulmanos, Maomé (c. 570–632) é considerado como o último profeta de Deus. Com 40 anos (610 DC), segundo alguns estudiosos, Maomé começou a relatar revelações que ele acreditava serem de Deus, transmitidas a ele através do arcanjo Gabriel (Jibril), revelações estas conhecidas como Alcorão. Naquela época ele vivia e pregava em Meca, ensinando o povo a acreditar num único Deus, abandonando o politeísmo. Mas, perseguido pelas autoridades da cidade, ele e seus seguidores migraram para a Abissínia (correspondente aos atuais territórios da Etiópia e Eritreia, no chifre da África) e depois para Medina em 622, estabelecendo sua autoridade política e religiosa. Após sua morte em 632 começou uma grande discordância sobre quem deveria sucedê-lo como líder da comunidade muçulmana. Abu Baquir ou Abacar (r. 632–634), um dos companheiros e amigos próximos do profeta, foi nomeado o primeiro califa e consolidou o Islão na península Arábica.

O Islamismo é dividido em duas principais denominações: 80-90% são sunitas (comumente descrito como um ramo ortodoxo, diferindo dos xiitas em seu entendimento da Suna e na aceitação dos três primeiros califas) e 10-20% são xiitas. Os xiitas consideram Ali, o genro e primo do profeta Maomé, como o seu sucessor legítimo e consideram ilegítimos os três califas sunitas que assumiram a liderança da comunidade muçulmana após a morte de Maomé: 1) Abu Baquir ou Abacar (r. 632–634), um dos amigos de Maomé, e que consolidou o Islão na península Arábica e recebeu o título de Khalifa, de onde vem a palavra ‘califa’; 2) Omar (r. 634–644), que expandiu o Islão para fora da Península Arábica, iniciando com Síria (635) e Jerusalém (637); 3) Otomão (r. 644–656), um genro de Maomé, que continuou a obra de expansão territorial; 4) Ali ibn Abi Talib, o genro e primo do profeta Maomé, casado com Fátima, uma das filhas do profeta, com que tinha tido os únicos descendentes de Maomé. Esses quatro califas são conhecidos como al-khulafā’ ar-rāshidūn (‘califas bem orientados’ ou ‘califas bem guiados’), formando o Califado Rashidun. Mais tarde, essas diferenças entre muçulmanos sunitas e xiitas adquiriram um significado político mais amplo, bem como dimensões teológicas e jurídicas. A maior porcentagem da população xiita está no Irã. As dinastias Rashidun (Rāshidah – 632-661) e Omíada (o próximo Califado depois do Rāshidah – 661-750) foram as que iniciaram a expansão islâmica do século VII (632-732).

CRENÇAS

Eles acreditam que **Deus (Alá)** é único e incomparável, e o propósito deles é adorá-lo. Para eles, o Islamismo representa de maneira escrita, universal, completa e inalterada de uma fé inicial que foi revelada por Deus anteriormente em muitas eras e lugares, inclusive por meio de Abraão, Moisés e Jesus, para eles considerados profetas. As práticas religiosas islâmicas, que consistem em atos básicos e obrigatórios, fornecem a orientação para todas as áreas da vida e da sociedade, como sistema bancário e bem-estar, à guerra e ao meio ambiente. Com exceção de um capítulo do Alcorão, todos os capítulos iniciam com a frase: “Em nome de Deus, o misericordioso”. Os muçulmanos acreditam que podem se achegar a Deus sem intermediários. Como eu escrevi acima, segundo a crença islâmica, Alá é o nome próprio de Deus, ao contrário do que certos eruditos dizem, que é apenas um nome genérico para se referir a Deus.

Outra crença do Islamismo são **os anjos**, seres criados por Deus a partir da luz. Segundo eles, os anjos não têm livre-arbítrio e apenas obedecem a Deus e louvam o seu nome. Uma das suas incumbências é revelar as verdades divinas aos profetas. Eles também protegem os seres humanos e registram todas as suas ações. O anjo mais famoso é Gabriel, que foi o intermediário entre Deus e o profeta. Os islâmicos também crêem em outros espíritos, além dos anjos, os jinnis, que habitam o mundo natural e que podem influenciar os acontecimentos, pois possuem vontade própria. Podem ser bons, mas na maioria das vezes são espíritos maus, como por exemplo, Iblis (Azazel), que desobedeceu a Deus e dedica-se a praticar o mal.

A terceira crença do Islamismo são **os livros sagrados**, onde Deus usou **profetas** para revelar escrituras aos homens: a revelação dada a Moisés foi a Taura (Torá), a Davi (Dawud) foram dados os Salmos (Zabur) e a Jesus (Īsā ou Isa Masih ou ainda al-Masīh, a palavra árabe para Messias), o Evangelho (Injil – fonte: Wikipédia). Segundo eles, Deus foi revelando a sua mensagem em escrituras cada vez mais abrangentes que culminaram com o Alcorão, o derradeiro livro revelado a Maomé. Em relação aos profetas, o Islamismo separa os profetas em dois tipos: 1) os anbiya’ (singular: nabi), para os quais Deus deu a missão de revelar Sua vontade, como por exemplo, o profeta

Jonas (Nabī Yūnus, em árabe), que tem um santuário árabe muçulmano dedicado a ele num dos montículos ao lado de Tell Kuyunjik ou Kouynjik, o montículo da cidadela antiga de Nínive cujo nome significa ‘montículo de muitas ovelhas’; 2) os profetas para os quais foi entregue uma escritura revelada (rusul = ‘mensageiros’; singular rasūl), ‘mensageiro’). Os muçulmanos incluem alguns personagens bíblicos como profetas, homens guiados por Deus: Adão, Abraão (Ibrahim), Moisés (Musa), Jesus (Isa) e Maomé (Muhammad), o ‘Último Mensageiro’, trazendo a mensagem final de Deus a toda a humanidade no Alcorão. Sendo homens mortais comuns, o Islamismo não faz distinção entre nenhum deles, entretanto, afirma que os profetas são incapazes de ações erradas, por vontade de Deus. Os vinte e cinco profetas do Alcorão são (listados pelo nome Islâmico, Romanizado e bíblico):

’Ādam (Adão)

’Idrīs (Idris, conhecido na bíblia como Enoque) – 7ª geração depois de Adão

Nūḥ, Nu (Noé)

Hūd (Hude, conhecido na bíblia como Éber) – nasceu cinco gerações após Noé

Ṣāliḥ (Salá) – nasceu nove gerações após Noé e o dilúvio – Gn 10: 24

’Ibrāhīm, Ibraim (Abraão)

Lūṭ Lute (Ló)

’Ismā’īl, Ismail (Ismael)

’Ishā, Ixaque (Isaque)

Ya’qūb, Iacube (Jacó)

Yūsuf, Iúçufe (José)

Ayūb, Aiúbe (Jó)

Dhul-Kifl, Zulquifi (o profeta bíblico Ezequiel)

Shu‘ayb, Shoaib (Xuaibe, conhecido na bíblia como Jetro, sogro de Moisés)

Mūsā, Muça (Moisés)

Hārūn (Harune, conhecido na bíblia como Aarão)

Dāūd (Daúde, Davi)

Sulaymān, Solimão (Salomão)

Yūnus, Iunus (Jonas)

’Ilyās, Ilias (Elias)

Alyasa’, Iaça (Eliseu)

Zakarīya, Zacarias (o profeta pós exílico, que ajudou na reconstrução do templo com Ageu)

Yaḥyā, Iáia (João, se referindo a João Batista)

’Īsā, Issa (Jesus) – Também crêem que Jesus é o Messias Judeu e que um dia vai voltar para resgatar Seu povo.

Muḥammad (Maomé)

Outra crença deles é **o dia do Julgamento Final** (Yaum al-Qiyamah), quando os homens serão ressuscitados e julgados na presença de Deus pelas ações que praticou. Os que não tiverem pecado vão diretamente para o Paraíso, e os pecadores deverão permanecer algum tempo no inferno, antes de poderem também entrar no Paraíso. Apenas os hipócritas religiosos, que nunca foram muçulmanos de fato, permanecerão para sempre no inferno. Antes do Juízo Final aparecerão sinais como o nascimento do sol no poente, o som de uma trombeta e o aparecimento de uma besta. De acordo com o Alcorão, o mundo não acabará verdadeiramente, mas sofrerá antes uma alteração profunda (fonte: Wikipédia).

TÍTULOS DOS GOVERNANTES

Califa – o califa (romanizado para khalīfah) era o líder do mundo muçulmano, que significa ‘sucessor’ ou ‘representante’. O título ‘califa’ vem da frase árabe que quer dizer ‘sucessor do Enviado de Alá’. Foi adotado por sucessores do profeta Maomé depois de sua morte em 632. O Califa é o Chefe de Estado em um Califado, o título dado ao governante da Umma muçulmana, ou seja, a comunidade muçulmana do mundo, que é governada pelo direito islâmico, a sharia; na verdade a Sharia é a lei religiosa que faz parte da tradição Islâmica. O califa tem o mesmo status de um imperador no Ocidente. No período final dos abássidas (governaram no período de 750-1570 no total), os governantes passaram a utilizar outros títulos, como sultão. O título de califa deixou de existir quando a República da Turquia aboliu o Império Otomano, em 1924.

Sultão – O Império Otomano (1517-1922; outros pesquisadores colocam a data de 1299 para o início) começou a reinar no século XVI, e certos governantes islâmicos passaram a adotar o título de sultão (romanizado como Sultān), a fim de reivindicar quase que uma total soberania, mas que não chegavam a considerar-se califas; a posição de sultão também era usada para se referir a um governador poderoso de uma província dentro do califado, como o reino de um rei dos reis, porém, não de um imperador.

Emir ou **Amir** (romanizado como ‘amīr; que significa ‘príncipe’ ou ‘chefe’) – é um título de origem árabe de natureza aristocrática, nobre, militar ou política usado nos países árabes. Historicamente falando, o título de emir foi usado em outros países muçulmanos do Norte de África, Oriente Médio, Ásia Central, Afeganistão e no subcontinente indiano. Atualmente designa, sobretudo, alguns chefes de estado muçulmanos ou líderes de organizações islâmicas.

DINASTIAS MUÇULMANAS E SUA EXPANSÃO NA IDADE MÉDIA

Aqui nós temos um resumo do que foi falado sobre os cercos de Jerusalém.

- Califado Ortodoxo Rashidah (632-661, ‘Califado Bem-Guiado’, em árabe transliterado: Al-Khilāfatur Ar-Rāshidah), como comentado acima (Sobre o cerco de Jerusalém e neste trecho sobre o Islamismo), e que foi o primeiro após a morte de Maomé. Seus quatro califas sunitas foram: Abu Baquir ou Abacar (r. 632–634), Omar (r. 634–644), Otomão (r. 644–656) e Ali ibn Abi Talib (r. 656-661).
- Califado Omíada (661–750) em Damasco e na Turquia, e mais tarde na Espanha Islâmica entre 756 e 1031 (Califas e Emires). Iniciado por Moávia I ou Mu’awiya I (r. 661-680), o cunhado de Maomé.
- Califado Abássida em Bagdá (750-1570 no total). Eram sunitas.
- A Dinastia Tulúnida (868-905, uma dinastia Turca)
- A Dinastia Iquíxida (935-969, uma dinastia Turca). Esses dois últimos califados foram estados independentes do califado Abássida de Bagdá e que surgiram no Egito.
- Califado Fatímida (969-1171), também no período da dinastia Abássida. Eram Ismaelitas xiitas, que se diziam descendentes de Fátima, filha de Maomé.
- Aiúbidas (turcos muçulmanos – 1171-1270) na Síria e no Egito. Os Aiúbidas criaram o exército mameluco, um exército egípcio formado por escravos curdos (Turcos), comprados entre 14 e 18 anos de idade e treinados para o serviço militar. Sob o comando de Saladino, um chefe militar curdo muçulmano sunita (1138-1193), eles retomaram Jerusalém em 1187 dos cristãos franceses que ocuparam a terra santa.
- O Império Mameluco (1250-1517) substituiu o dos Aiúbidas.

• Império Otomano (1517-1922; outros pesquisadores colocam a data de 1299 para o início) – controlou grande parte do sudeste da Europa, da Europa Central e Oriental e Cáucaso, Ásia Ocidental e norte da África e Chifre da África. Aqui já se chamava o governante de sultão, não mais califa. Fundado no final do século XIII no noroeste da Anatólia (Turquia), na cidade de Söğüt (atual província de Bilecik), pelo líder Osman I ou Osman Ghazi. De origem turca, gradualmente adquiriu costumes persas (língua, cultura, literatura e hábitos). Os otomanos acabaram com o Império Bizantino com a conquista de Constantinopla em 1453 por Mehmed, o Conquistador. No início do século XVII, o império continha 32 províncias e vários estados vassalos. Era de religião islâmica sunita.

OUTROS TERMOS DE INTERESSE PARA NÓS

Alguns termos são conhecidos para nós, mas muitas vezes não entendemos. Vamos ver:

Sarracenos (do grego *σαρακηνοί*; transl.: *sarakenoi*) era uma das formas usada pelos cristãos da Idade Média para designarem genericamente os árabes ou os muçulmanos. Em português o termo é usualmente aplicado especificamente aos árabes que dominaram a Península Ibérica. As palavras ‘islão’ (Islamismo) e ‘muçulmano’ só foram introduzidas nas línguas europeias no século XVII. Antes disso utilizavam-se expressões como ‘lei de Maomé’, maometanos, agarenos (descendentes de Agar), mouros, etc.

Mouros, mauritanos, mauros ou sarracenos são considerados, originalmente, os povos oriundos do Norte de África, berberes (povos no norte da África que falam línguas de origem afro-asiáticas) e árabes, praticantes do Islamismo; eram provenientes da Mauritânia, Marrocos, Argélia e Saara Ocidental, e que invadiram a Península Ibérica, Sicília, Malta e parte de França, durante a Idade Média. Mais tarde, foram expulsos da Península Ibérica, num movimento que acabou se unindo numa cruzada histórica entre o Islamismo e o Catolicismo. A maior parte dos mouros da Península Ibérica era descendente de Espanhóis e Portugueses convertidos ao islamismo.



De volta ao assunto sobre os portões da cidade velha de Jerusalém:

“Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras” (Ap 21: 1-5).

“Tenha fê, você, crente em Jesus Cristo. Tenha fê, povo da primeira aliança, escolhido de Deus. Tenha fê, Jerusalém atual na terra, que hoje se acha insegura e sofre ataques. Meditem no seu passado, vigiem o seu presente e olhem com esperança para o futuro, pois o que escolherem agora determinará o que receberão no porvir”.

“Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3: 36 cf. 1 Jo 5: 12).

“Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória” [NVI: Abram-se, ó portais; abram-se, ó portas antigas, para que o Rei da glória entre] (Sl 24: 7).

Fonte de pesquisa para textos e imagens: wikipedia.org

13

As festas judaicas do AT

Antes de entrarmos no tema propriamente dito, vamos entender primeiro o calendário judaico. A passagem dos anos era geralmente assinalada por referência aos meses, às estações agrícolas e às festas principais.

O **Ano**, em hebraico, **shānā** (pronuncia-se **shaná**), era composto de doze meses lunares (354 dias). O verbo **shaná** significa literalmente ‘repetir [aquilo que se ensinou]’, e era assim chamado devido à mudança ou sucessão das estações. De três em três anos acrescentava-se um mês (pela repetição do último mês) para tirar a diferença entre os doze meses lunares e o ano solar. Para os judeus, a festividade que comemora o início do ano é baseada no calendário religioso e no calendário civil. O calendário civil iniciava quando começava o outono (sétimo mês ou mês de Tisri – Êx 23: 16; Êx 34: 22). Enquanto estiveram no Egito, os hebreus talvez tenham se adaptado ao ano solar de 12 meses, cada qual com trinta dias, com a adição de cinco dias extras, totalizando 365 dias. Mas no momento da sua saída de lá, o Senhor marcou o início do ano (calendário religioso) baseado no evento da **Páscoa** (Pessach), quando o Destruidor passou sobre as casas matando os primogênitos do Egito (**Pessach** significa **passar por cima** – Êx 12: 13; 23; 27). Assim, o primeiro mês foi fixado na primavera (Abibe ou Nisã – Êx 12: 2) e o calendário judaico passou a ter doze meses lunares.

O mês tinha início quando o **crescente da lua nova** (Nm 28: 14; Is 66: 23; 2 Cr 8: 13; Nm 28: 11) era visto pela primeira vez ao pôr-do-sol. O **Mês** (**yerah** ou **yare’ach** = **lua**) tinha vinte e nove dias e, visto que o ano lunar era mais curto em cerca de onze dias que o ano solar, era necessário intercalar periodicamente, como foi explicado acima, um décimo terceiro mês, a fim de que o dia do **Ano Novo** não caísse antes da primavera (março-abril).

Nós podemos dois nomes diferentes para cada mês: um pré-exílio babilônico e outro pós-exílio. O mês de Abibe, designado por Deus para início do **Ano Novo**, coincidindo com a primavera ou com a Páscoa, também se referia ao período do início da colheita de trigo, por isso, o nome Abibe significa: amadurecimento do trigo (Êx 13: 4; Êx 23: 15). Seu nome pós-exílio passou a ser Nisã = princípio, abertura. Os outros nomes que restam do período pré-exílio são: Zive (1 Rs 6: 1; 37, o segundo mês, que

significa esplendor das flores), Etanim (1 Rs 8: 2, o sétimo, que significa chuva constante) e Bul (1 Rs 6: 38, o oitavo, que significa mutável, crescimento).

Mês	Nome pré-exílico	Nome pós-exílio	Calendário moderno	Estação	Festa (dia do mês)
1	Abibe (amadurecimento do trigo)	Nisã (princípio, abertura)	março-abril	Primavera	14° Páscoa 15°-21° Pães asmos 16° Primícias
2	Zive (esplendor das flores)	'Iyyar	abril-maio	Começo da sega (cevada e trigo)	
3		Siwãn	maio-junho	Figos verdes	6° Pentecostes (Festa das semanas) Colheita
4		Tamuz (escondido, filho da vida)	junho-julho	Colheita de uvas	
5		'Abh	julho-ago	Colheita de azeitonas	
6		Elul (grito ou colheita da vida)	agosto-set.	Tâmaras e figos maduros de verão	
7	'Ethãnīm (chuva constante)	Tisri	set-outubro	Primeiras chuvas	1° Trombetas 10° Expição 15°-21° Tabernáculos 22° Reunião solene
8	Bul (mutável, crescimento)	Marheshwan (literalmente: oitavo mês)	out-nov.	Aradura e figos tardios (outono-inv.)	
9		Quisleu (confiança, ousadia)	nov-dez.	semeadura	25° Dedicção* (Hanukah)
10		Tebete	dez-jan.	Chuva (neve nos lugares altos)	
11		Shebate	jan-fev.	Flor da amoreira e colheita de frutas cítricas	
12		'adhar (amplitude, largura, ornamento, glória)	fev-março	colheita de frutas cítricas	14°-15° Purim*

* Não determinadas por Deus. Purim: por Mordecai e Ester (Et 9: 21-22; 26-29). Hanukkah (1 Macabeus 4: 52-53; Jo 10: 22): por homens, durante o “período de silêncio de Deus” (De 400 AC até o nascimento de Cristo).

O calendário agrícola é dividido em estação seca (de abril a setembro) e estação chuvosa (de outubro a março). Esta podia ser subdividida em ‘sementeira’ (novembro-dezembro) e ‘colheita’ (abril-junho).

Algumas festividades foram descritas no NT, mantendo as leis judaicas dadas a Moisés: **Páscoa** (Jo 2: 13; 23; Jo 6: 4; Jo 11: 55; Mt 26: 2; Mc 14: 1; Lc 22: 1; At 12: 3; At 20: 6), **Ano Novo** (Jo 5: 1), **Tabernáculos** (Jo 7: 2; 37 cf. Lv 23: 36; Nm 29: 35; Ne 8: 18), **Pentecostes** (At 2: 1; At 20: 16; 1 Co 16: 8), **Dia da Expição** (At 27: 9, aqui chamado **Dia do Jejum**).

As **festas do Senhor** (hebraico, **mô^adhe YHWH**) descritas em Lv 23: 2; 4 e Nm 15: 3 (onde são chamadas de **festas fixas**) expressam um dia ou um período de alegria religiosa. Embora algumas coincidam com as estações do ano e com os eventos da colheita, não são devidas a estas circunstâncias, mas a um mover poderoso de Deus na vida do Seu povo. As festas foram instituídas por Ele para que o povo se aproximasse mais dEle e refizesse a aliança com seu Criador, como um ato de gratidão pelos Seus benefícios. Infelizmente, os judeus, ao longo dos séculos, deixaram de lado o aspecto piedoso delas e passaram a transformá-las unicamente em observâncias religiosas sem que seu espírito estivesse envolvido; por isso a crítica dos profetas no AT. Outro termo usado para festas é **hagh** (Lv 23: 6; Dt 16: 16). Embora três delas sejam as principais descritas na bíblia (Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos), o Sábado também é considerado em Levítico como uma Festa, assim como a Festa das Trombetas [Rosh haShannah (literalmente “cabeça do ano”), Ano Novo civil, não o religioso correspondente à Páscoa] e da Expição (Yom Kippur). As outras duas descritas depois (Purim e Hanuká, ver item 8) não foram diretamente instituídas por Deus, mas comemoradas pelo povo judeu por ter recebido dEle um livramento importante. As principais festas descritas são:

- **Festa dos Pães Asmos**, em hebraico, **hagh hamaççôth** (Êx 12: 8; Êx 23: 15; Lv 23: 6), ou **Páscoa**, em hebraico, **Pessach** (= passar por cima – Lv 23: 5), estabelecida para comemorar a libertação dos israelitas da escravidão do Egito (Êx 12: 1-28). Iniciava no 14º dia do primeiro mês e durante sete dias era comido o pão sem fermento; também não era feito nenhum tipo de trabalho habitual. O primeiro e o último dia da festa eram convocações santas e sacrifícios eram oferecidos (Nm 28: 16-25; Dt 16: 1-8).



• **Festa das Semanas**, em hebraico, **hagh shavuot**, também chamada de **festa das colheitas** e **festa das primícias** (Êx 23: 16; Êx 34: 22 e 26; Lv 23: 9-14; Lv 23: 15-22; Nm 28: 26-31; Dt 16: 9-12; 26: 1-11). Posteriormente, tornou-se conhecida como **Festa de Pentecostes**, uma vez que era celebrada cinquenta dias após o sábado da Páscoa (Lv 23: 15-16). Era assinalada por uma convocação e por oferta de sacrifícios. Os primeiros frutos da terra eram oferecidos ao Senhor como gratidão (um molho da primeira colheita de trigo) e nenhum trabalho habitual era feito.

• **Festa dos Tabernáculos**, em hebraico, **hagh hassukkôth** (ou festa de Sucot; sucot = tendas, plural de sucá = tenda), ou **festa da colheita do final do ano**, em hebraico, **hagh hã'āsīph** (Êx 23: 16; Êx 34: 22; Lv 23: 34-43; Nm 29: 12-40; Dt 16: 13-17). Durava sete dias sendo que o primeiro e o último eram convocações santas. As frutas eram colhidas e o povo habitava em cabanas feitas de ramos e galhos de árvores, iniciando-se no 15º dia do sétimo mês (Lv 23: 39-43; Nm 29: 12-40; Ne 8: 15). O fato de viverem em tendas durante a festa lembrava os judeus sobre as suas peregrinações no deserto, após terem sido libertos de Faraó. Assim como nas demais festas, o descanso era guardado. Sete tipos de alimentos são colhidos na época de Sukkot em Israel. Muitos judeus penduram exemplos de cada um no teto da Sukah (Sucá) para simbolizar a colheita. Esses alimentos são: trigo, cevada, uvas, azeitonas, romãs, tâmaras e figos. O Lulav ou folha de palmeira é amarrado com o salgueiro e a murta. O Etrog (cidra) é usado em preces e cerimônias de Sukkot.



As plantas e as frutas estão descritas em Lv 23: 40: “No primeiro dia, tomareis para vós outros frutos de árvores formosas (cidra – etrog), ramos de palmeiras (tamareiras – lulav), ramos de árvores frondosas (hadas – murta) e salgueiros de ribeiras (aravah – chorão); e, por sete dias, vos alegrareis perante o Senhor, vosso Deus”. O oitavo dia de Sukkot descrito em Lv 23: 36 foi um dia de reunião solene instituído pelo Senhor como uma forma de consagração a Ele e como encerramento da Festa dos Tabernáculos.

Hoje, a reunião solene do 22º dia do 7º mês (ou 8º dia da festa dos Tabernáculos) é chamada Shemini Atzeret (Lv 23: 36), a “Convocação do Oitavo Dia”, e marca a conclusão do feriado de Sukkot, e Simchat Torah, comemorando alegremente o término do ciclo anual da leitura da Torá e o início de um novo ciclo. A essência da festa é a ligação com Deus obtida por meio das rezas e da alegria nas refeições. Em Israel, Shemini Atzeret e Simchat Torah são celebrados com uma mesma festa, no mesmo dia. Na Diáspora, porém, dois feriados são concedidos, a fim de compensá-los por não terem a felicidade de viver na Terra Santa. A palavra **Atzeret** (que pode também ser escrita **Atsêret**) é uma expressão paterna de afeição, como se fosse algo que um pai diria ao despedir de seu filho. Simchat Torah ou “a alegria da Torá” assinala o final do ciclo de leituras da Torá para o ano, porque a última parte é lida e completada neste ponto do serviço religioso. A última parte do último capítulo é lida pelo ‘Noivo da Torá’ (o

Noivo é aquele honrado com a leitura do último livro – Deuteronômio) e o ciclo recomeça com a leitura das três primeiras partes do Gênesis, o primeiro livro. É bom deixar claro que o oitavo dia de Sukkot descrito em Lv 23: 36 foi um dia de reunião solene instituído pelo Senhor como uma forma de consagração a Ele e como encerramento da Festa dos Tabernáculos. Assim como a festa da ‘Hanukkah’, a festa de ‘Simchat Torah’ não é uma festa bíblica, mas instituída por homens e não por Deus, mesmo porque Ele não instituiu uma festa para comemorar a entrega dos Dez Mandamentos a Moisés. Ela veio com as instruções de homens ao escrever o Talmude no século V-VI. Em Lv 23: 36 está escrito: “Sete dias oferecereis ofertas queimadas ao Senhor; ao dia oitavo (shemiyni = oito, Strong #8066, שְׁמִינִי), tereis santa convocação e oferecereis ofertas queimadas ao Senhor; é reunião solene (‘atsereth ou atsarah, Strong #6116; עֲצֶרֶת, assembléia solene; reunião solene), nenhuma obra servil fareis” (shibh’ath yâmiym taqriybhu ‘isheh layhvh bayyom hashemiyniymiqrâ-qodhesh yihyeh lâkhem vehiqrabhtem ‘isheh layhvh **‘atsereth** hiv’kol-mele’kheth ‘abhodhâh lo’ tha’asu).

• **Sábado** (Shabbat = descanso, cessação, interrupção). Esse é reputado como festa em Lv 23: 2-3 e é chamado Sábado de Descanso. Era assinalado por assembléia solene (Is 1: 13) e pela cessação de todo trabalho. Também era dia de alegria (Is 58: 13). O que Deus queria dizer era para eles descansarem do trabalho secular que realizavam como fonte de sobrevivência, a fim de poderem estar livres para ter mais comunhão com Ele, para adorá-LO e esperar pela Sua ajuda. Algo importante acerca do sábado do descanso é que não apenas dizia respeito ao povo e ao quarto mandamento instituído por Deus (Êx 20: 8-11), mas também ao descanso da terra (Êx 23: 10-11, onde Deus fala sobre o Ano do descanso ou Ano Sabático, assim como em Lv 25: 2-4). Dessa forma, alertava o povo a obedecer às Suas leis para que esta bênção não fosse retirada (Lv 26: 34-35; 43); eles não obedeceram ao Senhor ao longo dos séculos e então Ele retirou os sábados de uma só vez, por isso os setenta anos de cativeiro na Babilônia (2 Cr 36: 21; Jr 25: 11-12). Outras referências bíblicas em relação ao Sábado: Êx 20: 8-11; Êx 23: 10-13; Êx 34: 21; Êx 35: 1-3; Lv 19: 30; Lv 23: 3; Lv 25: 2-4; Lv 26: 34-35; Lv 26: 43; Nm 15: 32-36; Dt 5: 12; 2 Cr 36: 21; Ne 13: 17; Is 1: 13; Is 56: 2; 4-5; Is 58: 13-14; Jr 17: 21-22; Jr 25: 11-12; Jr 29: 10; Dn 9: 2; Hb 3: 11.

• **Festa das Trombetas** (Nm 29: 1). Em Lv 23: 24 esse dia é chamado de “memorial com sonidos de trombetas”, correspondendo ao Ano Novo civil (Rosh haShannah, que significa, literalmente: “cabeça do ano”). Sacrifícios eram oferecidos, e o trabalho árduo cessava. Praticamente antecipava a festa posterior da **Expição (Yom Kippur)**, pois a trombeta é símbolo de convocação, chamando o povo ao arrependimento e a estar na presença do Senhor. É costume tocar a trombeta de chifre de carneiro (shofar) nesse dia.

• **Dia da Expição** (Yom Kippur, Jejum – At 27: 9; Lv 16: 1-10; 29-34; Lv 23: 26-32; Nm 29: 7-11). Era observado no décimo dia do sétimo mês e era de dia de convocação santa durante o qual as pessoas se afligiam e uma expiação anual pelo pecado era efetuada. Era realizado apenas uma vez por ano (Êx 30: 10).

• **Festa de Purim**, descrita em Et 9: 21-22 e estabelecida por Mordecai (não por Deus) no tempo de Assuero (rei persa), a fim de comemorar o grande livramento dos judeus das intrigas de Hamã, sendo dias de festividade e regozijo. Comemorada nos dias 14 e 15 do mês de ‘adhar (o último mês = fevereiro-março).

• **Festa de h^anukkâ** é a celebração da recuperação e purificação do templo de Jerusalém por Judas Macabeu por volta de 165 AC, após sua profanação por Antíoco Epifânio (1 Mac 4: 52-53 – livro apócrifo), também chamado Antíoco IV. Recebeu igualmente o nome de **Festa das Luzes**. Em grego, o termo usado em Jo 10: 22 é **Enkainia** = **Dedicação**. Diferentemente da Festa de Purim, onde o objetivo é comemorar com presentes e alimentos, pois a vida (o corpo físico dos judeus) foi

solicitada pelo inimigo, a Festa das Luzes é uma festa de cunho espiritual, onde se busca a luz da presença de Deus no meio do Seu povo. É comemorada por oito dias; em cada um deles, uma das nove lâmpadas do candelabro (Chanukiá ou Hanukiá) é acesa, sendo que a do meio, chamada shamash (hebr. = sol), é usada para acender as outras oito e é a 1ª vela a ser acesa. A Festa das Luzes não foi instituída por Deus, mas por homens, durante o “período de silêncio de Deus” (400 AC até o nascimento de Cristo). Segundo a tradição judaica, na consagração do altar por Judas Macabeu a Menorá do templo precisava ser acesa, e para isso era necessário azeite de oliva ritualmente puro. Contudo, havia apenas um frasco que não fora violado pelos gregos, suficiente para um dia apenas. Mesmo assim, os judeus acenderam o Candelabro. E, foi, então, que ocorreu o grande milagre e o azeite ardeu por oito dias.



1ª noite



2ª noite



3ª noite



4ª noite



5ª noite



6ª noite



7ª noite



8ª noite

O mais importante de tudo para nós, que vivemos debaixo da graça ao invés da lei, é saber interpretar à luz da sabedoria divina o que essas festas significam espiritualmente, pois o nosso espírito pode se alegrar não só com algo que foi bênção do Senhor no passado, mas continua a ser para todo aquele que nEle crê.

A **Páscoa** não é mais um ritual a ser obedecido como uma libertação física de um cativo em terra estrangeira, mas a libertação espiritual conquistada na cruz por Jesus, nos livrando do cativo eterno da morte nas mãos do diabo. Viver a Páscoa é viver a Sua ressurreição e a Sua vitória sobre o pecado em nossas vidas. É conquistar o direito de filhos de Deus através do Seu perdão e ter a autoridade sobre todo o mal.

A Festa das Primícias, ou **Pentecostes**, é mais do que nos alegrar com os frutos do nosso trabalho, ofertando-os como um ato de gratidão ao Senhor; é receber dEle o Seu Espírito Santo que nos enche com dons e frutos espirituais e com todo o poder que

estava em Jesus, nos dando a capacitação para realizar aqui na terra os mesmos milagres que Ele realizou.

Celebrar a **Festa dos Tabernáculos** significa nos lembrarmos de todas as coisas que Ele já fez por nós até hoje no nosso deserto espiritual em busca da nossa “terra prometida” e nos alegrarmos sabendo que na nossa peregrinação na terra Ele estará sempre nos dirigindo a cada passo do caminho, nos dando vitória e livramentos.

Shemini Atzeret significa a alegria de ler a palavra de Deus, cada dia um ciclo novo, uma revelação nova, ser ‘o noivo da Torá’, ou seja, se sentir privilegiado por ser um escolhido do Senhor para conhecer Seus ensinamentos e, mais do que isso, o que o Seu Testamento contém para nós, isto é, Seu legado, Sua herança para nós, os nossos direitos como filhos de Deus.

Não devemos nos esquecer dos **sábados** que Deus coloca na nossa vida, ou seja, dos períodos em que a única alternativa que temos é descansar nEle, pois só Ele é capaz de nos direcionar e nos suprir com o que precisamos. Devemos dar descanso à nossa terra, à nossa alma, como era prescrito na Lei, periodicamente, após um período de luta espiritual para que o nosso interior possa se refazer do esgotamento sofrido. É dar descanso à nossa terra interior e nos afastar da convivência com tudo aquilo que não agrada ao Senhor para estarmos no altar em intimidade com o Seu Espírito, recebendo Seu consolo, Sua direção e Sua força.

Viver a **Festa das Trombetas** é ouvir Seu chamado para estar em Sua presença em louvor e oração, principalmente quando a nossa alma está enfraquecida por tanta afronta de Satanás e tantos obstáculos que ele coloca em nosso caminho. É convocar os irmãos à santidade planejada por Deus para o Seu povo, levando-os ao altar através da adoração e do arrependimento para que a aliança feita com Ele não se quebre; começar tudo de novo (um “Ano Novo”).

O **Dia da Expição** pode ser todo o dia, pois é o dia em que podemos nos consagrar a Jesus e nos aproximar da cruz através do jejum e da oração sincera, nos limpando daquilo que nos incomoda; viver Seu perdão. É o dia em que podemos entrar em intercessão por outros irmãos que possam estar necessitados de uma intervenção divina em suas vidas.

Celebrar a **Festa de Purim** é dar graças às bênçãos materiais que o Senhor coloca em nossas mãos, não só para nosso próprio benefício, mas para abençoar Sua obra, dividindo o que temos com os menos favorecidos. É saber que o inimigo não pode reter o que é nosso e tudo o que ele tentar roubar injustamente das nossas vidas, inclusive nossa saúde física, pode ser revertido pelo poder abençoador de Deus. Jesus (na figura de Mordecai) pode determinar livramento sobre os Seus filhos e quebrar todo o decreto do diabo sobre eles.

A **Festa das Luzes** é algo contínuo que um cristão tem o direito de comemorar quando está cheio do Espírito Santo. É viver no Espírito e não na carne, deixando a força do Espírito de Deus realizar em nós e através de nós a Sua vontade. É ter entendimento, sabedoria, fortaleza, prudência, conhecimento e temor do Senhor na nossa alma e no nosso espírito afugentando todo o tipo de treva que tenta nos impedir de ver com clareza direção divina para nossas vidas. É ter a certeza de que Sua revelação vai estar sempre disponível para nós e que a força da Sua Palavra não nos deixará escorregar nas ciladas do diabo, pelo contrário, nos levará seguros até o fim.

Em quase todas as festas eram oferecidos sacrifícios ao Senhor: holocaustos, ofertas pelo pecado, oferta pela culpa, ofertas de manjares, ofertas pacíficas etc. Isso quer dizer para nós que Jesus já se ofereceu como sacrifício vivo diante do Pai pagando o preço pela nossa Salvação, mas cabe a nós nos oferecermos como sacrifício vivo, santo e agradável a Ele, como diz a Palavra, diariamente, dando a Ele o que temos de melhor.

Agindo assim, estaremos cumprindo o que está escrito em Lv 6: 12-13: “O fogo, pois, sempre arderá sobre o altar; não se apagará; mas o sacerdote acenderá lenha nele cada manhã, e sobre ele porá em ordem o holocausto, e sobre ele queimará a gordura das ofertas pacíficas. O fogo arderá continuamente sobre o altar: não se apagará”. Isso quer dizer que a chama do avivamento do Espírito em nossos corações não vai se apagar porque nós como sacerdotes vamos acender a lenha da oração, das súplicas e das ações de graças; sobre elas colocaremos não só a nossa vida à disposição do Senhor como também o nosso sacrifício de louvor (holocausto), a nossa unção e o que temos de mais precioso que é a intimidade com Jesus (gordura) para que ela seja multiplicada por Ele, vindo a nos fortalecer.